

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

MARIANA FREITAS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**A MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO INTANGÍVEL EM IPIOCA, ATRAVÉS DE SEUS
NARRADORES.**

**MACEIÓ
2013**

MARIANA FREITAS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**A MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO INTANGÍVEL EM IPIOCA, ATRAVÉS DE SEUS
NARRADORES.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

**Orientadora: Profa. Dra. Josemary
Omena Passos Ferrare**

**Maceió
2013**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

A345m Albuquerque, Mariana Freitas Cavalcanti de.

A memória do patrimônio intangível em Ipioca, através de seus narradores/
Mariana Freitas Cavalcanti de Albuquerque. –2013.
241f.: il.

Orientadora: Josemary Omena Passos Ferrare.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do
Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 175-179.

Apêndices: f. 180-241.

1. Patrimônio intangível. 2. Memória cultural. 3. Ipioca. 4. Bairro – Identidade
local. I. Título.

CDU:711.58

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Mariana Freitas Cavalcanti de Albuquerque

**A MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO INTANGÍVEL EM IPIOCA, ATRAVÉS DE SEUS
NARRADORES.**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e
Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo

APROVADA EM 01/04/2013

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Josemary Omena Passos Ferrare
DEHA, orientadora



Prof. Dr. Adriana Capretz Borges da Silva Manhas
DEHA



Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo
DEHA



Prof. Dr. Maria Berthilde Moura Filha
UFPB, Examinadora externa

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Professora Doutora Josemary Omena Passos Ferrare por dividir o seu saber, a sua atenção e orientação indicando as referências necessárias para a elaboração desta pesquisa e apontando o norte a ser seguido no decorrer da mesma.

Outro agradecimento em especial à Professora Doutora Clara Suassuna por me orientar no método escolhido para desenvolver a pesquisa com tanta atenção e cuidado.

Aos professores do DEHA por contribuírem com textos que estimularam a reflexão sobre o tema escolhido e atribuindo delimitação de prazos fundamentais para a conclusão do trabalho.

À minha família pela motivação, valorização e incentivo.

À minha mãe, Lilian, pelo exemplo de força e determinação e por acreditar no meu sucesso.

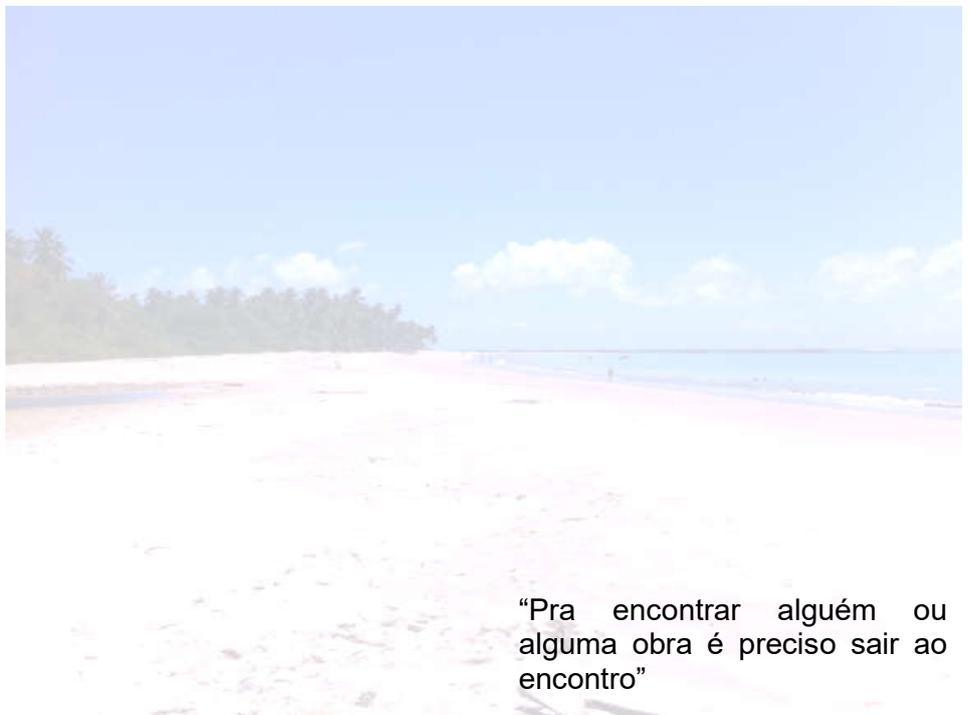
Ao meu padrasto, Nuno, por em alguns momentos me acompanhar em entrevistas e pesquisas de campo.

Ao meu noivo, Felipe, por compreender os momentos de ausência, me incentivar e ajudar me acompanhando em visitas ao bairro.

À minha irmã, Carolina, e minhas amigas pelos momentos de descontração necessários entre uma pausa e outra da elaboração da dissertação.

Aos moradores do bairro de Ipioca pela disponibilidade em ajudar e todos que direta e indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Por último, agradeço a Deus por todas as alegrias, pela saúde e pela força que me concedeu, para que conseguisse chegar até aqui.



“Pra encontrar alguém ou alguma obra é preciso sair ao encontro”

Henri Lefebvre

RESUMO

A dissertação tem o propósito de identificar as referências culturais retidas na memória do idoso e assimiladas pelos jovens moradores em Ipioca – Maceió, estudando a gênese urbana do bairro e identificando os bens intangíveis como produto da formação histórico-cultural, atualmente em nova e, em alguns aspectos, agressiva dinâmica urbana. A importância da identificação desses bens consiste no reconhecimento de referências culturais formadoras da identidade local que ainda permanecem presentes na memória da comunidade e que refletem a própria história dessa. Deve-se ressaltar que o reconhecimento do seu próprio patrimônio cultural é importante para a população, pois saber quais são os bens intangíveis que os diferenciam e caracterizam, facilita o entendimento de como eles surgiram, se desenvolveram e permanecem. Para a elaboração do trabalho se fez necessário estudar a história do bairro e a decorrente gênese dos seus valores culturais intangíveis, buscando-se entender as relações de pertencimento e identidade coletiva por meio do revelado 'lugar', Ipioca, narrado e retido nas lembranças dos idosos e jovens. Durante toda a elaboração buscou-se basicamente aferir a atual disseminação e permanência dos saberes - fazeres e outros aspectos do *modus vivendi* para, então, poder captar o que caracteriza o viver no bairro de Ipioca (antigo e atual). Ao final, ao perceber-se uma considerável perda no processo de desvalorização da transmissão do legado cultural representativo do 'ser ipioquense', revela-se fundamental refletir sobre ações que possam despertar o entendimento da população local sobre essa iminência de esvaziamento de valores que os identificaram por tantas gerações.

Palavras-chave: Patrimônio intangível.Memória. Ipioca-AL.

ABSTRACT

This work identifies the cultural references retained in the elderly's mind and assimilated by the young dwellers of Ipioca – Maceió. The study investigates urban genesis of the neighborhood and it identifies its intangible heritage as a product of the historical and cultural development, currently in a new and, in some aspects, aggressive urban dynamics. The importance of identifying this heritage consists on the acknowledgment of cultural references as builders of the local identity which are still present in the community's memory and that reflects its own history. It should be enhanced that the acknowledgment of its own cultural heritage is important to the population, because knowing which intangible heritage differs and characterizes them makes it easier to understand how they emerged, developed and remained. For the development of this work it is necessary to study the neighborhood's history and the due genesis of its intangible cultural values, seeking to understand the relations of belonging and collective identity from the revealed "Place" of Ipioca, related and retained on the memories of the elderly and the young. During all the development, it has been sought basically to assess the current dissemination and permanence of knowledge-practices and other aspects of *modus vivendi of the local community*, so that it is able to capture what characterizes living in the neighborhood of Ipioca (ancient and present). At last, after acknowledging a considerable loss on the lack of valorization process of transmitting the representative cultural legacy of being "ipioquense", it shows that it is fundamental to reflect on the actions that might awake the understanding of the local population about the imminence of the deflation of values that have identified them for many generations.

Keywords: Intangible heritage. Memory. Ipioca-AL.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Abairramento de Maceió – destacando Ipioca.....	16
Figura 2 - Localizando Ipioca.....	17
Figura 3 - Igreja Nossa Senhora do Ó.....	17
Figura 4 - Distribuição dos bairros do litoral norte e os pontos de controle analisados.....	20
Figura 5 - Vista aérea da foz do rio Meirim.....	21
Figura 6 - Muro de proteção na enseada de Ipioca.....	21
Figura 7 - Tiragem do coco.....	22
Figura 8 - Casa Grande do engenho Riacho Grande, onde nasceu Floriano Peixoto.....	23
Figura 9 - Igreja Nossa Senhora do Ó no Alto de Ipioca antigo.....	23
Figura 10 - Sino da igreja de Ipioca.....	24
Figura 11 - Igreja Nossa Senhora do Ó inserida no Alto de Ipioca.....	25
Figura 12 - Percurso da procissão na Festa da Nossa Senhora do Ó.....	26
Figura 13 - Comércio de lagosta na beira da estrada.....	34
Figura 14 - AL-101 Norte percorrendo a parte baixa.....	34
Figura 15 - Panorâmica da AL-101 Norte percorrendo a parte baixa.....	34
Figura 16 - Parte baixa de Ipioca banhada pelo mar.....	35
Figura 17 - Vista panorâmica da parte alta de Ipioca – o Alto de Ipioca.....	35
Figura 18 - Praça Marechal Floriano Peixoto.....	35
Figura 19 - Busto em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto.....	36
Figura 20 - Paisagem vista do mirante.....	36
Figura 21 - Paisagem panorâmica vista do mirante.....	36
Figura 22 - Praia de Ipioca.....	37
Figura 23 - Publicação sobre Ipioca em Guia de informações turísticas.....	38
Figura 24 - Rio Lancha cortando parte baixa.....	38
Figura 25 - Rio Lancha visto da praia de Ipioca.....	39
Figura 26 - Delimitação da Parte baixa de Ipioca.....	39
Figura 27 - Delimitação da Parte alta de Ipioca.....	40
Figura 28 - Placa indicando nascimento do Marechal Floriano Peixoto.....	41
Figura 29 - Ladeira para acesso ao Alto de Ipioca.....	41
Figura 30 - Fachada Lateral esquerda da Igreja.....	41
Figura 31 - Cemitério Nossa Senhora do Ó.....	42
Figura 32 - Planta de situação do Alto de Ipioca.....	42
Figura 33 - Escola de Ensino Fundamental Marechal Floriano Peixoto.....	43
Figura 34 - Floriano Peixoto Esporte Clube.....	43
Figura 35 - Escola Estadual Jornalista Raul Lima.....	43
Figura 36 - Restaurante Oca, localizado na Praça Marechal Floriano Peixoto....	44
Figura 37 - Restaurante Vila Chamusca.....	44
Figura 38 - Vista da Igreja na parte baixa de Ipioca (Loteamento Ipiópolis/ vizinho ao Salinas de Maceió Beach Resort).....	45
Figura 39 - Contraste entre túmulos e paisagem ao fundo.....	46
Figura 40 - Mirante.....	46
Figura 41 - Detalhe Marco em forma de obelisco.....	47
Figura 42 - Vista do mirante a partir do loteamento Ipiópolis.....	47
Figura 43 - Vista panorâmica a partir da parte baixa para o mirante, com indicação do mesmo.....	48
Figura 44 - Vista do Mirante vendo-se em primeiro plano uma construção	

adjacente na cota inferior e parte do condomínio Angra de Ipioca e o Salina Beach Resort à beira – mar.....	48
Figura 45 - Vista do Mirante vendo-se em primeiro plano as construções adjacentes na cota inferior.....	49
Figura 46 - Vista do Mirante com as interferências em primeiro plano das construções quase que contíguas a ele na cota inferior.....	49
Figura 47 - Tráfego de veículos próximo à igreja.....	50
Figura 48 - Vista Aérea de Ipioca.....	50
Figura 49 - Recorte de Jornal relatando Ipioca como terra esquecida.....	56
Figura 50 - Recorte de Jornal relatando Ipioca como abandonada.....	57
Figura 51 - Recorte de Jornal relatando Ipioca como Pobre Distrito.....	57
Figura 52 - Recorte de Jornal cogitando Riacho Doce como sede de Ipioca.....	58
Figura 53 - Recorte de Jornal descrevendo Ipioca como futuro paraíso dos resorts.....	61
Figura 54 - Entrada do Salinas de Maceió Beach Resort, em Ipioca (parte baixa/ AL-101 Norte).....	62
Figura 55 - Empreendimento residencial em Ipioca (parte baixa/ AL-101 Norte)	62
Figura 56 - Arte Kusiwa.....	67
Figura 57 - Acarajé.....	67
Figura 58 - Cachoeira de Iauaretê.....	67
Figura 59 - Tambor de Crioula do Maranhão.....	68
Figura 60 - Modo artesanal de fazer Queijo de Minas.....	68
Figura 61 - Modo de fazer Renda Irlandesa.....	68
Figura 62 - Mascarado montado a cavalo tradicional da Festa do Divino Espírito Santo.....	68
Figura 63 - Bumba-meu-boi do Maranhão.....	68
Figura 64 - Bonecas Karajá.....	68
Figura 65 - Filé do Pontal da Barra.....	70
Figura 66 - Camarão do bar das Ostras.....	70
Figura 67 - Doce de Caju.....	71
Figura 68 - Igreja Nossa Senhora do Ó. Data: 02 de novembro de 1920.....	84
Figura 69 - Casas geminadas com alpendres poucos profundos e casas de dois pavimentos.....	84
Figura 70 - Igreja de Nossa Senhora do Ó- Traipú.....	86
Figura 71 - Matriz de Nossa Senhora do Ó – São Miguel dos Campos.....	86
Figura 72 - Anotações lembranças Ei2.....	88
Figura 73 - Escolinha fundada em 1982.....	89
Figura 74 - Desfile de 7 de setembro.....	90
Figura 75 - Homenagem a Floriano Peixoto.....	90
Figura 76 - Homenagem a Floriano Peixoto.....	90
Figura 77 - Quadra esportiva em Ipioca.....	107
Figura 78 - Recorte de Jornal sobre riscos da Igreja Nossa Senhora do Ó.....	108
Figura 79 - Curral como elemento significativo na paisagem da praia de Ipioca.	121
Figura 80 - Currais na Praia de Sauaçuhy.....	121
Figura 81 - Baianas de Alagoas.....	125
Figura 82 - Chegança.....	126
Figura 83 - Grupo Guerreiro das Artes.....	126
Figura 84 - Pastoril.....	126
Figura 85 - Salinas de Maceió Beach Resort.....	128
Figura 86 - Novo empreendimento residencial na beira-mar de Ipioca.....	128

Figura 87 - Tipo de “ratoeira” atual usada para capturar caranguejo.....	135
Figura 88 - Procissão com andor.....	159
Figura 89 - Nossa Senhora do Ó.....	159
Figura 90 - Procissão tendo início na Igreja.....	160
Figura 91 - Procissão descendo a ladeira do Alto.....	160
Figura 92 - Procissão sendo finalizada na área.....	160
Figura 93 - Apresentações na área externa.....	160
Figura 94 - Jangadas em praia do litoral Norte de Alagoas.....	162
Figura 95 - Processo de organização da pesca na praia de Ipioca.....	162
Figura 96 - Retirada da pesca do curral na maré baixa em Ipioca.....	163
Figura 97 - Esquema dos tipos de currais estudados na Ilha de São Luís, Maranhão.....	164
Figura 98 - Tacho de cobre para preparo do doce.....	167
Figura 99 - Tacho de alumínio.....	167
Figura 100 - Lenha acumulada para fazer fogo.....	167
Figura 101 - Fogão a lenha.....	167
Figura 102 - Peneiras usadas para o escorrimento dos doces.....	168
Figura 103 - Bandeja lisa e perfurada para escorrimento.....	168
Figura 104 - Placa anunciando venda do doce.....	168
Figura 105 - Acondicionamento dos doces.....	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fatos que culminaram no reconhecimento do Patrimônio Intangível	67
Quadro 2 - Fatos que culminaram no reconhecimento do Patrimônio Intangível de Alagoas.....	70
Quadro 3 - Sistematização entrevistas da pesquisa piloto.....	80
Quadro 4 - Temas aos quais as perguntas foram categorizadas.....	113
Quadro 5 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Cotidiano e infância.....	114
Quadro 6 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Formas de Lazer..	123
Quadro 7 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Trabalho e Remuneração.....	129
Quadro 8 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Produção Artesanal.....	130
Quadro 9 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Receitas Tradicionais.....	132
Quadro 10 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Festas locais.....	135
Quadro 11 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Locais mais frequentados.....	139
Quadro 12 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria História e Descrição do bairro.....	140
Quadro 13 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Estudo e Trabalho.....	147
Quadro 14 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Aspirações.....	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ‘LUGAR’ IPIOCA: RECORTE GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E CULTURAL	16
1.1 Identificação geo-histórica do bairro de Ipioca.....	18
1.2 Conceito de ‘lugar’ discutido em Ipioca.....	51
1.3 O Patrimônio Intangível no Brasil e em Alagoas... E em Ipioca?.....	62
2 IPIOCA ATRAVÉS DOS SEUS NARRADORES	71
2.1 O que é História Oral enquanto método?.....	72
2.2 Como narram a Ipioca e o viver no bairro?.....	80
3 IDENTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EXISTENTES NO ‘LUGAR’, IPIOCA	113
3.1 O Patrimônio Intangível que perpassa gerações.....	155
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICES	180

INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado **A memória do Patrimônio Intangível em Ipioca, através de seus narradores** buscou enfrentar um processo de resgate da memória dos idosos, através de uma leitura mais atenta da história do bairro de Ipioca e das referências culturais, sobretudo intangíveis ali contidas. A aplicação do instrumental metodológico utilizado buscou captar uma melhor compreensão da história do bairro e do seu legado cultural. Pretendeu-se através dessa revelação do processo de transmissão-retenção de valores chamar a atenção para a urgência de ações que podem ser exercidas na gestão da preservação desses bens culturais, não apenas por serem elementos fundamentais para a memória e a identidade cultural desse local, mas também por poder contribuir para o desenvolvimento econômico da comunidade.

É preciso entender que preservar o patrimônio cultural brasileiro é responsabilidade não só do Ministério da Cultura, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e outros órgãos públicos, mas também de organizações coletivas em geral e dos cidadãos. O patrimônio cultural dos estados e cidades brasileiras é um patrimônio de todos e todos são responsáveis por cuidar desse bem para que as gerações futuras também possam conhecê-lo.

Partindo desse entendimento, pode-se dizer que o trabalho atende ao empenho do Ministério da Cultura que, através do Iphan, tem elaborado programas de inventário e planos de ações com o objetivo de registrar e salvaguardar o Patrimônio Imaterial de várias comunidades, visando à dinamização do legado cultural e ambiental dessas. Atende também ao empenho do Programa de Registro de Patrimônio Imaterial da Secretária de Estado da Cultura de Alagoas (SECULT/AL) que comunga da mesma visão institucional.

Todavia, o objetivo principal do trabalho consiste em identificar as referências culturais retidas na memória do idoso e assimiladas pelos jovens moradores de Ipioca, Maceió, estudando a gênese urbana do bairro e identificando os bens intangíveis como produto da formação histórico-cultural, atualmente em nova dinâmica urbana.

A escolha do bairro de Ipioca se deu pelo fato de ele possuir uma aparente condição interiorana, pois aparentemente o desenvolvimento não o alcançou e conseqüentemente não apagou as referências culturais datadas da época de sua

criação (dentre elas se sobressaem a forte tradição do saber-fazer o doce de caju, algumas técnicas de pescaria, e do *modos vivendi*, etc.). Destaca-se por seu valor histórico mais notável: - o de ter sido a terra natal do Marechal Floriano Peixoto (o Consolidador da República) e, ainda, por possuir um bem edificado reconhecido legalmente pelo Estado como exemplar importante na história de Alagoas (a igreja Nossa Senhora do Ó).

Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o desenvolvimento do bairro de Ipioca para entender seus aspectos históricos, associada a uma busca por mapas e relatos orais, estes últimos conseguidos durante visitas feitas *in loco* para reconhecimento da comunidade.

Sucessivamente, apresentou-se necessária a formalização do banco de dados, confeccionado de acordo com a metodologia da História Oral, junto à população pertencente à amostra definida: moradores do bairro, com foco em idosos e também em jovens, para que se possa compreender como vem ocorrendo o processo de retenção e transmissão de saberes consolidados (Patrimônio Imaterial) em Ipioca e o quanto esse processo nos revela sobre a própria história desse bairro.

Segundo Silva (2006) História Oral é uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das quais o historiador constrói suas análises. Portelli (1997) explica que o procedimento básico utilizado nessa metodologia é a aplicação de entrevistas feitas a partir de um banco de dados, roteiro guia, no qual o entrevistado é indagado sobre o assunto a ser pesquisado (procurando-se conhecer hábitos, costumes, história, cotidiano). Em seguida, são feitas as transcrições das entrevistas, passando de “objetos auditivos para objetos visuais”.

Na elaboração do banco de dados, utilizaram-se como base as fichas utilizadas para produção de inventários elaborada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN contidas no Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, por representar o método aplicado pelo IPHAN para inventariar o patrimônio cultural, tendo o objetivo de identificar, documentar e registrar sistematicamente os bens culturais expressivos da diversidade cultural brasileira. Houve adaptação dessas fichas, utilizando apenas perguntas pertinentes à identificação dos bens intangíveis de Ipioca.

A amostra da pesquisa compreende moradores do bairro de Ipioca, com foco em idosos e jovens. Foram entrevistados oito idosos escolhidos por estarem

ligados às expressões culturais mais referenciadas por moradores do local no âmbito dos saberes fazeres e ligação com festas e demais tradições culturais. Contudo, para esta seleção, priorizou-se a idade a partir de 60 anos (oficialmente considerado como idoso, de acordo com o IBGE), nascimento e longa permanência no bairro. Já a escolha dos oito jovens processou-se de forma espontânea, sem indicação prévia de outros, mantendo, contudo, o critério de nascimento no local e longa permanência, além de, preferencialmente ser da família do idoso entrevistado.

Entrevistaram-se oito jovens selecionados espontaneamente de acordo com os mesmos critérios de nascimento e longa permanência, dando preferência a ser da mesma família do idoso entrevistado.

O primeiro capítulo apresentará um recorte geográfico, histórico e cultural do bairro de Ipioca, expondo dados sobre sua configuração espacial e a história de seu desenvolvimento, tomando por base autores como Costa (1981), Queiroz (1999), Diégues Junior (1948), Menezes, Borba (1970), documento de Tombamento da Igreja Nossa Senhora do Ó (1982), Ferrare, et al. (2007) (Coordenação), material pesquisado na Secretaria de Planejamento, no Arquivo Público e no IHGAL. Trará também uma discussão sobre o conceito de 'lugar', na qual se embasará em autores como Carlos (1996, 1997), Santos (1996), Ribeiro (2011), Coriolano (1998), Funari; Pinsky (2001) e recortes de jornais. Demonstrará ainda discussões acerca do Patrimônio Intangível, sua salvaguarda e os fatos que culminaram no reconhecimento e valorização desse patrimônio, fazendo uso dos autores Menezes (2006), Sant'anna, (2006), Brayner (2007), Falcão (2008), Arantes (2009), Silva (2002) e do portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O capítulo seguinte delineará o contorno teórico-metodológico sobre a História Oral, definindo essa metodologia por meio dos autores Thompson (1935), Caldas (1999), Meihy; Holanda (2007), Silva (2006), Portelli (1997, 2010), Rosa (1988), Montenegro (1992) e trará ainda a apresentação dos narradores (idosos e jovens) pontuada por transcrições parciais das falas, estas comentadas nos aspectos que ajudam a esboçar uma caracterização de como tem sido o modo de viver no bairro.

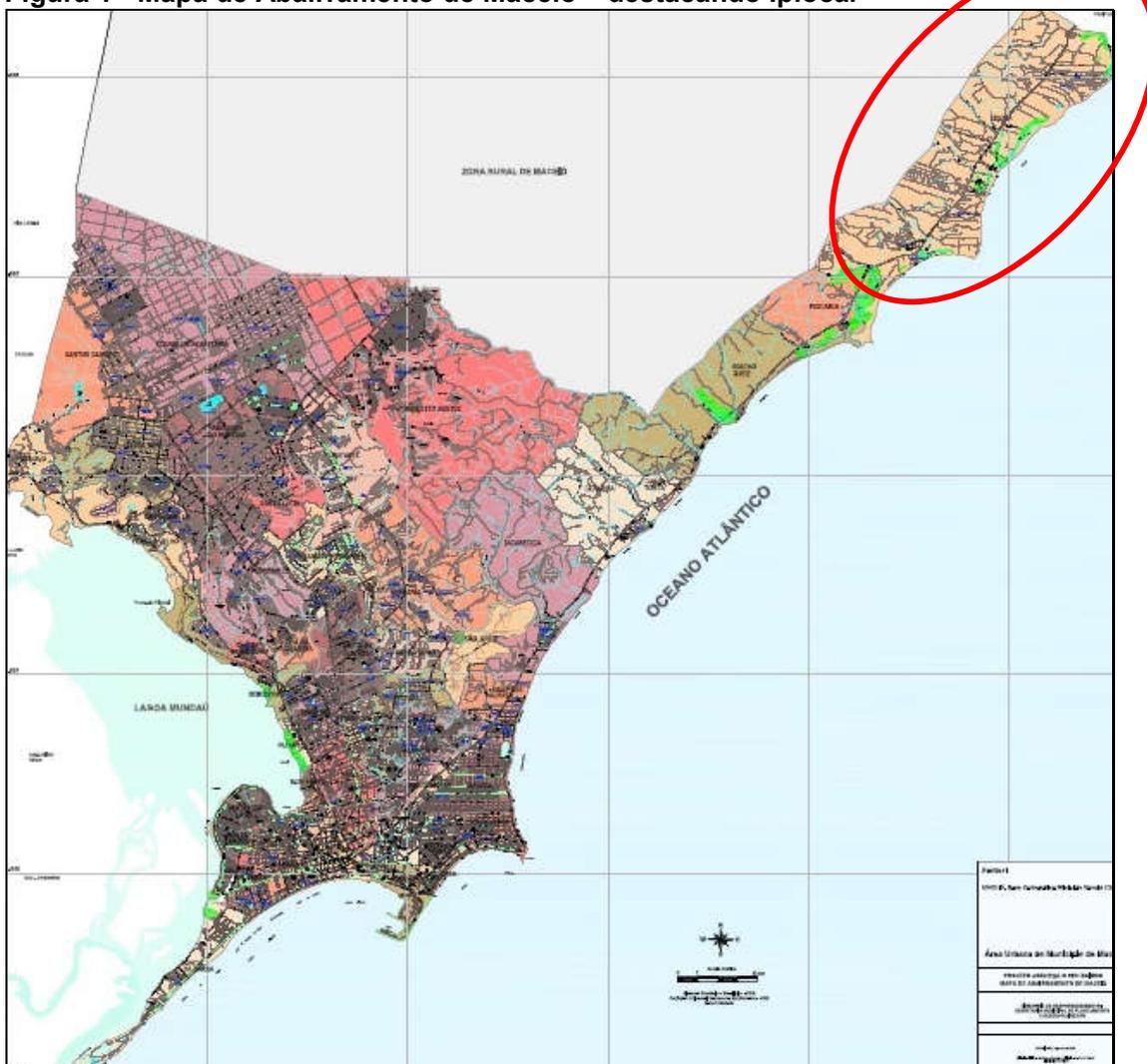
O terceiro e último capítulo irá identificar as relações de memória e identidade existentes no 'lugar' Ipioca apontadas e percebidas através das transcrições das entrevistas, que fizeram surgir referências que se conectam ao processo formador

de referências histórico-culturais constitutivas do atual bairro de Ipioca, ex-vila e ex-distrito Floriano Peixoto, e expuseram modos da vivência que transcorre e já transcorreu entre a população que o tem habitado. Para tanto se utilizará autores como Alberti (2004), Azevedo (2004), Brandão (1989), Bosi (1994), Félix (1998), Lago (1996), Piorski; Serpa; Nunes (2009), Pollak (1989), Santana (2002), Serra (1999) e publicações no site da Secretaria da Cultura do Estado de Alagoas. Referenciará também uma discussão acerca dos dados e falas coletados que revelaram o que, na essencialidade dos valores inerentes ao 'lugar' Ipioca, está sendo transmitido e retido entre esses dois grupos de entrevistados (idosos e jovens).

1 'LUGAR' IPOICA: RECORTE GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E CULTURAL

Ipoica é um bairro de Maceió (Ver figura 1), distante 18 km do centro, que possui uma aparente condição interiorana, pois aparentemente o desenvolvimento não o alcançou e como consequência não apagou as referências culturais datadas da época de sua criação (dentre elas a forte tradição do saber-fazer o doce de caju, algumas técnicas de pescaria, formas próprias de armazenamento e tiragem do coco, a festa da padroeira Nossa Senhora do Ó). O bairro é localizado na fronteira norte do município, limitando-se ao sul com o bairro de Pescaria (Ver figura 2), e ao norte com o município de Paripueira.

Figura 1 - Mapa de Abairramento de Maceió – destacando Ipoica.



Fonte: MACEIÓ, Base Cartográfica Oficial de Maceió, 2000.

Figura 2 - Localizando Ipioca.

Fonte: Google Maps, 2012.

Destaca-se também por seu valor histórico de terra natal do Marechal Floriano Peixoto, segundo presidente da República e por possuir um bem edificado reconhecido legalmente pelo Estado como importante para a construção da história de Alagoas: a igreja Nossa Senhora do Ó, datada de 1795 (Ver figura 3).

Figura 3 - Igreja Nossa Senhora do Ó.

Fonte: Autora, 2012.

Apesar de já ter sido denominado Distrito de Floriano Peixoto a referência ao nascimento do marechal não tem o *status* do também alagoano Marechal Deodoro da Fonseca¹, até hoje não tendo beneficiado o lugar, inclusive em termos de ponto turístico, ao contrário do que se verifica na cidade onde nasceu o segundo (RIBEIRO, 2011).

Quanto à derivação do nome Ipioca, foram encontradas duas teorias. Uma afirma que o nome tem origem indígena, derivada da expressão em tupi-guarani “Yby-Oca” que significa “casa de terra batida” ou “casa de chão batido” (AZEVEDO NETO, 2008). E outra se firma que inicialmente o lugar se chamava Pioca, nome dado ao riacho Pioquinha, “cujo nome é um hibridismo de ipi-o-k – terra que tapa – ou tapagem de terra – em alusão ao monte próximo” (SILVA, 2000-1922 apud RIBEIRO, 2011, p. 27).

Com efeito, em Alagoas, Ipioca é remissivo a um lugar privilegiado onde dos altos avista-se toda a paisagem composta por uma bela visão da praia, vegetação predominante de coqueiros, pessoas percorrendo as ruas, além de possuir uma história rica em detalhes que se inicia por volta do século XVIII e à terra de um dos marechais alagoanos.

1.1 Identificação geo-histórica do bairro de Ipioca

O bairro compreende uma área de aproximadamente 20 km², e segundo censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) possui uma população de 7580 habitantes, em sua maioria mulheres, representando 50,9% da totalidade. Os idosos (acima de 60 anos) correspondem a 614 habitantes do total. Constam 3033 domicílios, havendo uma densidade demográfica de 379 hab./km².

Segundo o Documento de Informações Básicas (DIB) confeccionado pela Assessoria Técnica na Reelaboração do Plano Diretor de Maceió – AL, 2005, que se constitui em uma síntese das principais informações e análises que fundamentam as

¹ Em contraponto, grande parte da população de Marechal Deodoro incorporou a convivência com o título de “Cidade- Berço do Proclamador da República”, ou “Terra do Marechal”. Ressalta-se através de sua imagem retratada em várias partes da cidade, em quadros de sedes de órgãos públicos e nas residências. É perceptível ainda o envaidecimento dessa população, tanto dos idosos como dos jovens, pela participação nas comemorações de festas cívicas como a Elevação de Vila à Cidade, Nascimento do Marechal Deodoro da Fonseca, Proclamação da República, entre outras. É destacável ainda o número de rapazes residentes na cidade engajados nas Corporações militares da Polícia Militar do Estado de Alagoas ou de Exército brasileiro (FERRARE, 2002).

propostas da lei do Plano Diretor e da legislação complementar, os bairros da orla marítima, como Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca, situados no litoral norte, até recentemente não faziam parte da área urbana de Maceió e eram pouco procurados para uso residencial. A modificação do código de edificações, ocorrida no início de 2004, previa estimular o adensamento desses bairros pelas famílias de renda média e média /alta. A população mais pobre ocupa a encosta, sem infraestrutura adequada, e a ocupação desordenada cresce a cada dia.

O abastecimento de água na região é feito pela Companhia de Saneamento de Alagoas (CASAL), por intermédio de poços artesianos². O esgotamento sanitário é precário e não existe rede que atenda a região. A coleta de lixo é regular nas áreas consolidadas, porém nas encostas, a coleta é deficiente. A energia elétrica³ é hoje fornecida pela Eletrobras, embora não atenda a demanda. Existem muitas ligações clandestinas, sobretudo nas áreas mais pobres (PMM, 2001 apud PMM, 2005). Ainda segundo dados obtidos pelo DIB, a caracterização de sua infraestrutura compreende um abastecimento d'água de 56,51% rede e esgotamento sanitário de 1,32% rede, apresentando quase que inexistência de serviços de infraestrutura, esgotos e deficiência nos serviços de fornecimento de água e energia elétrica. Proliferam soluções inadequadas de tratamento e destinação final de esgotos, provocando a contaminação da praia.

Uma leitura atual do bairro exhibe grandes áreas de sítios de produção de coco e árvores frutíferas, com predominância de uso residencial, ocupação de classe média e baixa – bastante rarefeito, concentrado no núcleo do bairro. Inexistem opções viárias à AL-101 Norte. Está ocorrendo em Ipioca uma privatização da praia por edificações – clubes, hotéis e residências à beira-mar. Há problemas de erosão das encostas por extração mineral, descaracterizando a paisagem natural. Isso representa um dos principais problemas ambientais da Zona Costeira Alagoana (PMM, 2005). Segundo o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro estima-se que aproximadamente 70% da zona costeira mundial esteja sofrendo erosão, ocasionando perda da parte recreativa das praias e destruição de ecossistemas.

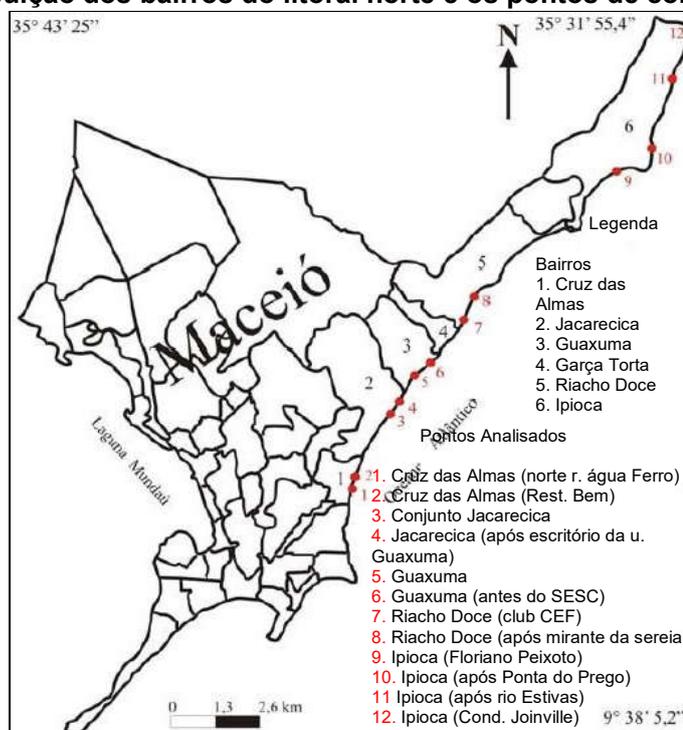
² Contudo, durante muito tempo se manteve entre a população o sistema de abastecimento por cacimbas em quintais e cacimba pública, como a do Rio Lancha, onde as pessoas iam abastecer com latas, transportadas na cabeça ou em carros de mão.

³ Não se tem a data precisa de introdução da energia elétrica em Ipioca. Porém, na década de 1960 o bairro era abastecido pelo sistema de motor, localizado ao lado da igreja, que funcionava até às 21h. Após esse horário os moradores deitavam-se cedo ou acendiam os candeeiros.

Constitucionalmente a Zona Costeira do Brasil foi declarada Patrimônio Nacional juntamente com a Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Serra do Mar e Pantanal Mato-grossense. O PNGC é executado a nível estadual através de seus órgãos de Meio Ambiente, obedecendo a uma Política Nacional. Em Alagoas o Instituto do Meio Ambiente (IMA) é o órgão responsável por esse Programa com o objetivo principal de ordenar o uso dos recursos naturais e da ocupação dos espaços costeiros. A Zona Costeira Alagoana se divide em três setores: Litoral Norte, Litoral Médio, onde está incluída a cidade de Maceió e portanto, o bairro de Ipioca, e Litoral Sul.

Dos principais problemas que afetam a Zona Costeira Alagoana grande parte encontra-se em Ipioca como ocupação urbana desordenada, descaracterização paisagística, privatização de praia, contaminação com esgotos e problemas decorrentes do turismo e veraneio desordenados como grandes loteamentos com segundas residências, altas taxas de ocupações sazonais, entre outros. Segue abaixo os pontos de controle analisados (Ver figura 4). Segundo Informações extraídas do DIB, foram estabelecidos 12 pontos, em locais onde ocorreram as maiores alterações em relação à linha de costa de 1965.

Figura 4 - Distribuição dos bairros do litoral norte e os pontos de controle analisados.



Fonte: IMPAR / PMM, 2000 apud Rochana Lima apud PMM, 2005.

O bairro de Ipioca apresenta cerca de 10 km de extensão de linha de costa, limita-se ao sul pelo rio Meirim (Ver figura 5) e ao norte pelo rio Sauaçuhy.

Figura 5 - Vista aérea da foz do rio Meirim.



Fonte: Rochana Lima apud PMM,2005.

No ponto nove, na enseada de Ipioca, verifica-se uma disposição à erosão. Essa enseada representa o trecho mais crítico do ponto de vista da erosão costeira, podendo se verificar pela imagem do muro de proteção existente (Ver figura 6). A erosão foi intensificada pela retirada da linha de arrecifes em décadas passadas para fabricação de cal, deixando assim a linha de costa desprotegida.

Figura 6 - Muro de proteção na enseada de Ipioca.



Fonte: Rochana Lima apud PMM,2005.

Como proposta para o bairro, de acordo com o DIB, é indicada a implantação de uma infraestrutura sanitária e do sistema viário alternativo com possibilidade de duplicação da AL-101 Norte, o estímulo à atividade de turismo e lazer de forma sustentável e integrada à paisagem, a reserva de faixa da orla ao lazer público e ao turismo, garantir acessibilidade à praia, a preservação da paisagem local – coqueiral e áreas protegidas pela legislação ambiental, a definição de parâmetros para uso e ocupação específicos e coerentes com as características ambientais locais, a melhoria no sistema viário existente, a implantação de faixas sanitárias ao longo dos cursos d'água e a regulamentação da ocupação em área de altas declividades – encostas.

Pesquisas em dissertações, jornais e em material cedido pela Secretaria de Planejamento deram conta das informações especificamente geográficas do bairro. Na busca por informações históricas, o conteúdo é bastante limitado. Tendo como fonte o acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA) e o Arquivo Público de Alagoas, foram obtidas algumas imagens que acrescentaram à pesquisa.

No Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas foi obtida uma referência à tiragem do coco, com fotografia referente ao bairro de Riacho Doce (Ver figura 7), que exhibe o procedimento comum em todo o litoral norte, podendo ser demonstrada como a mesma ocorrida em Ipioca.

Figura 7 - Tiragem do coco.

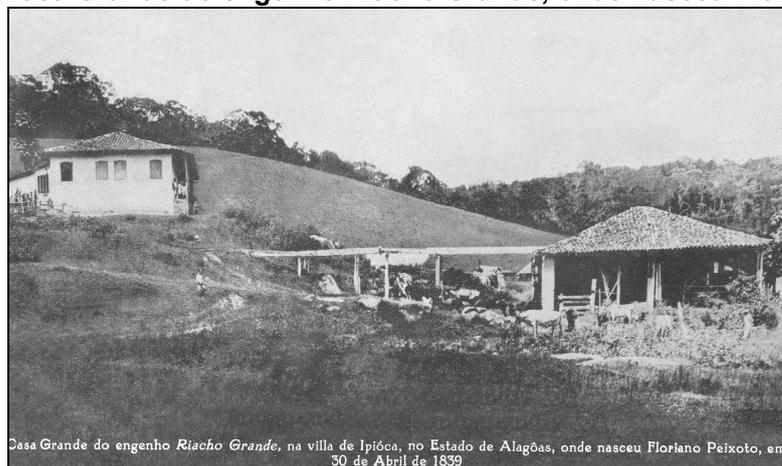


Fonte: BARROS, s/d.

Esta foto (Ver figura 8), pertencente ao acervo do MISA, mostra a Casa Grande do engenho Riacho Grande, afirmando que foi o local de nascimento do

Marechal Floriano Peixoto. Contudo, também há uma conjectura que o Marechal tenha nascido no Alto de Ipioca, no local demarcado pelo obelisco⁴ localizado no mirante. Há, todavia a certeza de seu nascimento em Ipioca, no dia 30 de Abril de 1839.

Figura 8 - Casa Grande do engenho Riacho Grande, onde nasceu Floriano Peixoto.



Casa Grande do engenho *Riacho Grande*, na villa de Ipióca, no Estado de Alagôas, onde nasceu Floriano Peixoto, em 30 de Abril de 1839

Fonte: PEIXOTO, Arthur Vieira. **Floriano**: memórias e documentos. Serviço gráfico do Ministério da Educação, 1939.

Relacionada à igreja, encontrou-se uma foto sem data (Ver figura 9), demonstrando sua inserção no Alto, ainda sem edificações ao redor. É possível observar o caminho que hoje corresponde ao logradouro Rua do Cruzeiro, apresentando uma trilha formada pela constante passagem de pedestres pelo local.

Figura 9 - Igreja Nossa Senhora do Ó no Alto de Ipioca antigo.

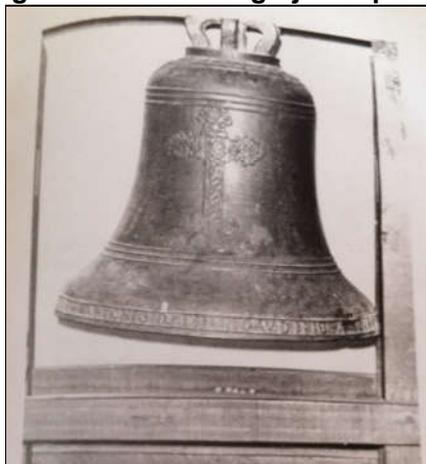


Fonte: PEIXOTO, Arthur Vieira. **Floriano**: memórias e documentos. Serviço gráfico do Ministério da Educação, 1939.

⁴ Sua imagem será demonstrada mais a frente, na configuração espacial do Alto de Ipioca.

Ainda referente à igreja, foi encontrado no Arquivo Público, no livro *A Poesia dos Sinos*, do poeta Pe. João Leite Neto, a foto do sino⁵ da igreja de Ipioca (Ver figura 10), datado de 1858, fabricado em Coruripe na oficina de Nicolao de Oliveira e Silva.

Figura 10 - Sino da igreja de Ipioca.



Fonte: Pe. João Leite Neto, s/d.

Segundo fontes bibliográficas como Queiroz (1999), foi a partir da igreja Nossa Senhora do Ó (Ver figura 11) que se desenvolveu o tecido urbano de Ipioca, tendo assim a história do bairro se processado em torno dessa edificação. O autor afirma que no século XVIII foi criada a Freguesia de Santo Antônio do Meirim, em “Pioca⁶”, no ano de 1713. Moacir Sant’ana (1993) relata ainda que em 17 de julho de 1713, atendendo a apelo de moradores das proximidades do rio Santo Antônio Mirim, o Visitador Geral da parte do sul da Capitania de Pernambuco criou o *Curato de Nossa Senhora do Ó*, conforme transcrição abaixo:

[...] comprometendo-se os ditos moradores a sustentar o Cura e a levantar a Igreja, tendo o alferes Antonio Gonçalves Picão e sua mulher doado 50 braças de terra em quadro, não só para a **construção da Igreja como para a fundação da povoação futura de Ipioca**. Foi logo empossado como Cura o reverendo Diogo da Costa e determinado que, enquanto não se fizesse o dito templo, aquele sacerdote podia se utilizar da capela do Engenho. S. Antônio Mirim (QUEIROZ, 1999, p. 108). Grifo nosso.

⁵ Foi retirado da igreja e atualmente se encontra no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

⁶ Grafia usual nos documentos administrativos da época, que hoje se encontram no Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal.

Figura 11 - Igreja Nossa Senhora do Ó inserida no Alto de Ipioca.



Fonte: Autora, 2013.

Em trabalho⁷ apresentado pelos arquitetos Fernando Borba e José Luiz Menezes em março de 1970 à comissão designada pelo então Secretário da Educação e Cultura do Estado de Alagoas, Prof. José de Melo Gomes, para realizar levantamento preliminar da situação de Monumentos Históricos e Artísticos do Estado foram apresentados os resultados da seleção procedida entre as obras visitadas em cada localidade com esboços analíticos de cada obra julgada importante por seu valor histórico ou artístico, com sugestão de medidas defensivas.

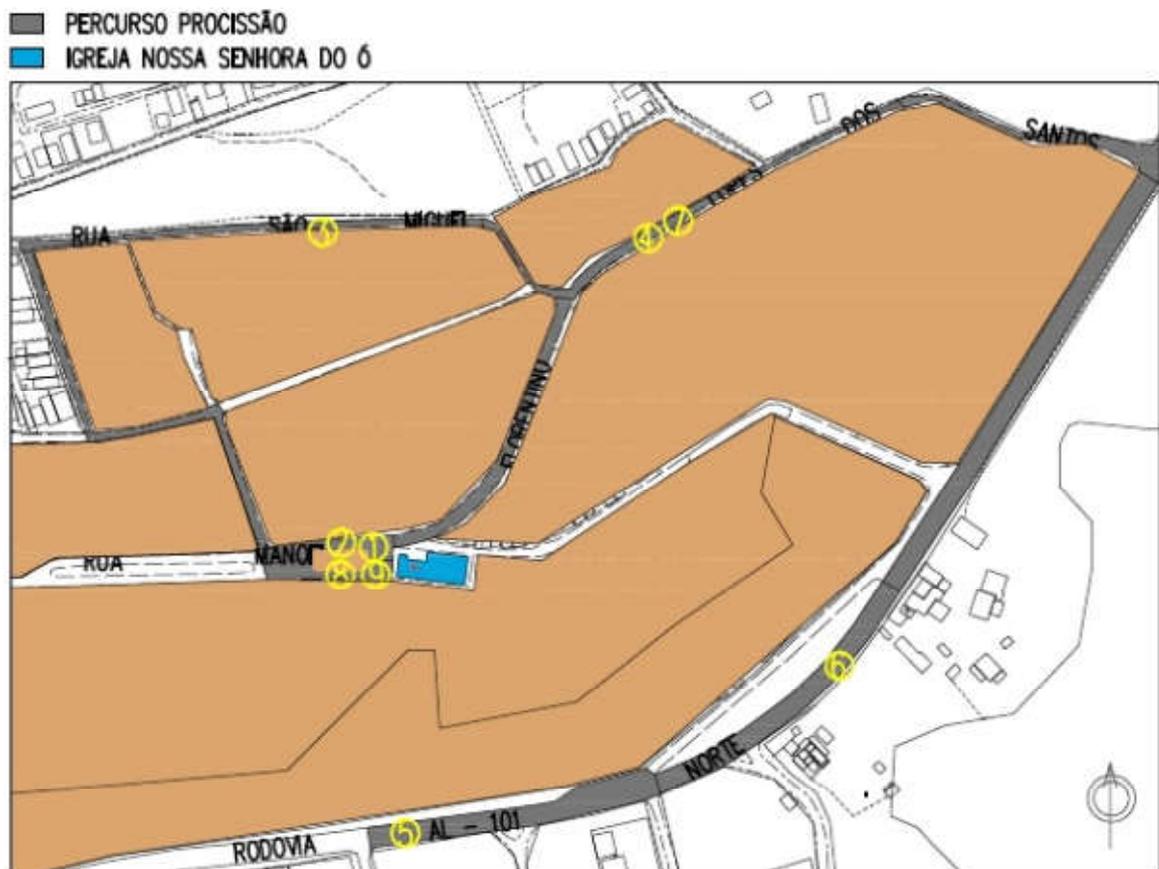
No citado trabalho, a igreja Nossa Senhora do Ó, em Ipioca, foi descrita como “um interessante exemplar da arquitetura religiosa de fins do século XVIII, oferecendo graciosa solução de torre sineira” (MENEZES; BORBA, 1970). O documento descreve minuciosamente cada detalhe da igreja até mesmo as imagens importantes contidas no templo, inclusive a suposta da primitiva N. Sra. Do Ó, em pedra, com 0,60m, do século XVIII, localizada em um nicho da parede direita da nave.

Os católicos do bairro contam como se fosse verdade, a lenda do santo “caminhante”. Dizem que a imagem de Santo Antônio caminhava entre a igreja de Nossa Senhora do Ó e a capela do Engenho Velho e, em dia de procissão os fiéis carregam a imagem dos dois. Havia também um túnel entre a igreja e o rio Lancha. Nesse rio, Santo Antônio navegava entre o Engenho Velho e o povoado. O Santo ficava na capela do engenho, que foi derrubada. A imagem sempre terminava na igreja de Nossa Senhora do Ó, mas segundo a lenda, ele sempre voltava para o antigo lugar. As duas imagens terminaram na mesma igreja (ROLEMBERG, 1996).

⁷ Encontrado no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Sobre o circuito da procissão (Ver figura 12), em conversa informal, o Sr. Manoel Monteiro de Carvalho, (62 anos), morador do bairro, natural de Ipioca, e filho de pessoa que por muitos anos organizava a procissão, informou que o percurso não é fixo. O horário é por vezes modificado e, por conseguinte o percurso também sofre alterações. Mas geralmente a procissão desponta da igreja Nossa Senhora do Ó (1 e 2), desce até a Rua São Miguel (3), prossegue descendo a ladeira Manoel Lopes (4) dirigindo-se até o Salinas de Maceió Beach Resort na AL-101 Norte (5), retorna seguindo até o “Bar do Correia”(6) em direção a Paripueira e depois torna para o Alto (7), finalizando na igreja (8 e 9), onde ocorre a dispersão dos fiéis.

Figura 12 - Percurso da procissão na Festa da Nossa Senhora do Ó (continua).



Fonte: Autora, 2013. Adaptado de Manoel Monteiro, 2007; SEMED.

Figura 12 - Percurso da procissão na Festa da Nossa Senhora do Ó (continuação).



Fonte: Autora, 2013. Adaptado de Manoel Monteiro, 2007; SEMED.

O ritual da procissão é dito como a principal atividade que compõe a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Ó e a data permanece a mesma até hoje, sempre no período de 9 a 18 de dezembro. O Sr. Manoel conta ainda que a festa tem início “Assim que termina os festejos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da maioria das cidades próximas [...]”, como Marechal Deodoro e outras. Ele identifica como modificação na procissão a forma de carregar a imagem da padroeira que antes era suspensa nas costas e atualmente, transportada por carro. Diz ainda que um fator que provocou modificações nos festejos foi a violência no bairro. Segundo ele, antigamente os festejos ocorriam na área externa à igreja com barracas e atualmente a festa “ficou mais interna” devido à falta de policiamento.

Outra característica da festa, apontada pelo Sr. Manoel, é que em ano de eleição ela conta sempre com mais recursos, a exemplo do ano passado (2012), em virtude de uma candidata a vereadora na época, ter oferecido banda de fanfarra, dinheiro para flores e fogos, e ainda apresentações de Coco de Roda e Pastoril. Mas no geral já não tem festejos na parte externa. A festa se resume atualmente à procissão e apresentações rápidas.

O Sr. Manoel contou também que no passado, a família que ficava com a bandeira da paróquia com a imagem da santa, e que é hasteada todo ano no dia 09, seria responsável pelos festejos. Geralmente uma família influente na comunidade.

Atualmente quem organiza a festa é o “pessoal da igreja” sendo o Padre e em torno de quatro pessoas a mais. Porém, a comunidade “nunca deixa de ajudar”.

Ainda no imaginário coletivo existem duas suposições⁸ quanto à origem da edificação da igreja Nossa Senhora do Ó. A primeira dissemina que a igreja teria sido construída durante as invasões holandesas⁹, quando Ipioca ficou como centro de observação por estar situada num ponto estratégico, com vista panorâmica para o mar. E a segunda, tida mais propriamente como uma espécie de lenda, relata que alguns portugueses, durante um naufrágio, haviam prometido que se saíssem vivos daquela situação, construiriam uma igreja onde deveriam aportar, surgindo a partir desse fato o povoado de Ipioca.

A vinda dos holandeses teve como estímulo o rentável comércio do açúcar. Explica Queiroz (1999), que com o progresso da União Ibérica os empresários foram afastados do lucrativo negócio devido a rivalidades entre Espanha e Holanda, restando opções de se criar uma área produtora de açúcar ou invadir alguma área existente. Os holandeses optaram pela segunda alternativa e se estabeleceram na capitania de Pernambuco.

Apesar de não haver uma datação precisa do início do povoamento de Ipioca, enquanto delimitação do assentamento urbano, consta na justificativa do Processo de Tombamento Estadual do edifício da igreja Nossa Senhora do Ó, feito pelo antigo Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico de Alagoas (CONPHAE/AL) –, atual Conselho de Cultura do Estado de Alagoas, vinculado à SECULT/AL, no ano de 1982, a referência do povoamento de Ipioca ter precedido ao de Maceió, onde a colonização levantou os engenhos¹⁰ e plantou os canaviais.

Queiroz (1999) afirma que o açúcar é uma “presença imperial” na gleba alagoana e faz parte da sua própria formação. Segundo o autor, assim que se iniciou a colonização da terra alagoana, os canaviais e engenhos a povoaram. Não seria

⁸ Segundo trabalho desenvolvido através do Convênio firmado entre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Prefeitura Municipal de Maceió com orientação da Professora Doutora Josemary Omena Passos Ferrare no ano de 2007,

⁹ Os holandeses, segundo Queiroz (1999), fizeram duas tentativas de fixar-se no Brasil. A primeira pela Bahia, em 1624 e a segunda por Pernambuco, em 1630, onde dominaram por aproximadamente 24 anos. Nessa segunda tentativa, Alagoas pertencia a Capitania de Pernambuco. Brandão (1909) conta que Alagoas tornou-se comarca de Pernambuco no ano de 1711.

¹⁰ O engenho era uma unidade produtora, que englobava as terras dos imensos canaviais, mas também outras terras onde eram criados alguns animais e havia pequenas roças, descreve Queiroz (1999). Dividia-se em Casa-grande, Senzala, Capela e Casa do Engenho.

então exagero dizer que Alagoas nasceu à sombra das casas-grandes e das senzalas dos engenhos de açúcar.

Ainda no Processo de Tombamento, é descrito que para conhecermos a história da igreja de Nossa Senhora do Ó, precisamos recorrer a um princípio de analogia, no qual igreja e comunidade estão inseridas num mesmo contexto, onde a paróquia como unidade primária e organização social consistia não somente em base eclesiástica, mas também política e econômica, já que não existem documentos que assinalem corretamente a data da fundação da pequena igreja.

Alguns pesquisadores apontam o ano de 1795 como o ano da edificação dessa igreja, conforme publicado em matéria jornalística de fevereiro de 1973: “Nossa Senhora do Ó, de Santo Antônio do Meirim de Ipioca [...] uma igreja edificada em 1795, em estilo colonial com um cruzeiro na frente. Tem uma porta de frente e duas janelas no pavimento superior” (CAVALCANTE, 1973). Ainda sobre a identificação histórica da igreja constam algumas informações:

Segundo informações do Sr. Adriaco Pereira Barbosa existia um antigo Cruzeiro em frente a Igreja com uma inscrição marcando a data 1627 o que provavelmente confirma os primórdios do povoamento, no entanto as características arquitetônicas da atual Igreja datam dos fins do século XVIII [...]. Somente em 1713 é criada a freguesia de Ipióca e já em 19 de dezembro de 1778 é fundada a irmandade de S. S. Sacramento, ereta na Matriz do Meirim, freguesia de Nossa Senhora do Ó de Santo Antônio de Ipióca, cujo vigário Pe. Pedro Pacífico de Barros, concentrava em torno da Igreja, toda a vida da comunidade.[...] (CONPHAÉ/AL, Resolução N°. 07 de 08 de junho de 1982).

As contagens populacionais se baseavam na freguesia, que era base de referência da vida colonial, contando-se ‘almas’ e não pessoas. Freguesia era determinada como povoação, sob o aspecto eclesiástico, o conjunto dos paroquianos (DIÉGUES JR, 1948).

Curioso, também, em relação a esse tema, é que as terras pertenciam à Ordem de Cristo, em seu vínculo com a igreja, e não à Coroa portuguesa, o que impediu maior elasticidade à formação dos núcleos administrativos do território, pelo fato de as vilas só poderem ter vida administrativa depois de emancipar a terra, ou seja, comprá-la a seu dono, isto é, à igreja. Até hoje encontramos, em Alagoas, terras com essas características, denominadas Terra Santa (DIÉGUES JR, 1948). Santana complementa, afirmando:

As primeiras vilas brasileiras surgiram seguindo os princípios da urbe medieval. Organizaram-se em torno das igrejas, posteriormente denominadas paróquias, e a terra era propriedade de Deus. Assim, a administração da vida terrena cabia a seus representantes, conciliados com o Estado. Surgia, assim, a cidade cristã, tendo como base [...] a união entre o Estado, detentor do poder, e a Igreja, que protegia e educava (SANTANA, 2002, p. 36).

Observa-se que a povoação já existia antes da fundação da Irmandade do Santíssimo Sacramento, pois já cumpria a função de igreja Matriz reconhecida pela Coroa portuguesa. O registro que está agregado às Notas Acerca da Creação das Freguesias da Província das Alagoas, onde o Dr. Olympio Galvão busca elucidar desencontros de datas publicadas, é esclarecido em relação à importância eclesiástica e política no contexto colonizador:

Quanto à Pióca está publicado alhures que creou-a o alvará de 22 de janeiro de 1795. Entretanto é digno de reparar-se nas datas do compromisso impresso da irmandade respectiva do SS.SS, irmandade que, sabemos, só se institue nas capellas-matrizes. Lê-se ahi que a pia corporação teve princípio em 19 de dezembro de 1778; regulou-se o compromisso em 1º de novembro de 1779. Em 16 de abril de 1782 pediu-se a confirmação régia e esta, assignada pela rainha D. Maria I, baixou com a provisão de 17 de setembro de 1785 (GALVÃO apud TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007, p. 21).

Há também registros de documentos alegando que o povoado obteve a condição de Vila no último quartel do século XIX, por um curto período de tempo.

Nossa Senhora do Ó, de Santo Antônio do Meirim de Ipióca. Criada no regime colonial, a 22 de janeiro de 1725 foi elevada a Vila pela Lei Provincial N.º40, de 10 de julho de 1880, gozando pouco tempo dessa prerrogativa, pois a 22 de junho de 1882 a suprimiu o decreto n.º 869 (PEIXOTO, Ministério da Educação apud TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007, p. 21).

Em trecho encontrado na obra do historiador Craveiro Costa (1981), durante o período de escravidão, Ipioca atingiu alto índice de desenvolvimento, superando o próspero porto de Maceió, pois, segundo mapas estatísticos de 1847, organizados pelo Chefe de polícia Dr. João Paulo de Miranda, registrou-se uma população livre de 6.726 e 3.205 escravos. Em 1870 a freguesia de Ipioca contava 56 engenhos de açúcar e uma população de 13.994 pessoas das quais 3.326 eram escravos.

Constata-se assim a prosperidade da região, composta de aristocratas rurais, plantadores de cana, fabricantes de açúcar bruto e criadores de gado.

É notável o uso dos escravos como força motriz do desenvolvimento econômico dessa localidade, inclusive as referências consultadas atestam quantificações da presença de negros nessa freguesia e adjacências. Porém, não foi possível investigar referências históricas mais precisas a respeito da relação da escravidão enquanto mantenedora da mão de obra mestra da economia açucareira e o desenvolvimento econômico de Ipioca, constata-se que a relação existente foi determinante nesse progresso, pois autorizou Craveiro Costa (1981) a dizer: “[...] Extinta a escravidão, Pióca decaiu tanto do seu fastígio e da sua prosperidade, que chegou a perder a autonomia eclesiástica”.

É possível observar também a força do regime de escravidão como impulsionador do desenvolvimento do local em texto do jornalista Leonam Oiuará, escrita para o Jornal Tribuna de Alagoas, na década de 80, justificando que apesar do choque abolicionista e do início do novo regime trabalhista cujo trabalho do homem passou a ser remunerado, a freguesia conseguiu se recuperar, devido à vocação agrícola e vasta área territorial, compreendendo desde a ponte de Jacarecica, Riacho Doce, Pescaria, Saúde até o Rio Sauaçuhy representando o limite de Paripueira. Para o interior abrange Cachoeira do Meirim, fazendo fronteira com os municípios de Fleixeiros e Barra de Santo Antônio. A prosperidade adquirida no início do século XX garantiu a integridade territorial, além de também ter sido transformado em Distrito, sendo batizado com o nome do seu filho mais ilustre, o marechal Floriano Vieira Peixoto (TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007).

O algodão foi uma atividade agrícola que beneficiou Ipioca por cerca de 30 anos, no começo do século XX, e talvez possa ser chamada de época de ouro do lugar, pois é referência constante na fala de antigos moradores. A vida econômica e social girava em torno da fábrica de tecidos de Saúde, localizada à margem do rio do mesmo nome, a poucos quilômetros do povoado. Seu fechamento, em 1983, gerou alto nível de desemprego para os moradores de Ipioca, que não tinham outra opção de trabalho na região. Um antigo pescador relata o aumento das dificuldades daquela época e enfatiza uma simultaneidade entre o fechamento da fábrica e o desaparecimento dos peixes (RIBEIRO, 2011).

A cal também gerou renda para essa localidade. Forneceu esse produto para várias partes do Estado, até que a retirada excessiva resultou em erosão e o

governo proibiu a exploração em torno da década de 70. Ao longo das três últimas décadas, Ipioca perdeu a fábrica têxtil da Saúde e os antigos engenhos foram absorvidos pela Usina Cachoeira do Meirim, pertencente ao Grupo Carlos Lyra. Sem opções de emprego, e um crescente uso do bairro como 'localidade dormitório', a população residente ficou dependendo da pesca até surgir a opção de turística de veraneio como uma nova potencialidade devido aos hotéis instalados na região ao final da década de 90 (ROLEMBERG, 1996).

Os vários sítios que existiam, pertencentes às famílias antigas do lugar ou a moradores de Maceió, se concentravam na parte baixa. Alguns moradores antigos foram trabalhadores rurais desses sítios, nos quais a plantação predominante era de coqueiros e cajueiros, tendo esse cultivo sido abundante e promovido o fabrico artesanal do doce de caju, o que até hoje caracteriza a região.

Esse tipo de fabrico era constante nas casas grandes de engenho, criando quase uma arte culinária no Brasil, como constatado:

Com o uso do açúcar as frutas regionais foram aproveitadas de modo excepcional no fabrico de doces secos, como o de caju, o de banana, o de jenipapo, ou em calda, como ainda o de caju, o de mangaba, o de mamão, o de goiaba, o de jaca. Do cajueiro então aproveita-se quase tudo nas casas grandes; não só se fazem os doces secos ou em calda senão também fabricam o vinho ou licor de caju e a castanha assada ou confeitada. Aquela árvore tão indigenamente nossa tem os seus produtos como excelentes elementos para a culinária regional. E ainda hoje um bom pernambucano ou um bom alagoano não o será completo se não for um bom consumidor de doce de caju, só ou com cachaça. Não cabe aqui o elogio do cajueiro, se não no que se relaciona com a sua colaboração à doçaria do Nordeste; mas é inegável que nenhuma fruta tem mais sabor regional, mais particularmente nos toca, que aquela que o cajueiro nos dá (DIÉGUES JR., 2006, p. 81).

Segundo Ribeiro (2011), as mulheres envolvidas na atividade, do fabrico de doce de caju em Ipioca, contam as mudanças acentuadas ocorridas desde os tempos de suas mães e avós, com quem aprenderam essa arte. Os cuidados, na escolha do caju, na forma de fazer, nos materiais que usavam (de bronze), foram se perdendo a cada geração. Hoje, dizem, que tudo mudou, fazem de qualquer jeito, não tem a qualidade dos doces de outrora. Queixam-se também que as filhas não sabem e nem se interessam em aprender a fazer, por ser um trabalho duro, horas e horas no calor do fogão a lenha por isso os jovens não querem esse trabalho.

A produção atualmente diminuiu muito, segundo algumas doceiras, pela escassez do produto, outras dizem que também o consumo diminuiu, "pois hoje as

peças não comem mais açúcar como antes”. Para manter a pequena produção, compram caju, proveniente outros lugares. Antes, dizem, “nem precisava comprar, era buscar nos sítios, pois os donos não se importavam de tanto que dava” (RIBEIRO, 2011).

Em Ipioca, a origem do saber-fazer doces de caju não é conhecida, mas supõe-se que haja relação com as escravas dos antigos engenhos de açúcar da região. À época da escravidão, quando havia engenhos em Ipioca, havia também açúcar e mão-de-obra escrava abundante, conforme visto no histórico, com a abolição da escravatura, o povoado entrou em decadência. Além disso, como o cajueiro é uma planta nativa do nordeste brasileiro, havia a abundância dele na região.

Unindo-se a abundância de caju, açúcar e mão-de-obra escrava, é de se acreditar que foi daí que potencializou-se o fabrico de doces na região. A partir dessa época, o saber-fazer foi sendo transmitido através das várias gerações, permanecendo até os dias atuais.

Em anos recentes, muitos cajueiros foram derrubados, os sítios foram vendidos, alguns foram loteados, outros se transformaram em clubes de associações, como o do Banco do Brasil, o dos plantadores de cana, etc., e mais dois hotéis, poucas propriedades permaneceram com seus antigos donos.

Grande parte da área é ocupada por sítios de coco e fruteiras diversas como goiabeiras, cajueiros, sapotizeiros, mangueiras, etc., e residências de média e baixa classe. Atualmente, as edificações situadas na planície litorânea são, em maioria, casas de veraneio. As implantadas na parte alta, ou tabuleiros, abrigam a população nativa, onde a maior parte dela vive e desenvolve as atividades econômicas na própria região. Sem opção de trabalho fixo, os moradores sobrevivem pescando, tirando coco ou vendendo frutas e pescados na beira da estrada (Ver figura 13) (NOGUEIRA, 2007).

Atualmente a rodovia AL-101 Norte, em demanda a Paripueira e outras cidades, atravessa o bairro (Ver figuras 14 e 15), dividindo-o em duas partes principais, uma parte baixa, margeada pelo oceano (Ver figura 16) e outra alta, elevada na topografia (Ver figura 17).

Figura 13 - Comércio de lagosta na beira da estrada.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 14 - AL-101 Norte percorrendo a parte baixa.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 15 - Panorâmica da AL-101 Norte percorrendo a parte baixa.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 16 - Parte baixa de Ipioca banhada pelo mar.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 17 - Vista panorâmica da parte alta de Ipioca – o Alto de Ipioca.



Fonte: Autora, 2013.

A primeira, banhada pelo Oceano Atlântico é utilizada na maior parte como lugar de veraneio, possuindo ruas transversais, em sua maioria sem asfalto. A segunda, conhecida como o Alto de Ipioca, continua com a mesma configuração urbana de antigamente, com casas mais antigas, a igreja de Nossa Senhora do Ó, a praça central (Ver figura 18) com o busto (Ver figura 19) do ilustre Floriano Peixoto.

Figura 18 - Praça Marechal Floriano Peixoto.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 19 - Busto em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto.



Fonte: Autora, 2012.

O Alto de Ipioca é onde se concentra a maior parcela da população permanente. Do Alto, os moradores avistam (Ver figuras 20 e 21) as mansões à beira-mar, a bela vista para a praia e uma área de casas de moradores residentes no bairro.

Figura 20 - Paisagem vista do mirante.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 21 - Paisagem panorâmica vista do mirante.



Fonte: Autora, 2013.

Em termos gerais, Ipioca caracteriza-se por ser um balneário pertencente ao litoral norte, com o desenvolvimento voltado para o veraneio desde a década de 1970, não possuindo um planejamento que gerisse a implantação de loteamentos, com restrições a ocupação em áreas não edificantes pertencentes ao Estado e ao domínio da União. As edificações foram construídas sobre dunas frontais ou bermas, como são denominadas as áreas de interação entre ambientes marinhos e costeiros, a qual é específica para a reposição da praia. Dessa forma, a erosão tornou-se acelerada, a área recreativa reduzida, ocorrendo dificuldades de acesso e descaracterização paisagística vultosa. Outro problema identificado é o trânsito de veículos na praia, não só trazendo riscos para as pessoas, como danos ambientais (AZEVEDO NETO, 2008).

A praia de Ipioca (Ver figura 22) é sempre mostrada como um paraíso bucólico. Ao chegar nela, no entanto, não é possível percebê-la como um todo, pois não é fácil avistar os morros da parte alta, devido, especialmente, às casas de praia.

Figura 22 - Praia de Ipioca.



Fonte: Autora, 2013.

As informações turísticas voltadas para o bairro evidenciam suas belezas naturais, citando, rapidamente, o nascimento do Marechal Floriano Peixoto no local, como pode ser visto nessa publicação em Guia turístico de Alagoas (ver figura 23) onde a imagem de fundo se constitui na praia de Ipioca repleta de coqueiros e vegetação remanescente.

Figura 23 - Publicação sobre Ipioca em Guia de informações turísticas.



Fonte: MORONE, 2003.

Ainda sobre a configuração espacial da praia de Ipioca, ao longo de uma grande faixa, há poucos espaços vagos que permitem o acesso e vista. Paralelo a isso, corre também o rio Lancha (Ver figura 24) que corta a parte baixa do povoado, tendo as margens cobertas de mangue, desaguando no oceano próximo a uma ponta natural e numa área livre de casas (Ver figura 25).

Figura 24 - Rio Lancha cortando parte baixa.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 25 - Rio Lancha visto da praia de Ipioca.



Fonte: Autora, 2013.

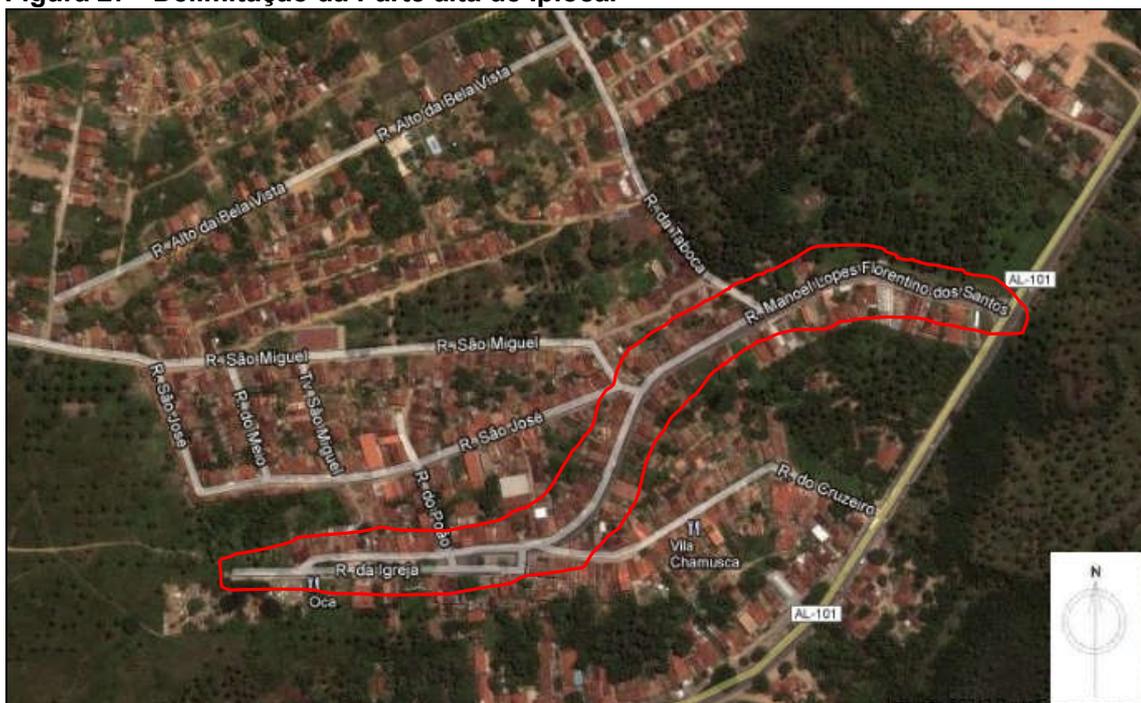
O bairro divide-se claramente em duas seções: Parte baixa (Ver figura 26), que compreende a área da praia onde estão situadas as casas de veraneio e a parcela de casas situadas ao longo da rodovia AL-101 Norte; Parte alta (Ver figura 27), englobando o percurso do subir a ladeira, até toda a região influente da Praça Marechal Floriano Peixoto.

Figura 26 - Delimitação da Parte baixa de Ipioca.



Fonte: Google Maps adaptado pela autora, 2013.

Figura 27 - Delimitação da Parte alta de Ipioca.



Fonte: Google Maps adaptado pela autora, 2013.

Durante os dias úteis e meses que não englobam férias de verão, a área da praia de Ipioca encontra-se praticamente deserta, pois é essencialmente um lugar de veraneio e fins de semana. A própria praia é bastante calma durante esses dias, havendo mudanças ao chegar o final de semana, quando é ocupada não só pelas pessoas que saem de Maceió para as casas de praia, mas também pelos moradores do Alto de Ipioca. A principal característica dessa área é a sazonalidade, criando assim um contraste entre períodos de grande animação social com espaços de aparente deserção, que conferem à mesma, nesses momentos, um aspecto de abandono e excessiva calma.

Antes mesmo de ascender pelo acesso da Rua Manoel Lopes Florentino dos Santos, possível visualizar da AL-101 Norte, uma placa (Ver figura 28) nomeando o bairro como local de nascimento do Marechal Floriano Peixoto indicando assim uma identidade e memória histórica do local ancorada na figura do Marechal.

Ao acessar o ápice do Alto de Ipioca ou do Alto da Bela Vista pela conhecida Ladeira do Alto (Ver figura 29), atual Rua Manoel Lopes Florentino dos Santos, a primeira imagem encontrada é a lateral esquerda da igreja Nossa Senhora do Ó (Ver figura 30) e logo a seguir, o conjunto que forma a Praça Marechal Floriano Peixoto, que possui uma elevada base em alvenaria, encimada pelo busto em bronze em sua

homenagem, corresponde a um ponto inicial para a exploração dessa área, de onde partem todos os sentidos de ligação com o restante dessa cota topográfica do bairro. É onde também está instalado o Cemitério Municipal (Ver figura 31), nomeado em homenagem a Nossa Senhora do Ó.

Figura 28 - Placa indicando nascimento do Marechal Floriano Peixoto.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 29 - Ladeira para acesso ao Alto de Ipioca.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 30 - Fachada Lateral esquerda da igreja.



Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

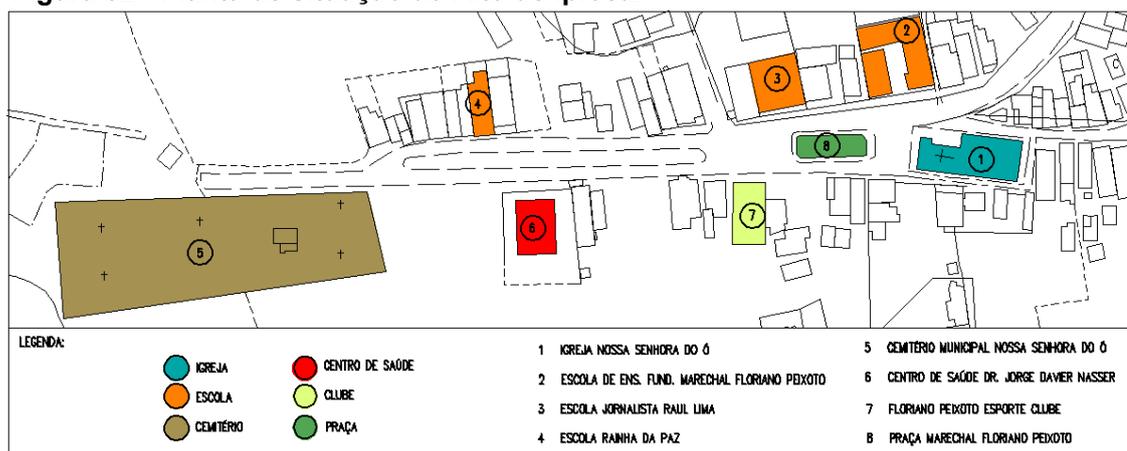
Figura 31 - Cemitério Nossa Senhora do Ó.



Fonte: Autora, 2012.

Além das referências citadas, pode-se visualizar a distribuição de outras edificações significativas no contexto sócio-cultural da localidade ao longo desse entorno (Ver figura 32), como a mais antiga sede educacional – a Escola de Ensino Fundamental Marechal Floriano Peixoto (Ver figura 33), fundada em 1949, a sede do Floriano Peixoto Esporte Clube (Ver figura 34), associação esportiva fundada em 1940 e a Escola Estadual Jornalista Raul Lima (Ver figura 35) um pouco mais adiante, fundada no ano de 1987.

Figura 32 - Planta de situação do Alto de Ipioca.



Fonte: SEMED adaptado pela autora, 2013.

Figura 33 - Escola de Ensino Fundamental Marechal Floriano Peixoto.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 34 - Floriano Peixoto Esporte Clube.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 35 - Escola Estadual Jornalista Raul Lima.



Fonte: Autora, 2012.

Nota-se também, o crescente número de pontos comerciais de pequeno porte no local e a recente instalação de dois restaurantes: o Oca (Ver figura 36) e o Vila Chamusca (Ver figura 37), atraindo vários frequentadores não residentes no local, localizando-se o último no entorno posterior à igreja.

Figura 36 - Restaurante Oca, localizado na Praça Marechal Floriano Peixoto.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 37 - Restaurante Vila Chamusca.



Fonte: Autora, 2012.

Na percepção do Alto de Ipioca em seu núcleo central, a igreja Nossa Senhora do Ó possui uma presença marcante na paisagem (Ver figura 38), tanto hoje como deveria ser a época de sua implantação, ainda no século XVIII, sendo vista a partir da praia pelos que chegavam do mar.

Figura 38 - Vista da Igreja na parte baixa de Ipioca (Loteamento Ipiópolis / vizinho ao Hotel Salinas de Maceió Beach Resort).



Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

Enquanto sua permanência física se impõe na paisagem, por outro lado sua relação urbana enquanto lugar de rito, que costumava agregar a população das povoações ao seu redor, parece ter se diluído, pois atualmente a mesma se encontra permanentemente fechada, com exceção da realização de missas aos domingos de manhã, segundo relato de moradores do bairro e observações pessoais durante as pesquisas. Acredita-se que se deva ao fato da diluição da igreja como local de rito, o que resulta por se rebater na retenção de valores culturais (imateriais), pois qualquer atividade imaterial depende de um espaço físico para ser mantida.

O cemitério de Ipioca, Nossa Senhora do Ó, também aparece em um lugar de destaque na paisagem. Ao invés de ser um lugar excluído, está situado justamente em uma das áreas mais valorizadas, de fácil acesso, sendo muito visitado por turistas atraídos pelo contraste entre a imagem dos túmulos contornada pela bela vista para o mar (Ver figura 39). É também frequentado pela população residente para veneração afetiva de entes finados.

Figura 39 - Contraste entre túmulos e paisagem ao fundo.



Fonte: Autora, 2012.

Um outro elemento que merece destaque na valorização da paisagem de Ipioca, especificamente na parte alta, é o Mirante (Ver figuras 40 e 41), por possuir um marco em forma de obelisco, demarcando o suposto local de nascimento do Marechal Floriano Peixoto. O local constitui-se no espaço de maior concentração de pessoas desse entorno da praça pelo atrativo das vistas paisagísticas e por sediar a parada de ônibus terminal do bairro.

Provavelmente na gestão do prefeito Sandoval Caju veio a receber uma maior atenção em termos de segurança para a prática da contemplação da paisagem, depois da construção de um guarda-corpo com elementos verticais, também em alvenaria armada. Essa suposição dá-se devido ao fato do formato do guarda-corpo do mirante ser similar aos encontrados na Ladeira da Catedral e em outros no bairro do Farol (TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007).

Figura 40 - Mirante.



Fonte: Autora, 2012.

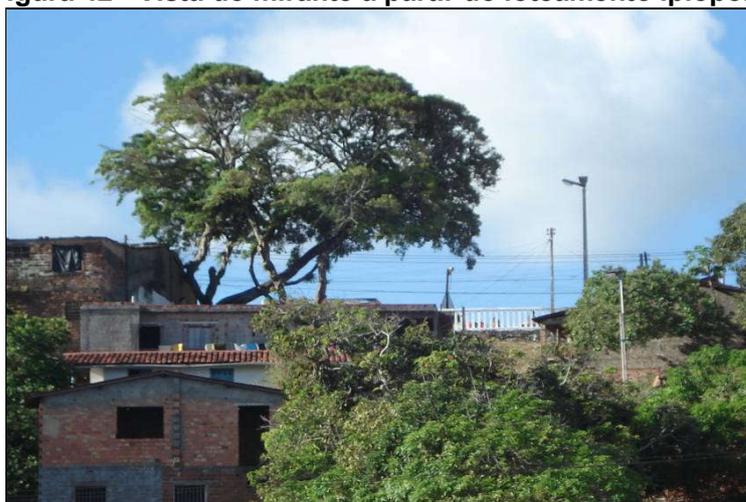
Figura 41 - Detalhe Marco em forma de obelisco.



Fonte: Autora, 2012.

O guarda-corpo, que delimita o atual, Mirante constitui-se em um elemento visual que marca a paisagem do Alto de Ipioca, podendo ser visualizado de alguns pontos topograficamente inferiores (Ver figura 42), a partir da escadaria que dá acesso à praia, e na extensão desta direção que alcança a Rodovia. No geral, visto de outros pontos da parte baixa (Ver figura 43), já não é possível visualizá-lo.

Figura 42 - Vista do mirante a partir do loteamento Ipiópolis.



Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

Figura 43 - Vista panorâmica a partir da parte baixa para o mirante, com indicação do mesmo.



Fonte: Autora, 2013.

Com efeito, o guarda-corpo do mirante resguarda toda a área no limite de declividade da cota mais elevada e proporciona proteção para o deleite da exuberante paisagem oceânica, circundada pela vastidão de coqueirais, já parcialmente modificada pelo incremento de construções de edifícios de uso residencial ao longo da barreira, casas e condomínios de veraneio na área do Loteamento, bem como hotéis padrão *resorts*, como é o caso do Salinas de Maceió Beach Resort, que compreende uma área de lazer de 2.600m² e o condomínio Angra de Ipioca (Ver figuras 44 a 46).

Figura 44 - Vista do Mirante vendo-se em primeiro plano uma construção adjacente na cota inferior e parte do condomínio Angra de Ipioca e o Salinas de Maceió Beach Resort à beira –mar.



Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

Figura 45 - Vista do Mirante vendo-se em primeiro plano as construções adjacentes na cota inferior.



Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

Figura 46 - Vista do Mirante com as interferências em primeiro plano das construções quase que contíguas a ele na cota inferior.



Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

Conforme já ressaltado, o local do Mirante de Ipioca, além de ser um ponto de concentração espontânea da população local, abriga também uma parada de ônibus, o que tem contado para a constante permanência de pessoas ao longo dos dias e noites, até bem tarde. O tráfego de veículos (Ver figura 47) no local, apesar de não ser intenso, apresenta uma regular frequência de passagem de ônibus vindos de vários trajetos de Maceió, gerando grande impacto e potencializando ameaças à estabilidade do prédio da igreja.

Figura 47 – Tráfego de veículos próximo à igreja.

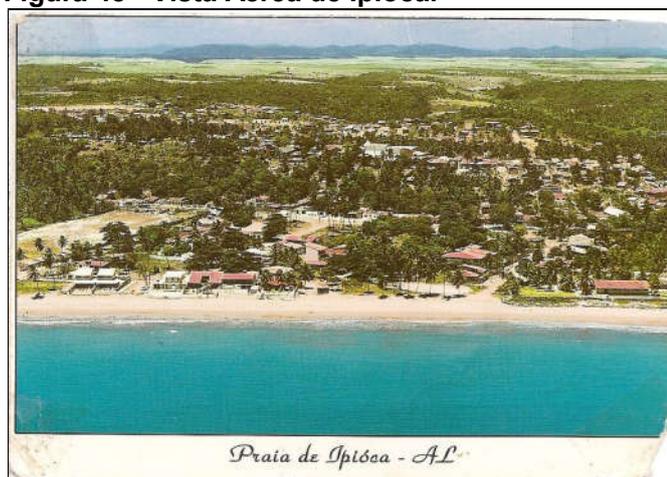


Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

Analisando a paisagem enquanto configuração de local pouco explorado, é visto que a vegetação predominante coexiste com as edificações instaladas. Na área em estudo, podemos encontrar formações de manguezais, que se distribuem ao longo da costa de Ipioca, associado à vegetação de restinga e de praia. O conjunto desses elementos confere ao bairro, sem dúvida, características paisagísticas únicas, propícias ao turismo que ainda é incipiente, se comparado a outros balneários próximos, como Paripueira (AZEVEDO NETO, 2008).

Apesar de uma aparente fragmentação em Ipioca, o natural está presente em todas as partes, mas de maneiras distintas. Na frente está o mar que atrai até mesmo aqueles que a conhecem apenas de nome. A figura do mar azul, com outro mar de coqueiros ao fundo (Ver figura 48) é a Ipioca do veraneio.

Figura 48 - Vista Aérea de Ipioca.



Fonte: Cartão Postal. Litoarte. Caxias do Sul. RGS. Distribuição: Assistel Turismo. Maceió, sem data.

Sua imagem pouco se diferencia das demais praias que a circundam. Entretanto, outros elementos naturais aparecem na paisagem de Ipioca como o rio Lancha¹¹, que drena a parte baixa do povoado, sendo pouco mencionado apesar de correr paralelo ao mar e possuir margens cobertas de mangue.

1.2 Conceito de 'lugar' discutido em Ipioca

É dito e percebe-se que o tempo em Ipioca parece ter outro ritmo, apesar da pouca distância do centro de Maceió, os poucos quilômetros que o distanciam há 30 anos equivalia a uma distância considerável pela precariedade da estrada e dificuldade de transporte. “Era uma viagem à Ipioca, levavam-se muitas horas para chegar a Maceió” contam os antigos moradores. Hoje, até a sua identificação é urbana, não ocorrendo encurtamento da distância, mas sim do tempo de deslocamento (RIBEIRO, 2011).

Acerca da transformação do tempo no mundo contemporâneo, Carlos (1996) reflete:

[...] o tempo se transforma, comprimindo-se. O tempo do percurso é outro, compactou-se de modo impressionante, mas as distâncias (a serem percorridas) continuam [...]. O que presenciamos, hoje, é a tendência à eliminação do tempo. Na realidade, não se trata de sua abolição total – o que seria ingênuo afirmar – mas de sua substancial diminuição, como consequência do espantoso desenvolvimento da ciência e da tecnologia aplicados ao processo produtivo (CARLOS, 1996, p. 14).

Sabe-se bem que a globalização materializa-se no lugar onde se vive e se realiza o cotidiano. A sociedade urbana, hoje, apresenta uma tendência à homogeneização ao mesmo tempo em que permite a diferenciação. Inicia-se nesse ponto a análise do lugar na dimensão do processo de produção do espaço que também é um processo de reprodução da vida humana (CARLOS, 1996).

Ainda segundo Carlos (1996), o lugar guarda em si o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar

¹¹ Entretanto, o Rio Lancha, antes da implantação do sistema de água encanada, na década de 1960, era frequentado em um ponto próximo à AL-101 Norte, denominado 'Boca da Lancha', onde as pessoas iam latas vazias abastecer-se de água para uso doméstico. As latas depois de cheias eram carregadas na cabeça ou em carrinhos de mão. Também os mangues, eram bem frequentados por meninos que arrumavam 'ratoeiras' feitas por eles próprios com latas de óleo de cozinha e tiras de borracha para capturar caranguejos, sobretudo nos dias de Lua Nova.

se produz no contrassenso entre o mundial e a especificidade histórica do particular, sendo o lugar esse ponto de articulação entre ambos.

Conclui-se que a realidade no mundo moderno se reproduz em diferentes níveis. No lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem eliminar as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos (CARLOS, 1996).

No tocante ainda à percepção do tempo em Ipioca, a sensação do transcurso do tempo no local, ainda parece diferenciado em relação à Maceió. Em reflexões sobre A Cidade, de Carlos (1997), ao pensar a discussão sobre a noção de cidade apoiada na sua aparência, tem como ponto de partida a construção de uma imagem que as pessoas fazem da cidade.

A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro, quase desaparecem; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui – as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; árvores são destruídas, praças transformadas em concreto. Todavia o mesmo modo de vida urbano que expulsa das ruas as brincadeiras infantis, aprisionando crianças e adolescentes, produz o seu inverso, e joga nas ruas centrais da cidade ou nos cruzamentos de alta densidade de crianças vendendo coisas ou roubando (CARLOS, 1997, p. 19).

A cidade aparece enquanto conjunto numérico. É concentração de casas, seres humanos transformados em massa disforme sem identidade, personalidade, necessidades, desejos. As relações ocorrem através da mediação do dinheiro. A cidade continua crescendo, atraindo pessoas, aspirando trabalho, separando indivíduos, gerando conflitos, criando preconceitos. O isolamento na grande metrópole causa uma sensação de se estar sozinho no meio da multidão (CARLOS, 1997).

Por outro lado, é muito interessante observar a configuração de cada bairro de Maceió e perceber que apesar de pertencerem à mesma cidade, possuem características individuais que tornam cada bairro único. Em alguns deles, as características aparecem com maior clareza, sendo os que não sofreram muita alteração desde a época de sua criação.

Porém, outros bairros se apresentam de forma mais discreta necessitando de um maior estudo para que suas características possam ser reconhecidas, diferenciando-os e identificando-os. Isso ocorre devido à constante modificação

sofrida pelos bairros para que se enquadrem nos requisitos necessários à urbanização, perdendo assim a individualidade e essência.

É lógico que a cidade deve evoluir e como consequência provoca uma modificação na configuração dos bairros. Porém, os elementos que caracterizam essas regiões isoladamente devem estar bastante legíveis na memória da comunidade para que esta não perca sua referência dentro daquele local mantendo assim um vínculo para com esse, dentro da cidade.

Essas peculiaridades que demonstram a importância de cada bairro para a cultura da cidade pode ser denominada de identidade e está diretamente relacionada ao que a comunidade mantém em sua memória e entende como referência. Essa identidade faz parte do patrimônio da cidade que pode se apresentar de forma tangível ou intangível podendo ser identificado como patrimônio material e imaterial. O de natureza material (ou tangível) inclui as paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Já os bens imateriais (ou intangíveis) estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas e ao modo de ser das pessoas (BRAYNER, 2007).

Em suma, o patrimônio de uma cidade é tudo aquilo que é considerado valioso, que possui importância cultural e histórica e que deve ser preservado para manter a identidade de um determinado local e grupo que o habita, devendo ter valor para o cidadão integrante da comunidade, despertando um sentimento de pertencimento e reconhecimento.

Por outro lado, os habitantes parecem perder na cidade suas próprias referências. A imagem de uma grande cidade hoje é tão mutante que se assemelha à de um grande guindaste, aliás, a presença maciça destes, das britadeiras, das betoneiras nos dão o limite do processo de transformação diária ao qual está submetida a cidade [...] A relação das pessoas -mediada pelo dinheiro- passa pela relação das coisas [...] O andar apressado, o olhar distante e frio, um único pensamento: chegar depressa em algum lugar. São os papéis que assumimos ou nos são impostos pela sociedade urbana hoje (CARLOS, 1997, p. 19).

Santos (1996) explica a globalização por meio da relação da ordem global e local. A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade, afirmando que os lugares respondem ao mundo, segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. Essa ordem serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistemas. A ordem local é associada a

uma população contígua de objetos, reunidos pelo território e como território regido pela interação.

Segundo Carlos (1996), a história particular de cada lugar vai se construindo e se impondo em função da cultura, tradição, língua e hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história. “O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”, explica Carlos (1996, p. 17). A autora cita ainda a cidade como produzida e revelada no plano local da vida e do indivíduo e que as relações que a pessoa mantém com os espaços habitados se exprimem diariamente nos modos de uso, sendo também o espaço passível a ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

É percebido, em contrapartida, que a modernidade possibilita a globalização por meio das técnicas, da produção, do consumo, criando modas, exigindo competitividade, concorrência e cada vez mais modernização. Por outro lado essas exigências levam muitos lugares e pessoas a ficarem à margem. Deve haver uma luta interna para o local não perder suas especificidades, entre o estar dentro de um padrão comportamental e manter suas referências locais (CORIOLANO, 1998).

Carlos (1997) afirma que é raro emergirem associações vinculadas a sentimentos e emoções que permeiam as relações humanas. A forma domina, predomina, esmaga os seres humanos como as grandes construções religiosas. A autora relata, ainda, que os seres humanos são transformados em massa disforme, sem personalidade, sem necessidades. As relações tornam-se coisificadas. É importante ressaltar que em um mundo cada vez mais globalizado e de relações efêmeras o sentimento de inclusão e de identificação de um local como seu no mundo ganha crescente importância e esse pode ser ativado por meio da salvaguarda e reconhecimento do patrimônio cultural de um local por mantê-lo como referência para o indivíduo.

Percebe-se que é cada vez mais raro presenciar sentimentos bairristas por, em alguns casos, ou talvez na maioria deles, não haver uma relação mais pessoal do indivíduo com o local onde reside. É importante extrair do cidadão o que o faz morar naquele determinado local? Quais os benefícios encontrados? Quais os elementos que o diferencia? Em um mundo cada vez mais globalizado esse sentimento do individual ganha uma crescente importância e deve ser explorado e preservado para que seja mantida a história de cada bairro e assim possibilite uma leitura mais legível da história da cidade.

O componente que se destaca ao se observar a cidade é a diferença entre os modos de vida, de morar, de se apropriar dos terrenos. Os contrastes podem chocar.

O colorido diferenciando-se em função dos bairros da cidade; ora é cinza (do concreto), passando pelo vermelho (duas ruas sem asfalto, das vertentes desnudadas sem cuidado) até o verde das ruas arborizadas. Há também o plano do sítio urbano ora ordenado (seja dos bairros cujo desenho lembra um plano quadrangular ou radiocêntrico em torno e a partir de uma praça) ou desordenado, como é chamado pelos geógrafos o traçado onde as ruas se seguem sem um desenho coerente, onde os becos se multiplicam e fazem o motorista desatento, perder-se em um labirinto (CARLOS, 1997, p. 22).

Quanto a heterogeneidade entre modos de vida, costumes identificados como conversas nas calçadas de casa, encontros coletivos na praça, beber nos botequins, entre outros, percebe-se que são costumes locais analisados com a visão da cultura moderna de produtividade, identificam-se, segundo Coriolano (1998), com a ideia preconceituosa de atraso e indolência. O que, na verdade para eles, os valores são outros, eles têm os próprios critérios de felicidade e bem-estar. Não se pode negar que existe um quadro de carência nesse tipo de comunidade, mas que é relativo. Torna-se maior o atraso quando o observador toma como modelo a sociedade de consumo indutora de luxo e supérfluo.

É evidente que os bairros se diferenciam também pelo movimento de frequência nas ruas. Nos chamados bairros nobres, onde reside a população de alta renda, as ruas são vazias. Nos bairros populares- com população de baixo poder aquisitivo – a rua é quase uma extensão da casa. O uso diferenciado da cidade demonstra que esse espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória. A desigualdade espacial é produto da desigualdade social. A cidade aparece como produto apropriado de diferentes formas pelos cidadãos (CARLOS, 1997).

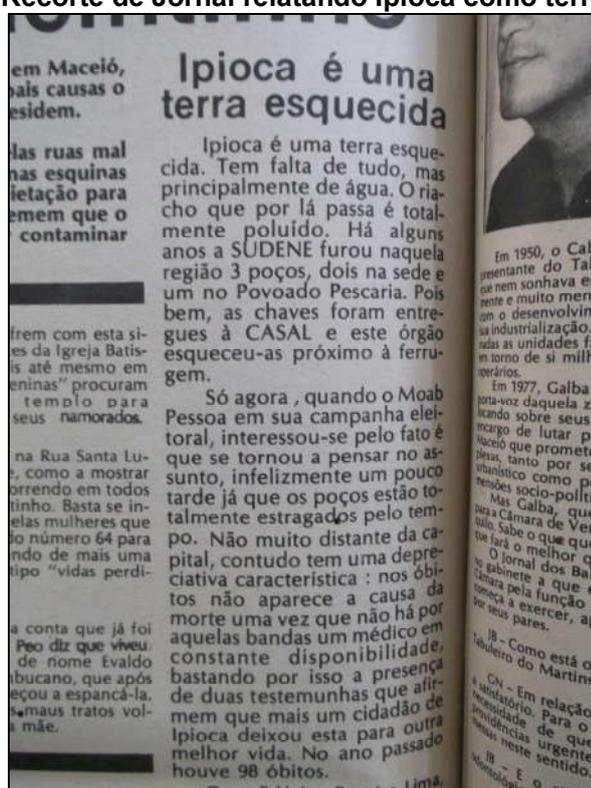
Ipioca está contida na cidade de Maceió, mas não acompanhou o processo industrial no modo de vida urbano, mantém um ritmo diferenciado, o ritmo dos bairros populares cuja população de baixo poder aquisitivo usufrui da rua como uma extensão de sua casa. Isso na sua parte alta e em faixa lateral que margeia a rodovia AL-101 Norte. Numa sociedade que perde as referências, Ipioca mantém o singelo cotidiano, pois os vizinhos se conhecem pelo nome, ficam ainda, em várias

horas do dia e noite, próximos a conversar ao pé do cruzeiro da igreja, na praça, no mirante, nas calçadas ou até no peitoril das portas e janelas.

A especulação imobiliária se intensificou a partir de 2004, mas, mesmo com a chegada de hotéis e *resorts*, Ipioca não perdeu sua identidade e ainda mantém referências datadas da época de sua criação.

A permanência em um ritmo diferenciado resulta em uma marginalização de uma dinâmica de renovação urbana. Foi constatado já em matérias jornalísticas datadas de 1977 e 1978, o esquecimento administrativo desse bairro (Ver figuras 49 a 51).

Figura 49 - Recorte de Jornal relatando Ipioca como terra esquecida.



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS. **Ipioca é uma terra esquecida.** Maceió, 13 mar. 1977. n. 62. ano LXVIII. p. 4.

Figura 50 - Recorte de Jornal relatando Ipioca como abandonada.

Ipioca, terra de Floriano, vive o drama do abandono

Ipioca, terra de Floriano Peixoto e um dos Distritos maceioenses mais densamente habitados — mais de 10 mil habitantes — seria um dos pontos da inigualável riqueza turística caso a Ematur ou as autoridades municipais já tivessem descoberto o potencial que ele representa. Ao invés disto os órgãos do Governo fazem vistas grossas e ainda respondem com indiferença aos clamores populares para atendimento das necessidades básicas, as mais elementares para a sobrevivência humana.

A denúncia é dos próprios moradores que alegam já estarem fartos de promessas sem cumprimento e que só aparecem em época de campanha eleitoral. O melhor mesmo, para eles, era que ao invés de promessas, os políticos apresentassem um posto médico, um telefone público, uma caixa de coleta dos Correios e Telégrafos ou serviços congêneres, que consistem o essencial em qualquer centro urbano.

URBANIZAÇÃO

Entre outras providências de caráter de urgência, Ipioca precisa de urbanização em suas ruas, de maneira a melhor receber os visitantes e uma reforma completa na única Praça Pública local igualmente, de conservação de seus monumentos e peças históricas.

Boa parte dos habitantes de Ipioca é constituída de pescadores e tiradores de coco. Alguns são comerciantes e os demais se distribuem entre as profissões de nível técnico e primário. Na quase totalidade, o poder aquisitivo é dos menores do Estado.

Distante apenas 18 quilômetros de Maceió, Ipioca possui uma Igreja histórica, entre outros prédios antigos, e várias fontes produtoras de cal como principais riquezas, além do mar, que fornece alimentação e sustento para várias famílias. A população é constituída de gente humilde, mas suficientemente preparada para reprimir políticos prometedores, conforme se deduz dos comentários.

ENERGIA

Como se não bastassem os múltiplos problemas, a queda de fornecimento energético vem se tornando uma constante, sem falar na iluminação pública que há muito foi abolida. Motorista de táxi não aceita levar passageiro para lá "para não ser assaltado" ou "por causa da burocracia".

A falta de ambulância é outra deficiência reclamada pelos Ipiocenses, pois os doentes têm de se deslocar até a pista asfáltica e apelar para carros ou esperar pelo ônibus. Por todos estes motivos é que Ipioca se transformou numa região hostil para políticos. Na Câmara de Vereadores o assunto já veio aos debates, mas as soluções foram tão reais como as promessas antes das últimas eleições. Lideranças do Distrito vão apelar diretamente ao Prefeito Dilton Simões e ao Governador Divaldo Surucuy.

Fonte: JORNAL DE ALAGOAS. *Ipioca, terra de Floriano, vive o drama do abandono*. Maceió, 16 jun. 1978. n. 134. p. 5.

Figura 51 - Recorte de Jornal relatando Ipioca como Pobre Distrito.

Pobre Distrito de Ipioca

Reclamam os moradores de Ipioca, com justa razão, o total abandono em que se encontra a terra onde nasceu o bravo Marechal Floriano Peixoto geralmente visitada por candidatos às vésperas de eleições, levando carreadas de promessas que jamais são cumpridas.

Geralmente, o estágio de progresso desejado por alguns Distritos existentes no território alagoano, são entraves por parâmetros de explicações variadas e que não convencem aos seus habitantes.

Ipioca, situada a poucos quilômetros de Maceió, tem como tutora a Prefeitura de nossa Capital já sobrecarregada de problemas mil e sem condições de dar aquele Distrito as atenções que ele merece.

Núcleo turístico em formação, com boas residências em sua orla marítima ele reclama apenas um pouco do progresso distribuído entre outras comunidades tais como, água, luz, telefone, escolas e outras coisas mais.

Aliás, se atentarmos bem para a situação de abandono a que foi relegado a Zona Norte do Estado, não é de admirar que um simples Distrito também não sofra tão danosas consequências.

Quem quer ir até Porto de Pedras passando pelas inúmeras localidades ali existentes, (São Miguel dos Milagres, Barra de São Miguel, Foz de Camaragibe, Marcinheiro, Tatuamunha, Porto da Rua, etc), pode ir na certeza de que seu carro ficará atolado, ou não terá condições de prosseguir viagem, pois muitos pontilhões e pequenas pontes vivem quebradas sem consertos de qualquer espécie.

Esse aspecto é mais acentuado pelo Inverno, uma vez que, no Verão, com ajuda dos próprios moradores são realizados pequenos consertos provisórios nesses obstáculos tão contraditórios naquela área.

Quando a estrada asfaltada que liganda Porto Calvo, cortada, vive o drama dos seus últimos dias de existência, e desde ontem, através das Emissoras de Rádio locais, o DER estava avisando a impossibilidade de tráfego para veículos pesados, em virtude do deslizamento de um dos seus inúmeros aterros.

O drama de Ipioca e dos demais locais do Norte, é o mesmo de Paripueira. Todos querem demorar, em busca de melhores dias para os seus habitantes, sem qualquer êxito.

Melhor seria que Ipioca e Paripueira dessem-se as mãos fazendo uma aliança, tomando esforços para que a união de ambos, surgisse mais um município em Alagoas.

Assim, com administração própria, independente, acreditamos que o reclama do progresso para ambos, fosse uma realidade que há muitos anos, eles desejam.

Fonte: JÚNIOR, Josué. Destaque: *Pobre Distrito de Ipioca*. In.: *Jornal de Alagoas*. Maceió, 18 jun. 1978. n. 136. ano LXIX. p. 11.

O sentimento de esquecimento pode ser ressaltado em um processo de luta pela emancipação política do Distrito, relatado em publicação do Jornal de Alagoas em 1973 (Ver figura 52). Houve a defesa de um vereador (Mironildes Peixoto), pela emancipação do bairro na condição de Riacho Doce ser sua sede, que ia de encontro a ideia de homenagear Floriano Peixoto, a sede do novo município seria por justa razão o próprio Distrito de Ipioca.

Figura 52 - Recorte de Jornal cogitando Riacho Doce como sede de Ipioca.



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS. **Vereador acha que a sede de Ipioca deve ser Riacho Doce.** Maceió, 24 fev. 1973. 45 ed. ano LXIV. p. 3.

O cotidiano em Ipioca, como relação social real, é caracterizado por um modo de vida e familiaridade entre as pessoas e se distancia da ideia individualista que caracteriza as cidades em geral. É possível observar no local que a convivência em comunidade ainda é presente no bairro.

Para Lefebvre (1970), o cotidiano caracteriza a sociedade em que vivemos e apresenta-se como o caminho mais racional para entendê-la. Nesse ponto, cabe esclarecer que o cotidiano é uma construção: a sociedade se organiza e constrói seu cotidiano seguindo uma ordem.

É preciso caminhar para o entendimento do real a partir do que essa ordem revela e esconde enquanto expressão de relações sociais. Assim, a paisagem

urbana e a cidade nos abrem a perspectiva de entendermos o urbano, a sociedade, e a dimensão social e histórica do espaço urbano (CARLOS, 1997).

Em contrapartida, surge recentemente em Ipioca uma maior especulação em torno do turismo de veraneio no bairro, sobretudo na sua parte baixa. O que apresenta duas vertentes: pode ser um incentivo à manutenção das referências na busca dos turistas pela cultura local ou pode gerar um estranhamento da própria população com o local de seu nascimento e, portanto promoveria uma expulsão dos moradores naturais do bairro.

Existem, segundo Coriolano (1998), posturas antagônicas em relação ao turismo. A dos ufanistas que consideram o turismo promissor, benéfico e solucionador de problemas e a dos pessimistas na qual se incluem ambientalistas que veem problemas como degradação do meio ambiente e descaracterização da cultura. Essas diferentes posições não inviabilizam a atividade e apenas avaliam as consequências que produzem no espaço como produto e como condição.

Ainda se referindo a Coriolano (1998), tanto o turista quanto o residente são invadidos em seus cotidianos, ocorrendo uma interação espacial do lugar de origem com o local da visita e essa interação deixa marcas em ambos. Enquanto a população receptora vive seu cotidiano numa realidade de trabalho, o turista afasta-se de seu cotidiano, tendo o lazer como principal atividade. Esse relacionamento não é simples e é bastante importante que ocorra de forma amistosa, respeitando as culturas locais.

A presença do turismo nas comunidades vem modificando intensamente a vida local, como relatado sobre o que ocorreu em Flecheiras e Guajiru, no litoral cearense:

[...] muitos pescadores deixaram sua profissão e passaram a trabalhar em bares, pousadas ou restaurantes. Vem ocorrendo uma desarticulação das atividades anteriores, o que não é recomendável para a economia local nem para o turismo. O turismo deve ser mais uma das atividades econômicas, que se apoie nas atividades anteriores. Se a pesca for extinta, comprometerá também o turismo (CORIOLANO, 1998, p. 56).

Entende-se que o incentivo ao turismo não pode ser uma atividade única na região, o turismo deve fortalecer as atividades econômicas anteriores para assegurar a sustentação dos nativos, o que traz uma expectativa de prosperidade ao

lugar como uma possibilidade de participação que poderá levar ao desenvolvimento local.

Tem-se observado que as comunidades litorâneas, com culturas possuidoras de coesão interna, em contato com os turistas, passam por processos de aprendizagem, enriquecimento e fortalecimento cultural; onde não há essa coesão, a cultura dos visitantes passa a se impor a todos de forma imperativa, podendo degradar a cultura local (CLAVAL, 1996 apud CARIOLANO, 1998).

Quanto à visão idealizada para o processo de turismo local e a perspectiva de sua decorrência, tem-se a postura abalizada de autores que assim defendem:

Priorizar o turismo local não significa deixar as comunidades isoladas, com natureza intocada, com relações pré-capitalistas e cultura exótica. Significa, acima de tudo, que o turismo incentive e promova o desenvolvimento do local visitado. Pois, na medida em que o turismo em vez de simplesmente se ajustar a uma realidade marcada pela heterogenia, disparidades e preconceitos, contribuir de algum modo para minorar esse quadro, ele estará, sem ressalvas, sendo um fator de desenvolvimento socioespacial (SOUZA apud CARIOLANO, 1998, p. 148).

Discorrendo sobre o turismo quando atento à cultura, essa atividade terá maior preocupação com os moradores locais e seus costumes, aproveitará melhor seu lazer e poderá valorizar a diversidade cultural, contribuindo, dessa forma, para a formação de uma cidadania mais crítica, visando uma interação com as diversas manifestações culturais presentes (FUNARI; PINSKY, 2001).

Algumas faces do patrimônio cultural estão intimamente ligadas ao turismo, pois abrangem tudo que constitui parte do engenho humano. Os bens culturais podem constituir-se em importantes elementos de atração turística e também de conscientização social. Não há dúvida de que o contato direto com edifícios, artefatos históricos e com a cultura local permite uma abertura para a variedade cultural. Eventos culturais é um fator de movimentação turístico. Em certo sentido, o folclore pode ser considerado como a expressão cultural mais legítima de um povo, sua alma expressa de forma figurada em mil histórias e rituais que, além de encantarem o turista, permitem que trave contato direto com as muitas manifestações de identidade local (FUNARI; PINSKY, 2001).

As viagens permitem não apenas conhecer outras realidades, mas perceber e valorizar a grande e rica diversidade cultural brasileira. Com efeito, a cidadania só se

constrói com o reconhecimento e respeito pelas muitas formas de viver e de pensar o mundo.

O patrimônio cultural está presente em toda parte, não para ser simplesmente consumido pelo turista, mas para servir-lhe de elemento de reflexão. Enfim, para que não volte para casa apenas encantado com belezas naturais, mas modificado, com lembranças que lhe façam refletir sobre sua vida e sobre nossa sociedade. A interação com as comunidades e grupos sociais visitados é imprescindível, tanto para a fruição do passeio, como para o crescimento do cidadão turista (FUNARI; PINSKY, 2001).

É evidente um crescente olhar turístico voltado para Ipioca, constatado, inclusive, em recente publicação de “O Jornal” (Ver figura 53), expondo o bairro como futuro (não distante) paraíso dos *resorts*.

Figura 53 - Recorte de Jornal descrevendo Ipioca como futuro paraíso dos *resorts*.



Fonte: O JORNAL. **Ipioca: em breve, paraíso dos resorts**. Maceió, 23 set. 2012.

Além dos empreendimentos hoteleiros pioneiros, como o Salinas de Maceió Beach Resort (Ver figura 54), novos empreendimentos do tipo turístico e residencial (Ver figura 55) estão se instalando em Ipioca que, segundo reportagem, em breve abrigará hotel de padrão cinco estrelas.

Figura 54 - Entrada do Salinas de Maceió Beach Resort, em Ipioca (parte baixa/ AL-101 Norte).



Fonte: Autora, 2012.

Figura 55 - Empreendimento residencial em Ipioca (parte baixa/ AL-101 Norte).



Fonte: Autora, 2012.

O 'lugar' Ipioca permite diferentes leituras e seu espaço permanece em constante construção. O bairro foi descrito exatamente como se encontra, mantenedor de um cotidiano similar a cidades interioranas, embora a configuração urbana não esteja estática e novas inserções estejam sendo implantadas ao bairro.

1.3 O Patrimônio Intangível no Brasil e em Alagoas... E em Ipioca?

A definição de patrimônio, tomando como referência as palavras de Cecília Londres (apud BRAYNER, 2007), é tudo aquilo que é criado, valorizado e se tem o

desejo de preservar, incluindo os monumentos e obras de artes, as festas, músicas, danças e folguedos, as comidas, os saberes, os fazeres e falares. Tudo o que se produz com as mãos, as ideias e fantasias.

Natália Brayner (2007) refere-se ainda a patrimônio cultural de um povo como o conjunto formado pelos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo e defende sua preservação, com a intenção de cuidar dos bens que representam a história e a cultura de um lugar. Se é necessária a conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte, também é necessária a preservação dos usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo.

A ideia de patrimônio não está limitada apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade ou população, mas também se estende a tudo aquilo que é considerado valioso para os diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Os bens culturais são referências que o cidadão atribui valor quando se sente parte integrante de uma comunidade (BRAYNER, 2007).

Segundo Márcia Sant'Anna (apud FALCÃO, 2008), a existência do Patrimônio Intangível depende diretamente dos indivíduos, grupos ou comunidades que são seus detentores ou portadores e a salvaguarda nesse campo deve estar mais orientada para a valorização do ser humano e para o registro do seu saber do que para a preservação ou valorização de objetos e produtos.

Complementando esse conceito, Brayner (2007) defende que aceitar a diversidade cultural é reconhecer que todos os povos produzem cultura e cada um possui uma forma diferente de se expressar, concluindo que não existem culturas mais importantes ou melhores que outras, e sim culturas diferentes.

Ao refletir sobre como se deu o início do pensamento sobre a importância da preservação da cultura brasileira, com vista à manutenção da identidade, os esforços de Mário de Andrade, como impulsionador do pensamento identificador e preservacionista da cultura nacional, devem ser reconhecidos. Na década de 1920 esse poeta já entendia e disseminava a importância da preservação do patrimônio cultural. Conforme relatado por Rogério Menezes (2006), o poeta viajou pelo país em busca de registros culturais que marcassem o jeito de ser, de agir, e de se comportar do povo brasileiro, filmando, fotografando e escrevendo sobre danças, canções, lendas e tudo o que fosse representativo culturalmente, procurando

associar conhecimento e reflexão com ações de reconhecimento e valorização da cultura enquanto elemento essencial da identidade de nosso povo.

O IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – em uma visão retrospectiva, chega a reconhecer que os primeiros registros de bens culturais de natureza imaterial foram realizados durante o período das expedições desse escritor pelo Nordeste brasileiro. Um trecho escrito por Mário de Andrade já demonstra sua preocupação com a preservação do patrimônio cultural:

É muito sabido já que um grupo de moços brasileiros pretendeu tirar o Brasil da pasmeira artística em que vivia. [...] Tinham de transportar a consciência nacional para o presente do universo. Muito bem. Mas onde estava essa consciência nacional? [...] Era preciso auscultar, descobrir, antes: ajudar o aparecimento da consciência nacional. As pesquisas se multiplicam nesse sentido entre os modernistas brasileiros. A realidade brasileira, agora criticada e não apenas sentimental caracteriza já claramente o trabalho desse grupo [...]. É trabalho consciente. E deve ser sobretudo prático, tradicional e experimental. Muito nos ajudará a obra dos historiadores, dos folcloristas, dos regionalistas, dos sociólogos (ANDRADE apud SILVA, 2002, p. 25).

De acordo com Rogério Menezes (2006), foi no ano de 1922, com a Semana de Arte Moderna, que ocorreram as primeiras manifestações das ideias de Mário de Andrade no que tange ao tema Patrimônio Imaterial que até a época não era reconhecido, por não haver consciência de sua importância. Porém, como cita Antônio Arantes (2009), houve outras iniciativas que o antecederam, merecendo destaque a de Olívia Guedes Penteado, Oswald de Andrade, Paulo Prado entre outros no sentido de criar uma Sociedade dos Amigos dos Monumentos Históricos do Brasil. Brayner (2007) também reconhece as iniciativas de pesquisadores da cultura popular na primeira metade do século XX, como Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Sílvio Romero e Édison Carneiro que produziram conhecimento e documentação de festas, costumes, técnicas de produção de barcos, tecidos, rendas e outros elementos enraizados no cotidiano das comunidades nacionais.

A importância associada a Mário de Andrade em relação ao patrimônio cultural brasileiro foi representada catorze anos após a Semana de Arte Moderna, em 1936, quando o então Ministro de Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, deu a missão a Mário de Andrade de elaborar uma proposta de implantação da política de preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Segundo Silva (2002), essa proposta serviu de embasamento para a elaboração do texto definitivo do Decreto – Lei nº 25/37, que além de apresentar

características contemporâneas da década de 1930, apontou também para certas diretrizes que só seriam adotadas trinta anos após sua concepção, demonstrando seu aspecto inovador.

Organizado em três capítulos, o anteprojeto define as competências do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPHAN)¹² para determinar, organizar, conservar, defender e propagar o patrimônio artístico nacional. Classifica esse patrimônio em categorias, compreendendo obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, organismos sociais e particulares nacionais, organismos particulares estrangeiros residentes no Brasil e também estabelece a estrutura interna desse órgão.

Arantes (2009) ao interpretar a proposta de Mário de Andrade, agrega aos objetos históricos, etnográficos e obras de arte, os conhecimentos presentes em sua produção, considerando um aspecto que o torna precursor de uma diretriz de política patrimonial que atualmente vem sendo implantada em todos os continentes nos mais variados contextos étnicos em relação à salvaguarda do Patrimônio Intangível ou Imaterial.

De acordo com Silva (2002), a proteção dos bens imateriais só passa a ter reconhecimento efetivo em 1989, pela Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular¹³, correspondendo às tendências identificadas como contemporâneas no projeto de Mário de Andrade. Márcia Sant'Anna (2006) acrescenta que esse documento fundamenta até hoje as ações de preservação do que, mais recentemente, se passou a denominar "patrimônio cultural imaterial ou intangível". Embora no Oriente, especialmente no Japão, a proteção a essas

¹² Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mais tarde Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ou D.P.H.A.N.* Até 1937, nenhuma proteção era dedicada aos monumentos antigos, o que explica o massacre assustador de grande número deles, desaparecidos sem deixar vestígios. Mesmo depois de criado, o S.P.H.A.N. nem sempre conseguiu impedir a destruição de importantes edifícios [...] mas é indubitável que assumiu papel significativo, não só na proteção de monumentos, como também na tomada de consciência, pela opinião pública, de valor fundamental desse patrimônio. Fonte: BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981. *Atual, IPHAN – Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

¹³ Essa recomendação, aprovada pela Unesco, enfatiza a necessidade da sistematização de soluções para proteção dos bens culturais intangíveis e para elaboração de um inventário dos direitos humanos. Fonte: PELEGRINI, Sandra. **Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: histórias, narrativas e memórias**. Disponível em <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/PELEGRINI,%20Sandra%20C.%20A.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2012.

expressões já fossem uma realidade desde os anos 50, no mundo ocidental, as primeiras iniciativas têm lugar após esse debate.

Esse documento define cultura tradicional e popular como um conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social, transmitindo seus padrões e valores oralmente, por imitação ou outros meios. Suas formas compreendem a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os ritos, os costumes, o artesanato, a arquitetura, e outras artes.

Gradativamente essa temática ganha maior destaque e posterior preocupação jurídica com o intuito de preservar a memória e a identidade do país. O patrimônio cultural ganha, em 1991, definição mais ampla na Constituição Federal, estando nos artigos 215 e 216 estabelecido o reconhecimento do valor patrimonial das manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, assim como dos outros grupos que compõem a sociedade.

Essa inclusão na Constituição Federal expandiu a ideia de patrimônio cultural brasileiro ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial, estabelecendo o registro e o inventário como instrumentos de preservação desses bens, além de incluir os grupos sociais formadores da nação e até então excluídos das representações políticas. A proteção dos bens imateriais é regulamentada pelo Decreto 3.551/2000, que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, resultado de estudos coordenados pelo IPHAN para criar instrumentos adequados ao reconhecimento de bens culturais de natureza processual e dinâmica, além de apoiar e fomentar parcerias e promoção do patrimônio cultural brasileiro (BRAYNER, 2007). Para melhor compreender a evolução do Patrimônio Intangível no Brasil, serão sistematicamente apresentados a seguir (Ver quadro 1) os fatos que culminaram no reconhecimento e valorização desse patrimônio.

Percebe-se, através dessa visão cronológica, que até o método de registro de bens de natureza imaterial ser efetivamente aplicado pelo IPHAN, fez-se necessário o estudo aprofundado, o entendimento e assimilação dessa ideia que foi 'plantada' desde a Semana de Arte Moderna, em 1922, ou seja, após 80 anos, foi efetivado o primeiro Registro do Patrimônio Imaterial no ano de 2002. Desde então, tem crescido o reconhecimento das expressões e manifestação populares, representando o quão forte e diversificada é a cultura tradicional brasileira.

O objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida. É visto que as pessoas estão ligadas por um passado comum, por uma mesma língua, por crenças e saberes comuns e coletivamente partilhados, e que a cultura e a memória são os elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, formando a identidade cultural de um grupo social (BRAYNER, 2007).

A importância de se ter uma manifestação cultural documentada está na possibilidade de servir como fonte de pesquisa, como referência do passado para que se possa entender quem e o que se é hoje, como memória de uma manifestação cultural que não mais ocorre, mas que permanece viva na memória das pessoas e que pode vir a ser reorganizada (BRAYNER, 2007).

Portanto, para que se possa preservar um bem cultural, é de fundamental importância saber não apenas que ele existe, mas também se a manifestação cultural é praticada pela população local, se as pessoas têm dificuldade ou não em realizá-la, que tipos de problemas a afetam, como essa tradição vem sendo transmitida de uma geração para outra, que transformações têm ocorrido, quem são as pessoas que hoje atuam diretamente na manutenção dessa tradição, entre vários outros aspectos relativos à existência e continuidade daquele bem cultural.

Um exemplo mais próximo que vem sendo utilizado no Estado de Alagoas é o Registro do Patrimônio Vivo promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, instituído através da lei nº. 6.513 de 22 de setembro de 2004, tendo os artigos 2º e 4º alterados pela lei nº. 7.172 de 30 de junho de 2010. São promovidas ações com a finalidade de incentivo à transmissão do conhecimento dos mestres que recebem uma bolsa auxílio que os ajude a continuar exercendo as suas atividades tradicionais. A iniciativa resultou na criação do Livro de Registro do Patrimônio Vivo

Alagoano, constando os nomes dos mestres que contribuem para formação da cultura do Estado (ALAGOAS, 2012).

No site da SECULT/AL encontra-se a lista relacionando os mestres contemplados com o Registro do Patrimônio Vivo Alagoano desde o ano de 2005, na qual 40 mestres foram selecionados e desses, 31 permanecem vivos.

Também em Alagoas, através da Secretaria de Estado da Cultura, em 2011, foi criado o Registro de Bens Patrimoniais Intangíveis, tendo já ocorrido o primeiro: o saber-fazer do camarão do Bar das ostras no Livro dos Saberes. Informações obtidas no mesmo órgão, mais especificamente no Pró-Memória, despontam dois outros patrimônios intangíveis que obtiveram pedidos de registros e encontram-se em análise: o saber-fazer do filé do Pontal da Barra e o do doce de caju da Ipioca.

Com o intuito de elucidar a evolução do reconhecimento do Patrimônio Intangível em Alagoas, serão expostos a seguir (Ver quadro 2), os fatos locais que resultaram nessa valorização.

Quadro 2 - Fatos que culminaram no reconhecimento do Patrimônio Intangível de Alagoas.

2004	No mês de setembro foi instituído, através da lei nº. 6.513, o Registro do Patrimônio Vivo promovido pela Secretaria de Estado da Cultura. Criando o Livro de Registro do Patrimônio Vivo Alagoano
2011	<p>Foi criado o Registro de bens patrimoniais intangíveis no Estado</p> <p>Em julho houve a solicitação de registro do Bordado Filé como Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas, através de sua inscrição no Livro de Registro de Saberes. Aguardando aprovação.</p> <p>No mês de agosto houve o primeiro registro no livro dos Saberes, do saber-fazer o camarão do bar das Ostras.</p> <p>Figura 65 - Filé do Pontal da Barra. Figura 66 - Camarão do bar das Ostras.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Fonte: Viajeaqui, 2013.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Fonte: UOL, 2012.</p> </div> </div>

2012	<p style="text-align: right;">Figura 67 - doce de caju.</p>  <p style="text-align: right;">Fonte: Autora, 2012.</p> <p>Em outubro houve a solicitação de registro do saber-fazer do doce de caju da Ipioca. Encontra-se em análise na SECULT-AL, Conselho Estadual de Cultura.</p>
------	--

Fonte: ALAGOAS, 2012.

2 IPIOCA ATRAVÉS DOS SEUS NARRADORES

A pesquisa foi elaborada com moradores do bairro de Ipioca, primeiramente com foco em idosos e objetivou resgatar a memória das festas, formas de brincar, modos de viver e saberes e fazeres locais, por meio da captação de suas lembranças. Também se elegeu como necessária a realização de entrevistas com jovens para aferir a atual disseminação e permanência dos valores culturais para assim identificar o grau de retenção desses valores imateriais no bairro de Ipioca.

Ao total, foram entrevistados oito idosos, previamente indicados pelas ocorrências mais importantes existentes no local como relação de vivências intensas no bairro e referências outras existentes. Com o intuito de comparar as informações atuais, buscando identificar a disseminação e permanência desses valores, também foram selecionados oito jovens a fim de obter uma espécie de filtro de valores culturais imateriais em ambas as visões de mundo.

Os entrevistados foram abordados nas portas de suas residências e informados sobre a pesquisa vinculada à instituição UFAL, sobre o tempo aproximado da entrevista e como esta seria realizada. Concordando em participar, o entrevistado assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) antes de iniciar a entrevista, ficando ciente de como essa pesquisa se desenvolveria e como seriam utilizadas as informações prestadas.

Os idosos foram selecionados por local de nascimento ou pelo longo tempo de permanência no bairro (na infância ou juventude) e decorrente envolvimento. As

peças selecionadas deveriam ter a idade a partir de 60 anos (oficialmente considerado como idoso, de acordo com o IBGE), tendo em vista que quanto mais velho e ainda lúcido, maior a contribuição para a pesquisa. Entre os idosos entrevistados constaram pessoas com idade de 65 a 90 anos. Os jovens foram selecionados de acordo com os mesmos critérios de nascimento e permanência, contando com idades variadas de 11 a 33 anos.

Não foram incluídos os idosos com pouca relação com o bairro, que residiam havia pouco tempo na região ou impossibilitados por alguma doença limitativa da memória. Os jovens que mantinham pouca relação de vivência com o bairro também não foram o foco da pesquisa.

2.1 O que é História Oral enquanto método?

Silva (2006) relata que a origem da História Oral, para alguns segmentos dessa disciplina, se deu ao final da década de 1940 na Universidade de Columbia, EUA, com um projeto para registro da memória de pessoas consideradas importantes na história dos Estados Unidos. Contudo, o surgimento dessa metodologia como instrumento de registro voltou-se cada vez mais para a História Social, buscando recuperar memórias e a experiência de grupos à margem da história escrita. Desenvolveu-se ainda, nos anos 1960, na Grã Bretanha, uma vertente da História Oral voltada para a busca de recordações de idosos contribuindo para novas perspectivas historiográficas.

Desde seus princípios, a História Oral esteve envolvida com as questões da memória e, portanto, passou a ser um meio de valorização das identidades de grupos sem escrita, por meio da coleta de seus depoimentos e da análise de sua memória, de sua visão do mundo e dos acontecimentos (SILVA, 2006).

Nos anos de 1970, ainda descrito por Silva (2006), trabalhos de pesquisadores como Alessandro Portelli e Michael Frisch passaram a valorizar a memória como principal objeto de estudo da História Oral. Até essa época havia questionamentos sobre a confiabilidade da memória ser usada como alicerce. Todavia, para os pesquisadores, os próprios lapsos da memória são importantes para a compreensão dos significados que o evento assume para o indivíduo e seu grupo social. Ocorreu de forma gradativa a demarcação da memória como verdadeiro objeto da História Oral e a difusão da hegemonia dessa abordagem na

comunidade científica, passando a ser reconhecida a utilização do modelo de entrevista a partir da história de vida do depoente nas décadas de 1980 e 1990.

A memória, para Caldas (1999) é um desdobramento contínuo e singular que garante vários tipos de identidade. Ao mesmo tempo, sua forma de se expressar é como texto e seu trabalho interno para chegar a esse texto é o mesmo de um tipo de criação literária. Para Caldas (1999), a memória possui:

[...] função esquematizadora extremamente poderosa, capaz não só de selecionar e organizar vastas quantidades de material armazenado em padrões de significado, mas também de [...] girar em torno de esquemas já formados e reorganizá-los segundo as intenções e “atitudes” (BRUNER; WEISSER, 1995: 147 apud CALDAS, 1999, p. 61).

Portelli (1997) aponta para o fato de o que realmente importa é a memória não ser apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas mudanças forjadas pela memória. Essas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.

Um dos primeiros teóricos da memória, Maurice Halbwachs (1968) propôs a existência de uma memória coletiva, referendada em quadros sociais. Para ele, a memória humana abriga inúmeros conjuntos de recordações, cada um deles compartilhado por um grupo de pessoas que experimentou a vivência comum dos acontecimentos rememorados.

Ainda sobre memória coletiva, o historiador Decca (1992) afirma que a escala de privatização do homem atual e sua crescente individualização fazem com que todos os elos da memória coletiva se rompam e o sentimento de um imenso vazio acabe por se instalar no centro de nossas existências.

Decca (1992) afirma ainda que essa perda de referência com relação a qualquer sentido coletivo, além de deixar de projetar perspectivas futuras, faz aumentar a sensação de que os vínculos com o passado estão prestes a se desfazerem definitivamente. Nesse sentido, cresce hoje em dia uma consciência histórica de que a história vivida tem produzido um acelerado movimento de individualização e uma progressiva perda das referências coletivas com relação ao

passado, na medida em que essa individualização destrói os suportes materiais e imateriais da memória coletiva.

A grande matéria da História Oral, portanto, é o presente, o que numa concepção mais generalizada corresponde ao cotidiano onde o passado já aconteceu e, portanto não é mais modificável, equivalendo a passos para o presente. Presente e passado acontecem ao mesmo tempo-vivo. Separá-los é fossilizar um e inutilizar o outro. Da mesma maneira que somos, individualmente, presença de tempos, o que nos garante integridade e identidade, assim também são a vida social, a comunidade e a história (CALDAS, 1999).

Sobre a difusão dessa metodologia no Brasil, Silva (2006) aponta que a Fundação Getúlio Vargas- RJ foi a pioneira na realização de projetos na década de 1970. Mas só pôde se desenvolver após o fim do governo militar e a partir de então, começou a se interessar pela pesquisa com história de vida de pessoas comuns.

Enquanto prática reconhecidamente significativa como metodologia de investigação social, a História Oral tem ganhado cada vez mais espaço nos meios acadêmicos devido ao seu papel de instrumento de luta política, capaz de revelar sujeitos e discursos geralmente ocultados nas análises históricas e de outras disciplinas.

Efetivamente, diante de processos recentes de fragmentação e desenraizamento de modos culturais, a História Oral vem se constituindo como uma boa alternativa metodológica para a compreensão das problemáticas dos sujeitos, das memórias, culturas e identidades. Essa prática é, portanto, uma alternativa crítica à análise das novas questões históricas e sociais que se colocam no século XXI (PORTELLI, 2010).

A utilização do discurso oral, seja ele pessoal coletivo e oficial, como instrumento de pesquisa e análise histórica constrói, de maneira singular, explicações sobre determinada memória e abre novas possibilidades interpretativas.

A diversidade da História Oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas” e que essa verdade pode ser tão importante quanto registros factuais confiáveis (PORTELLI, 1997).

Para Alberto Lins Caldas (1999), o método em História Oral apresenta meios para decompor, sintetizar, compreender, criar, interpretar, destruir e recriar criticamente determinado presente. Constitui-se simultaneamente em um conjunto

móvel e crítico de procedimentos e a própria historicidade a se reduzir e se realizar no processo de busca e interpretação criativas.

A objetividade do método, ainda segundo Caldas (1999), depende do sistema sujeito-objeto em ação na pesquisa. Esta só tem sentido ao compreender seus limites, sua existência dependente dos horizontes culturais e do referencial central à historicidade instaurando seu próprio modo de criar e recriar realidades.

Meihy e Holanda (2007) descrevem História Oral, enquanto técnica para aferir consequências explicativas, como o uso de entrevistas como mecanismo de operação capaz de guiar a pesquisa no caminho de resultados premeditados. Quanto método definido por recurso que indica um procedimento organizado de investigação capaz de garantir a obtenção de resultados válidos, os procedimentos da História Oral devem indicar caminhos específicos decisivos para obtenção de efeitos esperados em função das hipóteses. História Oral como metodologia implica formular as entrevistas como um epicentro da pesquisa.

Segundo Silva (2006) História Oral é uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das quais o historiador constrói suas análises. Thompson (1935) explica que para ser bem-sucedido na entrevista é preciso habilidade. Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar.

Portelli (1997) explica que a aplicação de entrevistas é o procedimento básico utilizado nessa metodologia, feita a partir de um banco de dados, roteiro guia, no qual o entrevistado é abordado sobre o assunto a ser pesquisado (procurando-se conhecer hábitos, costumes, história, cotidiano), e em seguida são feitas as transcrições das mesmas, passando de “objetos auditivos para objetos visuais”.

Para a elaboração do banco de dados, é importante assegurar-se que as perguntas são historicamente relevantes e estão corretamente formuladas para aquele contexto. É de bastante utilidade também, obter um conhecimento básico prévio das práticas e termos locais, como um recurso para que se instaure respeito e confiança recíprocos (THOMPSON, 1935).

Meihy e Holanda (2007) descrevem a História Oral como um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto onde se estabelece um

grupo de pessoas a serem entrevistadas. Há um planejamento da condução das gravações, definindo o local de entrevista, preferencialmente em locais que permitam privacidade e boas soluções de gravação, e prevendo o tempo de duração. Após as entrevistas são feitas as transcrições, o estabelecimento de textos e por fim, a conferência do produto escrito.

Para Montenegro (1992), na medida em que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor. O processo de construção dos depoimentos opera em uma dimensão que parte do real, do acontecido e da memória e atende a um processo de mudança ou de conservação. A memória se forma e se opera a partir da reação, efeitos e impactos sobre o grupo ou indivíduo.

Por meio da História Oral, movimentos de minorias culturais têm encontrado espaço para validar suas experiências, dando sentido social aos lances vividos sob diferentes circunstâncias. O seu impacto nos narradores e em comunidades imediatas confirma o significado da História Oral quando se leva em conta que no mundo globalizado a fragmentação da individualidade é um fenômeno coerente com a incapacidade rotineira de “se narrar” (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Meihy e Holanda (2007) relatam ainda que há duas correntes que discorrem sobre o alcance dessa metodologia. Alguns defendem uma “história miúda”, que poderia ser enquadrada no conceito de “micro-história” e outros adotam essa metodologia como “estudo de caso” ou exemplo.

Conceitos como “cultural” e “social” na História Oral são o resultado das experiências que interligam às pessoas, implicando em construção de identidades decorrentes de suas memórias. De tal modo, as experiências de cada um são autênticas, surgindo uma identidade comum (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Walter Benjamin¹⁴ explica que “o narrador mantém em si aspectos que, embora desvalorizados nas sociedades capitalistas e industriais, são fundamentais para a troca de experiências. Ele utiliza a capacidade ilimitada de narrar e lembrar as quais se materializam por meio da fala, diferencialmente a cada momento”.

¹⁴Fragmento da dissertação de mestrado de Eloiza Maria Neves Silva. Histórias de vida de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas, apresentada no Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, 2002, pp. 52-5.

É importante salientar que existem elementos contidos na narrativa oral que não podem ser traduzidos na escrita. A oralidade descreve emoção e envolvimento de acordo com as pausas do que vai sendo dito, a velocidade e a entonação, o que não são percebidas na escrita. Um informante do povo que relata a história da forma que pode, sem se restringir a regras da escrita tende a trazer maior contribuição à narrativa.

A abordagem interdisciplinar tem se constituído em um dos principais caminhos para a História Oral. Essa aparece como um campo de grandes possibilidades do ponto de vista metodológico, ao trabalhar com diferentes tipos de fontes e ao levantar novas questões sobre a memória e a produção de fontes tradicionais e também pelo seu conteúdo voltado para o social e para os grupos marginalizados que, por não terem escrita, tendem a ser considerados sem história. A História Oral incentiva que pensemos a oralidade em toda a sua funcionalidade como ferramenta de transmissão de valores, sentimentos, visões de mundo. Enfim, como instrumento de transmissão de cultura (SILVA, 2006).

Paul Thompson (1935) fala que a melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações. Com ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas fontes para resolvê-lo.

No caso específico do trabalho em pauta, na aplicação dessa metodologia, o primeiro passo consistiu na realização da pesquisa-piloto, posterior à submissão da análise ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)¹⁵, pela qual a investigação foi executada com uma amostra reduzida para validar os instrumentos e procedimentos a serem utilizados.

A importância de realizar a pesquisa-piloto se deve ao fato da necessidade de saber se tudo resultará a contento como o planejado. Na pesquisa em pauta foi entrevistado um idoso e uma jovem com intuito de criar uma sistematização entre as entrevistas para balizamento da captação das perguntas pelos arguidos. Foram eles o entrevistado idoso 1 (Ei1), 73 anos e a entrevistada jovem 1 (Ej1), 11 anos. As entrevistas encontram-se gravadas, transcritas e armazenadas nos moldes exigidos pelo CEP.

¹⁵Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, do Centro de Estudos Superiores de Maceió, da Fundação Educacional Jayme de Altavila – CEP – FCBS – CESMAC – FEJAL.

O idoso participante da pesquisa-piloto foi abordado na porta de sua residência e informado sobre a pesquisa, concordando também em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.). Ao confirmar seu nascimento no local e relação com o bairro, deu-se início à entrevista.

O entrevistado conta que é aposentado e que, hoje, vive descansando. Seu cotidiano no passado envolveu as atividades de tecelagem na fábrica da Saúde. Chegou a morar em São Paulo por 28 anos. Mas, relata que voltou: “[...] e voltei pra cá, pra minha terra, aqui descansar [...]”. Como lembrança de menino, recorda que o mais marcante foram as atividades de lazer: “[...] o jogo de futebol, as festas que tinha, né? Nossa senhora do Ó, é, hoje não participo mais porque sou evangélico, mas naquele tempo era muito bom, muito e era uma vida sadia e não tinha hoje, como hoje a gente vê aí, droga pra tudo quanto é lado, né? Não tinha nada disso, mas hoje tá diferente, tudo diferente”.

Recorda também os folguedos como Baiana, Chegança e Pastoril: “[...] é, essas coisas de folguedo como diz, né? Da época que tinham muitos, a vida era simples, não era como hoje, mas era diferente de hoje, a vida era diferente”.

O entrevistado recorda ainda que os moradores do bairro dependiam da fábrica da Saúde como trabalho remunerado. Cita também a pescaria, mas dá pouco destaque: “Era muito pouco, era o pessoal pequeno que pescava, mas a maior parte era da fábrica, trabalhava na fábrica de tecelagem da Saúde, a gente vivia da fábrica”.

Quanto à culinária típica lembra que naquela época era o peixe e a lagosta: “Hoje a gente não come lagosta, mas naquele tempo a gente comia lagosta, era lagosta, muito caranguejo que tinha aqui, tinha e tinha as feiras. A gente fazia fim de semana, mas não era, não era como hoje, era diferente”.

Sobre festas tradicionais recorda da quadrilha de São João, a festa da padroeira, Nossa Senhora do Ó: “Que é no fim do ano, 18 de dezembro”. Afirma que as festas continuam há muitos anos: “Essa festa é a tradição da Nossa Senhora do Ó, eu era pequeno, eu tenho 73 anos [...] e já tinha as festas”.

Alega que em relação há 20 anos, mudou a população de Ipioca: “[...] porque cresceu né? [...] era pequeno, agora ampliou, muita gente de fora, cresceu muito aqui, mas cresceu a população, mas o desenvolvimento não”. Atualmente, no bairro, o entrevistado sente falta de posto policial, correio, lotérica e de posto de gasolina. “[...] tem agora, fizeram agora. Mas não tinha, nem abriu ainda”.

O entrevistado estudou até o primário: “[...] naquele tempo tinha madureza, madureza ginásial né? Eu fiz um ano só, ou dois e não fiz mais não”. Estudou no grupo escolar de Ipioca.

Finalizando a entrevista, relata que gostaria que o bairro fosse mais desenvolvido. Pois muitas vezes precisa ir para o centro de Maceió para ir ao comércio ou em Paripueira ou na Praia da Sereia para abastecer o carro. “Era bom que tivesse aqui [...] Mais loja [...] Mais alguma coisa... Para a gente não precisar ir tanto para o centro, né? Aqui só têm umas cinco padarias pra gente comprar um pão, e não tem nada... farmácia... Tem uma farmacinha lá... Então muita coisa precisava ter aqui e não tem”.

A entrevistada jovem descreve seu cotidiano: “Eu brinco, estudo de uma às três, minhas aulas de manhã ainda não começou, que estudo de manhã de sete e meia às onze e quarenta, mas ainda não começou, só vai começar no final desse ano e estudo de tarde no reforço de uma às três”.

Conta que não aprendeu a fazer nenhum artesanato e que não há receita tradicional em sua família. Quando indagada sobre as festas tradicionais do bairro, inicialmente aponta a festa da padroeira Nossa Senhora do Ó. Cita também Carnaval e São João. Mas dessas, frequenta apenas a segunda.

Quanto a algum lugar muito frequentado no bairro, menciona o Alto de Ipioca como “Um lugar que todo mundo se encontra”. Descreve Ipioca como: “Um lugar ótimo, um lugar bom de divertir, de brincar”. E afirma que mudaram muitas coisas do tempo da sua avó pra hoje. Mas não sabe explicar exatamente o quê.

A entrevistada estuda na escola local do bairro, Raul Lima e está no sétimo ano. Ajuda sua mãe em atividade de trabalho: “Eu ajudo assim, quando minha mãe... Ela trabalhava lá fora, lá perto aqui do shopping... eu ia e ajudava ela em algumas coisas”. Segue abaixo sistematização (Ver quadro 3), criando um comparativo entre o que foi relatado pelo idoso e pela jovem:

Quadro 3 - Sistematização entrevistas da pesquisa piloto.

TEMA PERGUNTA	IDOSO- IPIOCA DE ONTEM	JOVEM-IPIOCA DE HOJE
cotidiano	hoje, aposentado. Trabalhou na fábrica da saúde	brinca e estuda
divertimento	futebol e festas locais	brincadeiras
trabalho remunerado que havia	fábrica e pescaria	-
artesanato	Era tecelão	nenhum
culinária	peixe, lagosta e caranguejo	não falou
festas	quadrilha de São João, festa da Padroeira. Continuam, Essa festa é a tradição	Nossa Senhora do Ó, carnaval, São João
lugar em Ipioca	Praia	Alto de Ipioca
sobre o bairro	não tem posto 24 horas, posto policial, correio, lotérica, posto de gasolina	é um lugar ótimo
O que mudou	cresceu a população mas o desenvolvimento não	muitas coisas, mas não sabe o que.
Escolaridade	primário, nu grupo escolar do bairro	7º ano no Raul
trabalho quando criança	ajudava o pai	às vezes ajuda a mãe
livre	gostaria que aqui fosse mais desenvolvido,	-
frase que marcou	não era como hoje, era diferente.	é um lugar que tem lugares para todos. Não falta um!

Fonte: elaborado pela autora, 2012.

As entrevistas da pesquisa piloto e sistematização das mesmas demonstraram que o material do banco de dados e a metodologia escolhida dão o aporte necessário para a realização da pesquisa. Percebeu-se, no entanto, que seria ideal entrevistar jovens com idades mais avançadas, que poderiam contribuir mais eficazmente com as questões pretendidas. *A priori* não seria possível afirmar se houve repasse de conhecimento e saber para a nova geração.

2.2 Como narram a Ipioca e o viver no bairro?

IDOSOS

a) Entrevistado idoso 2 (Ei2)

O entrevistado tem 74 anos, relata que nasceu na beirada do rio Cuandu. Conta que esse rio já não existe e que era 'um braço' do rio de Ipioca, em São Gonçalo. Nasceu em uma casa de taipa, de chão batido e coberto de palha. Seu pai, "É o fundador do Sindicato dos Enfermeiros de Alagoas".

O entrevistado estudou música, "Eu tenho conservatório completo". Relata que sua infância foi maravilhosa, que nasceu na parte baixa de Ipioca, mas depois sua família foi para o Centro de Ipioca, no Alto. "Meu pai conseguiu uma casa na

beirada do Rio do Senhor; onde tem uma cacimba lá, uma cacimba interessantíssima, do tempo de Fernandes Lima, que era o governador e fez essa cacimba. Todo o redor é salobro, a cacimba é doce, no mesmo lugar”.

Após se mudar para o Alto, tomou seus primeiros conhecimentos musicais e foi para o Seminário Nossa Senhora da Assunção, localizado no bairro do Farol, em Maceió. “Bom! Já se foi a minha infância!”

O entrevistado não mora mais no bairro de Ipioca, permanece em outro bairro de Maceió, mas guarda boas lembranças de lá. Conta que passa a maior parte do seu cotidiano dormindo, faz fisioterapia em dias intercalados e também lê muito. Sobre um problema de saúde que afetou sua mão direita, que o impede de manter sua função de maestro e atividades musicais, fala: “Não posso tocar nada, nem a minha flauta e nem o meu órgão. Isso me faz falta! Eu não posso tocar com a mão direita... A mão não atende ao teclado! Aí eu vou com a mão esquerda, que eu tenho que tocar alguma (coisa), toco no órgão com a mão esquerda, porém, não domino o teclado”.

Sobre seu cotidiano passado conta, que a vida do seminário era a parte mais pacata, a rotina do seminário seguia um padrão diário da Idade Média. Depois foi trabalhar na fábrica do Bom Parto - Maceió, que já não existe. “Fui trabalhar no comércio, fui ganhar a vida, né? Porque realmente, depois do seminário a gente ganha a vida”.

Relata que morou em Ipioca até os quatorze anos. E quando abordado sobre suas lembranças de menino que o marcaram mais, recorda da escola pública mista, que ainda não era grupo. “Era aquele tipo de escola, onde tinha todo mundo numa sala só. E não se estudava em silêncio. Era gritando, Bê a Bá, Bê é Bé, Bê e Bi, teve quatro vezes sete, vinte oito, quatro vezes oito, trinta e dois; Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Era assim, cada um gritava a sua matéria, dentro da disciplina que estava no momento. Era uma zuada toda, quando às vezes tava conversando muito, a professora batia com a régua no birô: Silêncio! Que silêncio que nada! Cada vez mais eles gritavam”.

Conta com entusiasmo sobre a festa de Nossa Senhora do Ó. “Isso pra mim foi diferente, quando tomei o primeiro conhecimento com órgão”. Sobre as brincadeiras fala que havia uma divisão entre brincadeiras de menino e de menina. As de menino eram: futebol, quebra pote e garrafão. “O garrafão você fica com a perna no garrafão. Desenha o garrafão no chão e dentro do garrafão, aí só pode

com uma perna só. E fica o manjeiro¹⁶ com o nó na camisa, pra atingir o que está com uma perna só. Quando arreja a perna, o danado sai até chegar na manja, e o outro batendo. Se não aguentar cai!”. Já as meninas normalmente iam para a roda ou iam “cantar de fila”.

Ao ser abordado sobre os trabalhos remunerados, relata que no seu tempo de garoto, a criança normalmente não era remunerada. “Recebia assim, uma gorjeta, recebia... Por exemplo: eu vendia... e buscava pão na Saúde, que fica a três quilômetros da Ipioca, e eu ia com o saco do pão, ganhava um pão, dois pães, às vezes me davam três pães, só. Era o pagamento”.

Relatou que o trabalho remunerado para o adulto consistia na pesca, na fábrica de tecidos da Saúde, na tირagem do coco, na lavoura e para as mulheres, tinha a atividade de lavar roupa. Conta ainda que não havia diferença de remuneração entre homem e mulher. “Não. A mulher nunca tinha trabalho assalariado e quando tinha era igual. Quando tinha normalmente a mulher trabalhava juntando coco ou lavando roupa, ou na fábrica da Saúde. O salário era igual”.

Quanto à prática de algum trabalho manual, como artesanato, conta que faz bastante coisa e que sempre foi curioso. Faz trabalho com papel, com tinta, madeira e pedra. “Tem alguma escultura, tem alguma pintura”. Sobre ter aprendido alguma atividade manual em Ipioca, conta: “ Só o trabalho com papel. Quando o PRODUBAN foi inaugurado no Rio e em São Paulo, a lembrança, fomos nós que fizemos. O chapéu do guerreiro, era dobradura, o enfeite bonito [...]”. Conta que aprendeu sozinho. “É um trabalho tipicamente folclórico, de ver fazer e fazer também”. Mas não ensinou suas habilidades a ninguém. Conta que tem um filho que já nasceu escultor.

Em Ipioca, não recorda sobre alguma comida tradicional em sua família. “A gente comia mais peixe, porque morávamos na beirada da praia e era muito piscosa”. Sobre o doce de caju, relata que eram pontuadas as pessoas que o faziam. Mas que era feito em toda margem de Riacho Doce a Garça Torta. “Na época do caju se fazia o doce de caju. A minha sogra fazia um doce muito bom. [...] A gente sabia as pessoas que faziam”.

¹⁶Manjeiro é aquele que está na ‘manja’, um local imaginário para onde se ia (na brincadeira) e se adquiria uma espécie de imunidade. Se estivesse na manja não poderia der atingido.

Sobre as festas tradicionais do bairro, fala da Nossa Senhora do Ó, Santo Antônio, São Pedro, São João. “Havia sim uma festa tradicional, que era a festa de Nossa Senhora do Ó; isso aí não podia faltar, e depois as outras festas se faziam. O Brasil era muito festeiro, o nordestino muito festeiro, o ipioquense era muito festeiro”.

Conta que a festa da Padroeira se assemelhava a festa de interior, que se rezava o terço toda noite e no dia da festa ou na véspera vinham três padres. Havia o coral do Poço ou de Jaraguá. E na rua, bolo e guloseimas. Recorda: “As meninas namoradeiras por ali, a gente se enxerindo. Era assim”.

Relata que a festa da Padroeira ainda existe. “A trancos e barrancos, existe. Inclusive a igreja caindo, daqui a pouco a igreja cai de uma vez! O padre de lá disse: É tombada, não se pode fazer nada! É mentira! O Conselho tomba o Estado tomba, qualquer pessoa pode meter a mão e fazer; agora com critério”. Conta que ajudou no processo de Tombamento da igreja: “Eu era do Conselho de Cultura, fiz a amarração interna da igreja”.

Sobre a restauração da igreja conta: “Tem o Conselho de Cultura expert, que sabem... Bom! Essa escada deve ser assim, esse chão deve ser assim. É isso... Restaurar com critério, e não restaurar de qualquer jeito”.

Recorda que a igreja do Poxim, referindo-se à igreja São José do Poxim, em Coruripe, foi descaracterizada. Não chegou a ser tombada, mas descaracterizaram a sacristia, tiraram todo o piso e colocaram um novo. “Você não pode fazer no monumento uma coisa assim, não pode colocar isso, você não pode colocar ladrilho numa coisa que era feito a tijolo batido. Eles não podem”.

Relata que o bairro de Ipioca, nos anos de 1980 já era moderno. “Ipioca nasceu nos anos 1600 [...] Ali nasceu o Alto de Ipioca, não era Ipioca. Eu não sei até então, nas minhas pesquisas quem colocou esse ‘I’. Esse ‘I’ é moderníssimo. Era Pioca”. Conta que no século XVII, era um povoado, naquele Alto e que só havia a Rua das Mangueiras, que hoje é a Rua Manoel Lopes. Nessa rua construíram a igreja “Não sei com o quê, nem porquê aquela suntuosidade! E o arruado eram poucas casas [...] Quatro, umas oito casas”. Descreve que a Rua do Cruzeiro não existia e que era chamada Rua dos Negros, pois foram os negros que construíram. Conta que as casas eram montadas sobre colunas com o alpendre frontal (Ver figuras 68 e 69). “E se resumia a isso! Ipioca não tinha a Rua do Cruzeiro, era a Rua da Mangueira e em cima um assentado, pronto. [...] do lado direito tinha quatro casas e do lado esquerdo tinha umas seis casas, só”.

Figura 68 - Igreja Nossa Senhora do Ó. Data: 02 de novembro de 1920.



Fonte: Hermelindo Vieira de Barros Neto, 1920. (Foto trabalhada por Nímia Braga).

Figura 69 - Casas geminadas com alpendres poucos profundos e casas de dois pavimentos.



Fonte: TOMÁS; FORTES; LISBOA, 2007.

Sobre o local onde supostamente nasceu o Marechal Floriano Peixoto fala: “Já não existia mais a casa onde dizem que nasceu Floriano, que não é verdade! Floriano Peixoto nasceu [...] no engenho, antes do engenho Ponte Grande. [...] Entre o Engenho Ponte Grande e o que se chama hoje, Benedito Bentes. E casa de veraneio (Em Ipioca), não existia mais”.

Ainda sobre Ipioca, descreve que segundo o Bispo de 1800, tinham 36 famílias no local. Era um lugar de veraneio do senhor de engenho. Conta que a igreja tem uma pia batismal onde Floriano Peixoto foi batizado.

Completa, afirmando que a Rua do Cruzeiro começou a existir nos anos cinquenta e que um pouco antes já existiam duas, ou três casas, e foram os padres redentoristas que deram o nome: Rua do Cruzeiro. Relata que ao final dessa rua só havia negros e foi onde os padres alocaram um cruzeiro.

Refere-se ao seu pai como “fabricheiro patrimonial¹⁷”. Conta que as atuais ruas São José e São Miguel foram seu pai quem dividiu enquanto procurador patrimonial, se valendo da descrição dos Anais Pernambucanos. Relata que todo aquele terreno pertencia à igreja. Demarcado desde a “igreja com o pinhão” até Camaragibe, Rio Meirim e Atalaia. Conta que Santa Luzia do Norte já era outra freguesia.

O entrevistado conta um fato importante sobre a igreja de Nossa Senhora do Rosário: “Talvez se fizer uma escavação, ali em frente ao cemitério, você encontra o alicerce da igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde Dom Fernando Perdigão se hospedou, porque a igreja de Nossa Senhora do Ó, estava em reforma. A igreja caiu. Que eu era menino, eu brincava nos alicerces da igreja. Algumas pedras, meu pai tirou dos alicerço pra fazer aquele caminho, do lado esquerdo da igreja que dá pra Rua do Cruzeiro. E aí, não passava por ali! Passava por trás da igreja! Meu pai foi que fez aquilo ali (o caminho). Com as pedras do alicerce da igreja do Rosário. De quando foi erigida a igreja a gente não sabe. Sabe-se que, em 1613, ela foi elevada a paróquia. Era um lugar assim... Próspero, né? Pra ser paróquia com padre, com tudo. Quando ela foi construída eu não sei. No século XVII, 1600 e pouco. Porque pra ser... Em 1613, ela já ser paróquia, ela foi construída antes. No século passado, talvez”.

Conta ainda que a padroeira, conhecida como Nossa Senhora do Ó, não deveria ter essa denominação: “As imagens de Nossa Senhora do Ó, eu posso já lhe afirmar, que não é Nossa Senhora do Ó. Ó é expectativa, Ó Trindade, Ó Santíssima, Ó Daniel. [...] São as explicações, são as exclamações de Nossa Senhora antes do parto. Nossa Senhora da Expectação do Parto, é Nossa Senhora do Ó. Ora! Como tem o menino no braço? Tá na cara! Como é que Nossa Senhora está expectante e já tem um menino no braço? Como é que foi que ela pariu antes? [...] Talvez, seja Nossa Senhora do Rosário, ou um tipo de Nossa Senhora, mas não Nossa Senhora com outro título, aliás. E não Nossa Senhora do Ó. Nossa Senhora do Ó é a de São Miguel, Nossa Senhora do Ó é a do Traipu, mas Ipioca não. Venera-se Nossa Senhora do Ó, mas aquela imagem não é a Nossa Senhora do Ó”.

Verificou-se que nesses municípios identificados pelo entrevistado, também se localizam igrejas intituladas de Nossa Senhora do Ó (Ver figuras 70 e 71).

¹⁷O entrevistado refere-se ao seu pai como um produtor da cultura local.

Figura 70 - Igreja de Nossa Senhora do Ó, em Traipu.



Fonte: Wikipédia, acesso em 25 out. 2012.

Figura 71 - Matriz de Nossa Senhora do Ó, em São Miguel dos Campos.



Fonte: QUEIROZ, Vicente A., 2012.

O entrevistado conta ainda que já houve um incêndio na igreja Nossa Senhora do Ó de Ipioca. A fim de se encontrar riquezas, demoliram o altar. Segundo ele, foi seu pai que colocou o santíssimo na capela: “Meu pai na sua santa ignorância fez um sacrário lá. O sacrário que foi da igreja de Nossa Senhora do Rosário [...], aquele sacrário existia lá na sacristia e ele colocou ali. Nossa Senhora do Ó em cima do sacrário como padroeira (e) Santo Antônio que seria da capela do Santo Antônio do Meirim, do Rio Meirim. Foi encontrada nas escavações do altar mor, uma imagem de Nossa Senhora do Ó. Essa sim, é Nossa Senhora do Ó, em terracota”.

Indagado sobre a fundação da igreja pelos holandeses, conta que a religião que predomina na Holanda é o Calvinismo e por isso, seria impossível construírem igrejas. Conta ainda que os holandeses vieram de Penedo e que o quartel era em

Riacho Doce e Ipioca era como um depósito de pólvora. Eles faziam das igrejas depósito de pólvora, quartel e alojamento. E foram expulsos em 1645 de Penedo e 1730 de Pernambuco.

Relata que Ipioca possui estilo português. Que as igrejas da Barra de Santo Antônio, de Ipioca, a igreja do Poxim, da Barra de São Miguel, que pouca gente sabe que existem, possuem mesmo estilo da Igreja Nossa Senhora do Ó. “O traço é igual! As imagens são diferentes, a imagem é o estilo barroco, é barroco tardio, porém, é barroco as imagens principais”.

O entrevistado conta ainda que estava escrevendo um livro sobre a história do bairro de Ipioca, porém ainda não concluiu devido aos impasses históricos. Fala que podia dedicar um capítulo à família de Floriano Peixoto que ainda existe, em Murici - Alagoas. E a família de Ipioca era a dos Vilas e Barros, mas que não alcançou esses membros das famílias, pois a época não se interessava por pesquisa. “Aí perdi essa grande oportunidade e não terminei”.

Sobre a Ipioca de hoje, não sabe falar. Resume que relacionado à arquitetura existe a igreja só existe a igreja, e que tem um cemitério dos cristãos. Ainda sobre a igreja, relata que do altar mor para a sacristia central, que fica abaixo do camarim, a passagem é velada. “Perceba, o seu olhar se não tá caindo, meu Deus! Dum lado pro outro é uma coisa só, você olha assim a porta fechada se não está suja é uma coisa só. Você não vê por onde você vai entrar e pensa que aquilo ali é uma parede, o retábulo é um só”. Compara com a igreja das Correntes, em Penedo, onde se escondiam os escravos atrás do altar.

Descreve uma mesa grande existente na sacristia na igreja Nossa Senhora do Ó que é feita de cedro. “Pouca gente sabe, que é cedro e que é tão importante”. Sobre o mobiliário da igreja, relata sobre uma mesa com gavetas grandes e explica que serviam para guardar as alfaias da igreja. “[...] guardava-se casulas, toalhas, missais. A coroa de Nossa Senhora do Ó, foi tirada dos missais antigos, meu pai da sua santa ignorância torou dos lados [...] tinha prata nos cantos. Ele tirou essas quatro e mandou um cara de Paripueira fazer a coroa”. Conta que ao olhar a coroa de Nossa Senhora do Ó, percebe-se que é idêntica aos cantos do missal. “Foi ele (seu pai) que aproveitou e o ourives não desmanchou, dessa parte daqui, ele fez a cruz; a cruz e a parte que prende na cabeça da imagem e só. São minúcias, né? Particularidades que com o tempo as pessoas esquecem. E os mais novos não sabem, não penetram pra saber”.

Sobre o sino da igreja antiga, conta que atualmente se encontra no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. “Foi meu pai quem mandou entregar no Instituto Histórico, pra não roubarem, não desfazerem. Era um analfabeto que tinha uma visão, meu pai não sabia um ó, mas tinha uma visão ampla”.

Porém, ele relata que o sino pertencia à igreja Nossa Senhora do Rosário. “Porque o campanário da igreja de Nossa Senhora do Ó, que foi construído depois, [...] não faz parte da arquitetura da igreja, não comportava lá”.

O entrevistado confessa que muito do que foi relatado por ele não está escrito em livros. “Isso aí são nas minhas memórias. Talvez, se eu não morrer logo, eu vou escrever [...] sobre Ipioca, mesmo não tendo esses insumos históricos”.

b) Entrevistado idoso 3 (Ei3)

A entrevistada (sexo feminino) tem 67 anos e nasceu em Penedo. Conta que chegou em Saúde no ano de 1950. Mostrou-se bastante prestativa na coleta de informações referentes à pesquisa e demonstrou satisfação em suas contribuições para o bairro como se estivesse aguardando por uma oportunidade de reconhecimento. A entrevistada guarda uma pasta com todas as suas lembranças. Em suas anotações, descreve o processo de como iniciou sua vida ativa na comunidade do bairro (Ver figura 72).

Figura 72 - Anotações lembranças Ei3.

NA IGREJA CATÓLICA, NA ÉPOCA NÃO
 TINHA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES EM
 DÍOICA. EM 1984 FORMAMOS UMA
 ASSOCIAÇÃO, OS PRIMEIROS INTEGRANTES
 FORAM
 NELSON PRESIDENTE
 ALICE TISOUHEIRA
 MAURO TOULCO
 SIMEONE
 DEZINHO
 VEGOTONHO
 BERNADO DO ALTO
 (Blau de MILSON) BI
 DR. JOSÉ BERNARDES ME ENTREGOU 220.000
 MIL CRUZEIROS PARA A COMPRA DOS
 MATERIAIS DAS ESCOLAS, RAUL LIMA E
 POLVINA CAVALCANTE, QUE FORAM 60000
 MIL CRUZEIROS E OS 60.000 FORAM PARA
 A CONSTRUÇÃO DAS DUAS ESCOLAS, QUEM
 CONSTRUÍRAM FORAM OS EMPREGADOS DA
 SECRETARIA.

Fonte: Ei3, 2012.

Nesse registro, ela tomou nota que em 1984, no ano em que chegou em Ipioca, não havia associação de moradores na igreja católica. Ela fez parte dos primeiros integrantes da associação com a função de tesoureira.

Conta com entusiasmo: “aí cheguei aqui na Ipioca, comecei a escolinha (Ver figura 73), que aqui não tinha escolinha, não tinha associação. Aí eu fiz uma associação, então eu fui a tesoureira, e meus colegas foram [...] conosco. E nisso chegou o Doutor José Bernardes, me deu cento e vinte cruzeiro na minha mão, e disse pra fazer duas escolas Raul Lima, Jornalista Raul Lima e Povina Cavalcanti. Comprei os materiais por sessenta cruzeiros, sessenta mil cruzeiros e os sessenta mil cruzeiro eu guardei pra pagar os trabalhadores, que esses trabalhadores foram da construção da secretaria de educação. Foi feito as escolas”.

Figura 73 - Escolinha fundada em 1982.



Fonte: Ei3, 1982.

Recorda que ao ficarem prontas as escolas, o Doutor José Bernardes solicitou seu certificado, mas que só estudou até a segunda série primária e não terminou: “[...] eu não tinha que eu nunca estudei, então eu disse a ele que eu não tinha e o que ele me desse servia. Ele me deu um emprego de merendeira, trabalhei, me aposentei e continuo trabalhando em Ipioca; faço festa todo o ano (Ver figuras 74 a 76), todo mundo aqui é testemunha, faço desfile, faço quadrilha, costuro tudinho, compro as roupa, homenageio Floriano Peixoto, homenageio Tiradentes, todos eles que... chega naquela data, dia das crianças, dia das mães, dias dos pais. É uma coisa muito bonita, todo mundo gosta, mas não tem apoio de ninguém! Nunca ninguém me ajudou até aqui”.

Figura 74 - Desfile de 7 de setembro.



Fonte: Ei3, 1987.

Figura 75 - Homenagem a Floriano Peixoto.



Fonte: Ei3, 1987.

Figura 76 - Homenagem a Floriano Peixoto.



Fonte: Ei3, 2008.

A entrevistada tem um projeto pessoal de criar uma casa de apoio para os idosos do bairro e justifica: “Que tem muito idoso aqui desprezado, que os filho trabalha, os velhinho fica o dia todinho sozinho jogado. Faz pena”.

Fala também da necessidade de uma creche para que os jovens possam trabalhar e deixar suas crianças: “As mocidades não pode trabalhar porque não tem uma creche, a creche que tinha caiu, e desprezaram pra lá, não levantaram mais”. Conta, ainda, que o bairro precisa de um local com refeições a preços mais acessíveis: “[...] ainda pretendo trabalhar com toda a minha coragem, botar uma lanchonete daquela que o almoço é barato pra ajudar a comunidade, que aqui precisa”. A entrevistada conclui: “É um desejo do meu coração, trabalhar com os idosos, ajudar essas crianças e essas mãe pra trabalhar”.

Hoje, a idosa se encontra aposentada e relata que faz parte do seu cotidiano ajudar a comunidade: “só é o que eu gosto de fazer”. Ela também descreve sua rotina no passado de trabalho na escola: “Eu, de manhã eu ia trabalhar no colégio, de merendeira; quando largava, eu ensinava a 250 aluno. Era assim, pegava uma turma de sete da manhã, saía outra de nove, entrava outra de nove e saía de onze, saía a de onze, entrava de meio dia e assim o dia... até nove da noite. Eu não parava! Pra almoçar, eu comia no birô, todo mundo aqui é prova, todo mundo é testemunha”.

Sobre suas lembranças de criança no bairro, recorda da rotina de trabalho de sua mãe, que saía às cinco horas da manhã e chegava às dez horas da noite: “Pra ganhar 50 mi rei, naquela época era mil reis, 50 mil réi e a gente passava o dia ali na rua, correndo porque não tinha pra onde ir. Pra escola não ia que a gente não tinha roupa, era um vestido n’água e outro no couro. Essa lembrança eu tenho hoje, o meu pai bebia cachaça, não tinha emprego, minha mãe é que trabalhava”.

Sobre os divertimentos de criança que havia, conta que eram: jogar pedra, saltar corda, pular avião, brincar de pega-pega e que tinha diferença de brincadeira de menina e menino, pois não se brincava junto por questões comportamentais da época.

Em relação aos trabalhos remunerados que havia no bairro, a entrevistada recorda somente da fábrica da Saúde, que fechou. Conta também que não havia diferença de salário entre homem e mulher: “Não! Porque o pessoal vive da pesca e do coco, a pesca só tem dinheiro quando dá, o coco só tem dinheiro quando não chove, porque escorrega. Quando tá chovendo os tirador não sobe”. Conta ainda

que no Alto de Ipioca reside um tirador de coco chamado “Seu Géó” e apelidado de “Suvaco”.

Relata que a pesca de curral é bastante eficaz na “época de peixe”, mas que não é uma atividade acessível, pois tem um custo elevado.

Na sua família, conta que tem o “Neném” que é pescador e sobre técnicas manuais em sua família, relata que sua nora gosta de cozinhar e que ela própria borda e ensina costura a outras pessoas: “[...] corte e costura, porque eu sou costureira. Costurei muito pra rico [...]”.

Conta que fez muitas fantasias para eventos do bairro e não faz mais, pois não tem máquina de costura. “[...] Minha máquina acabou-se, mas eu vou comprar. Se Deus quiser! Eu quero botar esse abrigo dos velhos e fazer aqueles pijamas, fazer tudo”.

Sobre comidas tradicionais da sua família, relata que em sua casa só se come peixe e que ela já organizou um curso para ensinar as pessoas interessadas em aprender a culinária. “[...] aqui na minha casa [...], dei um curso de trabalhar com peixe, tudo de peixe, filé, bolinho [...]”.

Conta que as festas tradicionais do bairro são a festa da Nossa Senhora do Ó, o Carnaval e o Pastoril que não é mais praticado, “Era antigamente”. Diz que não frequenta os eventos que ainda permanecem.

A entrevistada associa o fato da mudança da festa de Nossa Senhora do Ó à conversão de católicos para a religião evangélica. “[...] aqui antigamente tinha muito católico, hoje só tem mais crente, aí tá fraco... não é como era mais antigamente não! Aquele pessoal velho que andava com o andor, hoje tudo é evangélico”.

Sobre o local mais frequentado no bairro cita a sede de esporte Floriano Peixoto. Porém não descreve de que forma ocorre a frequência.

Recorda o bairro no ano de 1980 como “Bom demais! Muito de fartura!” Devido à piscosidade: “Tinha mais peixe do que gente na Ipioca. O pessoal ia pescar, que meu marido era pescador, trazia de samburá, dois, três cheios, hoje vai não trás um”.

Comenta também sobre a violência que existe atualmente, diferente de 30 anos atrás, pois podia deixar as portas das residências abertas sem se preocupar: “A violência vai crescendo, né?”.

Quanto às melhorias, confessa que houve bastante no sentido do aumento das oportunidades de emprego. “[...] hoje em dia tem muita gente que trabalha, tem

muito hotel, hoje ninguém passa mais fome que nem passava... a barriga tá mais cheia”.

Relata como foi seu tempo de estudo, onde estudou até a segunda série primária. “Foi ruim... nem terminei, porque minha mãe ia trabalhar, a gente ficava na rua o dia todo, não tinha quem tomasse conta da gente, a gente era pequena. Depois que eu me entendi de gente, já foi cuidar em ensinar os meninos, eu comecei ensinar, eu pequena. Ensinava os meninos assim mesmo, não sei como foi que eu aprendi menina!”

O interessante nesse relato é que mesmo a entrevistada não tendo continuado seus estudos, aprendeu por conta própria e hoje ensina a 8ª série. Conta que aprendeu “Com Deus e olhando os livros”.

Sobre ajuda familiar em atividade de trabalho, conta que esse auxílio permanece até hoje. “O que eu ganho é pra dar a todos eles, pra ajudar”.

Conclui a entrevista contando sobre as necessidades existentes no bairro e que pretende desenvolver algumas ações para melhorar a vida dos moradores: uma creche, para que as mães tenham onde deixar seus filhos ao ir trabalhar; um espaço de apoio para idosos e uma escola, pois relata que ensinou muito tempo sem remuneração, um total de 250 alunos. Conta também, sobre sua atividade de professora em aulas particulares para concorrentes ao concurso da polícia: “[...] me dá dez mi réis, dá dez reais, pronto, eu ensino. Ele vai passa, depois vem agradece: [...] passei, graças a Deus!” Conta que parou de ensinar devido a uma artrose que desenvolveu a qual deixa sua perna dormente ao ficar muito tempo sentada.

Ainda sobre as pretensões da entrevistada para o bairro, confia que seu sonho é abrir um ateliê no bairro para que as jovens locais possam costurar e ter uma renda. Também pretende criar um espaço com almoço de baixo custo para que os trabalhadores possam consumir.

c) Entrevistado idoso 4 (Ei4)

O entrevistado tem 72 anos e nasceu em Branquinha. Encontra-se aposentado atualmente “Aí, eu faço assim, doce né? [...], mas isso é só quebra galho”. Indagado sobre seu cotidiano fala: “[...] sempre uma preocupação das coisas, né? Eu já tô no final da idade [...] e a minha preocupação só a tranquilidade da convivência no bairro” complementa: “Hoje nós saímos de casa e não sabe se

volta outro dia [...] nós (idosos) estamos sem segurança e os jovens também estão sem segurança. Nós estamos vendo muita perversidade [...] eu saía, aí chegava meia noite, uma da manhã. Hoje eu saio[...] vou pra igreja, venho antes de nove, venho já olhando pra frente, olhando pra trás [...] Então, a gente não tem mais aquela tranquilidade que a gente tinha há cinco anos atrás. Isso preocupa muito a gente e principalmente às vezes quando chega a minha idade, que eu moro só, né? [...]”. Conclui: “[...] é um desgaste muito grande [...] vejo o mundo assim completamente diferente que há dez anos atrás. Sabe?”. O entrevistado demonstrava-se bastante preocupado com a segurança do bairro e acredita que deveria ter uma lei mais rigorosa para punir os infratores.

Morador do bairro de Ipioca há mais de 60 anos, conta: “[...] eu perdi minha mãe em 1950, eu cheguei em 1950 na casa dos meus tios. Aí eu fiquei assim [...] da casa dos tios pra casa de outros [...] até quando eu completei 16 anos [...] a gente que era de menor ganhava meio salário. E então depois que eu completei 16 anos eu comecei a trabalhar. Eu trabalhava na Norte Alagoas, comecei trabalhar, trabalhava de dia e à noite, fiz o segundo grau à noite numa época que eu fui fazer uma cirurgia, aí aproveitei esse espaço, aí foi que eu fiz o segundo grau, terminei o segundo grau”. Sobre sua família: “[...] ficou eu e uma irmã, ela tá em Pernambuco. Eu tenho dois irmãos, um vivia com um tio, a outra vivia na casa de outro tio e eu vivia com ela, então a gente ficou, depois ficou de maior [...] Ela foi pra São Paulo e eu fiquei só, depois em 1970 eu me casei e agora em 2007, eu perdi a esposa”, recordando um fato bastante triste de sua vida.

O entrevistado reflete sobre sua vida: “Pra mim é muito maravilhosa a minha vida porque a minha luta foi maravilhosa, porque eu nunca matei, nunca roubei, nunca fui preso”. Acrescenta ainda sua boa relação com a vizinhança: “E admiro às vezes que tem esse vizinho aí, tem outro aqui, que esse vizinho é mais velho do que eu. A gente fica assim, batendo papo, conversando, mangando um do outro, se divertindo, é um cara muito legal, e assim vai levar uma vida divertida, né?”.

Percebe-se no entrevistado uma grande naturalidade e facilidade em explicitar seus sentimentos, talvez devido ao seu envolvimento já com a pesquisadora¹⁸. O entrevistado desabafa: “O maior sofrimento que eu encontrei foi a

¹⁸ A pesquisadora enquanto Estagiária Docente da Disciplina prática do Restauo do curso de Arquitetura da UFAL, participou de pesquisas no bairro acompanhando os alunos que entrevistaram os ainda ‘Fazedores de doce de caju em Ipioca’ (para compor um Dossiê de Candidatura do saber-

solidão [...] É uma coisa assim que às vezes a gente para um pouco e fica... Você não tem com quem conversar, eu tenho essa casa aqui é bastante grande pra mim. Mas às vezes eu paro um pouco assim, fico sozinho em casa, eu e [...] um cachorro”.

Sobre os entes familiares mais próximos: “[...] às vezes a minha filha vem, ela não é minha filha, ela chegou pra minha companhia com 18 anos, pra ajudar minha esposa. Minha esposa lutava com doce de caju e eu trabalhava”.

Recorda sobre sua infância: “Quando eu vim pra aqui, a Ipioca era um bairro tão esquisito, tão diferente, hoje a Ipioca tá uma cidade. Pelo que eu sei... alcancei em Ipioca esse rio aí vinha aqui (por dentro de sua casa), [...] depois fizeram essa pista e aterraram, aí afastou mais a água [...] ninguém via um lado e ninguém via o outro”. O entrevistado conta que o rio chama-se “Rio do Senhor”. [...] ninguém nem fala nesse nome, né? As pessoas vão chegando mais novo e alguém não passa isso, né?”.

“[...] a Ipioca hoje é lugar histórico de Floriano Peixoto”. Afirma, contando que o bairro é “um lugar onde não tem político” e acrescenta: “A Ipioca deveria ter mais uma visão, principalmente das organizações de governo, prefeito, porque aqui é um lugar [...] Como Paripueira que não teve condições passou a cidade, Barra de Santo Antônio não tinha condições passou a cidade porque tinha a usina Santo Antônio e aqui tinha a Cachoeira do Mirim e por que nunca passou, não passou porque era um bairro de Maceió e dizem que ia desequilibrar a contagem de voto nem sei de que...”.

Relata sobre o bairro: “E a Ipioca sempre ficou assim monótona, assim parado, sem ter condições de crescer, você ver, temos uma creche aí, agora invadiram [...] Tem o colégio, sai os meninos nos ônibus velho transferindo as crianças sem segurança [...] Aqui pra pagar água, luz, a gente tem de ir pra cidade. Não tem onde se pague água, luz, o camarada sair daqui pra cidade pra pagar água, luz, telefone [...] É um bairro muito grande, eu não sei o número de habitante que tem, mas tá muito grande [...] Aqui tá crescendo se vê, tá crescendo assustadoramente, mas, não tem segurança, né?”.

Sobre as brincadeiras de infância, conta: “Na minha época era mais Baiana [...] e Chegança, né? Tinha Guerreiro [...]”. Relata sobre a forma de brincar: “A

fazer os doces encaminhado ao Conselho Estadual de Cultura) e o Ei4 foi apontado pela população local como um desses.

Baiana é uma coisa simples que às vezes a gente vê [...] pela televisão. É uma dança de vestido comprido, né? E tem as pessoas que cantam, inclusive eu tenho aqui uma colega, que ela é mestra de Baiana. Ela é quase na minha idade ou mais velha do que eu, ela é mestra de Baiana. E a Chegança é mais difícil, é mais bonita, mas é mais difícil, só de homem [...] Parece que é uma mulher ou é duas somente, o resto tudo é homem. E desapareceu, né? Desapareceu completamente [...] Hoje não tem mais”.

Sobre os trabalhos manuais e artesanato que aprendeu, conta que sabe apenas fazer o doce de caju: “Porque todo meu tempo foi trabalhar em fábrica de tecido, eu trabalhava na parte mecânica, então eu aprendi isso. Mas aqui tem muitos pescadores, eu ainda participei, botei curral, achava tão ótimo, mas tava cansado já, já tinha me aposentado já. Mas aqui é luta”.

Sobre o artesanato diz: “Esse aqui surgiu, não é daqui, esse aqui é de fora, esse rapaz”, referindo-se a uma loja de artesanatos em frente a sua residência. “Esse artesanato não é daqui! O artesanato daqui, antigamente, era fazer vassoura e o doce, agora o doce de caju é...”. Refere-se ao doce como uma receita tradicional do bairro que atualmente não possui a mesma frequência que antigamente “[...] muitas (pessoas) não querem mais fazer doce, o trabalho, né? O trabalho é difícil [...] Não tem condições porque o doce de caju só é bom com isso aí...” (apontando para a lenha). “A vigilância sanitária passou aqui e veio, a gente teve conversando e ela olhou e eu perguntei se dava condições da gente fazer no gás, porque no gás é mais higiênico por causa da fumaça, né? Aí ele disse não faça nem tal coisa [...] nem tal coisa, que vai perder o sabor. Eu também não tentei fazer no gás, mas se desse certo no gás era bom. Ele disse que o tacho era de bronze e pra cozinhar com a lenha”.

Sobre o doce de caju, afirma que além de usar a lenha para seu preparo “[...] o maior segredo de tudo é mais o ponto, né? [...] Economia é bom, mas [...] pra doce não tem que cozinhar com o que é certo mesmo, foi o que eu aprendi quando saí da fábrica, quando me aposentei”. Conta que aprendeu o saber-fazer doce de caju com sua esposa, “[...] depois ela parou, aí eu continuei [...]”.

Quando indagado se o bairro de Ipioca apresentou algum tipo de melhoria ou piora, complementa: “Houve uma melhora, mas uma melhora que não agradou o povo [...], fizeram o colégio pras crianças [...] Melhorou muito, principalmente até na limpeza [...], o que falta mesmo é uma administração mais séria [...] A educação

melhorou, tem os dois grupos, [...] que tá pequeno [...]. É preciso que haja reforma porque a população cresce. Depois que fecharam as usinas, aí Ipioca cresceu, veio muita gente pra aqui pra Ipioca, aqui tem uma entrada ali pra grota, lá chama Boca do Fumo”.

Sobre as festas tradicionais do bairro, conta que a festa da padroeira ainda permanece: “Ah! Mas não é como antigamente não”. Atribuindo a mudança ao uso de drogas por parte dos jovens. “[...] a droga muda muito o sentido dos jovens [...]”.

Conta ainda que não estudou no bairro “Eu estudei particular e [...] no colégio [...] lá em Saúde [...], Raul Lima [...], passei um tempo ali. Foi depois eu fiz segundo grau”. Justifica o motivo de não ter estudado em Ipioca, “[...] porque quando organizaram o colégio [...] e o grupo Floriano Peixoto, aí eu já tava trabalhando e outra também que eu só podia trabalhar de dia, porque eu trabalhava pra me manter. Trabalhava com os meus tios [...] ao dia, à noite era que eu ia estudar, aí tinha que estudar particular [...]”. E conclui sobre seus estudos: “Mas minha vida é muito interessante, aí eu sofri muito, sofri, mas graças a Deus, só devo a ele, ao pai que me deu toda sabedoria, não estudei, sou praticamente analfabeto, mas me deu a inteligência de conhecer as coisas boas e ruins”.

Sobre algum fato interessante acerca do bairro de Ipioca, conta: “O que tem é histórico, da história dos velhos, né? Que diz é que Santo Antônio saía daqui da igreja e ia lá pro Mirim, lá no Mirim, lá tem uma parte que tem um pé de árvore. E o Santo Antônio saía daqui e ia pra lá, iam molhar ele de dia, aí botavam ele aqui, ele saía daqui no outro dia viam o rastro dele na Saúde [...] Ele ia pra lá, no outro dia vinha embora. Aí casou com nossa Senhora do Ó, pronto, aí não saiu mais [...] O pessoal tem cada lenda!”

O entrevistado conclui a entrevista, fazendo algumas reflexões sobre as atitudes dos jovens de hoje: “[...] nos colégio não tem mais aquele ensino religioso [...] quando existia essa aula religiosa, as coisas eram outras! Havia uma obediência, uma educação mais saudável, a criança respeitava o mais velho, o mais velho respeitava a criança. E mais... falta aquela obediência familiar, aquele amor, então só dentro da igreja”. Finaliza, esclarecendo a importância da religião, pois é uma pessoa bastante envolvida com a igreja local, Nossa Senhora do Ó, tendo inclusive uma chave da edificação.

d) Entrevistado idoso 5 (Ei5)

A entrevistada (sexo feminino) tem 71 anos e nasceu em Ipioca, no dia 25 de outubro de 1941. Estudou até o primário e sobre suas atividades profissionais conta: “Trabalhava na função de oficial do registro civil, né? Mas substituta”. Sobre sua juventude, recorda: “[...] a minha vida em Ipioca... [...] Eu era muito unida com meus pais, plantava melancias e só saía com ele. Ou com ele, ou com minha mãe, ou com um dos meus irmãos mais velhos [...] Nunca deixei meus pais”. Conta que se casou quando tinha entre 12 e 13 anos e sobre sua rotina: “Cozinhava, lavava, passava, cuidava dos meus pais”. Recorda que recebeu uma oferta de emprego de seu tio e que aceitou: “Trabalhei na Capital e Moldes. É afiliada brasileira. Era em Maceió. Era no centro, bem na Rua do Comércio mesmo”.

Sobre algum tipo de artesanato ou receita tradicional em sua família, conta que não é de seu conhecimento. Sobre as festas tradicionais explica: “Olha! Também eu nunca fui fã, negócio de festa aqui pra mim, tem nem costume, festa [...] Meu negócio é somente trabalhar, tomar conta da casa e trabalhar na rua. Nas lojas! Recorda ainda sobre sua rotina de trabalho [...] lembro que eu me levantava quatro da manhã, preparava almoço, já deixava almoço pronto pra [...] eles quatro [...]”, referindo-se a mãe, ao pai, e a dois irmãos pequenos, “[...] minha luta foi assim, não era essa de festa, não [...]”

Sobre o bairro, a entrevistada afirma: “[...] vai evoluindo, né?”. E ainda acerca de suas lembranças de menina no bairro “Olhe! Pra lhe ser franca, eu não tenho lembrança nenhuma, eu me esqueci de tudo, tudo, tudo, tudo. É mais fácil... Eu lembro mais recente do que a que tá lá trás”. Afirmando que nada lhe marcou, apenas seu tempo de trabalho. E finaliza a entrevista justificando: “Desculpa não responder mais, porque realmente eu não me lembro”.

e) Entrevistado idoso 6 (Ei6)

O entrevistado nasceu no dia 28 de setembro de 1941 em Ipioca, no Sítio Rêgo “[...] é porque a Ipioca, ela divide-se em Boa Vista, que é aquela parte logo no início, quando você chega, depois na frente é o Sítio Rêgo, lá em cima é o Alto da Ipioca [...] Depois disso tem a Estiva, que tinha um lugarejo [...]”.

Sobre sua formação educacional conta “Olhe! Eu fiz o CIAGA (Centro de Instrução Almirante Graça Aranha) aqui, que é relativo ao, antigamente, científico, né? Aí, depois eu fui fazer pra parte profissional, [...] Atualmente eu me aposentei MCB (Mestre de Cabotagem). É uma profissão, é uma categoria que dentro da Marinha Mercante”.

Sobre sua infância lembra: “[...] foi uma infância pobre, não miserável, pobre, né? Ali em Ipioca, porque naquela época aquilo ali era uma Disneylândia pra gente que era pequeno. Era... Vivia com meus avós, na casa dos meus avós e foi aquela vida de criança; minha avó foi que me alfabetizou, e eu vivia com ela na casa deles”.

Conta ainda sobre seu cotidiano atual “[...] é viver em casa [...] Eu não trabalho mais, [...] eu vivo só em casa, ajudando em casa a esposa e tomando conta dos afazeres da casa, né?”.

Sobre seu passado em Ipioca: “[...] era aquele negócio de buscar água no rio com carrinho de mão; na época da safra do caju, era ajudar a minha mãe, [...] minha avó, descascar, tirar caju, recolher cocos, na tirada dos cocos; a gente ia com os tiradores de coco, pra poder recolher os cocos, trazer pra casa. Aquela atividade que acompanhava a vida cotidiana da família, né? Era pra eu levar as cabras e as ovelhas pra pastar, ir na lagoa botar ratoeira pra pegar caranguejo, botar covão pra pegar camarão, camarão de água doce. Era aquela vidazinha de... tirar fruta nas fruteiras pra vender, pra minha avó vender, era a vida cotidiana mesmo da época, né?”.

Para ele, a lembrança que mais marcou foi: “[...] na minha adolescência foi, justamente, os meus avós [...]. O cuidado que meus avós tinham comigo [...]. Aquilo me marcou porque era muito saudável aquela época, não existia tanta [...] que a pessoa quando quer dividir com outro, quer disputar com outro, né? Era tudo mais ou menos normal [...]” Sobre os divertimentos, acrescenta: “Ah! A brincadeira quando a gente era criança, era fazer garrafão, aquela pique bandeira, é assim à noite, de noite de lua ali em Ipioca era uma beleza, que as estrada não era asfaltada, né? A estrada ficava livre pra gente brincar, quando era a hora da maré ia pra praia, noite de lua, aquela... Muito bonito aquilo ali [...] ajudar a trabalhar nos currais”. Sobre as diferenças entre brincadeira de menina e de menino, conta: “Algumas meninas brincava com a gente, outras não brincavam, né? Algumas que eram [...] atiradas, né? Brincava com a gente [...] não tinha muita diferença não”.

Sobre os tipos de trabalhos remunerados, descreve: “Havia na época, ali em Ipioca, tinha muito forno de pau, né? Aquela... fazia cal com aquela pedra calcária dos arrecifes, tinha muitas pessoas que trabalhavam naqueles fornos de cal, outras pessoas, na época da safra do caju, era fazer doce de caju pra vender; era os currais, né? Quando se iam trabalhar no curral. E aí a gente ganhava um peixe, um negócio, e o pessoal que trabalhava muito aí em Ipioca remunerado, era da fábrica de Saúde [...] a Têxtil Norte Alagoas [...] E aquela maioria das pessoas trabalhava na fábrica. Ou era mocinha, ficava mocinha, rapazinho já arrumava uma vaga pra trabalhar na fábrica; que a fábrica naquela época, inclusive, tinha um caminhão pau de arara, né? Que era um caminhão com os bancos e tal, atravessados. E fazia o transporte, vinha buscar os funcionários, levava e depois vinha trazer, a hora que largava do serviço e quando não tinha o pessoal ia a pé mesmo. A viação canela ia lá pra Saúde e voltava”.

Sobre diferença de remuneração entre homem e mulher diz: “Olha! Lá na fábrica eu não sei, né? Porque eu nunca trabalhei, nunca tive aproximação na fábrica, né? Mas a fábrica é por categoria, cada um é tecelão, outro é não sei que, tem várias atividades, deve ser uma remuneração diferente para cada estágio daquele, né? Eu acredito”

O entrevistado conta que não aprendeu a fazer artesanato com sua família: “Com a família não, mas com os outros eu aprendi a fazer rede, tarrafa, esse negócio ligado à pescaria, né?”. Porém não faz mais e não ensinou ninguém de sua família: “[...] não dou oportunidade de ensinar porque [...] a minha família não tem ninguém ligado a isso, não gosta de pescar. E eu saí de [...] Ipioca [...] fui pra Recife, depois [...] para o Rio”. Relatando os locais que já morou e onde mora atualmente, no Rio de Janeiro, na cidade de Araruana.

Quando indagado sobre receitas tradicionais em sua família, fala: “As comidas daquela época era [...] A janta era uma macaxeira, uma batata doce, um fruta-pão; uma comida assim, né? E na hora do almoço [...] feijão cotidiano [...], feijão mulatinho, o carioquinha com bastante coisa dentro, abóbora, maxixe [...] não tem assim uma comida específica [...]”. Mas o entrevistado conta ainda sobre o que aprendeu “eu sei fazer peixe no coco, comida assim de frutos do mar e esse meu feijão [...], eu aprendi a fazer com meus avós, com minha avó”.

Sobre as festas tradicionais do bairro, conta: “Ah! As festas tradicionais era Nossa Senhora do Ó, ali no Alto da Ipioca, onde fica [...] a igreja, no Alto. Ali naquela

época era muito animado no dia 17 de dezembro, era a festa de Nossa Senhora do Ó; então, ali ia Chegança, ia Guerreiro, ia Pastoril, entendeu? Ia Baiana, tinha vários tipos de festejos lá, que ia pra animar a festa, né? Aí, ia aqueles brinquedos, barco, era, como chama lá hoje em dia, istivolim [...] naquela época chamava istivolim, era o que hoje em dia chama o carrossel, né? Então, tinha vários brinquedos lá em cima, a festa mesmo, toda festa lá de Ipioca era feita lá em cima no Alto, no Alto da Ipioca”. Sobre a permanência da festa conta “Ah não! Depois eu voltei pra Ipioca, aí, voltei a morar aí, aquela festa foi acabando, acabando, não fez mais estímulo de ninguém e foi acabando, né? Eu não sei se hoje em dia ainda tem, mas acho que não [...] Tem uma comemoração muito pouca”.

O local mais frequentado, para o entrevistado, era o Alto de Ipioca: “[...] tudo que a gente ia era pra lá, porque lá tinha a igreja, a igreja católica, tinha não, tem. E se concentrava mais o número de gente lá, tem o clube, do clube de futebol lá do Floriano; sempre tinha um baile, um negócio, e a gente ia muito pro Alto da Ipioca. Então, morava lá embaixo, vinha a pé, e subia a ladeira ia pra lá”.

Indagado sobre como era o bairro nos anos de 1980 e 1990, conta “Houve a melhoria, inclusive, eu voltei pra lá, e depois fizeram loteamento, apareceu loteamento, acabaram as casas mais humildes, foi aparecendo casas melhores. Entendeu? Botaram ônibus, porque naquela época que eu era pequeno, não era ônibus [...] E a gente ia muito atrás de caminhão, ia e voltava pra Maceió; depois, quando cheguei lá já tinha ônibus coletivo, de transporte coletivo, aí foi melhorando mais, né? Já apareceu outras pessoas que era de fora, já foi fazendo outros empreendimentos, quando eu voltei já tava bem melhor”.

Sobre seu tempo de estudo, descreve: “[...] eu fui alfabetizado em casa, né? Com a minha avó. Saí de casa já aos 13 anos já alfabetizado, aí fui pra esse grupo lá no Alto, né? Alto de Ipioca, Grupo Marechal Floriano Peixoto, né? Lá, e lá eu fiz o primário, terminei o meu primário aí no Colégio Batista de Maceió, porque eu vim pra casa da minha tia [...] E passei o resto do tempo fazendo o primário no Colégio Batista. Depois eu fui estudar em Satuba, foi onde eu fiz o meu ginásio lá, aí dali [...] Eu fui pra Recife trabalhar e... Aí comecei a trabalhar e não parei mais, até me aposentar”.

Conta também que ajudava sua família quando garoto: “[...] era justamente, colher os cajus [...] ou até trazer pra casa com meu avô. Nessa época foi que a minha ajuda foi somente nesse sentido aí”.

Como mensagem final da entrevista, o entrevistado dá algumas sugestões para melhoria do bairro: “[...] Aquela Saúde ali é uma mina, Ipioca iria melhorar se entrasse ali uma fábrica, uma indústria na Saúde; desapropriasse aquilo, porque aquilo até Cachoeira do Meirim é dentro ali, um lugar que tem muita água, muito plano, e o pessoal da fábrica acabou com aquilo, aquilo entrou em falência, né? E [...], segundo eu estou sabendo, tá jogado pra lá. E aquele é um canto que Alagoas devia ressuscitar, aquilo com fábrica, né? Chamando fábrica pra ir pra lá, melhorando incentivos fiscais, aquele negócio, pras fábricas irem pra se instalar lá; aí dava emprego pela aquela região. Ipioca é um lugar histórico por... Floriano Peixoto, né? Porque ele batizou-se na igreja. Eu já tentei pra vê se botava uma mensagem aí em Ipioca, por aqui conversando por aqui com pessoas, mas é muito difícil, pra poder estimular a igreja aí, ia escola e cursos pra aquele pessoal, dá uma pena ver tanta mão de obra ociosa ali, né? Quando eu tava morando ultimamente lá e vendo aquele... Não tem lugar, não pode nem culpar as pessoas, porque não tem emprego e a juventude parada por lá. Isso é uma coisa que os políticos aí deveriam estimular aquela Saúde”.

Conta ainda sobre Saúde: “Aquilo ali, eu era garoto, eu ajudava o falecido marido da minha tia [...] tia Miriam. Eu fazia feira com ele, quando eu comecei aprender a fazer conta de somar, eu ia com ele que ele fazia feira ali, tinha uma barraca grande, que ele tinha uma venda ali na Boa Vista, e eu ia com ele pra fazer feira. Aos domingos tinha uma feira grande, aquela Saúde [...] Tem igreja, tem creche, tem grupo escolar, tem tudo ali, tem uma casinha de saúde, posto de saúde, aquilo ali foi um desperdício fazer o que fizeram com aquilo ali. E os empregos que o pessoal perderam dali, né? Eu conheci gente que nasceu ali, já era casado, já tinha filho quando foi ... Que teve a... A fábrica entrou... Foi derrubada lá, foi obrigado a sair dali”. Conclui, solicitando por melhorias na região.

f) Entrevistado idoso 7 (Ei7)

A entrevistada (sexo feminino) tem 90 anos, nasceu em Santana em 15 de julho de 1922. Conta sobre seu cotidiano: “O que é que eu faço? Cozinhar um feijão, fazer um arroz, comer, lavar um prato [...] E barrer um rancho”.

Casou-se muito nova e recorda: “Ah minha filha! Desde quando a gente era jovem, eu fazia era... Botar lenha, depois mangue, pegar o berdigão pra comer, fazia

isso; pra praia atrás de peixe, o que a gente fazia era isso naquele tempo”. Sobre as brincadeiras existentes afirma: “Brincadeira não tinha não! [...] Naquele tempo era o tempo da ignorância, não existia esse negócio hoje”.

Recorda os trabalhos remunerados que existiam: “Nas cozinhas dos outros, caba no mangue, fazendo doce de caju no tempo, era assim, o trabalho era esse”.

A entrevistada não sabe fazer nenhum artesanato ou trabalho manual. Sobre receitas tradicionais na família recorda: “A nossa receita é: quando [...] estava doente, pegar um mato fazer um chá é assim”. Lembra também de: “feijãozinho com coco, era muito difícil comer um arroz [...] que o pobre antigamente era tudo pobre”. Quando indagada fala ainda sobre o doce de caju: “Só era o que eu fazia [...], não fazia outro não, que ninguém não tinha outro pra fazer. Só fazia doce de caju e no tempo, de setembro pra outubro, né? Janeiro, assim. A gente é que fazia”. Relata que ensinou para sua filha, mas que sua neta não aprendeu.

Sobre as festas tradicionais do bairro lembra: “Santo Amaro, Nossa Senhora do Ó, São João, São Pedro, era as festa que tinha aqui”. Dessas, afirma que ainda existem a festa de Nossa Senhora do Ó e a de Santo Amaro. “[...] A festa de Nossa Senhora do Ó é ali no Alto, na Ipioca, né? Santo Amaro na Paripueira [...]”.

Sobre o bairro, conta: “Era tudo calmozinho, aqui mermo onde eu [...] conheço”. Porém, recusou-se a contar sobre a história do bairro: “[...] Não tem nada disso na minha cabeça mais. [...]”

Recorda que ajudava sua família em atividades de trabalho: “Ajudava, trabalhava nas cozinhas dos outro, né? Ajudava minha família”.

De toda a entrevista, a entrevistada mostrou-se entusiasmada apenas ao falar sobre o doce de caju: “Menina! Eu abri os zoios, a minha mãe fazendo doce. [...] tinha muito cajueiro, e a gente dava graças a Deus quando chegava o tempo do caju pra fazer um docinho pra vender, minha fia. Era um tempo pobre, a gente se valia dos caju”. Sobre os tipos de doce: “Tem o doce branco e tem o ameixa [...] a gente alimpa o açúcar e cõa; os caju a gente desóia e descasca, fura, espreme e bota no mel pra ferver”. Conta que sabe fazer o doce branco, que é o cristalizado e o doce preto, que é o ameixa: “Tem o de calda. O de calda a gente dá o ponto [...] O ameixa a gente fura botando pra ferver, quando é no outro dia, bota mé, bota pra dá ponto. E um doce branco a gente descasca fura, espreme, bota no tacho pra ferver, no outro dia bota mé, dá ponto, pra ele ficar no ponto; tem cuidado pra escorrer, pra botar no sol pra vender”. Conta ainda que sua família ainda faz doce, mas sobre o

fazer no bairro afirma: “Hoje já se acabou, mas a metade tem ainda faz”. Sobre quem mais poderia informar sobre essa atividade no bairro informa: “Agora aqui eu não sei não, tinha muita doceira, mas o pessoal já se mudou muito, mas tinha muita que fazia; umas morreram”.

Conta que suas filhas sabem fazer o doce e que aprendeu com sua mãe: “Quando nasci, fui crescendo e vendo ela fazer e fui aprendi também [...] Fui fazer também pra fazer um trocadinho”. Em um breve resumo sobre o modo de fazer, explica: “É panhar o caju, lavar, descascar, furar, espremer, alimpar o mé pra ferver, no outro dia se bota outro mé pra dar ponto, que é pra poder ficar bom”. Afirma que fica pronto no mesmo dia, mas não sabe informar o custo dos ingredientes que compõem o doce.

Sobre a venda atual do doce conta que ainda tem gente que vai até sua residência procurar, mas ela relata: “Mas agora não tem mais, não tem mais caju! Aqui! O povo não compra... Já vendi muito minha fia! Eu vendi muito doce na porta, botava num coisa, os comprador passava, comprava. Vendi muito! [...] Não foi eu só que nem muito aqui”. Conta ainda: “Diziam que meu doce era bem feito, ameixa era bem feita, ainda hoje eles gabam”.

g) Entrevistado idoso 8 (Ei8)

A entrevistada (sexo feminino) tem 65 anos, nasceu no bairro de Ipioca, no ano de 1947 e é filha da entrevistada anterior, estudou até o segundo primário e trabalhou na fábrica da Saúde. Atualmente conta: “Trabalho em casa, trabalho na praia, curral e pesco [...] Eu vivo da pesca, eu vou pra pesca, vivo em casa tomando conta dos netos”. Sobre sua atividade de pesca fala: “Eu vou, pesco. Quando eu chego lá, pesco o que tem, arrumo alguma coisa que tem lá pra fazer. Eu hoje saí daqui era seis e... Quase sete, cheguei era uma e meia”. Conta ainda que vende o peixe.

Fala de sua infância: “[...] assim, de brincar eu quase não tinha”. E sobre as brincadeiras locais, acrescenta: “Aqui era de pega, né? Que antigamente era [...] Era de esconde-esconde, esse negócio era besteira”. Com 15 anos foi trabalhar e na fábrica da Saúde trabalhou como tecelã: “Trabalhei cinco anos na tecelagem, depois passei, fui trabalhar no enrolador”.

Sobre o que mais marcou em suas lembranças de menina: “Acho que eu fico assim pensando que a brincadeira... As de sempre, a gente brincar com as coleguinhas. Ter as coleguinhas pra brincar, somente. Outras coisas não tinha não, que aqui não tinha nada”. Fala que não havia diferença de brincadeiras entre meninos e meninas: “Todo mundo brincava junto”.

Relacionado aos trabalhos remunerados que havia: “Aqui que eu lembre [...] não tinha não. Só tinha na fábrica [...] quando dava de 14 anos, a pessoa ia trabalhar”. Recorda ainda da pesca “[...] era o pessoal adulto, né? Os pais os avós, os avôs [...] os tios, tudo tinha armadilha, tinha curral, pescava fora de jangada. Hoje não tem”. Fala ainda: “Antigamente diz que as mulher não trabalhava, né? Quem trabalhava era os homens”.

A entrevistada fala que não chegou a aprender nenhum tipo de artesanato com sua família e quando indagada sobre as receitas tradicionais existentes, conta: “Só do doce”, explicando a sua receita: “É pegar o açúcar, limpar o mel, pegar o caju descascar, furar o caju, espremer e botar pra felver. Bota numa vasilha, no outro dia, limpa outro mel mais grosso e bota no fogo pra dar o ponto, ele está na calda, aí ele na calda, aí depois bota pra escorrer numa peneira e pra fazer o cristalizado que é o que ela diz... Pra fazer o cristalizado, hoje o pessoal chama cristalizado e o ameixa”.

Sobre as festas tradicionais do bairro, recorda: “[...] quando era tinha Pastoril, Guerreiro, Baiana, esses negócio, mas não existe mais e a festa de Nossa Senhora do Ó”. Que ainda permanece. Relembra sobre a festa: “Era assim à noite, parece que era nove dias de festa, e pife, né? O pessoal tocava pife na porta da igreja e... durante as nove noites da comemoração da padroeira, era festa, quando era no dia 18 de dezembro era a procissão”.

Sobre as melhorias que ocorreram no bairro, relata: “Melhoria teve porque aqui existia poucas casas e hoje a se ver, tá cheio de casa, né? Que a pessoa não tinha energia, a pessoa era com candeeiro, não tinha fogão a gás, não tinha... Era fogo a lenha [...] Melhorou cem por cento”.

Sobre seu tempo de estudo recorda: “Eu estudei o primeiro ano e o segundo ano, lá naquele Grupo Sete de Setembro, lá na Ponta Grossa”. Não chegando a estudar no bairro de Ipioca: “[...] estudei assim numa escolinha que tinha de... Particular, com a Aurélia, foi ABC, esse negócio somente. Aí eu fui embora para o Vergel com a minha tia, aí fiquei lá, estudei primeiro, foi... foi cartilha, primeiro ou foi segundo ano, somente”.

Conta ainda que ajudava sua mãe em atividades de trabalho: “Eu ia trabalhar e ela ficava em casa, né? Com tempo de doce, quando chegava o final de semana, o domingo, eu ajudava ela a fazer”. Recordando do fabrico do doce do caju que era abundante em sua residência, tendo sido passado da geração a geração: “Foi tempo que ela não aguentou mais fazer (sua mãe), eu... aprendi”. A entrevistada encerra a entrevista, concluindo: “[...] a tradição daqui era isso mesmo”.

JOVENS

a) Entrevistado jovem 2 (Ej2)

A entrevistada (sexo feminino) tem 33 anos, nasceu em Ipioca no dia 22 de janeiro de 1979. Filha da entrevistada anterior e neta da Ei7, conta: “Nasci aqui no povoado de Ipioca junto com a minha avó e minha mãe que eram fazedora de doce de caju”.

Atualmente, a entrevistada trabalha com serviços gerais no horário da manhã: “[...] no segundo horário tomo conta dos meus filhos e da minha avó”. Diz que para se divertir no bairro a única opção é ir à praia.

Relata que existe a receita tradicional do doce de caju em sua família e que aprendeu a fazer: “Um pouco... Com a minha avó e minha mãe”. E sabe descrever a receita: “O modo de preparar é: decascar o caju, furar e colocar ele no mel, e colocar ele pra cozinhar, no outro dia você faz um... você prepara ele na calda e coloca numa peneira pra escorrer, depois mela no açúcar e bota pra secar”.

Sobre as festas tradicionais no bairro conta que existe apenas a da padroeira Nossa Senhora do Ó, a qual ela frequenta e justifica: “Eu nasci aqui, a gente gosta e é a única festa que tem aqui no bairro de Ipioca é essa”. Fala que o local mais frequentado no bairro é: “Só na praça [...] No Alto de Ipioca” a qual ela frequenta esporadicamente: “É animado”.

Descrevendo o bairro atualmente e o que mudou do tempo de seus avós para hoje, a entrevistada destaca a violência. Sobre as recordações de sua avó: “Ela conta que antigamente não existia energia aqui, não existia a estrada, tinha estrada de barro e não tinha a população, o número de moradores como tem hoje”.

A entrevistada não estudou no bairro: “Estudei no bairro do Poço” e conta que ajudava sua família: “Quando tinha doce de caju na época”.

a) Entrevistado jovem 3 (Ej3)

O entrevistado tem 20 anos e é natural de Ipioca. Estudou até o 8º ano e atualmente trabalha no restaurante Oca, situado no Alto de Ipioca. Descreve seu cotidiano como tranquilo e possui dois empregos. No restaurante inicia seu expediente às dez e finaliza às cinco. Dia de segunda e sexta-feira também trabalha na CASAL.

Quanto aos divertimentos encontrados no bairro, cita a quadra esportiva (Ver figura 77), instalada no bairro há aproximadamente três anos, como ponto de encontro, conta ainda que frequenta o espaço apenas para observar, pois não participa dos jogos.

Figura 77 - Quadra esportiva em Ipioca.



Fonte: Autora, 2012.

Ao ser indagado sobre suas habilidades manuais, afirma que não sabe fazer nenhum tipo de artesanato ou receita e desconhece receitas tradicionais em sua família. Conta apenas que sua mãe é manicure.

Sobre as festas tradicionais do bairro, cita a festa da padroeira Nossa Senhora do Ó que ocorre no final do ano, a qual ele frequenta. Descreve a mesma como: “Boa, é vários santos”.

Explica que no bairro frequenta apenas a quadra esportiva, mas quando quer sair para se divertir, frequenta outros bairros: “Se for pra sair tem que ir pra outro canto, Paripueira, Barra, esses cantos, Jaraguá”. Mas conclui sobre Ipioca: “Gosto e amo muito! Mas ainda falta muita coisa pra acontecer aqui”. Complementa: “Tem que renovar essa igreja que tá há trezentos mil anos, tá tudo se acabando lá por

dentro”. Referindo-se ao recorte de jornal fixado em painel na entrada do restaurante (Ver figura 78).

Figura 78 - Recorte de Jornal sobre riscos da igreja Nossa Senhora do Ó.



Fonte: BAËTA, Elô. Em risco, 300 anos de história e fé. In.: O Jornal. Maceió, 2012.

O entrevistado conta que houve mudanças do tempo dos seus avós para hoje: “[...] mudou muito, porque antigamente era tudo mato, não tinha nem essas casas toda”. Conta ainda que ajuda a sua família e explica: “Porque tem que ajudar, foi ela que me criou desde pequeno, quem me deu tudo, tem que ajudar”.

b) Entrevistado jovem 4 (Ej4)

A entrevistada (sexo feminino) tem 13 anos, “Nascida e criada” em Ipioca, conta que faz o 8º ano e relata seu cotidiano: “De manhã: acordar... malandragem só, não faço nada! E de tarde eu saio pra escola. À noite quando volto da escola também fico na rua, todo mundo, o pessoal que eu conheço daqui da Ipioca”. Sobre as brincadeiras no bairro, cita: “Pega-pega, esconde-esconde, pega-ladrão, ah é tanta! Deixa eu ver... O dono da rua, galinha acocorada, um monte”. Indagada com quem aprendeu as brincadeiras, afirma: “Já vem que todo mundo já sabia”.

Não aprendeu nenhum trabalho manual ou artesanato, mas conta que sua irmã sabe: “[...] ela tem um pouco de criatividade e faz algumas coisas de vez em quando. Ela aprendeu com a minha tia e também tendo aula aqui no Floriano, no

colégio”. Sobre alguma receita típica familiar, identifica o Mungunzá: “Sei não (fazer), quem sabe é minha vó, eu sei assim... poucos ingredientes”. Também não sabe dar a receita. Sobre as festas tradicionais no bairro de Ipioca, enumera: “São João, Carnaval, Natal, Ano Novo”. Mas afirma que a mais tradicional é a festa de São João, a qual ela frequenta e justifica: “Eu gosto, já é daqui de Alagoas”.

Conta que os locais mais frequentados no bairro são: “A sede (Floriano Peixoto Esporte Clube) lá em cima e a igreja (Nossa Senhora do Ó)”. Mas que não frequenta a igreja, apenas a sede: “Eu não frequento igreja! A igreja católica eu não frequento, eu frequento mais outras”.

Descrivendo Ipioca como modificou do tempo de seus avós para hoje, fala: “Nossa, tanta coisa! O tipo de criação dos filhos, tudo, as ruas. Tanto das pessoas como do bairro mesmo, as pessoas mudaram demais”. Sua avó contava sobre o bairro: “[...] era tudo mato e ficava todo mundo [...] Antigamente todo mundo podia colocar esteira no chão da rua, assim mesmo, e ficar olhando pro céu quando faltava energia. Hoje em dia não pode, né? Mas antigamente podia, ela subia num monte de pé de... Acerola, essas coisas, ficava roubando pitanga do quintal dos outros. Mas hoje em dia ninguém faz isso mais não”. Conta ainda que havia bastante carambola no bairro.

A entrevistada relata que atualmente não estuda no bairro de Ipioca, e sim em Ponta da Terra e que ajuda em atividades domésticas. Encerra a entrevista contando sobre a festa de Carnaval que acontece no Alto de Ipioca: “Carnaval é bom o bloco, vários blocos, trio elétrico sobe aí no Alto”.

c) Entrevistado jovem 5 (Ej5)

A entrevistada (sexo feminino) tem 27 anos e nasceu em Salvador, mas mora há 22 anos em Ipioca. É parente da entrevistada Ei3, participante da pesquisa. Ainda cursa o Ensino Fundamental e sobre seu cotidiano, conta: “Eu vou pro curso de manhã, pro estágio que estou estagiando e quando chego à noite, vou pra outro curso no SENAC”. E em relação aos divertimentos existentes no bairro, cita: “Praia, as praças, fizeram uma quadra agora, só isso”.

Conta que sua mãe sabe fazer crochê, mas que não a ensinou, talvez devido à falta de interesse em aprender. Sobre as receitas tradicionais de sua família,

conta: “Tem o pé-de-moleque que minha mãe faz”, mas que também não aprendeu. “[...] ela sempre faz que é de antigamente, muito antigo, né?”.

A entrevistada cita a festa da padroeira como a mais tradicional do bairro, a qual ela frequenta: “[...] mas tá com três anos que eu num vou”. Justifica devido à falta de tempo. Sobre o lugar mais frequentado no bairro, menciona a quadra: “Tem a quadra, só. Aqui tinha discoteca, mas fechou”.

Indagada sobre as mudanças que ocorreram no bairro, reconhece que foram muitas e enumera: as escolas que foram reformadas, a construção recente da quadra, o calçamento das ruas, o surgimento da água encanada, e conclui: “É! Reformaram muitas coisas [...]”. Sobre o que sua avó contava sobre o bairro, recorda: “Que era um bairro histórico [...] do tempo de Floriano Peixoto”. Conclui a entrevista salientando as mudanças que gostaria de ver no bairro: “Uma creche, né? Pras mães deixar os meninos que é abandonado e que agora invadiram as escolas, que só tem até a oitava série; Aí as crianças tem que se deslocar pra fazer o primeiro ano em Maceió e muita gente que não tem condições, o menino desiste, que nem eu desisti porque minha mãe não tinha condições, né? Hoje botaram o ônibus, mas vem quando quer; e o posto de saúde que é zero também aqui, não tem médico [...] tem que botar um posto de polícia que também não tem”.

A entrevistada frisa bastante a questão da violência que atualmente existe no bairro. Com a ocorrência de assaltos, a maioria dos moradores gradearam suas residências: “Aqui já foi bom de morar, a violência tá demais; mudaria isso, botava um posto de polícia 24 horas, né? E o povo já pediu muito e nunca foi [...]”.

d) Entrevistado jovem 6 (Ej6)

A entrevistada (sexo feminino) tem 18 anos, nasceu e mora em Ipioca. Atualmente encontra-se cursando o 3º ano do ensino médio, no bairro de Ponta da Terra e não exerce nenhuma atividade remunerada. Considera que teve uma infância normal no bairro “[...] que nem a maioria, eu acho, né?”. Resume sua rotina atual: “Escola, casa, dentista, saio com as amigas, de vez em quando, só”. Sobre os divertimentos no bairro não identifica nenhum.

Em relação aos trabalhos manuais (artesanato) que sabe fazer, cita apenas: “[...] penteado, cabelo”. E conta que aprendeu sozinha, “[...] olhando as meninas, fazendo”. Indagada sobre receitas tradicionais em sua família, conta: “Minha avó, (é)

cozinheira de mão cheia”. Cita como exemplos: tapioca e frutos do mar, mas confessa que não aprendeu nenhuma delas: “Saber eu sei (cozinhar), mas essas coisas não”.

Sobre as festas tradicionais do bairro, fala sobre a festa da Padroeira a qual ela frequenta: “É todo final do ano, são nove noites e tem missa na rua, missa na igreja, tem a procissão, no último dia da festa tem a procissão. Vai, anda o bairro todo com os santos, é bonita que só, vem o parque pra cá”. Identifica a praia e os restaurantes locais como lugares mais frequentados no bairro: “[...] Assim que vem gente de fora” e fala que de vez em quando também frequenta.

Descrevendo Ipioca hoje, comparado ao tempo de seus avós, acredita que antigamente havia mais opções de divertimento no bairro: “[...] a pessoa não precisava nem sair pra fora. Hoje em dia, acho que a gente não tem nada pra se divertir”. Conta ainda que gostaria de mudar exatamente isto: “[...] melhorar alguma coisa, ter alguma coisa aqui porque não tem pra gente se divertir”.

e) Entrevistado jovem 7 (Ej7)

A entrevistada (sexo feminino) tem 18 anos e nasceu em Ipioca. Está cursando o 3º ano do ensino médio no bairro da Jatiúca e não exerce nenhuma atividade remunerada. Sobre seu cotidiano conta: “[...] de manhã eu vou pra escola, tarde eu fico em casa. Só escola e casa”. Em relação às possibilidades de lazer no bairro, fala: “Aqui é bem calmo, tem só a quadra, aqui na outra rua onde tem competição de futsal, às vezes, onde as pessoas vão olhar”. Esse local a adolescente frequenta.

Indagada sobre saber fazer algum tipo de artesanato ou trabalho manual, explica que nem ela nem nenhum parente têm esse conhecimento. O mesmo se aplica às receitas tradicionais. Conta apenas que em época junina, sua avó faz comidas típicas como pamonha, mas que não sabe fazer: “[...] eu tento, mas não sai muito bom”. Em relação às festas tradicionais do bairro, fala: “Só em algumas épocas do ano, como São João, carnaval [...] É o costume no carnaval sair os blocos daqui e em São João, faz umas festas juninas ali perto da quadra também”. As quais ela frequenta. Quando indagada sobre a existência de alguma festa no Alto de Ipioca, recorda: “No Alto é bem tranquilo, mas agora né? Porque no fim do ano tem a festa da padroeira daqui de Ipioca. Aí movimenta aqui, porque a igreja fica aberta,

e tem uma festa, pessoas montam umas barracas. Todo mundo vem em dezembro”. Inclusive a própria entrevistada.

Descrevendo o bairro, conta que mudou do tempo de seus avós para hoje: “Ipioca era pequena, agora está cheia de casa e era mais tranquilo, hoje você mais vê assaltos, essas coisas [...] A minha avó costuma dizer que antigamente ela podia dormir com a porta aberta, não acontecia nada e hoje não”. A entrevistada conta ainda que frequenta outros bairros da cidade: “Eu fico muito lá na Jatiúca ou ali na Mangabeiras. Daí vou pro shopping com as meninas. Essas coisas [...] passeio muito”.

f) Entrevistado jovem 8 (Ej8)

A entrevistada (sexo feminino) tem 17 anos e nasceu em Ipioca. Está cursando o 3º ano no bairro da Jatiúca e trabalha como estagiária operadora de supermercado. Sobre a rotina, relata: “Um dia na semana, eu faço curso pela manhã, todos os dias eu faço curso à tarde e estudo à noite”. E sobre divertimento no bairro cita a quadra esportiva e o clube Floriano Peixoto: “[...] lá em cima, só que não funciona regularmente, só de vez em nunca”.

Indagada se existe algum artesanato ou trabalho manual típico em sua família conta que sabe maquiagem e que sua irmã é cabeleireira. Em relação às receitas, fala que sabe fazer Mousse de maracujá: “Mais ou menos”. Sobre as festas tradicionais do bairro, cita São João, festas de final de ano dos hotéis e no Alto: a festa de Nossa Senhora do Ó, a qual ela frequenta esporadicamente.

Descreve o bairro como: “[...] um bairro que não tem muita estrutura [...] Tem espaço suficiente pra fazer algumas coisas aqui e eles não aproveitam”. As mudanças que ocorreram ao longo dos tempos, para a entrevistada, foram: “Não tinha quadra de esportes, agora tem; reformaram o Alto de Ipioca; iluminaram mais as ruas [...] E também calçaram as estradas aqui”. Conta ainda que seus avós falavam que sempre faltou muita coisa no bairro. Conclui a entrevista ressaltando a violência que hoje existe no bairro: “Antes não era tão perigoso, mas agora tá ficando mais perigoso. Tá precisando de mais segurança”.

Diante da diversidade das informações, entendeu-se se necessário aprofundar o grau de sistematização das relações existentes e contidas nas falas dos entrevistados.

3 IDENTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EXISTENTES NO 'LUGAR', IPIOCA

Ao processar-se a análise dos depoimentos coletados, ricos em informações que descrevem atividades que perfazem o cotidiano dos moradores de Ipioca, como divertimentos, brincadeiras, infância, receitas, festas, entre outras indagadas de acordo com o banco de dados, constatou-se estar diante de indicações e referências repletas de significados qualitativos que vão além do que se poderia extrair por meio de uma avaliação quantitativa, para que se possa compreendê-las.

O contato com a percepção preliminar do conteúdo resultante das entrevistas nos remetem à reflexões feitas por (ALBERTI, 2004, p. 33) quando declarou: “conceber o passado não é apenas selá-lo sob determinado significado, construir para ele uma interpretação; [...] é também negociar e disputar significados e desencadear ações”. Na busca pela compreensão das mudanças e permanências que se percebeu em processo nas práticas culturais em Ipioca, foram então analisados os depoimentos de idosos e jovens para tentar alcançar o nível de transmissão dos valores entre gerações. Sucessivamente, as perguntas pertencentes ao banco de dados dos elencos de inqueridos passaram a ser categorizadas em temas (Ver quadro 4) que bem enquadram a gama de colocações feitas, sendo eles:

Quadro 4 - Temas aos quais as perguntas foram categorizadas.

Cotidiano e Infância
Formas de Lazer
Trabalho e Remuneração
Produção Artesanal
Receitas Tradicionais
Festas Locais
Locais mais frequentados
História e Descrição do bairro
Estudo e Trabalho
Aspirações

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Foram assim criados quadros para cada categoria (Ver quadros 5 a 14), onde foram inseridas as respectivas perguntas e, com o intuito de facilitar a compreensão, destacaram-se na cor cinza as perguntas pertencentes ao banco de dados dos idosos e na cor amarela, os pertencentes ao dos jovens. Em seguida foram apresentadas as referentes respostas sob as iniciais dos entrevistados, confrontando sistematicamente os depoimentos coletados.

Somente após o procedimento sistemático descrito foi possível identificar claramente as referências mais recordadas pelos idosos e as que permaneceram ativas na memória dos jovens, argumentando-se de modo a alargar a compreensão interpretativa dos processos de transmissão e perda de valores em curso entre a parcela das duas gerações analisadas.

Quadro 5 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Cotidiano e Infância.

COTIDIANO E INFÂNCIA	
1 - Como transcorre (se passa) hoje o seu cotidiano (dia-a-dia)? Poderia contar um pouco sobre o seu dia-a-dia?	
Ei1	Sou aposentado, né? E eu vivo descansando do que eu trabalhei já.
Ei2	Dormindo! Hoje em dia eu passo meus dias, é (interr. ¹⁹) Eu faço fisioterapia segunda, quarta e sexta. E durmo muito, e (interr.) Bom! Como não podia deixar de ser, leio muito. Já que, não posso tocar nada, nem a minha flauta e nem o meu órgão. Isso me faz falta! Eu não posso tocar com a mão direita. Não atende ainda. A mão não atende ao teclado! Aí eu vou com a mão esquerda, que eu tenho que tocar alguma, toco no órgão com a mão esquerda. E com a mão direita já ela (interr.). Já domino, porém, não domino o teclado!
Ei3	Ajudar comunidade, só é o que eu gosto de fazer.
Ei4	Há sempre uma preocupação das coisas, né? Eu já tô no final da idade, já estou com 72 anos e a minha preocupação só a tranquilidade da convivência no bairro por onde a gente anda a segurança né? Que nós não temos. Hoje nós saímos de casa e não sabe se volta outro dia, por causa de falta de uma organização, talvez seja do Estado, talvez seja (interr.). Eu não sei bem de quem é, mas que nós idosos, nós estamos sem segurança e os jovens também estão sem segurança. Nós estamos vendo muita perversidade, muitas coisas. As pessoas não se dedicam a trabalhar só se dedica mais a roubar. Eu aqui, eu saía, aí chegava meia noite, uma da manhã. Hoje eu saio, chego antes de dez, nove, vou pra igreja, venho antes de nove, venho já olhando pra frente, olhando pra trás, vê se ver alguém que de momento aparece, gente aí tomando celular, fazendo coisas erradas. Então, a gente não tem mais aquela tranquilidade que a gente tinha há cinco anos atrás. Isso preocupa muito a gente e principalmente às vezes quando chega a minha idade, que eu moro só, né? Agora tô com um neto aí, então, isso

¹⁹ Interrupção da própria fala do entrevistado.

	preocupa muito a gente ficar fora de hora vem uma coisa e (interr.). Assustado, bate uma coisa, então porque a falta (interr.) Eu acharia que a segurança, não é a segurança! O código penal fosse mais rigoroso para aqueles que tiram a vida do ser humano, né? Hoje tão brincadeira de muitos camaradas não respeitam não, nem a polícia, nem a polícia eles respeitam mais. Então, a própria segurança e a segurança deles, eles não respeitam. Então há uma intranquilidade aqui nos idosos, às vezes quando chega um final de mês, quando vai receber, quando volta, quando chega em casa fora de hora. Então eu acho isso uma preocupação muito grande é um desgaste muito grande, a gente vê hoje, eu mesmo vejo uma vida hoje, assim vejo o mundo assim completamente diferente que há dez anos atrás. Sabe? Então isso, as coisas deviam ser mudadas, ter uma lei mais rigorosa, que hoje os camaradas que vão preso ele tem um privilégio, ele tem coisa melhor de que se ele tivesse na casa dos pai. Então ele devia ter (interr.). Isso ser limitado, então eles vão pra lá e se vão magrinho quando saem é gordo, e mangando mais da justiça, né? Então a justiça em determinado ponto pra quem faz a justiça às vezes são os cúmplices mesmo das coisas erradas. Isso né? Eu tenho dizer isso, né?
Ei5	Mais ou menos! Porque bem, bem, bem (interr.). É mais ou menos, nem é bem nem é mal, né?
Ei6	Ô! O meu dia-a-dia, hoje é viver em casa, né? Eu não trabalho mais pra (interr.) Assim com atividade profissional nenhuma, com ninguém, eu vivo só em casa, ajudando em casa, a esposa e tomando conta dos afazeres da casa, né?
Ei7	O que é que eu faço? Cozinhar um feijão, fazer um arroz, comer, lavar um prato (inaud. ²⁰). E barrer um rancho.
Ei8	Ôxe! Eu vivo da pesca, eu vou pra pesca, vivo em casa tomando conta dos netos (interr.). Sim! Eu vou, pesco. Quando eu chego lá, pesco o que tem, arrumo alguma coisa que tem lá pra fazer. Eu hoje saí daqui era seis e, quase sete, cheguei era uma e meia. Não! Asti fica arrumando, fica arrumando o curral que a maré tava agitada e derrubou umas parte. Vendo (o peixe)!
2 - Como transcorria o seu cotidiano no passado? Poderia contar um pouco sobre a sua infância? Poderia contar um pouco sobre a sua juventude?	
Ei1	Ah, o meu passado eu trabalhei na fábrica da Saúde, né? É, 10 anos, depois fui para São Paulo, aí eu passei 28 anos e voltei pra cá, pra minha terra, aqui descansar e (interr.).
Ei2	Ah! Eu nasci na beirada do rio Cuandu. Talvez, hoje você não veja, não saiba mais, porque ele já não existe. Era uma parte do rio da Ipioca que, no final da Ipioca, lá no São Gonçalo. BJ: Lá tinha o rio Cuandu, vinha o rio normal, né? O rio de lá, lago, chamavam lago, e (interr.) um braço do rio, chamava-se Cuandu, ali da beirada do rio Cuandu eu nasci. Uma casa de taipa, de chão batido, coberto de palha onde só tinha tapado na (interr.) Segundo meu pai dizia, a cozinha e o quarto onde nasci. Dá minha infância? A minha infância foi maravilhosa, minha filha. Eu, como eu te disse, nasci na Ipioca, na beirada do Rio Cuandu. Daí eu vim muito participar (interr.) A minha família veio para o Centro. É aqui essa parte é

²⁰ Trecho que não foi possível transcrever por estar inaudível.

	<p>arrebalde de Ipioca. Minha família veio para o centro, meu pai conseguiu uma casa na beirada do Rio do Senhor, onde tem uma cacimba²¹ lá, uma cacimba interessantíssima. É bom que você veja! Do tempo de Fernandes Lima, que era o governador Fernandes Lima fez essa cacimba. Todo o redor é salobro, a cacimba é doce, no mesmo lugar. Então! É, daí (interr.) Meu pai é fabricante patrimonial, nós nos mudamos para o centro de Ipioca, no Alto. Antes era embaixo, depois fomos para o Alto. Foi aí que eu tomei meus primeiros conhecimentos musicais e, daí fui para o seminário, o Seminário Nossa Senhora da Assunção. Me tornei seminarista e depois (interr.) É, bom! Já se foi a minha infância!</p> <p>Bom! É muito turbulento! Não é? A vida do seminário era a parte mais pacata, considerando que era paz de um seminário. Havia a rotina do seminário, né? Que ainda segue, seguia, o seminário ainda seguia um padrão diário da Idade Média. Depois daí, eu fui trabalhar em fábrica, fui trabalhar no comércio, fui ganhar a vida, né? Porque realmente, depois do seminário a gente ganha a vida.</p>
Ei3	<p>Eu, de manhã eu ia trabalhar no colégio, de merendeira, quando largava, eu ensinava a 250 aluno. Era assim, pegava uma turma de sete da manhã, saía outra de nove, entrava outra de nove e saía de onze, saía a de onze, entrava de meio dia e assim o dia (interr.) até nove da noite. Eu não parava! Pra almoçar, eu comia no birô, todo mundo aqui é prova, todo mundo é testemunha.</p>
Ei4	<p>Eu cheguei em 1950, né? Eu cheguei em 1950 porque eu perdi minha mãe em 1950, eu cheguei em 1950 na casa dos meus tios. Aí eu fiquei assim como a pessoa sei lá, da casa dos tios pra casa de outros lá vai, até quando eu completei 16 anos, quando eu completei 16 anos o salário, a gente que era de menor ganhava meio salário. E então depois que eu completei 16 anos, eu comecei a trabalhar. Eu trabalhava na Norte Alagoas, comecei trabalhar, trabalhava de dia e à noite, fiz o segundo grau à noite numa época que eu fui fazer uma cirurgia, aí aproveitei esse espaço, aí foi que eu fiz o segundo grau, terminei o segundo grau. Então eu fiquei assim (interr.) Foi quando eu vim melhorar, ficou eu e uma irmã, ela tá em Pernambuco. Eu tenho dois irmãos, um vivia com um tio, a outra vivia na casa de outro tio e eu vivia com ela, então a gente ficou depois ficou de maior eu também fiquei de maior. Ela foi pra São Paulo e eu fiquei só, depois em 1970 eu me casei e agora em 2007, eu perdi a esposa, aí pronto fiquei (interr.). A vida tá sendo muito (interr.). Pra mim é muito maravilhosa a minha vida porque a minha luta foi maravilhosa, porque eu nunca matei, nunca roubei, nunca fui preso. E admiro às vezes que tem esse vizinho aí, tem outro aqui, que esse vizinho é mais velho do que eu. A gente fica assim, batendo papo, conversando, mangando um do outro, se divertindo, é um cara muito legal, e assim vai levar uma vida divertida, né? Agora a maior vida, o maior sofrimento que eu encontrei foi a solidão. A solidão foi mais (interr.). É uma coisa assim que às vezes a gente pára um pouco e fica (interr.). Você não tem com quem conversar, eu tenho essa casa aqui é bastante grande pra mim. Mas às vezes eu paro um pouco assim fico sozinho em casa, eu e um animal, que tenho lá dentro, um cachorro. E às vezes a minha filha vem, ela não é minha</p>

²¹ A cacimba da qual o entrevistado fala corresponde ao rio Lancha localizado na parte baixa de Ipioca, no local conhecido como 'sítio do Gilberto'.

	<p>filha, ela chegou pra minha companhia com 18 anos, pra ajudar minha esposa. Minha esposa lutava com doce de caju e eu trabalhava, e ela ficou, depois ela casou-se e foi embora, aí mas eu tenho ela como se (interr.) tem o menino que é esse o filho dela que tá aí, ele estuda e vem do colégio pra cá, agora amanhã ele vai embora. Aí, essa pessoa é o que mais (inaud.). Tenho outra que eu criei, essa eu criei mais nova é esposa de um policial civil, tem dois netos. E essa raramente (interr.). Ela trabalha com o João Lyra, essa raramente passa aqui, ela passa todo dia por aqui. Essa chegou com a idade de 7 anos, né? Então essa é mais conhecida, mas a essa de lá é maravilhosa, além de lavar roupa, faz comida (inaud.). De quinze em quinze dias ela vem.</p>
Ei5	<p>Não, a minha vida em Ipioca (interr.). A minha juventude (interr.). Eu era muito unida com meus pais, plantava melancias e só saía com ele. Ou com ele, ou com minha mãe, ou com um dos meus irmãos mais velhos. [...] Nunca deixei meus pai (interr.). Me casei quando tava na faixa dos 13 anos. A faixa de uns 12 anos por aí, assim. Eu adoeci, duas paredes (inaud.) cama, mas eu fiquei no banheiro também, aí uma pessoa apareceu lá em casa de surpre (interr.) (inaud.) cozinhava, lavava, passava, cuidava dos meus pais. Aí meu tio chegou lá em casa, uma irmã de papai, aí ficou passando o dia lá, aí ele disse: ô [...] você quer trabalhar? Ele disse, de que a demora é arrumar um trabalho. Aí ele disse: tá certo! Aí saiu. Aí meu pai gritou: [...] você vai trabalhar? Quem disse papai? O teu irmão me arrumou trabalho. Aí ele chegou, disse: você vai abandonar ele [...]? Você e sua mãe? Eu disse: Não. Quando eu sair de casa já deixo tudo pronto, aí nisso chega o meu tio, né? [...] já arrumei trabalho! Trabalhei! Na Capital e Moldes (transcrição duvidosa). É afiliada Brasileira. Era em Maceió. No centro. Era no centro, bem na Rua do Comércio mesmo [...].</p>
Ei6	<p>Olha! A minha infância foi uma infância pobre, não miserável, pobre, né? Ali em Ipioca, porque naquela época aquilo ali era uma Disneylândia pra gente que era pequeno. Era (interr.). Vivia com meus avós, na casa dos meus avós e foi aquela vida de criança, minha avó foi que me alfabetizou, e eu vivia com elas na casa dele. (Em) Ipioca, quando eu era garoto, quando já fiquei grandinho, era aquele negócio de buscar água no rio com carrinho de mão, na época da safra do caju, era ajudar a minha mãe, depois (inaud.) minha avó, descascar, tirar caju, recolher cocos, na tirada dos cocos, a gente ia com os tiradores de coco, pra poder recolher os cocos, trazer pra casa. Aquela atividade que acompanhava a vida cotidiana da família, né? Era pra eu levar as cabras e as ovelhas pra pastar, ir na lagoa²² botar ratoeira pra pegar caranguejo, botar covo pra pegar camarão, camarão de água doce. Era aquela vidazinha de (interr.). Tirar fruta nas fruteiras pra vender, pra minha avó vender, era a vida cotidiana mesmo da época, né?</p>
Ei7	<p>Ah minha filha! Desde quando a gente era jovem, eu fazia era (interr.). Botar lenha, depois manguê, pegar o berdigão pra comer, fazia isso, pra praia atrás de peixe, o que a gente fazia era isso naquele tempo (inaud.) era isso.</p>
Ei8	<p>Passado? Não, eu com 15 anos fui trabalhar. Trabalhei na fábrica de Saúde.</p>

²² O entrevistado refere-se ao rio Lancha como lagoa.

	Eu era tecelã, trabalhei 5 anos na tecelagem, depois passei, fui trabalhar no enrolador.
3 - Quais suas lembranças de menino/menina aqui em Ipioca? O que marcou mais?	
Ei1	O que marcou, é, marcava era, era, futebol né? Era jogo de futebol, as festas que tinha né? Nossa Senhora do Ó, é, hoje não participo mais porque sou evangélico, mas naquele tempo era muito bom, muito e era uma vida sadia e não tinha hoje, como hoje a gente vê aí, droga pra tudo quanto é lado né? Não tinha nada disso, mas hoje tá diferente, tudo diferente.
Ei2	Olha! Eu gosto muito de me referir à escola, a escola pública mista, não era grupo ainda. É (interr.) E o encontro da festa de Nossa Senhora do Ó. Isso pra mim foi diferente, quando tomei o primeiro conhecimento com órgão, isso as festa de Nossa Senhora do Ó, as festas de esquina que meu pai fazia. E, a vida de escola, pra mim, marcaram, marcaram. Era aquele tipo de escola, onde tinha todo mundo numa sala só. A gente (interr.) E não se estudava em silêncio. Era gritando, era Bê a Bá, Bê é Bé, Bê e Bi, teve quatro vezes sete, vinte oito, quatro vezes oito, trinta e dois; Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Era assim, cada um gritava a sua matéria, dentro da disciplina que estava no momento. Era uma zuada todo, quando às vezes tava conversando muito, a professora batia com a régua no birô: Silêncio! Que silêncio que nada! Cada vez mais eles gritavam. Era! Era assim a escola.
Ei3	Hum! De criança? Minha mãe ia trabalhar, ela saía de casa, saía cinco da manhã, chegava dez da noite, pra ganhar 50 mi réi, naquela época era mil reis, 50 mil réi e a gente passava o dia ali na rua correndo porque não tinha pra onde ir. Pra escola não ia que a gente não tinha roupa, era um vestido n'água e outro no couro. Essa lembrança eu tenho hoje, o meu pai bebia cachaça, não tinha emprego, minha mãe é que trabalhava.
Ei4	Quando eu vim pra qui, a Ipioca era um bairro tão esquisito, tão diferente, hoje a Ipioca tá uma cidade. Pelo que eu sei, alcancei em Ipioca esse rio aí vinha aqui, essa pista era por aqui, passava por aqui depois fizeram essa pista e aterraram, aí afastou mais a água. E ali aquele rio ali, ninguém via um lado e ninguém via o outro. Chama-se Rio do Senhor. Ninguém nem fala nesse nome, né? As pessoas vão chegando mais novo e alguém não passa isso, né? Então abriram (inaud.). A Ipioca hoje é lugar histórico de Floriano Peixoto. E um lugar onde não tem político, só tem político nesse tempo pra desfrutar, né? Agora tem uns candidatos daqui, tem uns candidatos que é daqui, mas esses não têm condições não. Quem tinha era o Edésio Pereira, ele desapareceu. E não tem outro candidato, só se lembra na política, porque a política hoje o camarada arruma um cabo eleitoral para trabalhar e quando termina, quando passar por ele se ganhar, ele diz que não deve nada porque já pagou. Mas desde que ele é empregado do povo, né? O povo foi quem colocou ele lá. Esse dinheiro que ele diz que paga o voto é dinheiro nosso, que é dos nossos impostos, né? Mas nós pagamos os impostos, todos os políticos são empregados do povo, agora eles sonegam os direitos do povo, não querem contribuir. E ele tá pensando que as pessoas são tolos, né? Às vezes o cara é analfabeto, mas não é. A Ipioca deveria ter mais uma visão, principalmente das organizações de governo, prefeito, porque aqui é um lugar pra (interr.). Como Paripueira que não teve condições passou a cidade, Barra de Santo Antônio não tinha condições passou a cidade porque tinha a usina Santo Antônio e aqui tinha a cocheira do Mirim e por que nunca

	<p>passou, não passou porque era um bairro de Maceió e dizem que ia desequilibrar a contagem de voto, nem sei de que (inaud.). Mas isso é uma coisa que sei lá! E a Ipioca sempre ficou assim monótona, assim parado, sem ter condições de crescer, você vê, temos uma creche aí, agora invadiram tão ali fazendo (interr.) Tem o colégio, aí os meninos nos ônibus velho transferindo as crianças sem segurança. Essa coisa toda é uma coisa que fica (interr.) esse aí danada parece que é dos sem terra, dos trabalhadores da usina (interr.). Então o quê é que tá faltando? Um equilíbrio né? Dentro dos políticos, fazer um plano que venha melhorar as condições do povo. Entendeu? Aqui pra pagar água, luz, a gente tem de ir pra cidade. Não tem onde se pague água, luz, o camarada sair daqui pra cidade pra pagar água, luz, telefone. Então é uma coisa que sei lá. É um bairro muito grande, eu não sei o número de habitante que tem, mas tá muito grande, ali (inaud.). Não existia, aqui chama aqui, areia grande era quatro casinha ali, pouquinha casinha mesmo, hoje tá lá meio mundo de casa boa, prédio bom. Aqui tá crescendo se vê, tá crescendo assustadoramente, mas não tem segurança, né? A gente à noite, às vezes, se fizer alguma coisa, quiser alguma coisa com a polícia tem que telefonar, quando vem chegar é fora de hora, então é uma coisa que sei lá (interr.). A gente cada dia, a gente tem uma visão das coisas completamente diferente e mais perigosa para os habitantes.</p>
Ei5	<p>Olhe! Pra lhe ser franca eu não tenho lembrança nenhuma, eu me esqueci de tudo, tudo, tudo. É mais fácil (interr.). Eu lembro mais recente do que a que tá lá trás.</p>
Ei6	<p>Olha, a que marcou mais na minha adolescência foi, justamente, os meus avós, né? O cuidado que meus avós tinham comigo, né? Aí (interr.). Aquela vida mesmo! Aquilo me marcou porque era muito saudável aquela época, não existia tanta, Assim, tanta (inaud.), que a pessoa quando quer dividir com outro, quer disputar com outro, né? Era tudo mais ou menos normal, a vida, né? Aquele segmento normal.</p>
Ei7	<p>Dessa vez, eu passamos em baixo não me lembro mais da onde vim. (Casou-se muito nova).</p>
Ei8	<p>Acho que eu fico assim pensando que a brincadeira. As de sempre, a gente brincar com as coleguinhas. Ter as coleguinhas pra brincar, somente! Outras coisas não tinha não, que aqui não tinha nada!</p>
<p>1 - Como transcorre (se passa) hoje o seu cotidiano (dia-a-dia)?</p>	
Ej1	<p>É, rapaz é, é bom. Eu faço tanta da coisa. É ótimo meu dia-a-dia. Rapaz, eu brinco, estudo de uma as três, minhas aulas de manhã ainda não começou, que estudo de manhã de sete e meia às onze e quarenta, mas ainda não começou, só vai começar no final desse ano e estudo de tarde no reforço de uma às três.</p>
Ej2	<p>Hoje vou trabalhar e no segundo horário tomo conta dos meus filhos e da minha avó.</p>
Ej3	<p>Dia-a-dia, o que se passa, né? Pra mim é tudo bem, tudo tranquilo. Eu pego de dez e largo às cinco. Eu trabalho em outro canto também! Segunda e sexta. Na casal.</p>
Ej4	<p>De manhã: acordar (interr.) malandragem só, não faço nada! E de tarde eu saio pra escola. À noite, quando volto da escola, também fico na rua, todo mundo, o pessoal que eu conheço daqui da Ipioca.</p>
Ej5	<p>Eu vou pro curso de manhã, pro estágio que estou estagiando e quando chego à noite, vou pra outro curso no SENAC.</p>

Ej6	Escola, casa, dentista, saio com as amigas, de vez em quando só.
Ej7	Escola, de manhã eu vou pra escola, tarde eu fico em casa. Só escola e casa.
Ej8	Um dia na semana, eu faço curso pela manhã, todos os dias eu faço curso à tarde e estudo à noite.

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Verifica-se assim que entre os idosos entrevistados, com idades de 65 a 90 anos, a maioria declarou passar o dia em casa, pois já não exerce atividades profissionais, com exceção da Ei8 que ainda pratica pesca de curral com frequência. Entretanto os cotidianos apresentados se estruturam em ajudar nos afazeres domésticos e algumas outras atividades específicas como leitura, fazer fisioterapia, ir à igreja e ajudar à comunidade, além de outras.

Para esses, o recordar do cotidiano passado, surgem lembranças sobre o trabalho exercido. Seja na fábrica da Saúde ou até mesmo em outras fábricas em Maceió, no comércio, em escola, em atividades de pesca e também na ajuda que praticavam nos trabalhos domésticos, descritos como “vida cotidiana da família”, sintetizados em: ajudar na execução do doce de caju, buscar água no rio, recolher cocos, levar cabras e ovelhas para pastar, tirar frutas das fruteiras para vender, entre outras. Emergem também lembranças sobre estudo, família, casamento e enfrentamento da solidão. Nessa perspectiva é entendível as lembranças relacionadas ao trabalho exercido outrora, que remetem ao tempo em que se sentiam mais úteis e sociáveis. Assim como descreve Lago (1996):

O trabalho, mais que categoria teórica, é atividade básica definindo o indivíduo como ser humano-social. Define e identifica também, através dos modos de vida que elabora, as comunidades, o coletivo. É elemento componente da identidade dos sujeitos, na maneira como eles se inserem na sociedade e se representam como parte do coletivo (LAGO, 1996, p. 8).

Apesar de pouco citada pela amostra, é possível afirmar que a pesca foi uma atividade profissional de bastante importância em Ipioca e toda região adjacente. Não apenas no passado, como na forma em que até hoje permanece. Esse fato pode ser constatado pela marcante presença do curral²³ como elemento na paisagem na região (Ver figuras 79 e 80).

²³ Os currais são armadilhas fixas feitas com varas e arames estrategicamente implantados no solo de modo a aprisionar cardumes para dentro de um cercado pelo movimento das marés.

Figura 79 - Curral como elemento significativo na paisagem da praia de Ipioca.



Fonte: Autora, 2013.

Figura 80 - Currais na Praia de Sauaçuhy.



Fonte: Gianna Perrelli, 2012.

Dos entrevistados idosos brotam também lembranças a partir dos fatos que marcaram a própria infância, a partir de respostas diversificadas como a participação em jogo de futebol, nas festas locais destacando a da padroeira Nossa Senhora do Ó e a vida na escola pública. Embora alguns entrevistados não tenham uma visão muito clara e pormenorizada de sua infância, é perceptível uma recordação saudosa do bairro onde era considerada uma “época saudável” mesmo que alguns demonstrem lembranças pessoais negativas.

O fato de nem todos falarem mais abertamente das lembranças do cotidiano no passado se coaduna com o que Bosi (1994) reflete que o aflorar das lembranças requer uma paciente reconstituição:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A

memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

De um modo generalizado, entre os jovens entrevistados, com idades de 11 a 33 anos, há uma convergência de declarações que descrevem o cotidiano variando entre brincar, estudar ou trabalhar, especificando algumas respostas tão somente quanto ao fato de tomar conta dos filhos, da avó ou sair com as amigas.

Em uma análise comparativa entre os relatos dos idosos sobre cada pergunta feita com as respostas dos jovens é destacável o quanto as últimas são sucintas, em sua maioria, homogêneas e objetivamente reveladoras do cotidiano atual dos mesmos. O fato de as respostas serem breves expõe a limitação de lembranças vividas, pois estão mais ligadas aos fatos que ainda estão ocorrendo no presente, mostrando certa desatenção com relatos rotineiros feitos por idosos da família e vizinhança.

Pode-se mesmo associar essas breves respostas dos jovens com o enfraquecimento da "arte de narrar" entre a parcela da população jovem, largamente pontuada por Bosi:

A informação pretende ser diferente das narrações dos antigos: atribui-se foros de verdade quando é tão inverificável quanto a lenda. Ela não toca no maravilhoso, se quer plausível. A arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação. Ingurgitada de explicações, não permite que o receptor tire dela alguma lição. Os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade; daí o narrado possuir uma amplitude de vibrações que falta à informação (BOSI, 1994, p. 86).

Muito embora (BOSI, 1994, p. 76) até justifique que "a idade adulta é norteadada pela ação presente: e quando se volta para o passado é para buscar nele o que se relaciona com suas preocupações atuais", evidenciou-se uma gama de detalhamento que o idoso focaliza quando expõe sua incursão ao passado, pois, como a própria autora também pondera, ao justificar a utilização da memória como função social pelo idoso:

Ativando a memória do idoso, é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora (BOSI, 1994, p. 81).

Na categoria Formas de Lazer, que compreende as perguntas e respostas relacionadas aos divertimentos que eram e ainda continuam sendo praticados no bairro, obteve-se o seguinte elenco de informações:

Quadro 6 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Formas de Lazer.

FORMAS DE LAZER	
4 - Quais os maiores divertimentos (brincadeiras) que havia? Como as praticava? Quais as brincadeiras para as meninas? E para os meninos?	
Ei1	O divertimento era isso que eu falei: festas, brincadeiras que tinha. Baiana, Chegança, Pastoril né? É, essas coisas de folguedo como diz né? Da época que tinham muito, a vida era simples, não era como hoje, mas era diferente de hoje, a vida era diferente.
Ei2	Brincadeiras? As brincadeiras, que hoje você não aguentava mais. Era brincadeira de menino e brincadeira de menina. Quais são as brincadeiras de menino? Era o garrafão, o quebra pote, o garrafão, você fica (interr.) Não sei se você sabe! A gente fica com a perna no garrafão. Desenha o garrafão no chão e dentro do garrafão aí só pode com uma perna só. E fica o manjeiro com a camisa na m (interr.). Da o nó na camisa, fica pra atingir. O que está com uma perna só. Agora aquele ali! Quando, quando arreia a perna (interr.). O danado sai até chegar na manja, e o outro batendo. Se não aguentar cai! A gente brincava muito de garrafão, manja, futebol, coisa de criança, coisa de menino! A menina normalmente ia pra roda, ou pra roda, ou ia cantar de fila, e assim ia.
Ei3	Jogar pedra, saltar corda, pular avião, brincar de pega-pega. [...] As meninas não brincava com menino não, porque naquela época tinha esse negócio, né? Hoje em dia negócio (interr.) ah não é mais moça? Não tem problema! Mas antigamente tinha! Tinha diferença.
Ei4	Na minha época era mais Baiana, né? Era Baiana e Chegança, né? Tinha Guerreiro, mas mais era Baiana e Chegança. É a vida! Era a diversão, né? Hoje ninguém quer fazer porque se fizer os malandros vai acabar. Ela era (interr.). A Baiana é uma coisa simples que às vezes a gente vê aí, eu fico até olhando, né? Pela televisão. É uma dança de vestido comprido, né? E tem as pessoas que cantam, inclusive eu tenho aqui uma colega, que ela é mestra de Baiana. Ela é quase na minha idade ou mais velha do que eu, ela é mestra de Baiana. E a Chegança é mais difícil, é mais bonita, mas é mais difícil, só de homem. Parece que é uma mulher ou é duas somente o resto tudo é homem. E desapareceu, né? Desapareceu completamente, então porque (interr.) E outras também, né? Muitos quer fazer o clube, fazer as festas (inaud.). Hoje não tem mais porque se for vai ser um ponto de droga, a pessoa entra com facilidade pra vender droga lá dentro, aí é um absurdo uma falta também de (interr.). Hoje você vê o de menor pode matar um adulto, o adulto não pode nem ferir um de menor, isso deveria processar

	(interr.). O de menor mata, eu acho que esse código deveria ser mais (interr.), deveria mudar, ontem estava conversando aqui, às vezes se levanto aqui, tem um capitão que às vezes fica conversando aqui. E a polícia só pode chegar pra resolver um caso depois pra fazer o B.O. fazer acompanhado. Ele não pode chegar por se chegar e o malandro for de menor e tiver ferido, aí a polícia vai responder, né? Então é alguma coisa que (interr.). Tudo errado, né? Eu acho que tá tudo errado.
Ei5	(Não houve essa indagação à entrevistada)
Ei6	Ah! A brincadeira quando a gente era criança, era fazer garrafão, aquela pique bandeira, é assim à noite, de noite de lua ali em Ipioca era uma beleza, que as estrada não era asfaltada, né? A estrada ficava livre pra gente brincar, quando era a hora da maré ia pra praia, noite de lua, aquela (interr.). Muito bonito aquilo ali. (inaud.) Pegar força do raio já pra ajudar a trabalhar nos currais. Algumas meninas brincava com a gente, outras não brincavam, né? Algumas que eram (inaud.) atiradas, né? Brincava com a gente, aguenta normal ficava reservada. Mas ela não tinha muita diferença não.
Ei7	Não, brincadeira não tinha não. Brincadeira não tinha não! Brincadeira da gente é (interr.). Naquele tempo era o tempo da ignorância, não existia esse negócio hoje.
Ei8	Não (Existia brincadeira de menina e brincadeira de menino).
2 - Quais os maiores divertimentos (brincadeiras) que há no bairro e como se pratica? Aprendeu com quem?	
Ej1	É, o maior divertimento que tem aqui é muitas coisas que tem por aqui. Bastantes. A gente tenta se diverti de um jeito nosso. A gente faz alguma coisa pra gente mesmo se divertir. Assim (interr.).
Ej2	Só ir a praia.
Ej3	Aqui? Só a quadra desportiva. Freqüente, mas só pra olhar mesmo não jogo não.
Ej4	Pega-pega, esconde-esconde, pega-ladrão, ah é tanta! Deixa eu ver (interr.). O dono da rua, galinha acorçada, um monte. Já vem que todo mundo já sabia.
Ej5	Praia, as praças, fizeram uma quadra agora, só isso! Não (freqüente).
Ej6	Nada!
Ej7	Bom! Aqui é bem calmo, tem só a quadra, aqui na outra rua onde tem competição de futsal, às vezes, onde as pessoas vão olhar. (Freqüente) sim.
Ej8	Aqui no bairro? Rapaz (interr.). Tem a quadra de esporte, só. Tem o clube lá, Floriano Peixoto lá em cima só que não funciona regularmente, só de vez em nunca.

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Os idosos descrevem com clareza os divertimentos que havia e como eram praticados, recordando mais efetivamente os folguedos de Baiana, Chegança, Guerreiro, Pastoril e as brincadeiras de garrafão, jogar pedra, saltar corda, pular avião, brincar de pega-pega, pique bandeira, ir para praia na hora da maré em noite de lua, brincar de roda e cantar de fila. Os seus relatos evidenciaram que havia

diferenças entre brincadeiras de menino e de menina dentre essa variedade de brincadeiras mencionadas como praticadas no bairro.

Baiana, Chegança, Guerreiro e Pastoril (Ver figuras 81 a 84) são folguedos natalinos próprios da cultura popular de Alagoas. O primeiro é uma dança apresentada por figurantes femininos trajadas com as vestes convencionais de baianas, que dançam e fazem evoluções ao som de instrumentos de percussão. Constitui uma modificação rural dos Maracatus pernambucanos, sem a corte real e sem a boneca e mais elementos dos pastoris e dos cocos, mesclados com canções religiosas negras. Surgiu no sul de Pernambuco com a denominação de ‘Samba de Matuto’ ou ‘Baianal’. O segundo é caracterizado por ser um folguedo que canta tema marítimo, versando sobre temas vinculados à vida no mar, às dificuldades como tempestades, calmarias, contrabando, brigas entre marujos e ainda as lutas entre os cristãos e os mouros infiéis, seguidores de Maomé. Deriva-se das ‘Mouriscadas Peninsulares’, ou das lutas e danças entre cristãos e mouros da Europa.

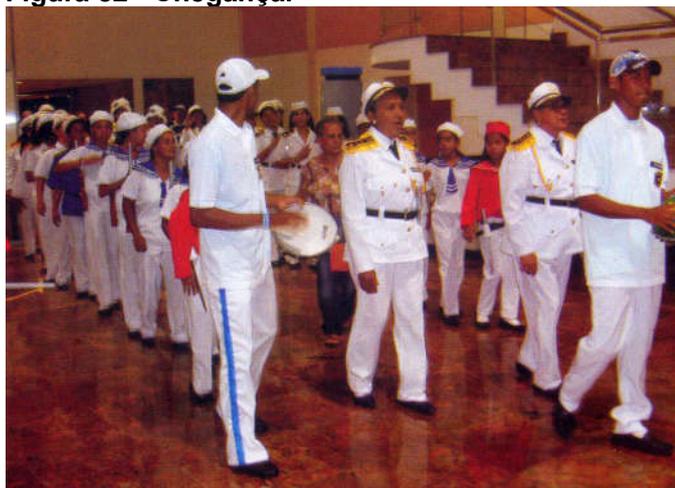
O terceiro, Guerreiro, representa um grupo multicolorido de dançadores e cantores, semelhante aos Reisados, mas com maior número de figurantes e episódios, maior riqueza nos trajes e enfeites e maior beleza nas músicas. Já o último, Pastoril, é uma fragmentação do Presépio, sem os textos declamados e sem os diálogos. É constituído apenas por jornadas soltas, canções e danças religiosas ou profanas, de épocas e estilos variados. Como os Presépios, origina-se de autos portugueses antigos, guardando a estrutura dos Noéis de Provença (França) (ALAGOAS, 2013).

Figura 81 - Baianas de Alagoas.



Fonte: ALAGOAS, 2013.

Figura 82 - Chegança.



Fonte: ALAGOAS, 2013.

Figura 83 - Grupo Guerreiro das Artes.



Fonte: GAZETAWEB, 2013.

Figura 84 - Pastoral.



Fonte: ALAGOAS, 2013.

Tal intensidade de detalhes e informes descritos pelos idosos sobre as brincadeiras ocorrentes no passado nos remetem à reflexões de Ecléa Bosi quando argumenta sobre a presença das brincadeiras nas “lembranças de velhos”:

[...] mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza [...] Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro (BOSI, 1994, p. 83).

Dos divertimentos citados pelos jovens como ocorrentes no bairro, foram apontados a praia, a quadra esportiva, as praças, e o clube. Apenas uma entrevistada descreveu algumas práticas reconhecidas como ‘antigas’, ainda atuais, de brincadeiras como pega-pega, esconde-esconde, pega-ladrão, dono da rua, galinha acorada, seguida da justificativa para o aprendizado de que “já vem, que todo mundo já sabia”.

As brincadeiras descritas pelos idosos entrevistados em Ipioca remetem majoritariamente à práticas ocorrentes ao ar livre, onde as crianças, embora com alguma distinção, se reuniam no espaço público do bairro como praia, rio, ruas e a praça do Alto²⁴. Comparando com os divertimentos apreendidos pelos jovens atuais, a utilização da praça do Alto permanece frequentada como no “costume antigo”, porém, é possível observar uma mudança comportamental nos demais espaços públicos utilizados, mais referenciados à instalação de equipamentos como a quadra cimentada.

Também em Ipioca, percebe-se a mudança na utilização da praia que hoje dispõe de uma frequência em massa, atraindo turistas, o que representa, segundo Azevedo (2004, p. 27), uma alteração da “sócio-história de movimentos precedentes” e a “contínua mudança do humano”. O referido autor afirma ainda que a praia como lugar de ação coletiva multitudinária é relativamente recente, sendo inferior a um século, em torno de 70 anos. A praia é descrita em 1930 como “quase deserta” e não percebida como paisagem, sendo vista apenas como o caminho do pescador para o mar e o lugar de trabalho árduo e de convívio com iguais. Os mergulhos ocorriam por necessidade e não por divertimento. Esse tipo de mudança

²⁴ Sempre foi limitado o número de praças na localidade, existindo atualmente 2 praças, uma no Alto, em frente à igreja e, apenas uma na parte baixa, esta última definida como tal, tão somente na década de 1970.

vem incidindo na ocupação da parte baixa do bairro Ipioca que absorve hoje para banho, os jovens locais.

Com os deslocamentos das populações, a mudança de função dos bairros e a inserção do turismo mudam a forma de utilização desse espaço, surgindo assim, outras necessidades e alterações nesse uso. Podendo citar a ocupação pelos *resorts*, clubes e residências à beira-mar no local, gerando uma privatização da praia de Ipioca (Ver figuras 85 e 86).

Figura 85 - Salinas de Maceió Beach Resort.



Fonte: Skyscrapercity, 2013.

Figura 86 - Novo empreendimento residencial na beira-mar de Ipioca.



Fonte: Autora, 2012.

O mar também aparece na categoria Trabalho e Remuneração como local para obter o sustento dos antigos e atuais pescadores do bairro, como pode ser

visualizado no quadro dessa respectiva categoria, entre outras formas de trabalho encontradas no bairro.

Quadro 7 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Trabalho e Remuneração.

TRABALHO E REMUNERAÇÃO	
5 - Quais os tipos de trabalhos remunerados que havia (para homens e mulheres)? Havia trabalhos remunerados? De que forma? Havia diferença de remuneração entre homens e mulheres? Poderia explicar?	
Ei1	Aqui a gente dependia da fábrica, né? Pescaria era muito pouco, era o pessoal pequeno que pescava, mas a maior parte era da fábrica, trabalhava na fábrica de tecelagem da Saúde, a gente vivia da fábrica.
Ei2	No meu tempo de criança! Não! A criança normalmente não era remunerada. O adulto sim! Mas a criança não! Recebia assim, uma gorjeta, recebia (interr.) Por exemplo: eu vendia, e buscava pão na Saúde, que fica a três quilômetros da Ipioca, e eu ia com o saco do pão, ganhava um pão, dois pães, às vezes me davam três pães, só. Era o pagamento! Às vezes me davam dois cruzeiros. (E Para o adulto) Ah! Tinha a pesca, a fábrica de tecidos em Saúde, é, a tiragem do coco, a lavoura, e as mulheres lavar roupa. É! Menino jogar pedra na cabeça do outro. (Não havia diferença de remuneração entre homem e mulher) A mulher, mulher nunca tinha trabalho assalariado e quando tinha era igual. Quando tinha normalmente a mulher trabalhava juntando coco ou lavando roupa, ou na fábrica da Saúde. O salário era igual! O salário que o homem recebia, mulher recebia.
Ei3	Trabalho remunerado? Só a fábrica! Era, fechou. Não (tinha diferença de salário de homem e de mulher) porque o pessoal vive da pesca e do coco, a pesca só tem dinheiro quando dá, o coco só tem dinheiro quando não chove, porque escorrega. Não, não, não, não (dá pra pegar coco quando tá chovendo). Quando tá chovendo os tirador não sobe. E preste atenção, quando tá na época do peixe, e peixe que dá bem é curral, mas todo mundo não pode botar um curral é muito caro! (Conheço) um tirador de coco. Seu Gé. É o Suvaco, que chama de apelido de Suvaco. (Ele mora) no Alto.
Ei4	(Não houve essa indagação ao entrevistado)
Ei5	(Não houve essa indagação à entrevistada)
Ei6	Havia na época, ali em Ipioca, tinha muito forno de cal, né? Aquela (interr.) fazia cal com aquela pedra calcária dos arrecifes, tinha muitas pessoas que trabalhavam naqueles fornos de cal, outras pessoas, na época da safra do caju, era fazer doce de caju pra vender, era os currais, né? Quando se iam trabalhar no curral. E aí a gente ganhava um peixe, um negócio, e o pessoal que trabalhava muito aí em Ipioca remunerado, era da fábrica de Saúde. Não sei se você conhece ali em Saúde. Tem uma fábrica, né? A Têxtil Norte Alagoas (transcrição duvidosa) E aquela maioria das pessoas trabalhava na fábrica. Ou era mocinha, ficava mocinha, rapazinho já arrumava uma vaga pra trabalhar na fábrica, que a fábrica naquela época, inclusive, tinha um caminhão pau de arara, né? Que era um caminhão com os bancos e tal, atravessados. E fazia o transporte, vinha buscar os funcionários, levava e depois vinha trazer, a hora que largava do serviço e quando não tinha o pessoal ia a pé mesmo. A viação canela ia lá pra Saúde e voltava. Olha! Lá na fábrica eu não sei (se tinha diferença de remuneração entre homem e

	mulher) né? Porque eu nunca trabalhei, nunca tive aproximação na fábrica, né? Mas a fábrica é por categoria, cada um é tecelão, outro é não sei que, tem várias atividades, deve ser uma remuneração diferente para cada estágio daquele, né? Eu acredito!
Ei7	Hum? Eu? Olhava o tempo não tinha gás, oie! Eu quando era solteira, mocinha, a minha mãe me deu muito conselho preu me ia casar, minha mãe me deu muito conselho preu não casar com o cara que casei e eu aí casei, eu tinha 15 anos. Não tinha nem trabalho, hum cum (interr.) nem sei como trabalha. Era pesca e (inaud.), nas cozinhas dos outros, caba no mangue, fazendo doce de caju no tempo, era assim, o trabalho era esse
Ei8	Aqui? Aqui que eu lembre, aqui mesmo não tinha não. Só tinha na fábrica, né? Quando a pessoa que (interr.) quando dava de 14 anos, a pessoa ia trabalhar. Sim, a pesca era o pessoal adulto, né? Os pais os avós, os avôs que tinha, os tios, tudo tinha armadilha, tinha curral, pescava fora de jangada. Hoje não tem! Tinha não (diferença de remuneração entre homem e mulher), que antigamente diz que as mulher não trabalhava, né? Quem trabalhava era os homens. Tinha essa, né?

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

A pergunta sobre tipos de trabalhos remunerados que havia foi feita exclusivamente aos idosos e as respostas obtidas mostraram que os trabalhos²⁵ existentes no bairro de Ipioca eram, além da fábrica de tecidos da Saúde, os provenientes das atividades ligadas à pesca, à tiragem do coco, à lavoura, os que envolviam mulheres na lavagem de roupas no rio; além do fazer doce de caju para venda e do relato de ocorrência de pessoas que trabalhavam em fornos de cal fabricado a partir da extração dos arrecifes.

A extração de linha de arrecifes em décadas passadas para fabricação de cal, como visto anteriormente, deixou a linha de costa desprotegida intensificando a erosão costeira de Ipioca, o que explica o motivo de essa prática e atividade remunerada terem sido proibidas. A rigor, as respostas emitidas apresentam um grande número de opções de trabalho referentes ao bairro. Já na categoria Produção Artesanal não foi possível encontrar essa variedade.

Quadro 8 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Produção Artesanal.

PRODUÇÃO ARTESANAL	
6 - Quais as trabalhos manuais/ artesanato que aprendeu? Aprendeu com quem? Por quê? Ainda faz? Ensinou a alguém? Por quê?	
Ei1	Não. Eu era tecelão né? Eu era tecelão da fábrica, fazia tecido, trabalhava na

²⁵ As opções de trabalhos eram mais diversificadas, contudo gravitavam em torno da fábrica de tecidos da Saúde. Geralmente as mulheres não trabalhavam de forma assalariada, mas quando trabalhavam o salário era semelhante.

	máquina, fazia tecido.
Ei2	Olha! Um bocado de coisas eu faço! Porque eu sempre fui curioso. Eu faço trabalho com papel, trabalho com tinta, trabalho com madeira, com pedra. Tem alguma escultura, tem alguma pintura. (Aprendi em Ipioca) Ah! No tempo de menino. É! Só com o trabalho, com papel. Quando o PRODUBAN foi inaugurado no Rio e em São Paulo, a lembrança fomos nós que fizemos. O chapéu do guerreiro, era dobradura, o enfeite bonito [...]. (Aprendi) com ninguém. É um trabalho tipicamente folclórico, de ver fazer e fazer também. Não (ensinei). Não, não, eu tenho um filho que é escultor, ele já nasceu. É (um dom) Não fui eu que ensinei pra ele fazer escultura.
Ei3	Na minha família tem o Neném que é pescador, a minha nora que ela faz (interr.) gosta de cozinhar, essa daí, que é da família (Ej5), a mãe dela que digo, que faz crochê, pronto. E se for olhar direitinho, tem, eu bordo. Ensinei costura, corte e costura, porque eu sou costureira. Costurei muito pra rico. (Fiz fantasias), ensinei lá Alto! Não faço agora porque não tem mais máquina, minha máquina acabou-se, mas eu vou comprar. Se Deus quiser! Eu quero botar esse abrigo dos velhos e fazer aqueles pijamas, fazer tudo!
Ei4	Eu só aprendi vim fazer doce porque todo meu tempo foi trabalhar em fábrica de tecido, eu trabalhava na parte mecânica, então eu aprendi isso. Mas aqui tem muitos pescadores, eu ainda participei, botei curral, achava tão ótimo, mas tava cansado já, já tinha me aposentado já. Mas aqui é luta! Esse aqui surgiu não é daqui, esse aqui é de fora, esse rapaz. Esse artesanato não é daqui! O artesanato daqui, antigamente era fazer vassoura e o doce.
Ei5	Não.
Ei6	Com a família não, mas com os outros eu aprendi a fazer rede, tarrafa, esse negócio ligado à pescaria, né? Não (ensinei). Não dou oportunidade de ensinar porque a família, a minha família não tem ninguém ligado a isso, não gosta de pescar. E eu saí de lá, né? Saí de Ipioca vim pra cá, fui pra Recife, depois de Recife vim pra cá para o Rio.
Ei7	Não.
Ei8	Não.
3 - Quais as trabalhos manuais/ artesanato que sabe? Aprendeu com quem? Pratica? Por quê?	
Ej1	Não. Nadinha!
Ej2	Não. Só doce de caju.
Ej3	Infelizmente não. Minha mãe é manicure.
Ej4	Não. (Minha irmã) sabe, ela tem um pouco de criatividade e faz algumas coisas de vez em quando. (crochê, tricô). Ela aprendeu com a minha tia e também tendo aula aqui no Floriano, no colégio.
Ej5	Não. A minha mãe (faz) crochê. Não (aprendi). Não (tenho interesse de aprender).
Ej6	Não. Mais penteado, cabelo. (Aprendi) sozinha olhando as meninas fazendo.
Ej7	Não. Ninguém (da família sabe).
Ej8	Eu sei maquiar. (Aprendi) treinando, só olhando. A minha irmã ela é cabeleireira.

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Pelas respostas emitidas, embora tenha havido uma associação com atividades ligadas às manualidades, parece que, pela sugestividade da expressão 'produção artesanal' houve uma certa timidez em encarar alguns fazeres manuais, conceitualmente assim reconhecidos como o saber-fazer de redes de pesca, tarrafa e ainda outros como trabalhos de fazer vassouras e o doce de caju.

Segundo os depoimentos dos idosos, é importante destacar que o bairro de Ipioca não resultou associado a um artesanato tradicionalmente local, o que se entendeu ter sido mesmo associado a artesanato comercializado. Os artesanatos que foram ditos sob essa ótica vieram provenientes de outras localidades e absorvidos pela comunidade.

Sobre essa produção artesanal considerada tipicamente local, percebeu-se um certo desconhecimento por parte dos jovens. Dois deles ainda chegaram a citar o crochê como uma atividade que alguém da sua família faz (mas que o próprio não pratica) e outras entrevistadas citaram penteado e maquiagem como um possível dom, o que também revela um desconhecimento sobre a natureza do que é considerado artesanal.

Fica claro, diante da fala dos entrevistados, que eles, enquanto moradores, admitem a inexistência de uma produção artesanal tipicamente local, na atualidade, pela não comercialização ou comercialização limitada das manufaturas produzidas, não reconhecendo nelas tradicionalidade. O que difere das respostas elencadas na categoria Receitas Tradicionais, conforme será demonstrado.

Quadro 9 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Receitas Tradicionais.

RECEITAS TRADICIONAIS	
7 - Quais as comidas mais tradicionais da sua família? Aprendeu com quem? Ainda faz? Ensinou a alguém? Por quê? Poderia dar a receita?	
Ei1	Não, sobre comida eu sou até hoje, sou zero para fazer comida, hehe, eu dependo da minha mulher para fazer comida, mas naquela época a comida daqui era, era o peixe né? Era, era fazia naquela época, hoje a gente não come lagosta, mas naquele tempo a gente comia lagosta, era lagosta, muito caranguejo que tinha aqui tinha e tinha as feiras a gente fazia fim de semana, mas não era, não era como hoje, era diferente.
Ei2	Não, a comida tradicional era o feijão, a farinha e o arroz, arroz raramente. Feijão, a farinha, o charque, né? Carne era as quatro festas do ano, a gente comia mais peixe, porque morávamos na beirada da praia e era muito piscosa. O oceano era muito piscoso. O doce da caju não era próprio de Ipioca, toda margem ali do, Riacho Doce, É, Garça Torta tudo tinha doce de caju! Na época do caju se fazia o doce de caju. E eram pontuadas as pessoas que o faziam. Tinha (interr.) a minha sogra fazia, fazia um doce

	<p>muito bom. É (interr.) Maria Pelmina, a gente sabia as pessoas que faziam. Não era assim como, típico de Riacho Doce. Riacho Doce tem aquele pessoal que faz a comida típica de Riacho Doce, né? Mas na Ipioca não. Doce de caju não era de Ipioca! Era da região toda. E de toda costa na época da safra.</p>
Ei3	<p>Aqui em casa vou lhe dizer! Não come carne, só come peixe. É. Ensinei (receitas). Eu fiz um curso de (interr.) aqui na minha casa, tá aqui a foto! Dei um curso de trabalhar com peixe, tudo de peixe, filé, bolinho, tá tudo aqui.</p>
Ei4	<p>[...] o doce, agora o doce de caju é (interr.). Agora hoje, as pessoa muitas não querem mais fazer doce, o trabalho, né? O trabalho é difícil e a gente pra fazer um trabalho, não tem condições porque o doce de caju só é bom com isso aí (lenha). A vigilância sanitária passou aqui e veio, a gente teve conversando e ela olhou e eu perguntei se dava condições da gente fazer no gás, porque no gás é mais higiênico por causa da fumaça, né? Aí ele disse não faça nem tal coisa! Não faça nem tal coisa que vai perder o sabor. Eu também não tentei fazer no gás, mas se desse certo no gás era bom. Ele disse que o tacho era de bronze e pra cozinhar com a lenha. É o segredo, o maior segredo de tudo é mais o ponto, né? É o ponto que faz e outra coisa às vezes as pessoas (interr.). Ói, nada com economia às vezes dá certo, né? Economia é bom, mais às vezes, pra doce não tem que cozinhar com o que é certo mesmo, foi o que eu aprendi quando saí da fábrica, quando me aposentei. Aí eu comecei fazendo, a mulher fazendo doce, depois ela parou aí eu continuei, ela parou que também a idade, doente, né? Aí eu dei conta pronto. Foi (aprendi com ela).</p>
Ei5	<p>Não. Que eu saiba não.</p>
Ei6	<p>As comidas daquela época era aquele negócio, à noite você não jantava, sempre tinha (interr.) A janta era uma macaxeira, uma batata doce, um frutapão, uma comida assim, né? E na hora do almoço é aquele almoço, feijão cotidiano daí, né? Cheio de (interr.) feijão mulatinho, o carioquinha com bastante coisa dentro, abóbora, maxixe, aquela que você conhece aí. Então, não tem assim uma comida específica, né? Era o que aparecia, a gente matava a velha fome, né? Eu sei fazer peixe no coco, comida assim de frutos do mar e esse meu feijão, que tô te dizendo, eu aprendi a fazer com meus avós, com minha avó. Não ensinei, porque aqui no sul o tipo de comida é diferente, né? Na hora, numa época que eu saí daí, eu fui pra Recife, jovem, não tinha família ainda, era solteiro, aí não tinha como.</p>
Ei7	<p>Não tem não. Hein? A nossa receita é: quando as filhas (transcrição duvidosa) estava doente, pegar um mato fazer um chá é assim. Comida! Ah minha filha! Era um feijãozinho com coco, era muito difícil comer um arroz (transcrição duvidosa), que o pobre antigamente era tudo pobre. Doce? Eu sabia naquele tempo fazer um doce de caju. Só era o que eu fazia, a minha (interr.) não fazia outro não, que ninguém não tinha outro pra fazer. Só fazia doce de caju e no tempo, de setembro pra outubro, né? Janeiro, assim. A gente é que fazia. Ensinei alguém? Ensineu! (inaud.) [...] como é o doce do caju? Ensinei (minha filha). Oia, uma filha doceira aí!</p>
Ei8	<p>Só do doce! É! Ói! (a receita) É pegar o açúcar, limpar o mel, pegar o caju descascar, furar o caju, espremer e botar pra felver. Bota numa vasilha, no outro dia, limpa outro mel mais grosso e bota no fogo pra dar o ponto, ele está na calda, aí ele na calda, aí depois bota pra escorrer numa peneira e pra fazer o cristalizado que é o que ela diz (interr.) Pra fazer o cristalizado, hoje o</p>

	peçoal chama cristalizado e o ameixa. E o ameixa,e a castanha, a castanha eu assei muito.
4 - Quais as comidas mais tradicionais da sua família? Sabe fazer? Aprendeu com quem? Poderia dar a receita?	
Ej1	Não.
Ej2	Doce de caju. (Sabe fazer) um pouco. (Aprendi) com minha avó e minha mãe. Doce de caju. Ó! O modo de preparar é: decascar o caju, furar e colocar ele no mel, e colocar ele pra cozinhar, no outro dia você faz um (interr.) você prepara ele na calda e coloca numa peneira pra escorrer, depois mela no açúcar e bota pra secar.
Ej3	Não.
Ej4	Mungunzá. Sei não (fazer) quem sabe é minha vó, eu sei assim (interr.) poucos ingredientes. Não sei dar a receita.
Ej5	Tem o pé-de-moleque que minha mãe faz. Sei, sei não, não sei (fazer). Não só isso (receita). Assim que ela sempre faz que é de antigamente, muito antigo, né?
Ej6	Minha avó, cozinheira de mão cheia. É, tapioca, que mais (interr.) muitos assim, fruto do mar. Não (aprendi). Saber eu sei (cozinhar), mas essas coisas não.
Ej7	Uma receita? Hum, hum! Tradicional? Uma coisa que faz assim, todo ano? Ó, época junina, minha vó faz muitas coisas, mais, é pamonha, essas coisas. Não (sei fazer) todo ano eu tento, mas não sai muito bom.
Ej8	Mousse de maracujá. (Sei fazer) mais ou menos.

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Entre os idosos, além do peixe como produto do mar piscoso, o doce de caju se destacou em descrições. Também o caranguejo e frutos do mar como a lagosta foram bem enfatizados. O consumo de comidas como feijão, charque, macaxeira e farinha também são citadas como constantes. O uso do coco acompanhando os peixes e feijão foram bem citados.

A cultura do caranguejo é bastante presente na localidade, podendo-se justificar devido a existência de mangues onde se arrumavam “ratoeiras²⁶” (Ver figura 87) com latas de óleo de cozinha e tiras de borracha para capturar a espécie citada.

Contudo, resultou nítido o ressaltado da tradicionalidade na receita e de certos procedimentos tidos, até como o: “maior segredo” para o bom êxito do que era reconhecido como próprio do local e de boa qualidade. A tradicionalidade, de tão reconhecida, condena determinadas substituições de processos como o uso do gás para cozimento, revelando a consciência do fazer de sempre.

²⁶ Atualmente o cano de PVC permite a continuidade dessa prática como uma adaptação de material na forma de fabricar.

Figura 87 - Tipo de “ratoeira” atual usada para capturar caranguejo.



Fonte: Autora, 2013.

Obtiveram-se respostas bastante diferenciadas entre os jovens. Foram citados o doce de caju, mungunzá, pé-de-moleque, tapioca, os pratos de frutos do mar, comidas de milho em épocas juninas e até mousse de maracujá, uma forma culinária já bem contemporânea.

Em um comparativo das respostas é possível destacar a tônica de tradicionalidade do doce de caju, que demonstrou permanecer ativo na memória dos jovens, embora com menor intensidade que nos idosos, contando para esse distanciamento a diminuição gradativa desse fabrico doméstico de doces pela, também gradativa diminuição de cajueiros na região, antes em abundância. Os frutos do mar foram pouco citados pelos jovens apesar de ser uma região de costa tendo a pesca como atividade corrente.

Tornou-se evidente que a atividade do saber-fazer doce de caju, apesar de ser uma tradição perpassada entre gerações, perde a força na geração atual, talvez por desinteresse em aprender ou buscar outras atividades atuais mais rentáveis para o sustento. Diferente do que se percebeu nos relatos sobre as Festas Locais, que ainda permanecem ativas, embora, absorvendo novas adaptações.

Quadro 10 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Festas Locais.

FESTAS LOCAIS	
8 - Quais eram as festas tradicionais do bairro? Ainda permanecem? Quais as mudanças mais fortes?	
Ei1	Festa? A festa era quadrilha de São João, nessa época né? São João, tinha várias quadrilha e tinha a festa da Padroeira, da Nossa Senhora do ó que é no fim do ano, 18 de dezembro. (Essas festas ainda) continuam! Tem quantos anos? de ano em ano né? Já (tem muitos anos)! Essa festa é a tradição da da

	Nossa Senhora do Ó, eu era pequeno, eu tenho setenta e três anos, eu era pequeno e já tinha as festa aí da (interr.).
Ei2	Oxente! (inaud.) Era Nossa Senhora do Ó, Santo Antônio, São Pedro, São João, todas as festas a gente fazia. [...] Havia sim uma festa tradicional, que era a festa de Nossa Senhora do Ó, isso aí não podia faltar, e depois as outras festa se faziam. O Brasil era muito festeiro, o nordestino muito festeiro, o ipioquense era muito festeiro. A festa de Nossa Senhora do Ó é festa de interior, não antes se contratava (interr.) É, tinha o novenário, também é, se rezava toda noite, rezava o terço, no dia da festa se vinham ou na véspera três padres a época. Eram a época o diácono e celebrante central, e aquilo ali era uma coisa maravilhosa, a daqui (interr.) Lá o coral do Poço ou de Jaraguá. E na rua, bolo e guloseimas (interr.) É, bom! Istivolim. Istivolim é o carrossel. Empurrado a mão. Era o Luciano que fazia. Ele fazia e empurrava isso era interessante. E era assim, era uma festa como outra. Festa como festa de interior, o alto-falante nos quatro cantos, né? As meninas namoradeiras por ali, a gente se enxerindo. Era assim. A festa ainda existe. A trancos e barrancos existe. Inclusive a igreja caindo, vá depressa, que você está escrevendo sobre sua arquitetura (interr.) Daqui a pouco a igreja cai de uma vez! Eu entrei no facebook e comecei a dizer: a igreja da Ipioca tá caindo! Aí o seminarista que tem, tá caindo (inaud.). O padre, o padre de lá disse: é tombada, não se pode fazer nada! É mentira! Eu não quis mais entrar em contenda, eu não quis mais entrar em contenda mais quando o imóvel é tombado (interr.). Eu ajudei no tombamento desse da Ipioca. Eu era do conselho de cultura fiz a amarração interna da igreja. Geral da igreja. É mentira! O conselho tomba, o Estado tomba, qualquer pessoa pode meter a mão e fazer, agora com critério. Você tá fazendo arquitetura, você não pode (interr.) Uma coisa de uns setecentos e trinta, ou 1713, já era paróquia. Você não pode meter a mão. Em quê que eu vou meter a mão? Tem o conselho de cultura expert, que sabem. Bom! Essa escada deve ser assim, esse chão deve ser assim. É isso, restaurar com critério. E não restaurar de qualquer jeito! É isso! Não, não pode, o patrimônio não deixa. Não deixa, você meter a mão descaracterizando, como fizeram no Poxim. Você meter a mão descaracterizando, aí sim. Antes de se (interr.) a igreja do Poxim, como fazendo um parêntese. Antes de ser tombada, ela não chegou a ser tombada, descaracterizaram a sacristia, tiraram todo o piso da sacristia e colocaram novo. Ora! Isso aqui é de agora! Isso aqui é de agora? Você não pode fazer no monumento uma coisa assim, não pode colocar isso, você não pode colocar ladrilho numa coisa que era feito a tijolo batido. Então foi isso aí! É isso (inaud.) eles não podem. Eu digo: não pode, esse padre não quer nada com a história do Brasil!
Ei3	Aqui a da Nossa Senhora do Ó, Carnaval, Pastoril acabou. Era antigamente, só é isso mesmo! Não (frequento). (Das festas só Nossa Senhora do Ó que continua) É, só, Carnaval também continua, né? Porque Carnaval (interr.). (O que mudou da festa de Nossa Senhora do Ó antes e o hoje) mudou muito, sabe por quê? Porque aqui antigamente tinha muito católico, hoje só tem mais crente, aí tá fraco! Passa (interr.) não é como era mais antigamente não! Aquele pessoal velho que andava com o andor, hoje tudo é evangélico.
Ei4	Festa da Padroeira. (Permanece) Ah! Mas não é como antigamente não. É isso! As pessoas sabem fazer, mas tem medo de fazer por causa dos descasos. A mudança é mais por causa da droga, né? Por causa dessa bagunça dos jovens. O jovem faz tudo pela droga e faz coisa pelo fumo. Tem

	coisa que ele faz, depois não sabe nem como fez isso. Então, a droga muda muito o sentido dos jovens, aí vamos fazer a festa muitas quer organizar quando dá fé uma coisa, fere um da família, fere um amigo. Aí vai (interr.).
Ei5	Olha! Também eu nunca fui fã, negócio de festa aqui pra mim, tem nem costume, festa. Não (conheço nenhuma). Meu negócio é somente trabalhar, tomar conta da casa e trabalhar na rua. Nas lojas! Sim, mas eu só fui dizer, quanto eu trabalhava (inaud.). Quando lembro que eu me levantava quatro da manhã, preparava almoço, já deixava almoço pronto pra eles dois, eles dois não, eles quatro que tinha mais dois irmãos pequenos. (Cuidava) de todos (inaud.), minha luta foi assim, não era essa de festa, não. Somente do trabalho pra tomar conta dos meus pais.
Ei6	Ah! As festas tradicionais era Nossa Senhora do Ó, ali no Alto da Ipioca, onde fica (transcrição duvidosa) a igreja (inaud.). Ali naquela época era muito animado no dia 17 de dezembro, era a festa de Nossa Senhora do Ó, então, ali ia Chegança, ia Guerreiro, ia Pastoril, entendeu? Ia Baiana, tinha vários tipos de festejos lá, que ia pra animar a festa, né? Aí, ia aqueles brinquedos, barco, era, como chama lá hoje em dia, istivolim (transcrição duvidosa), naquela época chamava istivolim, era o que hoje em dia chama o carrossel, né? Então, tinha vários brinquedos lá em cima, a festa mesmo, toda festa lá de Ipioca era feita lá em cima no Alto, no Alto da Ipioca. Ah não (permanecem)! Depois eu voltei pra Ipioca, aí, voltei a morar aí, aquela festa foi acabando, acabando, não fez mais estímulo de ninguém e foi acabando, né? Eu não sei se hoje em dia ainda tem, mas acho que não. Tem uma comemoração muito pouca.
Ei7	As festas? Santo Amaro, Nossa Senhora do Ó, São João, São Pedro, era as festa que tinha aqui. Hein? (ainda) existe, festa de Nossa Senhora do Ó, de Santo Amaro, existe. hum? O quê? Ôxe! A festa de Nossa Senhora do Ó é ali no Alto, na Ipioca, né? Santo Amaro na Paripueira, né? São João, São Pedro, ou (inaud.).
Ei8	É somente, quando na Ipioca, quando era tinha Pastoril, Guerreiro, Baiana, esses negócio, mas não existe mais e a festa de Nossa Senhora do Ó. Permanece, somente! Mas outra brincadeira não existe mais não! (A festa da Nossa Senhora do Ó) era assim à noite parece que era nove dias de festa, e pife, né? O pessoal tocava pife na porta da igreja e, durante as nove noites da comemoração da padroeira, era festa, quando era no dia 18 de dezembro era a procissão. É, quando a vez (participava), eu ia não vou dizer!
5 – Quais as festas tradicionais do bairro? Você frequenta? Por quê?	
Ej1	Aqui do bairro? é, Nossa Senhora do Ó, é, tipo (interr.). É, assim tipo, Carnaval, São João. Esses. (Frequento) algumas sim, outras não. Eu frequento, é, São João, Carnaval já não frequento. É, e outras também.
Ej2	As festa que tem aqui no bairro? Só a da padroeira Nossa Senhora do Ó. (Frequento) sim, Porque eu nasci aqui, a gente gosta e é a única festa que tem aqui no bairro de Ipioca é essa.
Ej3	Aqui só final de ano. Nossa Senhora do Ó, da igreja aí. Frequento. (A festa é) boa é vários santos.
Ej4	São João, Carnaval, Natal, Ano Novo. (A mais tradicional) é São João. Frequento (porque) eu gosto, já é daqui de Alagoas.
Ej5	A festa da Padroeira, né? Dezembro. Frequento, mas tá com três anos que eu num vou. Porque fico muito ocupada trabalhando, aí não tenho tempo.

Ej6	A festa da Padroeira, só. Freqüente. É todo final do ano, são nove noites e tem missa na rua, missa na igreja, tem a procissão, no ultimo dia da festa tem a procissão. Vai, anda o bairro todo com os santos é bonita que só, vem o parque pra cá.
Ej7	Só em algumas épocas do ano, como São João, Carnaval. É o costume no Carnaval sair os blocos daqui e em São João, faz umas festas juninas ali perto da quadra também. (Frequente) sim. No Alto é bem tranquilo, mas agora né? Porque no fim do ano tem a festa da Padroeira daqui de Ipioca. Aí movimentam aqui, porque a igreja fica aberta, e tem uma festa, pessoas montam umas barracas. Todo mundo vem em dezembro.
Ej8	E São João teve, sempre tem uma brincadeira aqui nos bar perto. E, É (interr.) fim de ano os hotel aqui daqui embaixo também dão umas festinha! (E no Alto de Ipioca tem) as festa de Nossa Senhora do Ó. (Frequente) às vezes.

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Verificou-se bastante evidente na mente dos idosos a importância da festa da Padroeira Nossa Senhora do Ó como tradição do bairro. Porém já recordada de uma forma saudosa, sendo destacadas as várias mudanças²⁷ que ocorreram no festejo. Além dessa, citam também as festas de São João, Santo Antônio, São Pedro e Santo Amaro. Esta última ocorrente no município de Paripueira, mas, devido à contigüidade geográfica com o bairro de Ipioca, atrai muitos moradores desse bairro.

Sobre o aspecto das modificações que vem ocorrendo na práxis da ritualística da procissão pode-se pensar em consonância com Santana (2002) que vê de forma positiva as modificações sempre ocorrentes nos festejos da Festa do Senhor do Bonfim da Bahia, considerando-as inclusive, o que torna possível a continuidade da festa:

Sendo participação, a festa é única. Uma nunca é igual a outra, mesmo que os ritos e os objetivos sejam os mesmos, pois os participantes da festa são sempre distintos e cada um possui a sua carga individualizada de valores. A maior riqueza da festa é, sem dúvida, uma possibilidade de reatualização periódica. No entanto, este processo de reatualização nunca é estático, pois a tradição, aqui entendida como memória coletiva, nunca é repetida integralmente. Deste modo, a festa apresenta a possibilidade de continuidades, inovações e também de rupturas (SANTANA, 2002, p. 201).

Constatou-se entre as respostas dos jovens, que quase todos citaram a festa da Padroeira Nossa Senhora do Ó como tradicional do bairro, a qual a maioria frequenta. Outras festas também surgiram consideravelmente como resposta: o São

²⁷ O argumento da entrevistada idosa 3 justifica a perda gradativa desse costume devido ao fato das pessoas que praticavam mais ativamente essa tradição terem se tornando evangélicas.

João e o Carnaval, que aparentam também estarem mantendo continuidade no bairro. Também foram citadas, com menor ênfase, as festas de fim de ano.

É interessante observar que mesmo com uma convergência de respostas referentes à festa da padroeira, não aparece com a mesma força a igreja Nossa Senhora do Ó como exemplo de locais mais frequentados, tanto entre os idosos como entre os jovens.

Quadro 11 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Locais mais frequentados.

LOCAIS MAIS FREQUENTADOS	
9 – Existia algum lugar muito frequentado no bairro? Qual era? E hoje?	
Ei1	Não, o lugar daqui mais frequentado é praia né? E o jogo de futebol né? Era jogo de futebol também.
Ei2	Não.
Ei3	Qual é minha filha? Só a sede, né? Do esporte, Floriano Peixoto.
Ei4	(Não houve essa indagação ao entrevistado)
Ei5	(Não houve essa indagação à entrevistada)
Ei6	Lá no Alto da Ipioca, tudo que a gente ia era pra lá, porque lá tinha a igreja, a igreja católica, tinha não, tem. E se concentrava mais o número de gente lá, tem o clube, do clube de futebol lá do Floriano, sempre tinha um baile, um negócio, e a gente ia muito pro Alto da Ipioca. Então, morava lá embaixo, vinha a pé, e subia a ladeira ia pra lá.
Ei7	Aqui não. Era tudo calmozinho, aqui mesmo onde eu (interr.) aqui, onde eu conheço, agora, hoje é que o povo vevi todo doido, mas eu (inaud.).
Ei8	Não.
6 - Existe algum lugar muito frequentado no bairro? Qual é? Você frequenta? Por quê?	
Ej1	Alguns sim, outros não. É, aqui, aqui por o Alto mesmo.
Ej2	Só na praça do (interr.) No Alto de Ipioca. (Frequento) às vezes. (Porque) é animado.
Ej3	Se for pra sair tem que ir pra outro canto, Paripueira, Barra, esses cantos, Jaraguá. (No bairro não frequento nenhum lugar) só a quadra desportiva mesmo.
Ej4	Muito frequentado? A sede lá em cima e a igreja [...] Só frequento a sede, a igreja não. Porque eu sou (interr.). Eu não frequento igreja! A igreja católica eu não frequento, eu frequento mais outras.
Ej5	Tem a quadra, só. Aqui tinha discoteca, mas fechou.
Ej6	Um lugar? Assim que vem gente de fora? É os restaurante daqui, somente, a praia (interr.). É de vez em quando (frequento).
Ej7	Aqui no bairro? Mais a quadra, é mais movimento lá.
Ej8	(Não houve essa indagação à entrevistada)

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Constatou-se que a referência ao local anteriormente mais frequentado no bairro não foi tão fácil de lembrar para os entrevistados idosos. Alguns chegaram a

citar a praia, a sede de esporte e o Alto de Ipioca, (onde se localiza a igreja Nossa Senhora do Ó) a praça e o mirante.

Os lugares mais frequentados indicados pelos jovens foram bem variados prevalecendo o Alto de Ipioca, a sede do Floriano Peixoto Esporte Clube²⁸ ao qual eles se referem apenas como sede, a igreja e a praia. Os restaurantes também foram citados, porém tendo uma frequência direcionada para turistas. O local mais citado foi mesmo a quadra esportiva e é possível justificar tendo em vista que as práticas esportivas são atividades recorrentes e populares entre os jovens.

Pode se afirmar ainda, que é perceptível o Alto de Ipioca por agregar a maior parte de edificações referenciais como um marco para a população local, tanto para os jovens como para os idosos, sendo descrito também na categoria História e Descrição do bairro.

Quadro 12 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria História e Descrição do bairro.

HISTÓRIA E DESCRIÇÃO DO BAIRRO	
10 - Poderia contar um pouco da história do bairro? Como era o bairro nos anos de 1980? Como era Ipioca em 1990? Houve algum tipo de melhoria no bairro? De que forma? Houve algum tipo de piora? De que forma?	
Ei1	Mudou a, mudou a população, porque cresceu né? Essa parte daqui não tinha aquela outra parte (interr.). Você já foi pra lá? Conhece lá? Já né? Aquela outra parte não tinha. Só tinha a igreja ali. E umas duas ruas só, duas ou três ruas, não tinha aquela outra parte, era pequeno, agora ampliou, muita gente de fora, cresceu muito aqui, mas cresceu a população, mas o desenvolvimento não. Aqui não tem um posto 24 horas, não tem, Não tem um posto policial, não tem um correio, não tem a lotérica. A gente, não tem posto de gasolina pra gente abastecer, tem agora, fizeram agora. Mas não tinha, nem abriu ainda. Não tem. Então muita coisa aqui tá (interr.) a turma só lembra daqui na eleição. Quando a eleição chega, vem todo mundo dizendo que vai melhorar e não melhora nada, nada nada!
Ei2	A partir de quando? (inaud.) já era moderno (anos de 1980). Era moderno, Ipioca nasceu nos anos 1600. Ali nasceu o Alto de Ipioca, não era Ipioca. Eu não sei até então, nas minhas pesquisas quem colocou esse 'I'. Esse 'I' é moderníssimo. Era Pioca, Pioca, nos mapas antigos tem Pioca, nas histórias antigas tem Pioca. Eu tô lendo, eu, tô lendo. Isso aqui faz uma pesquisa sobre o negro e tô lendo, pronto, aqui! O Diégues Júnior vive na Pioca, Pioca, ele não diz Ipioca. Deixe eu ver aqui (interr.) Abolição da escravatura. Os engenhos da reforma, fala sobre engenho, os engenhos da Pioca. Vamos deixar pra lá que os (inaud.). Engenho Vida, Engenho José Vieira Peixoto, da família de Floriano Peixoto. Bem! Era Pioca, não era na Ipioca! (inaud.) Os outros escritores também. É, nos anos, no século XVII, era um povoado,

²⁸ Associação esportiva Floriano Peixoto, fundada em 1940. Hoje desativada desse uso esportivo para local de shows.

naquele Alto. Construíram a igreja era aí o particular arquitetônico, eu ainda alcancei nos anos é, mil e novecentos e, Sessenta! Só tinha a Rua da Mangueiras, que era a Rua da Mangueira, Manoel Lopes hoje. Só tinha a Rua da Mangueira e em cima a igreja fora construída, não sei com o quê, com quê, nem porque aquela suntuosidade! E o arruado eram poucas casas, eram eu alcancei (interr.) quatro, umas oito casas e demanda o cemitério. Ali, pelo um lado e do outro umas oito casas. É Aquela Rua do Cruzeiro não existia, chamada Rua dos Negros, era a Rua dos Negros, foram negros que construíram aquilo ali. As (interr.) o arruado era em estilo gótico, estilo Greco, mais o Greco-Romano porque (inaud.). Tinham, as casas eram montadas sobre colunas, na frente o alpendre era sobre colunas, com as gregas, que hoje não existe mais e o arruado que vai até em cima, não ia, do lado direito tinha quatro casas e do lado esquerdo tinha umas seis casas só. Era, E se resumia a isso! Ipioca não tinha a Rua do Cruzeiro, era a Rua da Mangueira e em cima um assentado, pronto! Já não existia mais a casa onde, dizem que nasceu Floriano, que não é verdade! Floriano Peixoto nasceu (interr.) por cima, direto do Benedito Bentes você sai num engenho que tem embaixo, né? No engenho antes do engenho Ponte Grande. Até tô procurando aqui pra ver se descubro, mas o cara só fala na Ponte Grande! Nos engenhos maiores! Fala do Engenho Cachoeira do mirim, que se tornou usina, mais pra baixo o Engenho Ponte Grande, mas não é! É entre o Engenho Ponte Grande e o que se chama hoje, Benedito Bentes. Tinha um engenho, onde nasceu Floriano Peixoto. E casa de veraneio, não existia mais. O povo, não morava ali, tinha uma (interr.) É, segundo o Bispo de 1800, tinha 36 famílias ali. Era um lugar de veraneio do senhor de engenho, é tanto que a igreja tem uma pia batismal, foi a pia onde batizou Floriano Peixoto. É a cruz histórica. Bom! Essa ainda são os primórdios de Ipioca! A Rua do Cruzeiro começou a existir nos anos cinquenta, por aí. Antes, um pouco antes já existia duas, ou três casas, e foram os padres redentoristas que deram o nome, Rua do Cruzeiro, que não tinha nome, Rua do Cruzeiro. No final da Rua do Cruzeiro e só tinha negro, não morava branco, no final da Rua do Cruzeiro tinha um cruzeiro colocado pelos padres redentoristas e só. Hoje a Rua São José, a Rua São Miguel, foram duas ruas que meu pai fez, enquanto procurador patrimonial. Ele se valeu da discipulação dos Anais pernambucano. E que todo aquele terreno era (inaud.) da igreja. Que ia, a igreja com o pinhão, ia até Camaragibe, ia até o Rio Mirim, ia até Atalaia. E agora? Santa Luzia do Norte já era outra freguesia. Quando se tronou paróquia, em 1713 (interr.) eu não, não anotei. Olha, segura o teu lixo ele cai! Ele se tornou paróquia, 1700. Esses apontamentos eu escolhi em Recife por 1713. Olhe aqui o Bispo escreveu (interr.) Dom Perdigão (inaud.). Antônio Gomes de Mello, José Perdigão, o Bispo Dom João da Purificação Marques Perdigão, em 1813. Escreve Pioca, não escreve Ipioca. Ele pousou na Pioca. Quer que eu possa dizer mais? (inaud) com alguma coisa que é (interr.) talvez alguém já tenha isso ai que eu emiti pra algumas pessoas. A igreja de Nossa Senhora do Rosário, isso é importante pra você. Talvez se fazer uma escavação, ali em frente ao cemitério, você encontra o alicerce da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde Dom Fernando Perdigão se hospedou, porque a igreja de Nossa Senhora do Ó, estava em reforma. A igreja caiu! E quando, que eu era menino, eu brincava nos alicerces da igreja. Algumas pedras, meu pai tirou dos alicerço pra fazer aquele caminho, do lado esquerdo da igreja que dá pra

Rua do Cruzeiro. E aí, não passava por ali! Passava por trás da igreja! Meu pai foi que fez aquilo ali. Aquele caminho! Com as pedras do alicerce do alicerce da igreja do Rosário. Que existia. Bem! A igreja, de quando Foi erigida a igreja a gente não sabe. Sabe-se que, em 1713, ela foi elevada a paróquia. Era um lugar assim, próspero, né? Pra ser paróquia com padre, com tudo. Olha! Até eu tive olhando, olhando a fotografia que não colocaram na capa de um livro meu. Digo: Essa capela do santíssimo, talvez tenha sido construída depois, mas não foi. Quem foi construído depois foi o camponário. Não existia na igreja. Sim, voltando! Quando ela foi construída eu não sei. No século XVII, 1600 e pouco. Porque pra ser (interr.) Em 1613, ela já ser paróquia, ela foi construída antes. No século passado, talvez. Bom! As imagens de Nossa Senhora do Ó, eu posso já lhe afirmar, que não é Nossa Senhora do Ó. Nossa Senhora do Ó, Ó é expectativa, Ó trindade, Ó santíssima, Ó Daniel. Tudo mais, são as explicações, são as exclamações de Nossa Senhora antes do parto. Nossa Senhora da Expectação do Parto, é Nossa Senhora do Ó. Ora! Como tem o menino no braço? Tá na cara! Como é que Nossa Senhora está expectante e já tem um menino no braço? Como é que foi que ela pariu antes? Pariu como? Talvez, seja Nossa Senhora do Rosário, ou um tipo de Nossa senhora, mas não Nossa Senhora com outro título, aliás. E não Nossa Senhora do Ó. Nossa Senhora do Ó é a de São Miguel, Nossa Senhora do Ó é a do Traipu, mas Ipioca não. Venera-se Nossa Senhora do Ó, mas aquela imagem não é a Nossa Senhora do Ó. Como? Só se for português pelo avesso! Como, como a igreja a gente ver aquele, aquele, aquele camarim não é da igreja. Não é o altar-mor. Eu alcancei me alcancei a (interr.) antes, a mesa da comunhão. Que antes tinha, nessa igreja já teve incêndio, Ipioca tocaram fogo e o altar demoliram para encontrar riquezas. Foi meu pai que colocou o santíssimo ali, aquela capela não se sabia o que era. Hoje com os estudos, é que eu sei. Meu Deus, ali é a capela do Santíssimo! Meu pai na sua santa ignorância fez um sacrário lá. O sacrário que foi da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ele trouxe, aquele sacrário existia lá na sacristia e ele colocou ali. E colocou Nossa Senhora do Ó em cima do sacrário como padroeira, Santo Antônio que seria da capela do Santo Antônio do Mirim, do Rio Mirim, existia um engenho com este nome. Talvez seja aquela imagem, a imagem do Rusário, da igreja do Rusário e não de lá. De lá seria somente Nossa Senhora do Ó que desapareceu. Foi encontrado nas escavações do altar mor, uma imagem de Nossa Senhora do Ó. Essa sim, é Nossa Senhora do Ó, em terracota, aquela imagem de Nossa Senhora que tem, não sei onde está agora.

Ela tá, em terracota. Aí, meu filho esteve aqui e disse: Painho onde estão as imagens de Ipioca? Tem imagem de Nossa Senhora de Santana, que é lindíssima, a, é (interr.) do outro lado tem São Miguel, que roubaram a balança, era de ouro, são M (interr.) É, Miguel, Gabriel e Nossa Senhora. Nossa Senhora das Dores. Em cima eles colocaram a imagem de São Domingos, né? São Gabriel, São (inaud.) é imagem de São domingo, que era alado. E tem na igreja da Ipioca, não sei se ainda está lá, uma Nossa Senhora da Piedade, e é, estilo de roca, é a única, só tem imagem de roca nos Martírios e lá. O que é imagem de roca? É a imagem que só tem as mãos e a cabeça, o resto é uma grade. O resto é uma grade. E aquela imagem belíssima do Senhor Morto. Não sei se você já viu, mas é belíssima! É belíssima! O que mais tem em Ipioca? Sobre os holandeses! Holandês

minha filha! Era calvinista, era não, a religião que predomina na Holanda é o calvinismo. Como era que o calvinista ia construir igrejas? 1730 foi quando os holandeses foram expulsos definitivamente. Vieram (interr.). Não (interr.) 1645 vieram de Penedo. Não é? A costa (interr.), o quartel era Riacho Doce, Ipioca era como depósito de pólvora. E eles foram expulsos em 1645 de Penedo, 1730 de Pernambuco. Aí sim! Da época do domínio holandês, mas que eles faziam das igrejas depósito de pólvora, quartel, alojamento. Holandês não construía igreja. Calvinista construir igreja católica? Bom! A resposta está aí. Se os holandeses eram calvinistas, não iam construir igreja católica! Você que estuda arquitetura vê que a igreja de Ipioca é um estilo português! É um estilo português (inaud.). Olha! Eu fico todo arrepiado, que é um estudo que me empolga. Ipioca, Barra de Santo Antônio Grande, que tem santo Antônio Mirim. Barra de Santo Antônio é bom que se diga Barra de Santo Antônio Grande, porque tem Santo do Antônio Mirim cá em Ipioca. O rio Mirim, o Rio Santo Antônio Mirim. A igreja da Barra de Santo Antônio, a igreja de Ipioca, a igreja do Poxim, a igreja antes do Poxim, da Barra de São Miguel, a antiga igreja que pouca gente vai lá, pouca gente sabe que existe uma igreja na Barra de São Miguel que é do estilo da daí, da Ipioca, a igreja do Poxim. É a mesma (interr.) você olha assim, a igreja do Poxim. Puta merda! Foi o mesmo arquiteto! O cara! O traço é igual! As imagens são diferentes, a imagem é o estilo barroco, é barroco tardio, porém, é barroco as imagens principais. O crucifixo e Santo Antônio já não é da mesma linha, já não é da mesma linha. Mas os outros são o Senhor Morto, Nossa Senhora do (interr.). Chamam Nossa Senhora do Ó. Eu compus uma missa, nossa missa e a capa é a igreja de Ipioca. É luta! Inédito no computador. Vai ser (interr.) E a capa e assim por cima aparece ela. O livro sobre Ipioca não cheguei a conclusão não! Não. Porque tem esses impasses históricos de, de, impasses de fundo histórico, que a gente tem que pesquisar inócua. A família de Floriano Peixoto que podia dedicar um capítulo a ele, ainda existe, em Murici. A família da Ipioca eu não Alcan. (interr.) Alcancei sim, mas não me interessava pelo assunto, era a família dos Vilas e Barros. Me interessava, mas eu não me interessava por assunto de pesquisa nenhuma. Aí perdi essa grande oportunidade e não terminei.

Eu escrevi uma besteira aí sobre Guerreiro e Reisado, Guerreiro e Chegança.

Aí estar vivo. Mas sobre a Ipioca não conclui a pesquisa não. Agora, estou (interr.) essa besteirinha aí, é sobre negro que querem santificar Isabel, né? E eu comecei estudar sobre Isabel, e entrei pelo nego.

Aí me encontrei com o nego, pronto! E agora tô, tô lendo o Diégues Júnior, que fala sobre os engenhos de Alagoas, né? Na época, no caso, não era Alagoas era Pernambuco. Depois os engenhos que ficaram para Alagoas e os negros no estudo do engenho como era. Isso me interessa! Eu tô lendo! Já li o Casa Grande Senzala. E vou aí! Quê mais? A Ipioca de hoje eu não sei lhe falar. Questão, em si da tratando de arquitetônica só existe a igreja. Só existe a igreja e mais nada. Tem um cemitério dos cristãos que morria e se enterrava ali. Ainda tem muita gente lá enterrada. Eu não sei se tem a margem ainda das catacumbas. Mas tinha marcas das catacumbas, três, nove, umas doze ali que dá acesso para a capela do santíssimo. Todo cristão era enterrado ali, não tinha cemitério, no tempo que não havia cemitério, depois fizeram o cemitério lá em cima. Era enterrado ali, era uma coisa

	<p>diferente e outra coisa, eu não sei se (interr.). Geralmente a gente não nota, a gente não observa. Você já notou que do altar mor (inaud) Eu ainda alcancei forrada aquilo ali. Do altar mor para a sacristia central, que fica em baixo do camarim, a passagem é velada. Perceba, o seu olhar se não tá caindo meu Deus! Dum lado pro outro é uma coisa só, você olha assim a porta fechada se não está suja é uma coisa só. Você não vê por onde você vai entrar e pensa que aquilo ali é uma parede, o retábulo é um só, enquanto não é, você mexe atrás, do lado direito, do lado esquerdo e dá com a saída da sacristia (inaud.). É uma coisa interessante!</p> <p>É como a igreja da corrente, em Penedo, que você olha e não vê nada. O cara mexe um troço lá e dentro escondia os escravos, lá atrás do altar. A Ipioca (interr.). A entrada da sacristia é velada (inaud). E se não acabou-se, tem uma coisa muito importante que é uma mesa grande na sacristia, feita de cedro. Pouca gente sabe que é cedro e que é tão importante. Na sacristia da igreja, se algum sabichão já não carregou! Tem uma mesa com uns gavetões? Aqueles gavetões serviam para se guardar as alfaias da igreja, guardava-se casulas, toalhas, missais. A coroa de Nossa Senhora do Ó, foi tirada dos missais antigos, meu pai da sua santa ignorância torou dos lados do (interr.). Por exemplo: Isso aqui é um missal, tinha prata nos cantos. Ele tirou essas quatro e mandou um cara de Paripueira fazer a coroa. Se você olhar a Coroa de Nossa Senhora do Ó é igua. (interr.). Isso aqui, os canto do missal Foi que ele aproveitou e o ourives não desmanchou, dessa parte daqui ele fez a cruz, a cruz e a parte que prende na cabeça da imagem e só. Uma coisa interessantíssima! São minúcias, né? Particularidades que com o tempo as pessoas esquecem. E os mais novos não sabem, não penetram pra Pouca gente chega lá. Outra coisa, se você quiser ver o sino que era da igreja antiga, está no Instituto Histórico. Ali foi meu pai quem mandou entregar no Instituto Histórico, pra não roubarem, não desfazerem. Era um analfabeto que tinha uma visão, meu pai não sabia um ó, mas (inaud.). Mas ele tinha uma visão ampla. Disse vou doar isso ao Instituto Histórico, botou no caminhão e trouxe pra cá. Tá lá! Era da igreja de Nossa Senhora do Rusário. Porque o campanário da igreja de Nossa Senhora do Ó, que foi construído depois, como eu dissera a você, não faz parte da arquitetura da igreja, não comportava lá. Isso aí são nas minhas memórias. Talvez se eu não morrer logo, eu vou escrever, depois que eu terminar essa pesquisa sobre a princesa Isabel, a santificação da princesa Isabel. Eu vou escrever sobre Ipioca, mesmo não tendo esses insumos históricos da torre de Portugal, eu pretendo ir à Recife ver alguma coisa, ver algum relato. Tem o, o Instituto Histórico de Pernambuco tem. Então, eu vou ler alguma coisa e vou escrever sobre Ipioca. Pra quando chegar assim os doutorandos, olha aqui!</p>
Ei3	<p>Bom demais! Muito de fartura! Porque tinha muito peixe, tinha mais peixe do que gente na Ipioca. O pessoal ia pescar que meu marido era pescador trazia de samburá, dois, três cheios, hoje vai não trás um, que o pescador é demais. E era muito popular, aqui a gente dormia com as portas abertas, não tinha medo de nada, hoje a gente tem medo de ficar até na porta porque pode vim a polícia correndo atrás de um e entrar dentro de casa. Não é isso? A violência vai crescendo, né? [...] Teve melhoria foi muita! Porque abasta ser que hoje em dia tem muita gente que trabalha, tem muito hotel, hoje ninguém passa mais fome que nem passava, assim, porque, passa fome sim aqueles que não tem meio, mas hoje em dia as coisas tá melhor, a barriga tá</p>

	mais cheia.
Ei4	Houve uma melhora, mas uma melhora que não agradou o povo principalmente o mais difícil, fizeram o colégio pras crianças, fizeram outras coisas, né? Que não tá na memória agora. Melhorou muito, principalmente até na limpeza, né? Agora o que falta mesmo é uma administração mais séria rapaz. Sabe? Esse Cíço Almeida foi que chegou e procurou fazer alguma coisa, mas que hoje os que chega não olha parece que não tem (interr.). Não chega. Eu não sei se é porquê a cidade é muito grande para o prefeito. O Cíço Almeida sempre ele fez alguma coisa, agora mesmo nós estamos aqui na praça com brincadeira de criança ali, tá tudo quebrado ali, nunca mais vieram consertar nem nada, isso entregue ao povo. A educação melhorou tem os dois grupos, né? Agora que tá pequeno, né? É preciso que haja reforma porque a população cresce. Oia! Depois que fecharam as usinas aí Ipioca cresceu, veio muita gente pra aqui pra Ipioca, aqui tem uma entrada ali pra grotá, lá chama Boca do Fumo. Mas lá tem muita gente, tem muita gente lá, eu acho que devia ter um (interr.) O prefeito devia fazer um negócio mais organizado lá, fazer um colégio lá pra aquelas crianças daquela região, porque tem bastante gente.
Ei5	Vai evoluindo, né? Vai evoluindo, eu tinha uma casa de (inaud.).
Ei6	Houve a melhoria, inclusive, eu voltei pra lá, e depois fizeram loteamento, apareceu loteamento, acabaram as casas mais humildes, foi aparecendo casas melhores. Entendeu? Botaram ônibus, porque naquela época que eu era pequeno, não era ônibus era uma tal de uma (inaud.). E a gente ia muito atrás de caminhão, ia e voltava pra Maceió, depois, quando cheguei lá já tinha ônibus coletivo, de transporte coletivo, aí foi melhorando mais, né? Já apareceu outras pessoas que era de fora, já foi fazendo outros empreendimentos, quando eu voltei já tava bem melhor.
Ei7	Posso contar não (inaud.) tudo já passou pra minha capueza, não posso contar nada, né?
Ei8	Não. Melhoria teve porque aqui existia poucas casas e hoje a se ver, tá cheio de casa, né? Que a pessoa não tinha energia, a pessoa era com candeeiro, não tinha fogão a gás, não tinha. Era fogo à lenha, não tinha energia e (interr.) era essas coisas. Melhorou 100%. Não (piorou)!
7 - Como você descreveria Ipioca atualmente? O que você acha que mudou do tempo dos seus avós para hoje? O que seu avô/avó conta sobre o bairro?	
Ej1	É, como eu descreveria Ipioca? É, um lugar ótimo, um lugar bom de se divertir, de brincar, é um lugar que tem lugares para todos. Não falta um! Entendeu? Muitas coisas. Ai eu não sei explicar (interr.).
Ej2	A violência. Ela conta que antigamente não existia energia aqui, não existia a estrada, tinha estrada de barro e não tinha a população, o número de moradores como tem hoje.
Ej3	Gosto e amo muito! Mas ainda falta muita coisa pra acontecer aqui. Tem que renovar essa igreja que tá a trezentos mil anos, tá tudo se acabando lá por dentro. Para hoje mudou muito, porque antigamente era tudo mato, não tinha nem essas casas toda. Tinha não, sou de 1992 tinha (interr.).
Ej4	Nossa tanta coisa! O tipo de criação dos filhos, tudo, as ruas. Tanto das pessoas como do bairro mesmo, as pessoas mudaram demais. Oxe! (Minha avó conta) que era tudo mato e ficava todo mundo (interr.). Antigamente todo mundo podia colocar esteira no chão da rua, assim mesmo, e ficar olhando pro céu quando faltava energia. Hoje em dia não pode, né? Mas antigamente

	podia, ela subia num monte de pé de, acerola essas coisas, ficava roubando pitanga do quintal dos outros. Mas hoje em dia ninguém faz isso mais não. Tinha muita carambola.
Ej5	Muitas coisas! Tudo! Assim, as escolas foi reformadas, essa quadra que fizeram agora, calçaram as ruas que não tinha, as encanações das águas foi diferente, também mudaram tudinho. É! Reformaram muitas coisas, praças. (Minha avó conta) que era um bairro histórico, os holandês, do tempo de Floriano Peixoto.
Ej6	Como assim? É como o povo falava antes, tinha discoteca, tinha muitas coisas assim que podia (interr.). Que a pessoa não precisava nem sair pra fora. Hoje em dia, acho que a gente não tem nada pra se divertir. Quando tem alguma coisa aqui sempre dá confusão, briga, e a gente não tem nada mesmo (interr.). Todo mundo, assim, principalmente os meus amigos, a gente que é jovem, né? Quer se divertir, sair com os amigos e não tem nada aqui onde a gente mora. Tem que sair (interr.).
Ej7	Mudou, com certeza! É, Ipioca era pequena, agora está cheia de casa e, era mais tranquilo, hoje você mais vê assaltos, essas coisas. A minha avó costuma dizer que antigamente ela podia dormir com a porta aberta, não acontecia nada e hoje não.
Ej8	É um bairro que não tem muita estrutura não. Um bairro que tá precisando de alguma (interr.). Tem espaço suficiente pra fazer algumas coisas aqui e eles não aproveitam. Mudou (do tempo de meus avós pra hoje). Não tinha quadra de esportes, agora tem, reformaram o Alto de Ipioca, iluminaram mais as ruas também. Aí (interr.). E também calçaram as estradas aqui. (Meus avós contam) que (o bairro) nunca prestou. Que sempre faltou muita coisa (inaud.).

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

As mudanças ocorridas no bairro resultaram bem evidentes e foram apontadas nos depoimentos dos idosos na medida em que pontuaram os melhoramentos de infraestrutura. Foi enfatizado o crescimento da população, o desenvolvimento imobiliário da região com acréscimo de casas e ruas, mas também uma indignação pelo aumento da violência. Contudo, entre eles há quem sabe de forma mais sólida sobre os primórdios e até pesquisa sempre querendo mais esclarecimentos como o entrevistado idoso 2, cuja descrição é mais voltada para a parte histórica do bairro, quando ele cita: “1980 (o bairro) já era moderno [...] Ipioca nasceu nos anos 1600. Ali nasceu o Alto de Ipioca, não era Ipioca. Eu não sei até então, nas minhas pesquisas quem colocou esse ‘I’. Esse ‘I’ é moderníssimo. Era Pioca”. E continua descrevendo os fatos históricos que surgiram em suas lembranças, relacionados ao engenho em que o Mal. Floriano Peixoto nasceu, a

igreja Nossa Senhora do Ó, a instalação dos holandeses no bairro, a outra igreja²⁹ não mais existente, o cemitério, entre outros.

Quanto a aspectos históricos e a descrição do bairro, foi expressa uma diversidade de respostas pelos moradores jovens e sobre os aspectos históricos, dos tempos originários do lugar, tão somente ocorreu uma descrição filtrada pelo que dissera uma avó. Mas, sobre a descrição em si de como o bairro era já afloram mais informações, também transmitidas por descrições de pai e avó, mas, também alguns dos jovens já se colocaram como o informante direto que acompanharam um outro ritmo de tranquilidade e/ou outro padrão de infraestrutura de acesso e circulação nas vias do bairro, (falta de pavimentação das vias e de energia elétrica), pontuando ainda ser o de hoje mais satisfatório pelas reformas que ocorreram, o aumento da população, a água encanada, etc., apesar da violência. Ou seja, sempre se valeram do parâmetro do vivido no presente para descrevê-lo nesse seu passado pouco longínquo.

Os depoimentos dos idosos possuem maior riqueza de detalhes em um comparativo com os dos jovens, o mesmo acontece quando respondem as perguntas associadas à categoria Estudo e Trabalho.

Quadro 13 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Estudo e Trabalho.

ESTUDO E TRABALHO	
11 - O (a) Sr. (a) teve algum tipo de escolaridade? Poderia contar como foi o seu tempo de estudo? Estudou até que série? Onde?	
Ei1	Ah, eu fiz, eu fiz (interr.) O primário, naquele tempo tinha madureza, madureza ginásial né? Eu fiz um ano só, ou dois e não fiz mais não. E fui pra São Paulo, fui trabalhar. Era no grupo escolar (onde estudou). Era (em Ipioca).
Ei2	(Repetindo resposta sobre o que marcou mais em sua infância) Olha! Eu gosto muito de me referir à escola, a escola pública mista, não era grupo ainda. É (interr.) E o encontro da festa de Nossa Senhora do Ó. Isso pra mim foi diferente, quando tomei o primeiro conhecimento com órgão, isso as festa de Nossa Senhora do Ó, as festas de esquina que meu pai fazia. E, a vida de escola, pra mim, marcaram, marcaram. Era aquele tipo de escola, onde tinha todo mundo numa sala só. A gente (interr.) E não se estudava em silêncio. Era gritando, era Bê a Bá, Bê é Bé, Bê e Bi, teve quatro vezes sete, vinte oito, quatro vezes oito, trinta e dois; Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Era assim, cada um gritava a sua matéria, dentro da disciplina que estava no momento. Era uma zuada todo, quando às vezes tava conversando muito, a

²⁹ Não foi possível encontrar em referências bibliográficas sobre a existência dessa igreja, porém, valeria uma escavação arqueológica levando em consideração que foi dito por um pesquisador que morou por muito tempo no bairro e tinha, inclusive, planos de escrever um livro sobre o local, o que o levou a proceder pesquisas bibliográficas bem ampliadas.

	professora batia com a régua no birô: Silêncio! Que silêncio que nada! Cada vez mais eles gritavam. Era! Era assim a escola. (Sobre trabalho, complementa indicando a fábrica em que trabalhou). Hoje não existe mais! A fábrica do Bom Parto. A fábrica, a fábrica. Do, do, M. Lobre e Cia. (inaud.).
Ei3	Hum! Foi ruim! Eu só estudei até a segunda série primária, nem terminei, porque minha mãe ia trabalhar, a gente ficava na rua o dia todo, não tinha quem tomasse conta da gente, a gente era pequena. Depois que eu me entendi de gente, já foi cuidar em ensinar os meninos, eu comecei ensinar eu pequena. Ensinava os meninos assim mesmo, não sei como foi que eu aprendi menina! Hoje eu ensino a 8ª série, nunca estudei. (Aprendi) com Deus e olhando os livros.
Ei4	Eu estudei particular e a última que estudei foi no colégio, foi lá em Saúde. É, eita meu Deus! Raul Lima. [...] Lá em Saúde e lá, ali abaixo do palácio, passei um tempo ali. Foi depois eu fiz segundo grau.
Ei5	Primário
Ei6	Olha, o meu tempo de estudo, eu fui alfabetizado em casa, né? Com a minha avó. Saí de casa já aos 13 anos já alfabetizado, aí fui pra esse grupo lá no Alto, né? Alto de Ipioca, Grupo Marechal Floriano Peixoto, né? Lá, e lá eu fiz o primário, terminei o meu primário aí no Colégio Batista de Maceió, porque eu vim pra casa da minha tia, mãe da [...]. E passei o resto do tempo fazendo o primário no Colégio Batista. Depois eu fui estudar em Satuba, foi onde eu fiz o meu ginásio lá, aí dali eu comecei a (interr.). Eu fui pra Recife trabalhar e (interr.). Aí comecei a trabalhar e não parei mais, até me aposentar.
Ei7	(Não houve essa indagação à entrevistada)
Ei8	Foi (estudei até o primário). Eu estudei o primeiro ano e o segundo ano, lá naquele Grupo Sete de Setembro, lá na Ponta Grossa. Aquele que fica ali perto do Lux. Não (estudei em Ipioca), estudei assim numa escolinha que tinha de (interr.). Particular, com a Aurélia, foi ABC, esse negócio somente. Aí eu fui embora para o Vergel com a minha tia, aí fiquei lá, estudei primeiro, foi, foi cartilha, primeiro ou foi segundo ano, somente.
12 – Você ajudava sua família em alguma atividade de trabalho? Qual? De que forma? Por quê?	
Ei2	Não. Trabalho, trabalhava né? Porque naquele tempo não podia trabalhar de menor né? Tinha 14 anos. E ajudava financeiramente, eu ajudava meu pai.
Ei3	(Não houve essa indagação ao entrevistado)
Ei4	Ainda hoje ajudo! O quê eu ganho é pra dar a todos eles pra ajudar.
Ei5	Não, porque a minha família mesmo, a minha família, eu tenho (interr.) São dois irmãos, tem essas meninas que estudaram, né? Essas meninas estudaram tudo no centro, estudaram aqui e estudaram no centro eu não sei nem qual colégio ela estudou. E o meus irmãos estudaram assim também, estudaram aqui, nesse colégio daqui, eu não cheguei estudar não. Eu não estudava porque quando organizaram o colégio, quando organizaram (interr.). Que aqui era uma escola é casa, era numa casa o colégio, quando fizeram esse colégio e o grupo Floriano Peixoto, aí eu já tava trabalhando e outra também que eu só podia trabalhar de dia, porque eu trabalhava pra me manter. Trabalhava com os meus tios (inaud.), eu trabalhava ao dia à noite era que eu ia estudar, aí tinha que estudar particular, é que não dava pra estudar pelo dia. Era tio, mas ele exploravam, né? Então como uma pessoa assim comum. Foi cativo, né? Tinha que trabalhar, tinha de fazer, até quando

	eu me libertei. Mas minha vida é muito interessante, aí eu sofri muito, sofri, mas graças a Deus, só devo a ele, ao pai que me deu toda sabedoria, não estudei, sou praticamente analfabeto, mas me deu a inteligência de conhecer as coisas boas e ruins.
Ei6	(Não houve essa indagação à entrevistada)
Ei7	Não, justamente, quando era garoto ajudava quando era criança, né? Ajudava, era justamente, colher os cajus, ajudar (inaud.) ou até trazer pra casa com meu avô. Nessa época foi que a minha ajuda foi somente nesse sentido aí.
Ei8	Ajudava, trabalhava nas cozinhas dos outro, né? Ajudava minha família. Trabalho que era pobre como eu, coitada!
Ei1	A minha mãe! A gente assim, eu ia trabalhar e ela ficava em casa, né? Com tempo de doce, quando chegava o final de semana, o domingo, eu ajudava ela a fazer. Entendeu? E depois, que eu fiquei em casa, quando fechou, eu fiquei ajudando ela direto, enquanto tinha eu ficava ajudando ela. Foi tempo que ela não aguentou mais fazer, eu, aprendi. (a fazer o doce)
8 - Estuda no bairro? Onde? Que série?	
Ej1	Eu estudo no Raul, escola daqui. Eu vou fazer o sétimo ano.
Ej2	Não. Eu estudei no bairro do Poço.
Ej3	Floriano Peixoto.
Ej4	Não. Estudo na Ponta da Terra.
Ej5	Não, estudei. No Floriano Peixoto.
Ej6	Não. Eu estudo na Ponta da terra.
Ej7	Não. (Estudo) na Jatiúca.
Ej8	Não. Na Jatiúca.
9 - Você ajuda sua família em alguma atividade de trabalho? Qual? Por quê?	
Ej1	É, eu ajudo assim, quando minha mãe (interr.), ela trabalhava lá fora, lá perto aqui do shopping. Eu ia e ajudava ela em algumas coisas.
Ej2	Não. Quando tinha doce de caju na época eu ajudo.
Ej3	Ajudo. Porque tem que ajudar, foi ela que me criou desde pequeno, quem me deu tudo, tem que ajudar.
Ej4	Domésticos. Ajudo.
Ej5	Na despesa que meu filho fica com a minha mãe.
Ej6	Não, ainda não.
Ej7	Eu, eu moro eu e minha mãe, como ela trabalha eu que cuido da casa.
Ej8	Só afazeres de casa.

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

Verificou-se que o grau de escolaridade da maioria dos entrevistados idosos é o primário. Os que avançaram mais nos estudos chegaram ao segundo grau e apenas dois possuem grau superior. São formações diversificadas inclusive com casos de alfabetização iniciados em casa ou em outros locais, demonstrando que para ter uma formação mais completa era preciso se deslocar para outros bairros ou até mesmo cidade.

Quanto à ajuda familiar em atividade de trabalho, alguns depoimentos remetem aos tempos de criança onde se ajudava a colher e levar os cajus para casa e ajudar a fazer o doce de caju. Sempre uma atividade coletiva que envolvia todos da família. Alguns ajudavam e ainda ajudam financeiramente.

Em relação às indicações dos locais de estudo dos jovens foi bem variado, mas percebeu-se que, atualmente, a maioria não estuda no bairro. Apenas dois citaram a Escola de Ensino Fundamental Mal. Floriano Peixoto e um a Escola Estadual Jornalista Raul Lima³⁰.

Também fica claro que quase a totalidade dos entrevistados ajuda de alguma forma sua família em atividades de trabalho, seja financeiramente, ou em trabalhos domésticos, o que reflete o perfil de uma população de baixa renda.

Tanto entre os idosos como entre os jovens entrevistados, foi bem expresso o anseio por maiores melhorias infraestruturais que possam gerar uma maior dinâmica ao bairro, o que reflete um certo grau de insatisfação com o estágio atual e justifica as reivindicações por progressos e melhorias no bairro, bem evidenciadas no quadro a seguir.

Quadro 14 - Perguntas e respostas pertencentes à categoria Aspirações.

ASPIRAÇÕES	
13 - Tem alguma coisa que o Sr. /Sra. queira me contar que não perguntei?	
Ei1	Não. Eu acho que o que tem (interr.) Eu gostaria que fosse (interr.) Aqui fosse mais desenvolvido, né? Eu gostaria que aqui fosse mais desenvolvido, porque aqui, isso que já falei. Não tem (interr.) A gente tem que ir pra Maceió. Eu tenho carro né? Mas aí a gente tem que abastecer em Paripueira ou lá na sereia, quer dizer, pra ir no comércio tem que ir na cidade. Era bom que tivesse aqui, mais loja, mais alguma coisa, para a gente não precisar ir tanto para o centro né? Eu acho que isso aí que devia ter. Aqui só tem umas cinco padarias pra a gente comprar um pão, e não tem nada (interr.) Farmácia, tem uma farmacinha lá (interr.) Então muita coisa precisava ter aqui e não tem.
Ei2	(Não houve essa indagação ao entrevistado)
Ei3	O que eu quero contar que você não perguntou? Minha filha, o que eu quero dizer a você, que aqui precisa duma creche, que não tem. As meninas quer trabalhar e não tem condições. Se botar na casa de alguém pra tomar conta, todo mundo quer dinheiro, elas não tem pra pagar. Esse apoio dos idosos que eu quero fazer é muito necessário aqui. Quê se ver aqui tão velhinho! Daqui uns dias eu também tô mais velha, aí tem muitos velhos por aí desprezado. Os velhinho ganham aposentadoria, os filhos estraga. Entendeu? Então, esse velhinho tem que ser cuidado, tomado banho, com todo prazer, de noite vai pra casa dormir. Então, isso aí tá precisando muito! Tenho fé em Jesus que eu vou ter esse apoio esse ano! Tenho fé em Deus!

³⁰ O que reflete que a amostra espontânea conseguiu selecionar ainda estudantes do bairro.

	<p>E você vai batalhar isso! E quero botar outra escola, que eu ensinei muito de graça! Ensinava 250 alunos e não ganhava o dinheiro. Mas isso você vê aqui nas fotos. Quando os rapazes querem passar na prova, assim, pra fazer da polícia, um curso vem aqui, eu ensino me dá dez mi réis, dá dez reais, pronto, eu ensino. Ele vai passa, depois vem agradece: [...], passei. Graças a Deus! (Parei de costurar) por causa da (interr.) porque sofri de artrose, a perna fica dormente quando me sento. Agora pra andar não, pra andar é bom, por isso que eu quero fazer esse trabalho esse ano com os idosos. E quero botar um ateliê, meu sonho é botar um ateliê, comprar duas máquinas pra botar essas meninas pra costurar pra render dinheiro aqui pra Ipioca, pra ajudar esse pessoal. E também eu quero botar um almoço, um hotel de almoço barato pra muita gente trabalhar, essa daí é uma, minha nora é cozinheira, eu sou cozinheira também. O Zé Bernardo pelejou pra botar uma lanchonete aqui, na época, que ele comia, gostava. O Zé Bernardo me ajudou muito! Também esse prefeito que teve agora foi bonzinho. Cícero Almeida não vou falar dele, que ele fez coisa aqui que ninguém nunca fez. Hoje se ele fosse prefeito muita gente votava nele, porque ele foi bom. O que é bom a gente sabe, a gente diz que é bom e acabou.</p>
Ei4	<p>Bem, aqui na Ipioca, o que tem é histórico, da história dos velhos, né? Que diz que Santo Antonio saía daqui da igreja e ia lá pro Mirim, lá no Mirim, lá tem uma parte que tem um pé de árvore. E o Santo Antonio saía daqui e ia pra lá, iam molhar ele de dia aí botavam ele aqui, ele saía daqui no outro dia viam o rastro dele na Saúde. Rapaz eu ria tanto com o cara contando isso. Ele ia pra lá no outro dia vinha embora. Aí casou com Nossa Senhora do Ó, pronto, aí não saiu mais. Aí não saiu mais!</p> <p>O pessoal tem cada lenda! Ipioca era pra ser um lugar mais (interr.) Ter mais segurança sabe? Tenho lembranças boas porque aqui nós (interr.) Esse cidadão tem um bocado de filho, Mas ele soube (interr.) É porque o que acontece hoje, nos colégio não tem mais aquele ensino religioso, que o ensino religioso a pessoa procura obedecer, a pessoa procura ser obediente ao outro. E hoje nós estamos vendo que as crianças vão pra escola e vão aprender a escrever, mas ser obediente não. Então, às vezes a gente vê o menino fazendo a coisa errada, a gente vai dar um conselho, gritam: O quê é que você quer? Aí abre a boca e diz: Você é meu pai? Então falta alguma coisa! Então, quando existia essa aula religiosa, as coisas eram outras! Havia uma obediência, uma educação mais saudável, a criança respeitava o mais velho, o mais velho respeitava a criança. Ele queria dizer um palavrão olhava pra criança se a criança tivesse, não jogava. Hoje (inaud.). Às vezes vê pessoa tão educada dizendo cada palavrão! Eu mesmo fico olhando assim, sorrindo, achando graça. Sabe? o que eles dizem. Então, essa coisa de antigamente no meu tempo, se o camarada dissesse: Você é o filho dessa! Podia dizer que era (inaud.). E mais, falta aquela obediência familiar, aquele amor, então só dentro da igreja. Às vezes as pessoas que eu convivo lá na igreja não sabem obedecer. Sabe que da religião eu sou católico, da religião o que vale da religião é você entender a religião e ser obediente à religião, se você for obediente à religião e o que você leu do evangelho, então você também é uma pessoa obediente com seu irmão. Porque todos nós somos irmãos, então a gente não pode maltratar um irmão, porque se maltratar um irmão nós tamos se maltratando. Por quê? Porque nós somos irmãos, estou maltratando o Deus que ele é o pai de todos, nós vemos esta casa</p>

	<p>maravilhosa, né? Uma casa bonita sem ter um esteio no meio. Mas as pessoas não acreditam nele! A gente tem que acreditar naquele que deu a vida! A gente não pode desperdiçar a nossa vida por isso, ou por aquilo. Porque nós temos um pai e nós quando fomos batizados, nós fomos entregues nas mãos dele. Por isso o nosso corpo sofre, o nosso espírito não, então (inaud.). Uma passagem muito bonita para graça de Deus para aquele que ama o próximo. Às vezes nós vemos muitas pessoas querendo destruir, abraçando o outro, mas pra tirar o que ele tem, aqui eu botei essa cruz aqui nessa praça. Aí a gente fica assim tranquilo assim, somente olhando, mas sofrendo. Por que acontece aquilo? Por causa dessa desobediência, porque não ama o próximo. A gente sofre, a gente católico e é católico mesmo, a gente sofre, não adianta. Tem gente católico que não faz, não obedece também, porque não tem conhecimento, não é só a gente ler mas é desfrutar, é desfrutar a leitura, o que é o melhor da leitura pra poder a gente colocar em prática, né? Então são essas coisas, então a Ipioca ela tem (interr.). Nem só a Ipioca não, hoje é geral, a obediência são poucas. Agora, às vezes você vê um camarada tão estudado, falando muito coisa e coisa e tal. Mas às vezes em casa falta (interr.). Diz um palavrão na vista do filho, não respeita a mulher, aí não respeita os amigos, então essa coisa toda. Pra gente que é católico, o católico mesmo que entenda mas é (inaud.) mas é assim, vamos até quando fechar as portas dessa casa.</p>
Ei5	<p>Não, lá só tem um banco Antônio Antunes da Silva, que o bairro é Ipioca. Onde é o distrito é Floriano Peixoto, município de Maceió. Desculpa não responder mais, porque realmente eu não me lembro! Eu não me lembro.</p>
Ei6	<p>Não, eu queria contar o seguinte, houvesse possibilidade de vocês aí em Alagoas, de arranjar um jeito pra estimular (interr.). Aquela Saúde ali é uma mina, Ipioca iria melhorar se entrasse ali uma fábrica, uma indústria na Saúde, desapropriasse aquilo, porque aquilo até Cachoeira do Mirim é dentro ali, um lugar que tem muita água, muito plano, e o pessoal da fábrica acabou com aquilo, aquilo entrou em falência, né? E está, segundo eu estou sabendo tá jogado pra lá. E aquele é um canto que Alagoas devia ressuscitar, aquilo com fábrica, né? Chamando fábrica pra ir pra lá, melhorando incentivos fiscais, aquele negócio, pras fábricas irem pra se instalar lá, aí dava emprego pela quela região. Ipioca é um lugar histórico per.. Floriano Peixoto, né? Porque ele batizou-se na igreja. Eu já tentei pra vê se botava uma mensagem aí em Ipioca, por aqui conversando por aqui com pessoas, mas é muito difícil, pra poder estimular a igreja aí, ia escola e cursos pra quele pessoal, dá uma pena ver tanta mão de obra ociosa ali, né? Quando eu tava morando ultimamente lá e vendo aquele (interr.). Não tem lugar, não pode nem culpar as pessoas, porque não tem emprego e a juventude parada por lá. Isso é uma coisa que os políticos aí deveriam estimular aquela Saúde. Não sei se você conhece lá a Saúde? Conhece, você viu como é que é aquilo? Aquilo ali, eu era garoto, eu ajudava o falecido marido da minha tia, tia da [...] também, tia [...]. Eu fazia feira com ele quando eu comecei aprender a fazer conta de somar, eu ia com ele que ele fazia feira ali, tinha uma barraca grande, que ele tinha uma venda ali na Boa Vista, e eu ia com ele pra fazer feira. Aos domingos tinha uma feira grande, aquela Saúde (inaud.). Você viu? Tem igreja, tem creche, tem grupo escolar, tem tudo ali, tem uma casinha de saúde, posto de saúde, aquilo ali foi um desperdício fazer o que fizeram com aquilo ali. E os empregos que o pessoal perderam dali, né? Eu conheci gente</p>

	que nasceu ali, já era casado, já tinha filho quando foi (interr.). Que teve a (interr.). A fábrica entrou (interr.). Foi derrubada lá, foi obrigado a sair dali. [...] em Ipioca dizem que tem vários hotéis agora. Quando eu morava ali ultimamente fizeram lá um hotel, dizem que tá muito bonito, eu nunca mais fui lá, tô pretendendo ir. Então não adianta nada. Visitar o pessoal da família aí.
Ei7	<p>Não tem nada! Nada. Não tem nada! Não tem nada disso na minha cabeça mais. Não tem mais. Não vou dizer que eu tenho! (Sobre o doce de caju) Menina! Eu abri os zaios, a minha mãe fazendo doce. Ela diz que as mulher vivia aqui (inaud.) um docinho de caju, tinha muito cajueiro, e a gente dava graças a Deus quando chegava o tempo do caju pra fazer um docinho pra vender, minha fia. Era um tempo pobe, a gente se valia dos caju. Tá vendo? (Os tipos de doces eram) oi, o doce, tem o doce branco e tem o ameixa, o ameixa é feito do coisa e o doce branco é feito do açúcar, né? A gente alimpa o açúcar e cõa, os caju a gente desóia e descasca, fura, espreme e bota no mel pra frever. De doce? Não, eu faço, eu faço o doce branco, a gente chama aqui doce (interr.) e ameixa, que é o doce preto. Hein? Tem o de calda. O de calda a gente dá o ponto (interr.) [...] O de calda a gente (interr.). O doce (interr.). O ameixa a gente fura botando pra frever, quando é no outro dia, bota mé, bota pra dá ponto. E um doce branco a gente descasca fura, espreme, bota no tacho pra frever, no outro dia bota mé, dá ponto, pra ele ficar no ponto, tem cuidado pra escorrer, pra botar no sol pra vender. Doce? Faz, fizeram, hoje já se acabou, mas a metade tem ainda faz. No tempo, agora a gente não tá fazendo muito (interr.). (Minhas filhas que sabem fazer o doce) [...] tudo isso sabe fazer. (Aprendi) com minha mãe. Foi! (inaud.). Quando nasci, fui crescendo e vendo ela fazer e fui aprendi também. Fui fazer também pra fazer um trocadinho. (Quem mais faz) de doce? Agora aqui eu não sei não, tinha muita doceira, mas o pessoal já as (interr.), mudou muito, mas tinha muita que fazia, umas morreram (interr.) É assim como eu tô lhe dizendo! É panhar o caju, lavar, descascar, furar, espremer, alimpar o mé pra frever, no outro dia se bota outro mé pra dar ponto, que é pra poder ficar bom. (O tempo de fabricação) não, não demora não. É (um dia) [...] Mas agora não tem mais, não tem mais caju! Aqui! O povo não compra (interr.). Já vendi muito minha fia! Eu vendi muito doce na porta, botava num coisa, os comprador passava, comprava. Vendi muito! Não foi eu só que nem (interr.). Não foi eu só que nem muito aqui! (os elogios são) doce de primeira. Diziam que meu doce era bem feito, ameixa era bem feita, ainda hoje eles gabam. Não (falam mal). Outro lugar (que tenha doce de caju)? Eu não sei não! Não. Eu sei que aqui no meu lugar era muito a fazer.(inaud.). Ficava feliz (fazendo o doce). Não sei não (a origem), sabe como é que (interr.) a gente freve ele, não tô lhe dizendo, você hoje freve, amanhã da ponto, viu. É o coisa, a gente conforme o caju, a gente trabalha um dia todo, né?</p>
Ei8	Não [...] a tradição daqui era isso mesmo.
10 - Tem alguma coisa que você queria me contar que não perguntei?	
Ej1	Não.
Ej2	Não.
Ej3	Assim, que Ipioca é muito bom, né?
Ej4	Hum! Carnaval é bom o bloco, vários blocos, trio elétrico sobe aí no Alto. (Aqui no Alto tem festas) Têm várias. Tem que é do tempo de eleição, claro!

	Tem um monte! Tem as festas normais e as festa que o povo inventa e bota aí em cima.
Ej5	<p>É, pra mudar muitas coisas né? Que precisa de que? Uma creche, né? Pras mães deixar os meninos que é abandonado e que agora invadiram, as escolas que só tem até a oitava série. Aí as crianças tem que se deslocar pra fazer o primeiro ano em Maceió e muita gente que não tem condições o menino desiste, que nem eu desisti porque minha mãe não tinha condições, né? Hoje botaram o ônibus, mas vem quando quer, é o posto de saúde que é zero também aqui, não tem médico.</p> <p>Ah! E a violência que tá demais! Não, tem que botar um posto de polícia que também não tem. Tá aqui é um perigo, eles rouba direto aqui. Eu fico aqui, mas não é porque a gente quer, mas você pode ver que as casas é tudo de grade, aqui, agora.</p> <p>Aqui já foi bom de morar, a violência tá demais, mudaria isso, botava um posto de polícia 24 horas, né? E o povo já pediu muito e nunca foi. Já fizeram abaixo-assinado, fecharam as ruas, pintaram os cafundós do Judas, mas ninguém nunca (interr.). Só no tempo de eleições que eles aparece, quando acaba a eleição nem o santinho deles no chão fica.</p> <p>Mudaria essas coisas, porque muita mães não trabalha porque não tem como deixar os seus filhos, porque as creches não funciona (inaud.).</p>
Ej6	Assim né? Como você tá fazendo essa entrevista, melhorar alguma coisa, ter alguma coisa aqui porque não tem pra gente se divertir.
Ej7	Não.
Ej8	Ah! Que tá precisando melhorar aqui. É muita (interr.). Antes não era tão perigoso, mas agora tá ficando mais perigoso. Tá precisando de mais segurança!

Fonte: ALBUQUERQUE, 2013.

O anseio por um maior desenvolvimento que venha a alcançar o bairro foi generalizado, perpassando as duas gerações que integraram o elenco de entrevistados.

Entre os entrevistados idosos que apeterceram complementar as entrevistas, ocorreram solicitações de melhorias no bairro para não haver necessidade de se deslocar para o centro da cidade em busca de resolver coisas corriqueiras. Foi também largamente citado a necessidade de novos equipamentos como creche, casa de apoio a idosos, escola e inclusive o incentivo ao desenvolvimento do povoado de Saúde que se encontra esquecido e sempre lhe foi complementar em determinados abastecimentos³¹.

³¹A Feira da Saúde ocorria semanalmente, era bastante sortida de gêneros alimentícios, abastecia a população de Ipioca por muitos anos e assim diminuía a necessidade do deslocamento até o centro de Maceió para esse tipo de atividade/necessidade vital. A Feira da Saúde esmoreceu e extinguiu-se, logo após o fechamento da fábrica, na década de 1980. A fábrica da Saúde era uma fábrica de produção têxtil que promovia assistências à população que nela trabalhava e à população ao seu entorno (por isso alcançava Ipioca). Segundo relatos locais, promovia também festas como as

Os jovens que quiseram se pronunciar ao final da entrevista demonstraram haver uma necessidade de melhorias no bairro como instalação de creche, melhoria das escolas, instalação de um posto de saúde e de polícia, além de mais opções de lazer e principalmente, necessidade de maior segurança no bairro devido à crescente violência.

3.1 O Patrimônio Intangível que perpassa gerações

A partir do condensamento sistemático das entrevistas, foi possível detectar algumas referências que mesmo com o enfraquecimento da transmissão de valores entre gerações, ainda se mantêm na memória da comunidade.

Com relação aos depoimentos coletados, embora dois dos entrevistados idosos demonstrem recordações limitadas, e tenham afirmando não possuir as lembranças indagadas, as suas entrevistas foram mantidas para exemplificar sobre os lapsos convenientes da memória, onde o esquecimento torna-se aliado, apagando fatos que inconscientemente não querem ser recordados pelo inquirido.

O esquecimento por parte do inquirido pode brotar quando o mesmo considera a informação aparentemente insignificante para o contexto, desconectada com o discurso enunciado, seja pelas feridas ainda abertas que podem ser mais fendidas pelo ato de rememorar. À esse não-lembrado é utilizado o termo “zonas de sombras” (POLLACK, 1989). Conforme Félix, (1998) existem memórias (recordações) intencionalmente não ditas:

Estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária, que é a permanência de *memórias subterrâneas* entre o esquecimento e a memória social. E, no campo das memórias subterrâneas, é falar também nas memórias dos excluídos, daqueles que a fronteira do poder lançou à marginalidade da história, a um outro tipo de esquecimento ao retirar-lhes o espaço oficial ou regular da manifestação do direito à fala e ao reconhecimento da presença social. Nesse sentido, esquecimento e morte se aproximam (FÉLIX, 1998, p. 45).

natalinas, que ocorriam com apresentações de folguedos, sobretudo o Pastoril, e que invariavelmente terminavam com a coroação da rainha do Pastoril em eventos que trazia muita gente de Ipioca para assistir. Também sempre em noite de lua cheia para facilitar a vinda dessa população que ocorria na modalidade a pé.

Segundo mesmo (LE GOFF, 1924) a memória é a propriedade de conservar certas informações, se referindo a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

Sigmund Freud (apud SILVA, 2006) iniciou no século XIX amplos debates em torno da memória humana, evidenciando seu caráter seletivo no qual lembramos de coisas de forma parcial, a partir de estímulos externos, e escolhemos lembranças.

O próprio esquecimento para a autora é também um aspecto relevante para a compreensão da memória, pois muitas vezes é espontâneo, indicando a vontade de ocultar determinados fatos (SILVA, 2006).

É importante salientar que, assim como definido por Bosi (1994), devem-se compreender os limites que os narradores encontram, pois não obtiveram a liberdade e oportunidade de poder retocar ou refazer alguma resposta. Suas memórias foram contadas oralmente e registradas de acordo com o fluxo de informações que surgiram no momento, demonstrando um ponto de vista e uma versão do acontecido.

Ainda para a autora “o interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1994, p.37). Possivelmente algumas recordações não foram exatamente fiéis ao que o entrevistado gostaria de contar. Porém:

[...] sempre "fica" o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado. A transformação seria tanto mais radical quanto mais operasse sobre a matéria recebida a mão-de-obra do grupo receptor. Assim, novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação de base evocada. No outro extremo, se a vida social ou individual estagnou, ou reproduziu-se quase que só fisiologicamente, é provável que os fatos lembrados tendam a conservar o significado que tinham para os sujeitos no momento em que os viveram" (BOSI, 19994, p. 66).

Afirma também (FÉLIX, 1998, p. 42) que “A memória é um dos suportes essenciais para [...] definição dos laços de identidade”, alegando ainda que “A identidade associa-se também aos espaços, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários”.

Quanto a essa relação da memória, identidade e espaços tem-se em Bosi reflexões muito pertinentes como a que se segue:

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas (BOSI, 1994, p. 75).

Com efeito, o que ocorre em Ipioca são transformações sociais. O espaço se mantém com as configurações aparentes que remetem ao passado e que aos poucos vão incorporando mudanças necessárias ao que é chamado de progresso, mas a população jovem que lá vive aparenta se enquadrar num processo ainda mais rápido de transformação, embora apresente um satisfatório entendimento com a espacialidade pública no local que basicamente se mantém desde o passado, no Alto de Ipioca.

Sobre essas configurações espaciais, como já destacados anteriormente, há uma divisão clara entre a parte baixa e a alta do bairro. Ao observar as práticas sócio-espaciais existentes entre elas é possível afirmar que há uma maior rapidez no processo de urbanização da parte baixa onde Ipioca aparenta encontrar-se em um processo de perda, considerando a inserção do turismo e outros fenômenos como a apropriação da praia. Enquanto isso, o Alto de Ipioca permanece enquanto lugar de uso da própria população local, mantendo aspectos cotidianos que remetem ao passado e ao presente.

Essas mudanças relativas à urbanização do 'lugar Ipioca', de fato, vêm provocando alterações radicais no modo de vida da população local e é possível comparar com a situação estudada por Lago (1996) ao dizer que "Assim, um viver tradicional transforma-se ou desaparece, nessa fusão entre o mundo rural e o mundo urbano" (LAGO, 1996, p. 1).

O estudo da autora, ao qual se pode fazer uma analogia com a situação ocorrente em Ipioca, se propõe a avaliar sujeitos vivenciando um processo particular de modificações sociais, num espaço geográfico determinado:

Realiza-se, portanto, no ponto de encontro entre o psicológico e o sociocultural, pressupondo o recurso à multi e interdisciplinaridade, procurando compreender as novas formas de inserção na sociedade urbana ou urbanizada, dos sujeitos originários das comunidades agrícolas-pesqueiras, que tiveram suas perspectivas tradicionais de trabalho desagregadas e transformadas (LAGO, 1996, p. 16).

Para manter as configurações identitárias existentes no bairro de Ipioca, considerando essa nova forma de inserção na sociedade, é necessário um reconhecimento e posterior fortalecimento das referências culturais contidas e mantidas através do sentimento de pertencimento dos atores sociais, sujeitos da história e herdeiros das tradições da Ipioca. Ainda para Lago:

As concepções de sujeito construindo-se ativamente na interação com o mundo humano de relações e representações sociais (o mundo cultural organizado pela linguagem e normas sociais para o trabalho), trazem embutida a questão da identidade [...] Identidade é uma categoria de interesse multidisciplinar, relevante para as ciências sociais (no desvendamento da articulação sujeito-sociedade-cultura). [...] a concepção de identidade como a representação consciente do “eu”, constituindo-se nas relações contrastivas e de identificação com os “outros” [...] (LAGO, 1996, p. 18).

Apurando-se a análise do teor das falas, identificaram-se referências bastante ocorrentes que se sobressaíram, e demonstraram possuir maior potencial de continuidade entre gerações. São essas as destacadas a seguir:

a) Festa da padroeira Nossa Senhora do Ó

Reconhecendo a tradição da festa como apontada por quase a totalidade dos entrevistados, tornou-se necessário discorrer sobre a importância das festividades na formação da identidade do grupo social local.

Existe uma prática diferenciada, adotada por cada sociedade, ao instituir uma pausa na vida cotidiana com a intenção de festejar momentos que podem ser individuais, dedicados à igreja no caso das festas religiosas ou a festas cívicas que ocorrem nas ruas (BRANDÃO, 1989).

As festas, em geral, podem também ser reconhecidas como formadoras de identidade na medida em que propiciam um local de encontro, mistura e comunhão entre diferentes classes sociais e etnias. Efetivamente, as festas possuem, segundo Perez (apud SANTANA, 2002, p.22), “... uma realidade e uma dinâmica própria, é um ato coletivo extra-ordinário, extra-temporal e extra-lógico”; e, Santana (2002, p. 22), complementa afirmando que “[...] a festa não é somente boa para dela participar como divertimento, mas é também boa como fonte de reflexão dos fundamentos dos vínculos coletivos que constroem a sociedade”.

Para tanto, segundo Serra (1999) a festa deve estar associada a um tempo de comemoração e a um determinado lugar. No caso da festa da Padroeira de Ipioca, ela encontra-se associada à igreja Nossa Senhora do Ó e ao Alto de Ipioca.

Uma das entrevistadas descreve a festa como sendo de rua, com barracas onde sua principal atividade se dá na procissão (Ver figuras 88 a 93) em homenagem à padroeira Nossa Senhora do Ó. Porém, como já exposto anteriormente, devido ao fator violência a festa se resume hoje à procissão e apresentações rápidas na área externa à igreja.

O percurso da procissão tem início na igreja, percorrendo seu entorno mais imediato – a praça e seu antigo adro³², descendo até a AL-101 Norte e retornando para o Alto, onde ocorre a finalização interna à igreja e queima de fogos e apresentações na área externa.

Figura 88 - Procissão com andor.



Fonte: Marise Lima, s/d.

Figura 89 - Nossa Senhora do Ó.



Fonte: Marise Lima, s/d.

³² Entendendo-se Adro como espaço próprio para o aglutinamento de pessoas para festas religiosas, permitindo caminho livre para procissões segundo recomendações canônicas, literalmente assim é reconhecível a configuração espacial e intenção de uso no espaço frontal a essa igreja.

Figura 90 - Procissão tendo início na igreja.



Fonte: Manoel Monteiro, 2007.

Figura 91 - Procissão descendo a ladeira do Alto.



Fonte: Manoel Monteiro, 2007.

Figura 92 - Procissão sendo finalizada na área interna da igreja.



Fonte: Manoel Monteiro, 2007.

Figura 93 - Apresentações na área externa.



Fonte: Manoel Monteiro, 2007.

No catolicismo, acredita-se que para obter um relacionamento com Deus é necessária uma intermediação através dos Santos. Nesse contexto, segundo Araújo (apud SANTANA, 2002), o culto aos Santos passou a ser o centro da vida religiosa dos brasileiros tendo a festa do Santo da devoção como seu ponto forte. Localizando esse aspecto na festa do Senhor do Bonfim, em Salvador – BA, Mariely Santana (2002) afirma que essa festa

[...] revelou-se um rico campo de investigação para análise das formas de apropriação da cidade e compreensão dos hábitos e costumes da sociedade. Pelo seu caráter coletivo, a festa dilui a distância entre os indivíduos, rompendo as suas diferenças, o que possibilita a reafirmação de crenças grupais e o estabelecimento de novas regras que tornam possível a vida em sociedade. A festa representa a reunião de diferentes grupos, com características individualizadas e, neste sentido, assume uma dimensão construtiva da vida social, permitindo a apreensão das práticas exercidas para a manutenção do mito, seu objetivo maior (SANTANA, 2002 p. 200).

A autora também reconhece que

Com todas as transformações e perdas sofridas ao longo do tempo, algumas festas religiosas chegaram até o século XX, e ainda permanecem vivas nas cidades brasileiras, a exemplo da festa do Divino, em Pirinópolis/GO, a festa do Círio de Nazaré, em Belém/PA, entre outras. Com a perda da importância do caráter litúrgico da igreja católica, nas definições do tempo social das cidades ocorreu, naturalmente, o enfraquecimento das festas e dos momentos festivos da cidade. Entretanto, algumas manifestações ainda perduram [...] (SANTANA, 2002, p. 60).

Também é possível identificar a perda gradativa dos costumes associados à tradição da festa da Padroeira Nossa Senhora do Ó em Ipioca e daí a importância de encaminhá-la para a preservação.

b) Atividades de pesca

Apesar de citadas com menor evidência pelos entrevistados, as atividades de pesca constituem-se uma referência de bastante destaque em Ipioca. Esta afirmação é também percebida nas entrelinhas dos depoimentos em falas que relatavam acerca dos trabalhos remunerados como:

Ah! Tinha a pesca, a fábrica de tecidos em Saúde, é, a tiragem do coco [...]. (Ei2, 74 anos); [...] porque o pessoal vive da pesca e do coco, a pesca só tem dinheiro quando dá, o coco só tem dinheiro quando não chove, porque escorrega. (Ei3, 67 anos); Os pais os avós, os avós que tinha, os tios, tudo tinha armadilha, tinha curral, pescava fora de jangada (Ei8, 65 anos).

Acerca da produção artesanal: “Na minha família tem o Neném que é pescador”. (Ei3, 67 anos); “Com a família não, mas com os outros eu aprendi a fazer rede, tarrafa, esse negócio ligado à pescaria, né?” (Ei6, 71 anos). E, ainda acerca da categoria História e descrição do bairro:

Bom demais! Muito de fartura! Porque tinha muito peixe, tinha mais peixe do que gente na Ipioca. O pessoal ia pescar que meu marido era pescador trazia de samburá, dois, três cheios, hoje vai não trás um, que o pescador é demais (Ei3, 67 anos).

De acordo com o Ministério da Pesca e Aquicultura (2013), o pescador artesanal é aquele que exerce a atividade de pesca com fins comerciais, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou

mediante contrato de parcerias, desembarcada ou com embarcações de pequeno porte, como jangadas ou canoas. De forma desembarcada a captura se dá próxima à costa com equipamentos que variam de acordo com a espécie a se capturar, podendo ser utilizadas redes, arrastos, tarrafa, linha e anzol, armadilhas, entre outras. Para a maior parte deles o conhecimento é passado de pai para filho ou pelas pessoas mais velhas e experientes de suas comunidades.

No caso específico de Ipioca, além da tradicional pesca de curral, é comum o uso de jangadas e redes para capturar os peixes, o que também pode se encontrar em toda a região adjacente. (Ver figuras 94 e 95).

Figura 94 - Jangadas em praia do litoral Norte de Alagoas.



Fonte: Gianna Perrelli, 2012.

Figura 95 - Processo de organização da pesca na praia de Ipioca.



Fonte: Gianna Perrelli, 2012.

O curral aparenta ser a forma mais frequente desta atividade no bairro. Porém, em estudo feito por Ribeiro (2011), encontraram-se indicações sobre o sumiço dos peixes da pesca de curral em Ipioca (Ver figura 96), antes em fartura como visto em depoimento anterior. O livro da referida autora traz um relato etnográfico no qual enfatiza o curral como uma presença marcante na paisagem por ser foco da atividade de pesquisa e o expõe ainda como alvo de preocupações expressas pelos entrevistados e como foco de ilustrações dessa modalidade de pesca.

Figura 96 - Retirada da pesca do curral na maré baixa em Ipioca.



Fonte: Gianna Perrelli, 2012.

O curral é dividido em repartições que recebem nomes específicos, segundo relatos dos pescadores locais, a primeira repartição assemelha-se a uma cerca e é chamada de “espera”, ou mais precisamente estacadas, logo em seguida tem a “manga” e o caminho do peixe é descrito como: passar pela espera, depois pela manga e então para o “chiqueiro grande”. Neste último o peixe procura por uma saída e por fim entra no “chiqueirinho”, que possui menor espaço e é o que recebe todo o peixe (RIBEIRO, 2011).

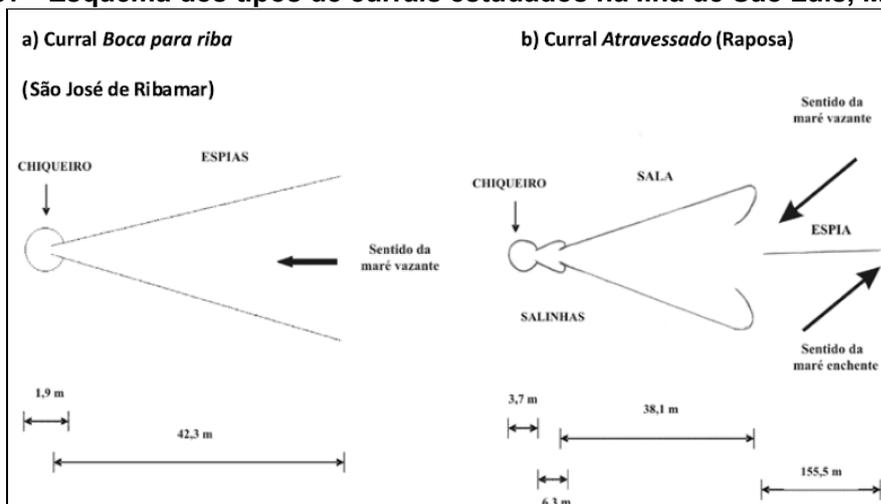
Essa descrição de repartições do curral pode ser visto também no estudo de Piorsk, Serpa e Nunes (2009), onde é feita uma análise comparativa da pesca de curral na ilha de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil:

Os Currais são armadilhas fixas construídas com varas e arames, estrategicamente implantadas no solo. Nestas armadilhas, os peixes são

aprisionados em um cercado e removidos na maré vazante [...] (PIORSK; SERPA; NUNES, 2009, p. 3).

Os tipos denominados “Boca para Ribá” e “Curral atravessado”, que podem ser encontrados na Ilha de São Luís do Maranhão, podem ser vistos em detalhe (Ver figura 97), onde o segundo tipo assemelha-se ao existente em Ipioca, Maceió:

Figura 97 - Esquema dos tipos de currais estudados na Ilha de São Luís, Maranhão.



Fonte: PIORSK; SERPA; NUNES, 2009.

Segundo Ribeiro (2011), antigamente, a pesca em Ipioca era farta. Já atualmente,

[...] o peixe é de tal modo escasso que essa modalidade de pesca nem é mais caracterizada como atividade produtiva nos Boletins Anuais do IBAMA. Na época em que a pesquisa foi realizada, no início da década de 2000, havia apenas cinco currais em funcionamento, e sua produção atendia apenas subsistência. Os pescadores e pescadoras [...] foram unânimes em ressaltar que o problema central vivenciado por eles era o desaparecimento dos peixes (RIBEIRO, 2011, p. 14).

As causas do desaparecimento dos peixes podem estar associadas, segundo aponta o estudo de Ribeiro (2011), à própria atividade de pesca, relacionada à materiais impróprios utilizados nessa prática como redes consideradas predatórias, cloro, bombas, entre outros e à quantidade pescada, época de pesca, e por fim, à pesca industrial.

A degradação ambiental também é mencionada no estudo dessa autora como possível causa para o sumiço dos peixes, como o desmatamento e o

desenvolvimento urbano desordenado, que destrói os manguezais e polui com a falta de saneamento (RIBEIRO, 2011). Ainda no mesmo estudo, foi possível citar algumas probabilidades de solução sugeridas pelos pescadores, como o turismo e a pesca sustentável:

O turismo emergiu como proposta de desenvolvimento econômico da região e foi referido por alguns pescadores que se associaram aos interesses dos órgãos governamentais para promoverem, numa ação conjunta, a atividade turística. Seria, para alguns, uma possibilidade de dar conta das dificuldades econômicas por que passavam as pessoas que dependem da pesca, dada a escassez dos peixes [...] A outra proposta [...] Tinha por foco ações que caracterizam como de uma pesca artesanal sustentável: da parte dos pescadores, o uso de instrumentos menos predatórios; da parte dos órgãos governamentais, a fiscalização mais rigorosa [...] como possível solução, há quem defendesse, sobretudo entre os pescadores, uma ação conjunta, envolvendo pescadores e a comunidade local (RIBEIRO, 2011, p. 17).

A tradicionalidade dessa atividade é de fato confirmada, entretanto atualmente passa por problemas correntes de continuidade. Inclusive, essa prática aparenta se extinguir entre a própria população jovem abordada na amostra espontânea selecionada. Todavia, é preciso reconhecê-la como referência assim como a população idosa a reconhece, sendo parte da identidade local e por isto faz-se oportuno alertar para a busca de soluções para a sua permanência.

c) Saber-fazer doce de caju

O saber-fazer doce de caju em Ipioca vem sendo transmitido entre gerações, sendo passado de mãe para filhos³³. Há alguns anos o doce era característico da região. Porém, os doces estão caindo no esquecimento da população. Hoje, esse saber-fazer está restrito a alguns moradores do bairro, já em idade avançada, e corre o risco de desaparecer, embora a população jovem dele tenha conhecimento e também o consuma.

Reconhecendo a importância dessa atividade e percebendo uma escassa, porém existente continuidade da mesma entre os entrevistados, tornou-se necessário discorrer sobre essa. Quando indagada sobre o doce, mesmo com a

³³ Diz-se “filhos”, pois o saber-fazer do doce é realmente repassado aos filhos, independente do gênero.

memória limitada, a entrevistada Ei7 demonstra bastante entusiasmo ao descrever com clareza os processos do doce de caju refletido na frase:

Menina! Eu abri os “zaios” (sic.) vendo a minha mãe fazendo doce. [...] e a gente dava graças a Deus quando chegava o tempo do caju pra fazer um docinho pra vender, minha fia. Era um tempo “pobe” (sic.), a gente se valia dos caju (Ei7, 90 anos).

Outras citações dos entrevistados abordam o doce como na descrição do entrevistado idoso 4 do seu cotidiano no passado “Minha esposa lutava com doce de caju e eu trabalhava [...]” (Ei4, 72 anos).

Quanto aos tipos de trabalhos que havia, surge também o doce de caju como atividade remunerada “[...] na época da safra do caju, era fazer doce de caju pra vender [...]” (Ei6, 71 anos); “[...] fazendo doce de caju no tempo, era assim, o trabalho era esse” (Ei7, 90 anos). Em relação às comidas mais tradicionais e receitas familiares indagadas, os entrevistados descrevem:

Doce de caju. (Sabe fazer) um pouco. (Aprendi) com minha avó e minha mãe. Doce de caju. Ó! O modo de preparar é: “descascar” (sic.) o caju, furar e colocar ele no mel, e colocar ele pra cozinhar, no outro dia você faz um (interr.) você prepara ele na calda e coloca numa peneira pra escorrer, depois mela no açúcar e bota pra secar. (Ej2, 33 anos); [...] o doce, agora o doce de caju é (interr.). Agora hoje, as pessoa muitas não querem mais fazer doce, o trabalho, né? O trabalho é difícil e a gente pra fazer um trabalho, não tem condições porque o doce de caju só é bom com isso aí (lenha). (Ei4, 72 anos); Só do doce! É! Ói! (a receita) É pegar o açúcar, limpar o mel, pegar o caju descascar, furar o caju, espremer e botar pra “felver” (sic.). Bota numa vasilha, no outro dia, limpa outro mel mais grosso e bota no fogo pra dar o ponto, ele está na calda, aí ele na calda, aí depois bota pra escorrer numa peneira e pra fazer o cristalizado que é o que ela diz (interr.) Pra fazer o cristalizado, hoje o pessoal chama cristalizado e o ameixa. E o ameixa e a castanha, a castanha eu assei muito (Ei8, 65 anos).

O saber-fazer o doce, sempre como uma atividade feita em conjunto, surge também na indagação se o entrevistado ajudava sua família em alguma atividade de trabalho:

A minha mãe! A gente assim, eu ia trabalhar e ela ficava em casa, né? Com tempo de doce, quando chegava o final de semana, o domingo, eu ajudava ela a fazer. Entendeu? E depois, que eu fiquei em casa, quando fechou, eu fiquei ajudando ela direto, enquanto tinha eu ficava ajudando ela. Foi tempo que ela não aguentou mais fazer, eu, aprendi (a fazer o doce) (Ei8, 65 anos).

Pelo que se observa no bairro, ainda há produção de caju no local, ocorrendo entre os meses de outubro e novembro, estendendo-se por vezes até dezembro, embora, não com os cajus colhidos no local e sim adquiridos em Estados vizinhos como Sergipe, etc. O processo de fabricação se inicia com a coleta dos frutos nos 'pés de caju', seguindo-se a seleção prévia quando então são lavados, furados, espremidos e separados para a fabricação dos diversos tipos de doces (em calda, cristalizado e ameixa) que são feitos em típicas fábricas domésticas contando com utensílios relativamente simples.

Os utensílios (Ver figuras 98 a 103) utilizados na fabricação do doce são, basicamente, o tacho de cobre, que é o mais tradicional ou o de alumínio, que substituiu o tacho de cobre por ser mais leve e não causar danos à saúde, colher de pau de cabo longo, estoque de lenha, fogão à lenha, peneira tipo 'urupemba', bandejas metálicas lisas e bandejas perfurada, utilizadas para escorrimento das caldas.

Figura 98 - Tacho de cobre para preparo do doce.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 99 - Tacho de alumínio.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 100 - Lenha acumulada para fazer fogo.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 101 - Fogão a lenha.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 102 - Peneiras usadas para o escoamento dos doces.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 103 - Bandeja lisa e perfurada para escoamento.



Fonte: Autora, 2012.

A venda dos doces é anunciada também de forma simples, em plaquetas escritas à mão (Ver figura 104), não tendo inclusive muita visibilidade para os transeuntes automobilizados que passam em alta velocidade na rodovia AL-101 Norte. A exposição ocorre em mesas à frente das residências/loais de venda e o acondicionamento é realizado em bandejas de isopor envoltas em papel filme (Ver figura 105).

Figura 104 - Placa anunciando venda do doce.



Fonte: Autora, 2012.

Figura 105 - Acondicionamento dos doces.



Fonte: Autora, 2012.

Visto a significância dessa atividade para o reconhecimento identitário da comunidade considera-se importante que o processo de repasse tradicional do saber-fazer o doce entre as famílias continue e não se extinga com essa redução de fabrico.

Sentiu-se, ao longo da pesquisa, necessário ampliar ainda mais o entendimento das razões da diminuição da importância dos doces e do saber-fazer, buscando soluções para o incentivo à continuidade de uma prática que já chegou a ser descrita como inerente ao lugar. Em razão disso a autora participou da

elaboração do Dossiê de candidatura ao registro do saber-fazer do doce de caju da Ipioca entregue ao Conselho Estadual de Cultura- SECULT-AL no Pró-Memória em 2012³⁴. Formalizado nos moldes protocolados para Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas, encontrando-se ainda em processo de análise conforme consta exposto no Quadro 2, pág. 67.

³⁴ O pedido foi feito sob Dossiê de título O SABER-FAZER 'DOCES DE CAJÚ' EM IPIÓCA: pedido de registro para patrimônio imaterial do Estado Alagoas, sob orientação da Profa. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare e pela autora como Estagiária Docente da Disciplina de Prática de Restauro da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). O referido Dossiê contou com a participação (em pesquisa) dos alunos que cursaram os semestres de 2008.1 e 2012. Formalizado através do número de processo 2600-1451/2012 e tendo sido aberto no dia 08 de outubro de 2012.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre diversas reflexões acerca de memória e identidade extraídas dos depoimentos coletados e trechos citados, este trabalho se propôs a enfrentar um processo de resgate da memória dos idosos buscando por referências culturais como produto da formação histórico-cultural que posteriormente foram confrontadas com o que se apresentou assimiladas pelos jovens de Ipioca. Buscou-se também identificar características que o marcavam e diferenciavam, através das fontes orais.

O tema Patrimônio Intangível e sua fragilidade, como algo que aparenta poder facilmente se extinguir por 'não se poder tocar', é bastante interessante. Principalmente a forma como esse permanece através de gerações e possibilita constantes recriações pelas comunidades e grupos, indo contra a concepção inicial dessa nomenclatura, demonstrando o contrário, essência e potencialidade para perdurar. Receitas típicas, festas, folguedos, tradições, lugares, saberes e fazeres... Enfim, cultura viva e contínua, que deve ser preservada e valorizada por possuir uma relação direta com o local geo-sócio-cultural onde ocorre.

Como esses patrimônios permanecem em constante transformação devido à evolução natural do ser humano, do local onde ocorrem e da fluidez da transmissão de informações, é necessária celeridade na atualização de métodos pertinentes à preservação dos bens intangíveis; pois, o essencial desse patrimônio é a história que ele cria e não seria conveniente podar esse desenvolvimento histórico com o intuito de mantê-lo intacto.

Com base nos conceitos de patrimônio e na pesquisa elaborada com moradores do bairro de Ipioca, com foco em idosos e jovens, objetivando resgatar a memória das festas, formas de brincar, dos modos de viver, dos lugares mais frequentados e saberes e fazeres locais, por meio das suas lembranças para sentir como vai transcorrendo a disseminação e permanência desses valores imateriais no bairro de Ipioca levou a constatar-se uma ascendência na transmissão da ritualidade da Festa da Padroeira e dos saberes e fazeres dos doces de caju e das atividades de Pesca.

Convém ressaltar que esses saberes de tão arraigados estão presentes em ditados muito usuais no bairro, como: 'Quando você ia para os cajus eu já vinha com as castanhas', referente a uma situação de esperteza onde se concluiu rápido um processo que seria demorado, como o de ir aos pés de cajus, apanhá-los, para

depois ainda tirar as castanhas. Outro ditado que cita a fruta e indica a passagem de anos referenciada nas safras do caju, que é anual é: '[Fulano] tem lá os seus cajus', demonstrando a conclusão sobre a idade avançada de alguém quando não se sabe ao certo quantos anos tem. Há também um outro ditado, associado ao modo ágil do mergulhar do peixe, e que é referente à rapidez de uma lembrança que momentaneamente se esquece e desaponta a quem quer lembrar: 'Fugiu igual a um peixe quando mergulha'. Ou seja: a lembrança escapou.

Essas práticas reconhecidas, de tão próprias aos moradores de Ipioca, chegam a ser vistas como naturais, como o próprio doce de caju que é conhecido em Maceió e outros municípios como o 'doce de caju de Ipioca', onde assim o lugar identifica o artefato, e vice versa.

Constatou-se claramente como a Festa da padroeira Nossa Senhora do Ó, apontada por quase a totalidade dos entrevistados, ainda é forte mesmo não mais existindo um número absoluto de devotos católicos no bairro. Sabe-se, contudo, que isto decorre do catolicismo disseminado na localidade, haja vista a postura catequética de sua localização e cumprimento à regras canônicas que ditaram por muitos séculos no Brasil, desde quando Colônia portuguesa, a sua implantação com amplo adro à frente e sem impedimentos nas suas lateralidades para possibilitar um bom deslocamento de procissões (Ferrare, 2002; 2006). O que também, para a autora, possibilitava uma visão livre e sempre dominante do edifício-igreja na paisagem e na apreensão coletiva da população³⁵.

O enfoque da preservação de bens imateriais está em reconhecer como patrimônio cultural, o processo de criação, seu modelo e a manutenção do conhecimento que denuncia a identidade de grupos sociais. Convém considerar ainda que a sua finalidade não está no resultado da manifestação ou nas condições materiais de sua existência. E, sim, na identificação e salvaguarda dos modos de ser e fazer, que são valores particulares enraizados no imaginário, realizados no cotidiano e transmitidos para gerações futuras.

Portanto, preservar a essência do processo imaterial das manifestações culturais torna reconhecíveis as intenções do hábito de uma comunidade e a evolução de sua sociabilidade, tornada em sua identidade coletiva.

³⁵ Tal presença tão imperativa da igreja na espacialidade e na imagética da paisagem urbana fizeram a autora defender a tese de haver se transformado em uma forma de "catequese espacializada" que contribuía para arraigar os valores da religião e fé católica.

A relevância de se ter uma manifestação cultural documentada está na possibilidade de servir como fonte de pesquisa, como referência do passado para que se possa entender quem e o que se é hoje, como memória de uma manifestação cultural que não mais ocorre, mas que permanece viva na memória das pessoas e que pode vir a ser reorganizada (Brayner, 2007).

Todavia, para que se possa preservar bens culturais, é de fundamental importância saber não apenas que ele existe, mas também se a manifestação cultural é praticada pela população local, se as pessoas têm dificuldade ou não em realizá-la, que tipos de problemas a afetam, como essa tradição vem sendo transmitida de uma geração para outra, que transformações têm ocorrido, quem são as pessoas que hoje atuam diretamente na manutenção dessa tradição, entre vários outros aspectos relativos à existência e continuidade dos bens.

Foi particularmente com esse entendimento que se realizou a presente pesquisa visando dar uma contribuição para a salvaguarda de bens ou valores intangíveis que podem estar entrando em risco pela chegada do turismo, agora mais impulsionado por vários agentes exteriores e sem vínculos com o local e o seu modo peculiar de vida.

Por outro lado, sabe-se que o turismo preza por autenticidades culturais. O fato do título de 'terra natal do Marechal Floriano' se sobressair dentre outros referenciais históricos do bairro e ser exibido na placa vista da AL-101 Norte indicando o acesso à ladeira do Alto de Ipioca parece ser uma escolha sinalizadora de sua história através da representatividade da figura histórica do Marechal. Contudo, essa escolha, feita pela comunidade, mais precisamente por representantes da Associação de Moradores pode ser entendida dubiamente, pois pode ocorrer devido a um real envaidecimento por esse acontecimento histórico ou para evidenciar e ativar o fluxo do turismo que flui pela AL-101 Norte em direção a todo litoral Norte. Vale ressaltar que o turismo busca valores históricos e culturais para serem consumidos e atrair demanda de público e a população também apreende isto e pode dar sua contribuição sob a aparente valorização do conterrâneo famoso.

Portanto, algumas faces do patrimônio cultural estão intimamente ligadas ao turismo. Os bens culturais podem constituir-se em importantes elementos de atração turística e também de conscientização social. Não há dúvida que o contato direto

com edifícios, artefatos históricos e com demais elementos da cultura local permite uma abertura para a variedade cultural (Funari; Pinsky, 2001).

A rigor, o turismo quando atento à cultura resulta em uma atividade mais cuidada com os moradores locais e seus costumes, valorizando a diversidade cultural e contribuindo, dessa forma, para a formação de uma cidadania mais crítica. Visa uma interação com as diversas manifestações culturais presentes.

Vistas como patrimônio cultural as referências mais significativas encontradas em Ipioca, a festa da padroeira Nossa Senhora do Ó, o saber-fazer o doce de caju e as atividades de pesca proporcionam ainda, segundo Santana (2002) a ampliação do conceito de cidadania, que implica no reconhecimento dos direitos culturais dos diferentes grupos que compõem uma sociedade, entre eles o direito à memória, ao acesso à cultura e à liberdade de criar, como também o reconhecimento de que produzir e consumir cultura são fatores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e da sociedade.

Através desta pesquisa e análises subsequentes foi possível entender até que ponto tem-se dado o processo de repasse da memória entre as gerações, idosos e jovens, do bairro, tendo ficado evidente desde o início, a relação entre os valores e atividades cotidianas praticadas pela comunidade. Foi possível também registrar uma fraca transmissão, na qual parece ter se perdido referências que não mais apareceram entre os jovens, como a frequência às ruas para os atos de brincadeiras *infanto-juvenis*³⁶, na transferência do ofício da pesca³⁷, a apreciação (e até o conhecimento) de *folguedos*³⁸, entre outros. Constatou-se no entanto uma mais forte transmissão da tradicionalidade da festa da padroeira e do saber-fazer doce de caju, embora este último prossiga mais entre os jovens que descendem de famílias que ainda cultivam essa prática, ainda em modo comercial.

³⁶ As brincadeiras outrora bem marcantes entre a população local como garrafão, quebra pote, manja, roda, cantar de fila, saltar corda, pular avião, entre outras. Hoje, sequer citadas pelos entrevistados jovens.

³⁷ As práticas de pescaria que vão da pesca puxada com rede à pesca de curral, demonstraram pouco ter sido assimilada e praticada pelos jovens que quase não se referem a ela de forma a se constituir um ofício e mesmo como contemplação, na medida em que a praia para os jovens tão somente é significativa para o lazer do banho de mar.

³⁸ Os folguedos antes muito frequentes nas festas da Padroeira foram desaparecendo e os jovens não demonstraram nenhuma percepção quanto a isto e possivelmente não o mencionaram pelo total distanciamento com esta manifestação cultural na localidade.

A pesquisa aqui apresentada não se esgota em termos conceituais, mas busca, em síntese, reafirmar a relação dos agentes sociais de Ipioca (os seus moradores) com seus bens culturais, divulgando para eles uma forma bem mais ampliada de conhecimento sobre os valores que possuem e de alguns que até ameaçam se perder, mas que justificam a preservação dessa cultura, em princípio identificadora desse lugar.

Embora tenha ficado perceptível modificações nas práticas e ritmos do cotidiano vivenciados pelos atuais moradores de Ipioca, como definir lugar e habitantes em Ipioca sem essas referências culturais que aqui foram **narradas** e referenciadas que os particularizam frente aos demais bairros da cidade Maceió e até fazem o bairro similar a 'uma cidade de interior' e os seus moradores serem nomeados por 'ipioquenses'?

É evidente estar-se diante de um lugar de marcante autenticidade cultural de matriz tradicional em novo estágio de contato com um fluxo de desenvolvimento emergente.

“O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem [...] Em cada época, é preciso arrancar a tradição do conformismo que quer apoderar-se dela”.

Walter Benjamin

REFERÊNCIAS

ALAGOAS, Instituto do Meio Ambiente. **Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro**: Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro. CÉSAR, Ricardo (org.) Maceió, 2007.

ALAGOAS, Secretaria da Cultura do Estado de Alagoas. **Cultura Popular**: Folguedos Natalinos. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural-1/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/grupos-de-folguedos-natalinos>> Acesso em 10 mar. 2013.

ALAGOAS, Secretaria da Cultura do Estado de Alagoas. **Patrimônio Vivo**: Registro do Patrimônio Vivo. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-vivo/>> Acesso em 15 out. 2012.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARANTES, Antônio. **Patrimônio Imaterial**: Patrimônio Cultural: desafios e perspectivas atuais. 2009. 12p. Aula 2 (especialização sobre Patrimônio Imaterial). EAD, DUO.

AZEVEDO NETO, João Lessa de. **Diagnóstico sócio/ambiental para o turismo sustentável de base comunitária com comunidades do Distrito de Ipioca, Maceió/AL**. Maceió, 2008. 129p. Monografia (Especialização em Gestão de empreendimentos turísticos). Assessoria de pesquisa, pós-graduação e extensão, Centro Universitário Cesmac.

AZEVEDO, Thales de. **O cotidiano e seus Ritos**: Praia, Namoro e Ciclos da vida. Recife: Editora Massangana, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

BRASIL, Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. SANT'ANNA, Márcia G. de (org.). **O Registro do Patrimônio Imaterial**: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: FNA, 2006.

BRASIL, Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. MENEZES, Rogério (ed.). **Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois**: A trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Brasília, 2006.

BRASIL, Ministério da Pesca e Aquicultura. **Pesca Artesanal**. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/pescampa/artesanal>> Acesso em 21 abr. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRAYNER, Natália G. **Patrimônio cultural imaterial**: para saber mais. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade texto e história**: para ler a história oral. São Paulo. Edições Loyola, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**: O homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano?. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CAVALCANTE, Ronildo. **Jornal Gazeta de Alagoas**. Maceió, 19 fev. 1973.

CONPHAE /AL (Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Alagoas)/ SECULT/AL (Secretaria de cultura do Estado de Alagoas). Resolução Nº. 07 de janeiro de 1982 – Tombamento da igreja Nossa Senhora do Ó em Ipioca, Alagoas.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T. **Do local ao global**: O turismo litorâneo cearense. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

COSTA, Craveiro. Maceió: 2. ed. Sergasa, 1981.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Memória e Cidadania**. In: São Paulo (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. DPH. São Paulo, DPH, 1992.

DIAS, Juliana Michaello Macêdo. **Arquitetura em jogo**: Experimentações situacionistas em Ipioca. Maceió, 2006. 60p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Alagoas.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **O Banguê nas Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1980

_____. **O engenho de açúcar no Nordeste:** documentário da vida real. Maceió: EDUFAL, 2006.

FALCÃO, Andréa. **Registro e políticas de salvaguarda para as culturas populares.** Rio de Janeiro: 2. ed. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. CNFCP, 2008.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo: UPF, 1998.

FERRARE, Josemary Omena Passos. **Marechal Deodoro:** um itinerário de referências culturais. Maceió: Edições Catavento, 2002.

_____. **A cidade Marechal Deodoro:** do projeto colonizador português à imagem do “lugar colonial”. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2006. (Dissertação de Doutorado).

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e Patrimônio Cultural.** São Paulo: Contexto, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LAGO, Mara Coelho de S. **Modos de vida e identidade:** Sujeitos no processo de urbanização da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: UNICAMP, 1992.

MEIHY, José Carlos S; HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MENEZES; BORBA. **Levantamento Preliminar dos Monumentos Históricos e Artísticos de Alagoas.** Maceió: Departamento de Ciência e Cultura, 1970.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **história oral e memória:** a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MORONE, Elexsandra (Ed.). **Guia de informações turísticas: Alagoas como você nunca viu**, n.3, 2003.

NOGUEIRA, Neuza Emanuele Maranhão. **Loteamento de chácaras no bairro de Ipioca, litoral norte do município de Maceió**. Maceió, 2007. 44p. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas, Centro Universitário Cesmac.

PIORSKI Nivaldo Magalhães; SERPA Sheilla Silva; NUNES, Jorge Luiz Silva. **Análise comparativa da pesca de curral na ilha de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil**. Fortaleza, 2009. 7p. Trabalho acadêmico (pesquisa). Arquivos de Ciências do Mar.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989. V.2.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Proj. História, São Paulo, fev. 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ. **Diário Oficial**. Maceió, 07 jan. 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, Instituto Brasileiro de Administração Municipal - Área de desenvolvimento urbano e meio ambiente DUMA. **Plano Diretor de Maceió – AL**: Documento de Informações Básicas. Maceió, maio de 2005.

QUEIROZ, Álvaro. **Episódios da História das Alagoas**. 2.ed. Maceió: Edições Catavento, 1999.

RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira. **Sentido da Pesca e a Pesca dos Sentidos: Um estudo psicossocial para compreensão do sumiço dos peixes da pesca de curral em Ipióca- Maceió -AL**. Maceió: 1. ed. EDUFAL, 2011.

ROLEMBERG, Catarina. **O Jornal**. Maceió, 29 dez. 1996.

ROSA, Zita de Paula. **Laços e perdas em família**. Ciência Hoje. Encarte especial, 8 (8): novembro, 1988.

SANTANA, Mariely Cabral de. **Alma e Festa de uma cidade**: devoção e construção da colina do Bonfim. Salvador: UFBA, 2002.

SANT'ANA, Moacir M. **Efemérides Alagoanas**. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 1993. V.2.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERRA, Ordep José Trindade. Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia. Salvador: EDUFBA, 1999.

SILVA, Fernando Fernandes de. Mário e o Patrimônio: Um anteprojeto ainda atual. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 30, p. 129-137, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro 3.ed.: Paz e terra, 1992.

TOMÁS, Ana Paula Vieira; FORTES, Cynthia Nunes da Rocha; LISBOA, Leonel. **Igreja Nossa Senhora do Ó**: Anteprojeto de Restauro e agenciamento do entorno adjacente. Maceió, 2007. 54p. Trabalho acadêmico- FAU. Pró-Reitoria de Extensão/ Universidade Federal de Alagoas.

APÊNDICE A - Banco de dados para coleta de referências culturais

BANCO DE DADOS - IDOSOS

Perguntas iniciais:

- Nome completo
- Quando e onde nasceu
- Filiação
- Formação educacional
- Atividade profissional

Perguntas específicas:

1. Como transcorre (se passa) hoje o seu cotidiano (dia-a-dia)? Poderia contar um pouco sobre o seu dia-a-dia?
2. Como transcorria o seu cotidiano no passado? Poderia contar um pouco sobre a sua infância? Poderia contar um pouco sobre a sua juventude?
3. Quais suas lembranças de menino/menina aqui em Ipioca? O que marcou mais?
4. Quais os maiores divertimentos (brincadeiras) que havia? Como as praticava? Quais as brincadeiras para as meninas? E para os meninos?
5. Quais os tipos de trabalhos remunerados que havia (para homens e mulheres)?Havia trabalhos remunerados? De que forma? Havia diferença de remuneração entre homens e mulheres? Poderia explicar?
6. Quais as trabalhos manuais/ artesanato que aprendeu? Aprendeu com quem? Por quê? Ainda faz? Ensinou a alguém? Por quê?
7. Quais as comidas mais tradicionais da sua família? Aprendeu com quem? Ainda faz? Ensinou a alguém? Por quê? Poderia dar a receita?
8. Quais eram as festas tradicionais do bairro? Ainda permanecem? Quais as mudanças mais fortes?
9. Existia algum lugar muito frequentado no bairro? Qual era? E hoje?
10. Poderia contar um pouco da história do bairro? Como era o bairro nos anos de 1980?Como era Ipioca em 1990? Houve algum tipo de melhoria no bairro? De que forma? Houve algum tipo de piora? De que forma?
11. O (a) Sr (a) teve algum tipo de escolaridade? Poderia contar como foi o seu tempo de estudo? Estudou até que série? Onde?
12. Você ajudava sua família em alguma atividade de trabalho? Qual? De que forma? Por quê?
13. Tem alguma coisa que o Sr. /Sra. queria me contar que não perguntei?

BANCO DE DADOS - JOVENS

Perguntas iniciais:

- Nome completo
- Quando e onde nasceu
- Filiação
- Formação educacional
- Atividade profissional

Perguntas específicas:

1. Como transcorre (se passa) hoje o seu cotidiano (dia-a-dia)?
2. Quais os maiores divertimentos (brincadeiras) que há no bairro e como se pratica? Aprendeu com quem?
3. Quais as trabalhos manuais/ artesanato que sabe? Aprendeu com quem? Pratica? Por quê?
4. Quais as comidas mais tradicionais da sua família? Sabe fazer? Aprendeu com quem? Poderia dar a receita?
5. Quais as festas tradicionais do bairro? Você frequenta? Por quê?
6. Existe algum lugar muito frequentado no bairro? Qual é? Você frequenta? Por quê?
7. Como você descreveria Ipioca atualmente? O que você acha que mudou do tempo dos seus avós para hoje? O que seu avô/avó conta sobre o bairro?
8. Estuda no bairro? Onde? Que série?
9. Você ajuda sua família em alguma atividade de trabalho? Qual? Por quê?
10. Tem alguma coisa que você queria me contar que não perguntei?

APÊNDICE B - Entrevistas transcritas

IDOSOS

Entrevistado idoso 1

MF: Pronto, começou. É, qual o nome do senhor e a idade?

Ei1: (resposta retirada), 73 anos.

MF: É, como se passa seu cotidiano hoje? Quê que o senhor faz?

Ei1: Sou aposentado, né? E eu vivo descansando do que eu trabalhei já.

MF: Na vida né?

Ei1: É.

MF: E como era no passado? O seu dia-a-dia?

Ei1: Ah, o meu passado eu trabalhei na fábrica da Saúde né?

MF: Certo.

Ei1: É, 10 anos, depois fui para São Paulo, aí eu passei 28 anos e voltei pra cá, pra minha terra, aqui descansar e (interr.)

MF: Qual a sua lembrança de menino aqui em Ipioca? O que marcou mais?

Ei1: O que marcou? É, marcava era, era, futebol né? Era jogo de futebol, as festas que tinha né? Nossa senhora do Ó, é, hoje não participo mais porque sou evangélico, mas naquele tempo era muito bom, muito e era uma vida sadia e não tinha hoje como hoje agente vê aí, droga pra tudo quanto é lado né? Não tinha nada disso, mas hoje ta diferente, tudo diferente.

MF: Quais eram os maiores divertimentos que havia? E como se praticava?

Ei1: O divertimento era isso que eu falei, festas, brincadeiras que tinha, Baiana, Chegança, Pastoril né? é, essas coisas de folguedo como diz né? Da época que tinham muitos (interr.) a vida era simples, não era como hoje, mas era diferente de hoje, a vida era diferente.

MF: Qual era o tipo de trabalho remunerado que havia para homens e mulheres?

Ei1: Aqui agente dependia da fábrica né? Pescaria era muito pouco, era o pessoal pequeno que pescava, mas a maior parte era da fábrica, trabalhava na fábrica de tecelagem da Saúde, agente vivia da fábrica.

MF: O senhor aprendeu algum trabalho manual? Artesanato?

Ei1: Não. Eu era tecelão né?

MF: Tecelão.

Ei1: Eu era tecelão da fábrica, fazia tecido, trabalhava na máquina, fazia tecido.

MF: Qual a comida mais tradicional da sua família? O senhor aprendeu?

Ei1: Não, sobre comida eu sou até hoje sou zero para fazer comida, hehe, eu dependo da minha mulher para fazer comida, mas naquela época a comida daqui era, era o peixe né? Era, era fazia naquela época, hoje agente não come lagosta mas naquele tempo agente comia lagosta, era lagosta, muito caranguejo que tinha aqui tinha e tinha as feiras agente fazia fim de semana, mas não era, não era como hoje, era diferente.

MF: É, quais eram as festas tradicionais do bairro?

Ei1: Festa? A festa era quadrilha de São João, nessa época né? São João, tinha várias, quadrilha e tinha a festa da padroeira, da Nossa Senhora do Ó, que é no fim do ano, 18 de dezembro.

MF- Mas essas festas ainda continuam?

Ei1: Continuam!

MF: É? Tem quantos anos assim, essas festas?

Ei1: Tem quantos anos?

MF: Tem quanto tempo essa festa?

Ei1: De ano em ano né?

MF: Mas já tem muitos anos?

Ei1: Já! Essa festa é a tradição da, da Nossa Senhora do Ó, eu era pequeno, eu tenho 73 anos, eu era pequeno e já tinha as festa aí da (interr.).

MF: É, existia algum lugar mais frequentado no bairro?

Ei1: Não, o lugar daqui mais frequentado é praia né?

MF: Praia? Não tinha assim um lugar que as pessoas se reuniam, não?

Ei1: É, não, não.

MF: Como era Ipioca no passado?

Ei1: E o jogo de futebol né?

MF: Jogo de futebol.

Ei1: Era jogo de futebol também.

MF: Como era Ipioca no passado? O que mudou em relação há 20, 30 anos? O que melhorou? O que piorou?

Ei1: Mudou, a mudou a população, porque cresceu né? Essa parte daqui não tinha aquela outra parte, você já foi pra lá? Conhece lá?

MF: Já.

Ei1: Já né? Aquela outra parte não tinha. Só tinha a igreja ali. E umas duas ruas só, duas ou três ruas, não tinha aquela outra parte, era pequeno, agora ampliou, muita gente de fora, cresceu muito aqui, mas cresceu a população, mas o desenvolvimento não.

MF: O que é que o senhor falou que era para melhorar?

Ei1: Aqui não tem um posto 24 horas, não tem, não tem um posto policial, não tem um correio, não tem a lotérica. Agente não tem posto de gasolina pra gente abastecer, tem agora, fizeram agora.

MF: Foi

Ei1: Mas não tinha, nem abriu ainda. Não tem. Então muita coisa aqui ta (interr.). A turma só lembra daqui na eleição. Quando a eleição chega, vem todo mundo dizendo que vai melhorar e não melhora nada, nada, nada!

MF: Como foi o seu tempo de estudo? O senhor estudou até que série?

Ei1: Ah, eu fiz, eu fiz (interr.). O primário, naquele tempo tinha madureza, madureza ginásial né? Eu fiz um ano só, ou dois e não fiz mais não.

MF: Não.

Ei1: E fui pra são Paulo. Fui trabalhar

MF: Foi aonde que o senhor estudou?

Ei1: Era no grupo, escolar.

MF: Aqui em Ipioca?

Ei1: Era.

MF: Você ajudava sua família em alguma atividade de trabalho?

Ei1: Não. Eu ajudava na (interr.). Trabalho. Trabalhava né? Porque naquele tempo não podia trabalhar de menor né? Tinha 14 anos. E ajudava financeiramente, eu ajudava meu pai.

MF: Teu pai?

Ei1: Era.

MF: Tem alguma pergunta que eu não lhe fiz que o senhor queira falar? Alguma coisa do passado?

Ei1: Não. Eu acho que o que tem, eu gostaria que fosse, aqui fosse mais desenvolvido, né?

MF: Certo.

Ei1: Eu gostaria que aqui fosse mais desenvolvido, porque aqui, isso que já falei. Não tem (interr.). Agente tem que ir pra Maceió. Eu tenho carro né? Mas aí agente tem que abastecer em Paripueira ou lá na Sereia, quer dizer, pra ir no comércio tem

que ir na cidade. Era bom que tivesse aqui, mais loja, mais alguma coisa, para agente não precisar ir tanto para o centro né?

MF: Entendi.

Ei1: Eu acho que isso aí que devia ter, aqui só tem umas cinco padarias pra agente comprar um pão, e não tem nada, farmácia, tem uma farmacinha lá. Então muita coisa precisava ter aqui e não tem.

MF: Pronto [...]. Muito obrigada.

Ei1: De nada!

Entrevistado idoso 2

MF: Boa tarde, né? O senhor pode dizer o nome completo?

Ei2: (resposta retirada)

MF: Quando e onde nasceu?

Ei2: Ah! Eu nasci na beirada do rio Cuandu. Talvez, hoje você não veja, não saiba mais porque ele já não existe. Era uma parte do rio da Ipioca que, no final da Ipioca, lá no São Gonçalo.

MF: Ahã.

Ei2: Lá tinha o rio Cuandu, vinha o rio normal, né? O rio de lá, lago, chamavam lago.

MF: Sim.

Ei2: E (interr.) um braço do rio, chamava-se Cuandu, ali da beirada do rio Cuandu eu nasci.

MF: E foi?

Ei2: Uma casa de taipa, de chão batido, coberto de palha onde só tinha tapado na (interr.) segundo meu pai dizia, a cozinha e o quarto onde nasci.

MF: Olha só!

Ei2: Eu nasci ali, na Ipioca.

MF: Casa de terra batida, né? E a filiação. Qual o nome dos pais?

Ei2: (resposta retirada)

MF: Ah!

Ei2: (resposta retirada)

MF: Ahã.

Ei2: (resposta retirada)

MF: [...]. É (interr.) formação educacional?

Ei2: Ah! Aí tenho um bocado de coisas. Bom, educacional em música, eu tenho conservatório completo e tenho a graduação em (interr.) e o CESMAC.

MF: Ahã.

Ei2: Havia a (interr.) a (inaudível, 01min. 53 seg.). É, antigamente. É, era uma matéria que deixou de existir, é (interr.) eu era professor de música e depois tornou-se (interr.). Bom! Daqui a pouco, deu um branco! Daqui a pouco me lembro.

MF: O senhor lembra!

Ei2: É, é (interr.) e também, Ah! O curso universitário completo.

MF: Curso universitário?

Ei2: É!

MF: O senhor pode contar um pouquinho da sua infância?

Ei2: Dá minha infância? A minha infância foi maravilhosa, minha filha!

MF: Que bonito!

Ei2: Eu, como eu te disse, nasci na Ipioca, na beirada do Rio Cuandu. Daí eu vim muito participar (interr.). A minha família veio para o Centro. É aqui essa parte é arrebalde de Ipioca. Minha família veio para o centro, meu pai conseguiu uma casa

na beirada do Rio do Senhor, onde tem uma cacimba lá, uma cacimba interessantíssima.

É bom que você veja! Do tempo de Fernandes Lima, que era o governador Fernandes Lima fez essa cacimba. Todo o redor é salobro, a cacimba é doce, no mesmo lugar.

MF: Oh! Impressionante!

Ei2: Então! É, daí (interr.). Meu pai é fabriqueiro patrimonial, nós nos mudamos para o centro de Ipioca, no Alto. Antes era embaixo, depois fomos para o Alto. Foi aí que eu tomei meus primeiros conhecimentos musicais e, daí fui para o seminário, o Seminário Nossa Senhora da Assunção. Me tornei seminarista e depois (interr.). É, bom! Já se foi a minha infância!

MF: Já foi!

Ei2:Foi!

MF: Vou perguntar um pouco sobre Ipioca.É (interr.) primeiro falar um pouco do seu dia a dia.Como acontece seu dia-a-dia hoje? Poderia me contar um pouco?

Ei2: Dormindo!

MF: Dormindo!

Ei2: Hoje em dia eu passo meus dias, é (interr.). Eu faço fisioterapia segunda, quarta e sexta.

MF: Ahã.

Ei2: E durmo muito, e (interr.). Bom! Como não podia deixar de ser, leio muito.

MF: Muito bom!

Ei2: Já que, não posso tocar nada, nem a minha flauta e nem o meu órgão. Isso me faz falta! Eu não posso tocar com a mão direita.

MF: Não pode!

Ei2: Não atende ainda. A mão não atende ao teclado!

MF: Ahã.

Ei2: Aí eu vou com a mão esquerda, que eu tenho que tocar alguma, toco no órgão com a mão esquerda.

MF: Difícil!

Ei2: E com a mão direita já ela (interr.). Já domino, porém, não domino o teclado!

MF: Não. Qual a idade do senhor?

Ei2: Ah! Eu tô quase maduro, tenho 74 anos.

MF: Quase maduro!

Como transcorria o seu cotidiano passado? Poderia contar um pouco sobre sua infância. Assim, você já contou, né? Mas, alguma coisa do seu dia-a-dia no passado?

Ei2: Bom! É muito turbulento! Não é? A vida do seminário era a parte mais pacata, considerando que era paz de um seminário. Havia a rotina do seminário, né? Que ainda segue, seguia, o seminário ainda seguia um padrão diário da Idade Média. Depois daí, eu fui trabalhar em fábrica, fui trabalhar no comércio, fui ganhar a vida, né? Porque realmente, depois do seminário a gente ganha a vida.

MF: Qual foi a fábrica que o senhor trabalhou?

Ei2: Ah!Hoje não existe mais! A fábrica do Bom Parto.

MF: Ah! Do Bom Parto!

Ei2: A fábrica, a fábrica (interr.).

MF: Ahã.

Ei2: Do, do, M. Lobre e Cia. (Transcrição duvidosa 5min. 47seg.)

MF: Você morou por muito tempo na Ipioca?

Ei2: Ah! Morei até os quatorzes anos.

MF: Quatorze anos?

Ei2: Foi! Daí os meus pais vieram para Maceió e quando eu deixei o seminário de vez, já estavam aqui.

MF: Ah, sim! Já veio pra Maceió.

Quais as suas lembranças de menino em Ipioca? Que marcou mais?

Ei2: Olha! Eu gosto muito de me referir à escola, a escola pública mista, não era grupo ainda.

MF: Ahã.

Ei2: É (interr.). E o encontro da festa de Nossa Senhora do Ó. Isso pra mim foi diferente, quando tomei o primeiro conhecimento com órgão, isso as festa de Nossa Senhora do Ó, as festas de esquina que meu pai fazia.

E, a vida de escola, pra mim, marcaram, marcaram.

MF: Ahã.

Ei2: Era aquele tipo de escola, onde tinha todo mundo numa sala só. A gente (interr.). E não se estudava em silêncio.

MF: Ahã.

Ei2: Era gritando, era Bê a Bá, Bê é Bé, Bê e Bi, teve quatro vezes sete, vinte oito, quatro vezes oito, trinta e dois; Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Era assim, cada um gritava a sua matéria, dentro da disciplina que estava no momento.

Era uma zuada todo, quando às vezes tava conversando muito, a professora batia com a régua no birô: Silêncio!

Que silêncio que nada! Cada vez mais eles gritavam.

MF: Gritava mais.

Ei2: Era! Era assim a escola.

MF: E as brincadeiras que tinha?

Ei2: Brincadeiras? As brincadeiras, que hoje você não aguentava mais. Era brincadeira de menino e brincadeira de menina.

Quais são as brincadeiras de menino?

Era o garrafão, o quebra pote, o garrafão, você fica (interr.). Não sei se você sabe! A gente fica com a perna no garrafão.

Desenha o garrafão no chão e dentro do garrafão aí só pode com uma perna só. E fica o manjeiro com a camisa na m (interr.). Da o nó na camisa, fica pra atingir.

MF: AH!

Ei2: O que está com uma perna só.

MF: Eu não conhecia!

Ei2: Agora aquele ali! Quando, quando arreia a perna (interr.). O danado sai até chegar na manja, e o outro batendo.

Se não aguentar cai!

A gente brincava muito de garrafão, manja, futebol, coisa de criança, coisa de menino! A menina normalmente ia pra roda, ou pra roda, ou ia cantar de fila, e assim ia.

MF: Era diferente?

Ei2: Era.

MF: E quais os tipos de trabalhos remunerados que havia para homens e mulheres?

Ei2: No meu tempo de criança! Não! A criança normalmente não era remunerada. O adulto sim!

MF: Ahã.

Ei2: Mas a criança não! Recebia assim, uma gorjeta, recebia (interr.). Por exemplo: eu vendia, e buscava pão na Saúde, que fica a três quilômetros da Ipioca, e eu ia com o saco do pão, ganhava um pão, dois pães, às vezes me davam três pães, só.

MF: Só!

Ei2: Era o pagamento! Às vezes me davam dois cruzeiros.

MF: E para o adulto, qual era o trabalho que tinha?

Ei2: Ah! Tinha a pesca, a fábrica de tecidos em Saúde, é, a tiragem do coco.

MF: Ahã.

Ei2: A lavoura e as mulheres lavar roupa.

MF: Lavar roupa?

Ei2: É! Menino jogar pedra na cabeça do outro.

MF: Havia diferença de remuneração entre homem e mulher?

Ei2: Não.

MF: Não?

Ei2: Não. A mulher, mulher nunca tinha trabalho assalariado e quando tinha era igual.

MF: Quando tinha era igual!

Ei2: Quando tinha normalmente a mulher trabalhava juntando coco ou lavando roupa, ou na fábrica da Saúde. O salário era igual!

MF: Ahã.

Ei2: O salário que o homem recebia, mulher recebia.

MF: Você aprendeu algum trabalho manual? Algum artesanato?

Ei2: Olha! Um bocado de coisas eu faço! Porque eu sempre fui curioso.

MF: Ahã.

Ei2: Eu faço trabalho com papel, trabalho com tinta, trabalho com madeira, com pedra.

MF: Ahã.

Ei2: Tem alguma escultura, tem alguma pintura.

MF: Mas na Ipioca você aprendeu?

Ei2: Ah! No tempo de menino.

MF: Tempo de menino.

Ei2: É! Só com o trabalho, com papel. Quando o PRODUBAN foi inaugurado no Rio e em São Paulo, a lembrança fomos nós que fizemos. O chapéu do guerreiro, era dobradura, o enfeite bonito.

MF: Ah!

Ei2: Foi o [...] quem fez.

MF: Aprendeu com quem?

Ei2: Com ninguém.

MF: Com ninguém?

Ei2: Com ninguém.

MF: Sozinho.

Ei2: É um trabalho tipicamente folclórico, de ver fazer e fazer também.

MF: Ahã.

Mas chegou a ensinar alguém?

Ei2: Não.

MF: Não.

Ei2: Não, não, eu tenho um filho que é escultor, ele já nasceu.

MF: É um dom, né?

Ei2: É! Não fui eu que ensinei pra ele fazer escultura.

MF: E na época da Ipioca, tinha alguma comida tradicional na sua família?

Ei2: Não, a comida tradicional era o feijão, a farinha e o arroz. Arroz raramente.

MF: Ahã.

Ei2: Era o feijão, a farinha.

MF: Eu sei!

Ei2: Feijão, a farinha, o charque, né?

MF: Ahã.

Ei2: Carne era as quatro festas do ano, a gente comia mais peixe, porque morávamos na beirada da praia e era muito piscosa.

MF: Ahã.

Ei2: O oceano era muito piscoso.

MF: E o doce de caju?

Ei2: Ah! O doce da caju não era próprio de Ipioca, toda margem ali do, Riacho Doce, é, Garça Torta, tudo tinha doce de caju! Na época do caju se fazia o doce de caju. E eram pontuadas as pessoas que o faziam.

MF: Ahã.

Ei2: Não era (04min. 47seg. inaudível) não. Tinha, a minha sogra fazia, fazia um doce muito bom.

É, [...], a gente sabia as pessoas que faziam. Não era assim como, típico de Riacho Doce.

MF: Sei.

Ei2: Riacho Doce tem aquele pessoal que faz a comida típica de Riacho Doce, né? Mas na Ipioca não.

MF: Não.

Ei2: Doce de caju não era de Ipioca! Era da região toda. E de toda costa na época da safra.

MF: Quais eram as festas tradicionais do bairro?

Ei2: Oxente!(05min. 25 seg. inaudível)Era Nossa Senhora do Ó, Santo Antônio, São Pedro, São João, todas as festas a gente fazia.

MF: Ahã.

Ei2: Não, eu,havia,havia sim uma festa tradicional, que era a festa de Nossa senhora do Ó, isso aí não podia faltar, e depois as outras festa se faziam. O Brasil era muito festeiro, o nordestino muito festeiro, o ipioquense era muito festeiro.

MF: E como era a festa de Nossa Senhora do Ó?

Ei2: Olha! Festa de interior, não antes se contratava,é, tinha o novenário, também é, se rezava toda noite, rezava o terço, no dia da festa se vinham ou na véspera três padres a época.

Eram a época o diácono e celebrante central, e aquilo ali era uma coisa maravilhosa, a daqui. Lá o coral do Poço ou de Jaraguá.

MF: Ahã.

Ei2: E na rua, bolo e guloseimas, é, bom! Istivolim. Istivolim é o carrossel.

MF: Ahã.

Ei2:Empurrado a mão.

MF: ãh!

Ei2: Era o Luciano que fazia. Ele fazia e empurrava, isso era interessante.

E era assim, era uma festa como outra, festa como festa de interior, o alto-falante nos quatro cantos, né?

MF: Ahã.

Ei2: As meninas namoradeiras por ali, a gente se enxerindo. Era assim.

MF: E essa festa ainda existe?

Ei2: Bom! Existe.

MF: Mas dife (interr.)?

Ei2: A trancos e barrancos, existe.

MF: Diferente, né?

Ei2: Inclusive a igreja caindo, vá depressa, que você está escrevendo sobre sua arquitetura (interr.)

MF: É verdade!

Ei2: Daqui a pouco a igreja cai de uma vez!

MF: E mesmo sendo tombada, né? Porque ela é um patrimônio.

Ei2: Bom! Isso. Eu entrei no facebook e comecei a dizer: a igreja da Ipioca tá caindo! Aí o seminarista que tem, tá caindo(7min. 33seg. inaudível).

O padre, o padre de lá disse: é tombada, não se pode fazer nada! É mentira!

MF: Ahã.

Ei2: Eu não quis mais entrar em contenda, eu não quis mais entrar em contenda mais quando o imóvel é tombado (interr.). Eu ajudei no tombamento desse da Ipioca. Eu era do conselho de cultura fiz a amarração interna da igreja.

MF: Ahã.

Ei2: Geral da igreja. É mentira! O conselho tomba, o estado tomba, qualquer pessoa pode meter a mão e fazer, agora com critério.

MF: Ahã.

Ei2: Você tá fazendo arquitetura, você não pode (interr.).Uma coisa de uns setecentos e trinta, ou 1713, já era paróquia.

MF: Ahã.

Ei2: Você não pode meter a mão. Em quê que eu vou meter a mão?

Tem o conselho de cultura expert, que sabem. Bom! Essa escada deve ser assim, esse chão deve ser assim. É isso.

MF: Restaurar, né?

Ei2: É, restaurar com critério.

MF: Ahã.

Ei2: E não restaurar de qualquer jeito! É isso! Não, não pode, o patrimônio não deixa. Não deixa, você meter a mão descaracterizando, como fizeram no Poxim.

Você meter a mão descaracterizando, aí sim. Antes de se (interr.) a igreja do Poxim, como fazendo um parêntese. Antes de ser tombada, ela não chegou a ser tombada, descaracterizaram a sacristia, tiraram todo o piso da sacristia e colocaram novo.

MF: Ahã.

Ei2: Ora! Isso aqui é de agora!

Isso aqui é de agora?

Você não pode fazer no monumento uma coisa assim, não pode colocar isso, você não pode colocar ladrilho numa coisa que era feito a tijolo batido.

Então foi isso aí! É isso (1min. 50 seg. confusão na fala) eles não podem.

MF: Não pode.

Ei2: Eu digo: não pode, esse padre não quer nada com a história do Brasil!

MF: É.

Ei2: Feche parênteses! Continue.

MF: Existia algum lugar muito frequentado no bairro? Em Ipioca, algum lugar muito frequentado?

Ei2: Não.

MF: Não?

Você poderia contar um pouco da história do bairro?

Ei2: A partir de quando?

MF: Como era o bairro nos anos de 1980?

Ei2: (2min. 27seg. **confusão na fala**) já era moderno.

MF: Já moderno.

Ei2: Era moderno, Ipioca nasceu nos anos 1600.

MF: Ahã.

Ei2: Ali nasceu o Alto de Ipioca, não era Ipioca. Eu não sei até então, nas minhas pesquisas quem colocou esse "I". Esse "I" é moderníssimo.

MF: Ahã.

Ei2: Era Pioca, Pioca, nos mapas antigos tem Pioca, nas histórias antigas tem Pioca. Eu tô lendo (interr.). Eu, tô lendo (interr.). Isso aqui faz uma pesquisa sobre o negro e tô lendo. Pronto, aqui!

Tô lendo (interr.). Eitchá!

MF: Nada!

Ei2: Desculpe!

O Diégues Júnior vive na Pioca, Pioca, ele não diz Ipioca.

Deixe eu ver aqui. Abolição da escravatura, os engenhos da reforma, fala sobre engenho, os engenhos da Pioca.

Vamos deixar pra lá que os (03 min. 53 seg. **inaudível**). Engenho Vida, Engenho José Vieira Peixoto, da família de Floriano Peixoto.

MF: Ahã

Ei2: Bem! Era Pioca, não era na Ipioca!

MF: Ahã

Ei2: Bom! E é, é bastante com (04min.09seg. **incompreensível**). Os outros escritores também. É, nos anos, no século XVII, era um povoado, naquele Alto. Construíram a igreja era aí o particular arquitetônico, eu ainda alcancei nos anos é, mil e novecentos e, sessenta! Só tinha a Rua da Mangueiras, que era a Rua da Mangueira, Manoel Lopes hoje.

Só tinha a Rua da Mangueira e em cima a igreja fora construída, não sei com o quê, com quê, nem porquê aquela suntuosidade! E o arruado eram poucas casas, eram eu alcancei (interr.). Quatro, umas oito casas e demanda o cemitério.

Ali, pelo um lado e do outro umas oito casas. É, aquela Rua do Cruzeirão existia, chamada Rua dos Negros, era a Rua dos Negros, foram negros que construíram aquilo ali. As (interr.). O arruado era em estilo gótico, estilo greco, mais o Greco-romano, porque se **misturava**(05min. 55seg. **transcrição duvidosa**).

MF: Ahã.

Ei2: Tinham (interr.). As casas eram montadas sobre colunas, na frente o alpendre era sobre colunas.

MF: Ahã.

Ei2: Com as gregas, que hoje não existe mais e o arruado que vai até em cima, não ia, do lado direito tinha quatro casas e do lado esquerdo tinha umas seis casas só. Era (interr.). E se resumia a isso! Ipioca não tinha a Rua do Cruzeiro, era a Rua da Mangueira e em cima um assentado, pronto!

Já não existia mais a casa onde, dizem que nasceu Floriano, que não é verdade!

Floriano Peixoto nasceu (interr.). Por cima, direto do Benedito Bentes você sai num engenho que tem embaixo.

MF: Ahã.

Ei2: Né? No engenho antes do engenho Ponte Grande. Até tô procurando aqui pra ver se descubro, mas o cara só fala na Ponte Grande!

Nos engenhos maiores!

Fala do Engenho Cachoeira do Mirim, que se tornou usina, mais pra baixo o Engenho Ponte Grande, mas não é!

É entre o Engenho Ponte Grande e o que se chama hoje, Benedito Bentes. Tinha um engenho, onde nasceu Floriano Peixoto. E casa de veraneio, não existia mais.

MF: Ahã.

Ei2: O povo, não morava ali, tinha uma, é (interr.). Segundo o Bispo de 1800, tinha 36 famílias ali. Era um lugar de veraneio do senhor de engenho, é tanto que a igreja tem uma pia baptismal, foi a pia onde batizou Floriano Peixoto.

MF: Ahã.

Ei2: É a cruz histórica. Bom! Essa ainda são os primórdios de Ipioca!

A Rua do cruzeiro começou a existir nos anos 50, por aí. Antes, um pouco antes já existia duas, ou três casas, e foram os padres redentoristas que deram o nome, Rua do Cruzeiro, que não tinha nome, Rua do Cruzeiro. No final da Rua do Cruzeiro e só tinha negro, não morava branco, no final da Rua do Cruzeiro tinha um cruzeiro colocado pelos padres redentoristas e só.

MF: Ahã.

Ei2: Hoje a Rua São José, a Rua São Miguel, foram duas ruas que meu pai fez, enquanto procurador patrimonial. Ele se valeu da discricção dos Anais pernambucano.

E que todo aquele terreno era (56seg. inaudível) da igreja. Que ia, a igreja com o pinhão, ia até Camaragibe, ia até o Rio Mirim, ia até Atalaia.

E agora?

Santa Luzia do Norte já era outra freguesia. Quando se tronou paróquia, em 1713, eu não, não anotei. Olha, segura o teu lixo ele cai!

FM: Ahã.

Ei2: Ele se tornou paróquia, 1700. Esses apontamentos eu escolhi em Recife por 1713. Olhe aqui o Bispo escreveu (interr.) Dom Perdigão (2min. 8 seg. Inaudível). Antônio Gomes de Mello, José Perdigão, o Bispo Dom João da Purificação Marques Perdigão, em 1813. Escreve Pioca, não escreve Ipioca.

FM: Ahã.

Ei2: Ele pousou na Pioca. Quer que eu posso dizer mais?

(inaudível 2min. 33seg.) com alguma coisa que é (interr.) talvez alguém já tenha isso aí que eu emiti pra algumas pessoas. A igreja de Nossa Senhora do Rosário.

MF: Hum.

Ei2: Isso é importante pra você. Talvez se fazer uma escavação, ali em frente ao cemitério, você encontra o alicerce da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde Dom Fernando Perdigão se hospedou, porque a igreja de Nossa Senhora do Ó, estava em reforma.

A igreja caiu!

MF: Tem a data mais ou menos?

Ei2: Ah! Eu sei não!

E quando, que eu era menino, eu brincava nos alicerces da igreja. Algumas pedras, meu pai tirou dos alicerço pra fazer aquele caminho, do lado esquerdo da igreja que dá pra Rua do Cruzeiro.

MF: Ahã.

Ei2: E aí, não passava por ali!

Passava por trás da igreja!

MF: Ahã.

Ei2: Meu pai foi que fez aquilo ali.

MF: Aquele caminho?

Ei2: Aquele caminho! Com as pedras do alicerce do alicerce da Igreja do Rosário.

MF: Do rosário.

Ei2: Que existia. Bem! A igreja, de quando Foi erigida a igreja a gente não sabe. Sabe-se que, em 1713, ela foi elevada a paróquia.

Era um lugar assim, próspero, né?

MF: Ahã.

Ei2: Pra ser paróquia com padre, com tudo.

Olha! Até eu tive olhando, olhando a fotografia que não colocaram na capa de um livro meu.

Digo: Essa capela do santíssimo, talvez tenha sido construída depois, mas não foi. Quem foi construído depois foi o camponário.

MF: Hum.

Ei2: Não existia na igreja.

Sim, voltando!

Quando ela foi construída eu não sei. No século XVII, 1600 e pouco. Porque pra ser (interr.) Em 1613, ela já ser paróquia, ela foi construída antes.

MF: Antes.

Ei2: No século passado, talvez. Bom! As imagens de Nossa Senhora do Ó, eu posso já lhe afirmar, que não é Nossa Senhora do Ó.

FM: Não?

Ei2: Não. Nossa Senhora do Ó, Ó é expectativa, Ó trindade, Ó santíssima, Ó Daniel. Tudo mais, são as explicações, são as exclamações de Nossa Senhora antes do parto. Nossa Senhora da Expectação do Parto, é Nossa Senhora do Ó.

Ora! Como tem o menino no braço?

Tá na cara!

Como é que Nossa Senhora está expectante e já tem um menino no braço?

MF: É.

Ei2: Como é que foi que ela pariu antes?

MF: Não!

Ei2: Pariu como?

Talvez, seja Nossa Senhora do Rosário, ou um tipo de Nossa senhora, mas não Nossa Senhora com outro título, aliás. E não Nossa Senhora do Ó.

Nossa Senhora do Ó é a de São Miguel, Nossa Senhora do Ó é a do Traipu, mas Ipioca não. Venera-se Nossa Senhora do Ó, mas aquela imagem não é a Nossa Senhora do Ó.

MF: Ahã.

Ei2: Como?

Só se for português pelo avesso!

Como, como a igreja a gente ver aquele, aquele, aquele camarim não é da igreja. Não é o altar-mor. Eu alcancei me alcancei a (interr.) antes, a mesa da comunhão.

MF: Hã.

Ei2: Que antes tinha, nessa igreja já teve incêndio, Ipioca tocaram fogo e o altar demoliram para encontrar riquezas. Foi meu pai que colocou o santíssimo ali, aquela capela não se sabia o que era. Hoje com os estudos, é que eu sei.

Meu Deus ali é a capela do Santíssimo!

Meu pai na sua santa ignorância fez um sacrário lá. O sacrário que foi da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

MF: Hum!

Ei2: Ele trouxe, aquele sacrário existia lá na sacristia e ele colocou ali. E colocou Nossa Senhora do Ó em cima do sacrário como padroeira, Santo Antônio que seria

da capela do Santo Antônio do Mirim, do Rio Mirim, existia um engenho com este nome. Talvez seja aquela imagem, a imagem do Rusário, da igreja do Rusário e não de lá.

MF: De lá.

Ei2: De lá seria somente Nossa Senhora do Ó que desapareceu.

MF: Dizem que a igreja foi fundada pelos holandeses?

Ei2: Mentira!

FM: Mentira.

Ei2: Lhe explico já isso aí!

Foi encontrado nas escavações do altar mor, uma imagem de Nossa Senhora do Ó. Essa sim, é Nossa Senhora do Ó, em terracota, aquela imagem de Nossa Senhora que tem, não sei onde está agora.

Ela tá, em terracota. Aí, meu filho esteve aqui e disse:

Painho onde estão as imagens de Ipioca?

Tem imagem de Nossa Senhora de Santana, que é lindíssima, a, é (interr.) do outro lado tem São Miguel, que roubaram a balança, era de ouro, são M (interr.) É, Miguel, Gabriel e Nossa Senhora. Nossa Senhora das Dores.

Em cima eles colocaram a imagem de São Domingos, né? São Gabriel, São (1min. 4 seg. inaudível) é imagem de São domingo, que era alado.

E tem na igreja da Ipioca, não sei se ainda está lá, uma Nossa Senhora da Piedade, e é, estilo de roca, é a única, só tem imagem de roca nos Martírios e lá.

MF: Hum!

Ei2: O que é imagem de roca?

É a imagem que só tem as mãos e a cabeça, o resto é uma grade.

MF: Hum!

Ei2: O resto é uma grade. E aquela imagem belíssima do Senhor Morto.

Não sei se você já viu, mas é belíssima! É belíssima!

O que mais tem em Ipioca?

MF: Dos holandeses que se (interr.)?

Ei2: Ah sim, sobre os holandeses!

Holandês minha filha! Era calvinista, era não, a religião que predomina na Holanda é o calvinismo.

Como era que o calvinista ia construir igrejas?

MF: É!

Ei2: (2min. 15seg. inaudível)

MF: Mas eles acreditam bastante nisso?

Ei2: Nada!

MF: Tanto que tem uma placa (interr.)?

Ei2: Foi do tempo dos holandeses, aí sim! Porque, é, 1730 foi quando os holandeses foram expulsos definitivamente.

MF: Ahã.

Ei2: Vieram (interr.). Não (interr.) 1645 vieram de Penedo. Não é?

A costa (interr.), o quartel era Riacho Doce, Ipioca era como depósito de pólvora. E eles foram expulsos em 1645 de Penedo, 1730 de Pernambuco

MF: Hum!

Ei2: Aí sim! Da época do domínio holandês, mas que eles faziam das igrejas depósito de pólvora, quartel, alojamento.

MF: Não.

Ei2: Não.

Holandês não construía igreja.

Calvinista construir igreja católica?

MF: Não.

Ei2: Bom! A resposta está aí. Se os holandeses eram calvinistas, não iam construir igreja católica!

Você que estuda arquitetura vê que a igreja de Ipioca é um estilo português!

MF: É.

Ei2: É um estilo português! **Aliás a Ipioca (03 min. 41seg.transcrição duvidosa)** Olha! Eu fico todo arrepiado, que é um estudo que me empolga. Ipioca, Barra de Santo Antônio Grande, que tem santo Antônio Mirim.

FM: Ahã.

Ei2: Barra de Santo Antônio é bom que se diga Barra de Santo Antônio Grande, porque tem Santo do Antônio Mirim cá em Ipioca.

MF: É.

Ei2: Não é?

O rio Mirim, o Rio Santo Antônio Mirim.

É, o quê era que eu ia dizer?

Agora, naquele m (interr.)

Sim! A igreja da Barra de Santo Antônio, a igreja de Ipioca, a igreja do Poxim, a igreja antes do Poxim, da Barra de São Miguel, a antiga igreja que pouca gente vai lá, pouca gente sabe que existe uma igreja na Barra de São Miguel que é do estilo da daí, da Ipioca, a igreja do poxim. É a mesma c (interr.) você olha assim, a igreja do Poxim.

Putá merda! Foi o mesmo arquiteto!

MF: Foi um arquiteto.

Ei2: O cara! O traço é igual! As imagens são diferentes, a imagem é o estilo barroco, é barroco tardio, porém, é barroco as imagens principais.

O crucifixo e Santo Antônio já não é da mesma linha, já não é da mesma linha.

MF: Ahã.

Ei2: Mas os outros são, o Senhor Morto, Nossa Senhora do, chamam Nossa Senhora do Ó. Eu compus uma missa, nossa missa e a capa é a igreja de Ipioca.

MF: Hã.

Ei2: É luta! Inédito no computador.

MF: Compôs?

Ei2: Vai ser, em Ipioca.

MF: Ai que amor!

Ei2: E a capa e assim por cima aparece ela.

MF: Ah!

E o livro que o senhor tá escrevendo? Já tem alguma previsão?

Ei2: Não! O livro sobre Ipioca não cheguei a conclusão não!

Não. Porque tem esses impasses históricos de, de, impasses de fundo histórico, que a gente tem que pesquisar inócua.

A família de Floriano Peixoto que podia dedicar um capítulo a ele, ainda existe, em Muricí. A família da Ipioca eu não Alcan (interr.). Alcancei sim, mas não me interessava pelo assunto, era a família dos Vilas e Barros.

Me interessava, mas eu não me interessava por assunto de pesquisa nenhuma.

MF: Ahã.

Ei2: Aí perdi essa grande oportunidade e não terminei.

Eu escrevi uma besteira aí sobre Guerreiro e Reisado, Guerreiro e Chegança.

Aí estar vivo.

FM: Hum.

Ei2: Mas sobre a Ipioca não conclui a pesquisa não. Agora, estou (interr.) essa besteirinha aí, é sobre negro que querem santificar Isabel, né?

MF: Ahã.

Ei2: E eu comecei estudar sobre Isabel, e entrei pelo nego.

Aí me encontrei com o nego, pronto!

MF: Comigo!

Ei2: E agora tô, tô lendo o Diégues Júnior, que fala sobre os engenhos de Alagoas, né? Na época, no caso, não era Alagoas era Pernambuco. Depois os engenhos que ficaram para Alagoas e os negros no estudo do engenho como era.

MF: Hã.

Ei2: Isso me interessa!

MF: Interessa.

Ei2: Eu tô lendo!

Já li o Casa Grande Senzala.

MF: Hum.

Ei2: E vou aí!

Quê mais?

MF: Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre da Ipioca de hoje? Quer que o senhor acha? O que mudou?

Ei2: Ah! A Ipioca de hoje eu não sei lhe falar minha filha!

MF: Não.

Ei2: Questão, em si da tratando de arquitetura só existe a igreja. Só existe a igreja e mais nada.

MF: Ahã.

Mudou tudo?

Ei2: Mais nada! Nada!

Ei2: Tem um cemitério dos cristãos que morria e se enterrava ali. Ainda tem muita gente lá enterrada. Eu não sei se tem a margem ainda das catacumbas.

MF: Ahã.

Ei2: Mas tinha marcas das catacumbas, três, nove, umas doze ali que dá acesso para a capela do santíssimo.

MF: Entendo. Mas com quem era enterrado ali, eram pessoas ilustres, eram pessoas dali?

Ei2: Não. Todo cristão.

MF: Todo cristão?

Ei2: Todo cristão, não tinha cemitério, no tempo que não havia cemitério, depois fizeram o cemitério lá em cima.

MF: Entendo.

Ei2: Era enterrado ali, era uma coisa diferente e outra coisa, eu não sei se (interr.). Geralmente a gente não nota, a gente não observa. Você já notou que do altar mor (1min. 03seg. frase inaudível) Eu ainda alcancei forrada aquilo ali.

MF: Hã.

Ei2: Do altar mor para a sacristia central, que fica em baixo do camarim, a passagem é velada.

MF: Hum! Não percebo não!

Ei2: Perceba, o seu olhar se não tá caindo meu Deus! Dum lado pro outro é uma coisa só, você olha assim a porta fechada se não está suja é uma coisa só.

MF: Hum!

Ei2: Você não vê por onde você vai entrar e pensa que aquilo ali é uma parede, o retábulo é um só.

MF: Hum!

Ei2: Enquanto não é, você mexe atrás, do lado direito, do lado esquerdo e dá com a saída da sacristia (transcrição duvidosa 01min. 53seg.). É uma coisa interessante!

MF: Da construção, né?

Ei2: É como a igreja da corrente, em Penedo, que você olha e não vê nada. O cara mexe um troço lá e dentro escondia os escravos.

MF: Ah! Sei.

Ei2: Lá atrás do altar.

MF: É!

Ei2: A Ipioca (interr.). A entrada da sacristia é velada (2min. 25seg. inaudível)

MF: Ahã.

Ei2: E se não acabou-se, tem uma coisa muito importante que é uma mesa grande na sacristia, feita de cedro.

MF: Ahã.

Ei2: Pouca gente sabe, que é cedro e que é tão importante.

MF: Hum.

Ei2: Na sacristia da igreja, se algum sabichão já não carregou!

MF: É! Pode ser né! Tem uma mesa, mas eu não sei se ela é feita de cedro. Acho que n (interr.).

Ei2: Tem uma mesa com uns gavetões?

MF: Ahã, tem.

Ei2: Aqueles gavetões serviam para se guardar as alfaias da igreja, guardava-se casulas, toalhas, missais. A coroa de Nossa Senhora do Ó, foi tirada dos missais antigos, meu pai da sua santa ignorância torou dos lados do (interr.). Por exemplo: Isso aqui é um missal, tinha prata nos cantos.

MF: Ahã.

Ei2: Ele tirou essas quatro e mandou um cara de Paripueira fazer a coroa. Se você olhar a Coroa de Nossa Senhora do Ó é igua (interr.) Isso aqui, os canto do missal.

MF: Ah! Que interessante!

Ei2: Foi que ele aproveitou e o ourives não desmanchou, dessa parte daqui ele fez a cruz, a cruz e a parte que prende na cabeça da imagem e só.

Uma coisa interessantíssima!

MF: É!

Ei2: São minúcias, né? Particularidades que com o tempo aas pessoas esquecem.

MF: É verdade!

Ei2: E os mais novos não sabem, não penetram pra saber.

MF: É, eu pretendo passar essas informações pra que as pessoas passem a saber, né?

Ei2: Ah sim, você passa, mas, pouca gente chega lá.

MF: É.

Ei2: Outra coisa, se você quiser ver o sino que era da igreja antiga, está no Instituto Histórico.

MF: Instituto Histórico?

Ei2: Ali foi meu pai quem mandou entregar no Instituto Histórico, pra não roubarem, não desfazerem.

MF: É ele foi transferido.

Ei2: Era um analfabeto que tinha uma visão, meu pai não sabia um ó, mas (05min. 25seg. inaudível). Mas ele tinha uma visão ampla.

MF: Ahã.

Ei2: Disse vou doar isso ao Instituto Histórico, botou no caminhão e trouxe pra cá.

MF: E pode ir lá? Se eu quiser ver, eu vou lá?

Ei2: Tá lá! Não era, era da igreja de Nossa Senhora do Rusário.

MF: Ahã.

Ei2: Porque o campanário da igreja de Nossa Senhora do Ó, que foi construído depois, como eu disse a você, não faz parte da arquitetura da igreja, não comportava lá.

MF: E muito disso que você está me contando não tem escrito, não tem nesses livros daí?

Ei2: Não, não tem não.

MF: Diégues Júnior, não tem nada?

Ei2: Não, não tem não.

Isso aí são nas minhas memórias (interr.).

MF: Não. Com certeza!

Ei2: Não tem, não tem não.

MF: Porque é uma dificuldade do estudo, né?

Ei2: Talvez se eu não morrer logo, eu vou escrever, depois que eu terminar essa pesquisa sobre a princesa Isabel, a santificação da princesa Isabel.

Eu vou escrever sobre Ipioca, mesmo não tendo esses insumos históricos da torre de Portugal, eu pretendo ir à Recife ver alguma coisa, ver algum relato. Tem o, o Instituto Histórico de Pernambuco tem.

MF: Tem.

Ei2: Então, eu vou ler alguma coisa e vou escrever sobre Ipioca.

MF: Ah, que bom.

Ei2: Pra quando chegar assim os doutorandos: Olha aqui!

MF: Tá vendo!

É bom mesmo!

Muito obrigada pela entrevista!

Ei2: Só isso é?

Ei2: Pera aí, eu vou lhe dar meu livro que eu perdi.

MF: Ah que ótimo!

Ei2: Sobre o Guerreiro.

Entrevistado idoso 3

MF: Como é o nome da senhora?

Ei3: (resposta retirada)

MF: Quando e onde a senhora nasceu?

Ei3: Nasci em Penedo e cheguei pra Saúde, em 1950, mais ou menos, e cheguei na Ipioca, em 1984, aí cheguei aqui na Ipioca, comecei a escolinha, que aqui não tinha escolinha, não tinha associação. Aí eu fiz uma associação, então eu fui a tesoureira, e meus colegas foram (interr.) estão tudo aqui os nomes deles, meus colegas que foi, ajudou, conosco.

E nisso chegou o Doutor José Bernardes, me deu cento e vinte cruzeiro na minha mão, e disse pra fazer duas escolas Raul Lima, Jornalista Raul Lima e Povina Cavalcanti, comprei os materiais por sessenta cruzeiros, sessenta mil cruzeiros e os sessenta mil cruzeiro eu guardei pra pagar os trabalhadores, que esses trabalhadores foram da construção da secretaria de educação. Foi feito as escolas.

Quando formou as escolas ele pediu meu certificado, eu não tinha que eu nunca estudei, então eu disse a ele que eu não tinha e o que ele me desse servia. Ele me deu um emprego de merendeira, trabalhei, me aposentei e continuo trabalhando em Ipioca, faço festa todo o ano, todo mundo aqui é testemunha, faço desfile, faço

quadrilha, costuro tudinho, compro as roupa, homenageio Floriano Peixoto, homenageio Tiradentes, todos eles que (interr.) chega naquela data, dia das crianças, dia das mães, dias dos pais. É uma coisa muito bonita, todo mundo gosta, mas não tem apoio de ninguém!

Nunca ninguém me ajudou até aqui!

E esse ano, eu pretendo a meu Deus, confio em Jesus que eu vou fazer uma casa de apoio pra os idoso. Que tem muito idoso aqui desprezado, que os filho trabalha, os velhinho fica o dia todinho sozinho jogado.

Faz pena!

As mocidades não pode trabalhar porque não tem uma creche, a creche que tinha caiu, e desprezaram pra lá, não levantaram mais. Esse ano se Deus quiser! Confio em Jesus! Que o prefeito que ganhar ele vai me ajudar, porque eu vou cobrar, vou bater onde está ele que demais.

Eu tenho sessenta e sete ano, e ainda pretendo trabalhar com toda a minha coragem, botar uma lanchonete daquela que o almoço é barato pra ajudar a comunidade, que aqui precisa!

Aqui tem muita criança desabrigada, muita gente desprezado, sem ninguém olhar pra ele, quando chega a eleição só chega na porta pedindo voto. Mas ajudar que é bom, não!

Então a gente tem que falar a verdade ser realista, então peço a meu Deus e a você que batalhe também comigo, pra que esse ano eu faça o que eu tô dizendo. É um desejo do meu coração, trabalhar com os idosos, ajudar essas crianças e essas mãe pra trabalhar.

MF: (2min. 45seg. confusão na fala) Quais são os nomes de seus pais?

Ei3: (resposta retirada)

MF: E de sua mãe?

Ei3: (resposta retirada)

MF: A senhora estudou até (interr.)?

Ei3: Só a segunda série primária, mas não terminei.

MF: Não terminou.

A senhora ta trabalhando hoje?

Ei3: Aposentada.

MF: Aposentada.

Como é seu dia-a-dia?

Ei3: Ajudar comunidade, só é o que eu gosto de fazer.

MF: Como era o seu cotidiano no passado?

Ei3: Eu, de manhã eu ia trabalhar no colégio, de merendeira, quando largava, eu ensinava a 250 aluno. Era assim, pegava uma turma de sete da manhã, saía outra de nove, entrava outra de nove e saía de onze, saía a de onze, entrava de meio dia e assim o dia, até 9:00h da noite. Eu não parava!

Pra almoçar, eu comia no birô, todo mundo aqui é prova, todo mundo é testemunha.

MF: Quais as suas lembranças de menina aqui em Ipioca, o quê marcou mais?

Ei3: Hum! De criança?

Minha mãe ia trabalhar, ela saía de casa, saía cinco da manhã, chegava dez da noite, pra ganhar 50 mi réi, naquela época era mil reis, 50 mil réi e a gente passava o dia ali na rua correndo porque não tinha pra onde ir. Pra escola não ia que a gente não tinha roupa, era um vestido n'água e outro no couro.

Essa lembrança eu tenho hoje, o meu pai bebia cachaça, não tinha emprego, minha mãe é que trabalhava.

MF: Quais eram as brincadeiras que tinha?

Ei3: Jogar pedra, saltar corda, pular avião, brincar de pega-pega.
MF: Tinha diferença de brincadeira de menina e menino?
Ei3: Tinha, tinha, as meninas não brincava com menino não, porque naquela época tinha esse negócio, né? Hoje em dia negócio, ah não é mais moça?
Não tem problema!
Mas antigamente tinha! Tinha diferença.
MF: Quais eram os tipos de trabalhos remunerados que tinha aqui?
Ei3: Trabalho remunerado?
Só a fábrica!
MF: Só a fábrica!
Ei3: Era, fechou.
MF: Tinha diferença de salário de homem e de mulher?
Ei3: Não! Porque o pessoal vive da pesca e do coco, a pesca só tem dinheiro quando dá, o coco só tem dinheiro quando não chove, porque escorrega.
MF: Não dá pra pegar coco quando tá chovendo?
Ei3: Não, não, não, não. Quando tá chovendo os tirador não sobe.
MF: Não?
Ei3: E preste atenção, quando tá na época do peixe, e peixe que dá bem é curral, mas todo mundo não pode botar um curral é muito caro!
MF: E a senhora conhece algum tirador de coco?
Ei3: Conheço!
MF: Conhece?
Ei3: Conheço.
MF: Como é o nome?
Ei3: Seu Géó.
MF: É?
Ei3: É, o Suvaco, que chama de apelido de Suvaco.
MF: E ele mora aonde?
Ei3: No Alto.
MF: No Alto?
Ei3: É
MF: Tem algum trabalho manual, algum artesanato na sua família?
Ei3: Na minha família tem o Neném que é pescador, a minha nora que ela faz, gosta de cozinhar, essa daí, que é da família, a mãe dela que digo, que faz crochê, pronto. E se for olhar direitinho, tem, eu bordo. É.
MF: E a senhora ensinou alguém?
Ei3: Ensinei costura, corte e costura, porque eu sou costureira. Costurei muito pra rico.
MF: Essas fantasias todas, os eventos tudo, a senhora que fez?
E ensinou a alguém?
Ei3: Ensinei lá Alto!
MF: A senhora ainda faz?
Ei3: Não faço agora porque não tem mais máquina, minha máquina acabou-se, mas eu vou comprar. Se Deus quiser!
Eu quero botar esse abrigo dos velhos e fazer aqueles pijamas, fazer tudo!
MF: Quais as comidas tradicionais da sua família?
Ei3: Aqui em casa vou lhe dizer! Não come carne, só come peixe.
MF: Peixe?
Ei3: É.
MF: E você ensinou a alguém alguma receita tradicional?

Ei3: Ensinei! Eu fiz um curso de (interr.) aqui na minha casa, tá aqui a foto!
Dei um curso de trabalhar com peixe, tudo de peixe, filé, bolinho, tá tudo aqui.
MF: Quais são as festa tradicionais aqui no bairro?
Ei3: Aqui a da Nossa Senhora do Ó, Carnaval, Pastoril acabou. Era antigamente, só é isso mesmo!
MF: A senhora frequenta?
Ei3: Não.
MF: E essas festas só Nossa Senhora do Ó que continua?
Ei3: É, só, Carnaval também continua, né? Porque Carnaval (interr.).
MF: O que foi que mudou, assim, a festa de Nossa Senhora do Ó antes e o hoje?
Ei3: Mudou muito, sabe por quê?
Porque aqui antigamente tinha muito católico, hoje só tem mais crente, aí tá fraco!
Passa, não é como era mais antigamente não! Aquele pessoal velho que andava com o andor, hoje tudo é evangélico.
MF: Existe algum lugar muito frequentado aqui no bairro?
Ei3: Qual é minha filha?
Só a sede, né?
Só a sede.
MF: Qual é a sede?
Ei3: Do esporte, Floriano Peixoto.
MF: Você pode contar um pouquinho do bairro, como era em 1980?
Ei3: Bom demais! Muito de fartura! Porque tinha muito peixe, tinha mais peixe do que gente na Ipioca. O pessoal ia pescar que meu marido era pescador trazia de samburá, dois, três cheios, hoje vai não trás um, que o pescador é demais.
E era muito popular, aqui a gente dormia com as portas abertas, não tinha medo de nada, hoje a gente tem medo de ficar até na porta porque pode vim a polícia correndo atrás de um e entrar dentro de casa.
Não é isso?
A violência vai crescendo, né?
MF: Teve Alguma melhoria?
Ei3: Rapai, teve.
MF: De 1980 pra cá?
Ei3: Teve melhoria foi muita! Porque abasta ser que hoje em dia tem muita gente que trabalha, tem muito hotel, hoje ninguém passa mais fome que nem passava, assim, porque, passa fome sim aqueles que não tem meio, mas hoje em dia as coisas tá melhor, a barriga tá mais cheia.
MF: Como foi o seu tempo de estudo?
Ei3: Hum! Foi ruim! Eu só estudei até a segunda série primária, nem terminei, porque minha mãe ia trabalhar, a gente ficava na rua o dia todo, não tinha quem tomasse conta da gente, a gente era pequena. Depois que eu me entendi de gente, já foi cuidar em ensinar os meninos, eu comecei ensinar eu pequena. Ensinava os meninos assim mesmo, não sei como foi que eu aprendi menina!
Hoje eu ensino a 8ª série, nunca estudei.
MF: Aprendeu sozinha?
Ei3: Com Deus e olhando os livros.
MF: Você ajudava a sua família em alguma atividade, trabalho?
Ei3: Ainda hoje ajudo! O que eu ganho é pra dar a todos eles pra ajudar.
MF: Tem alguma coisa que a senhora queira me contar que eu não perguntei?
Ei3: O quê eu quero contar que você não perguntou?

Minha filha, o que eu quero dizer a você, que aqui precisa duma creche, que não tem. As meninas quer trabalhar e não tem condições. Se botar na casa de alguém pra tomar conta, todo mundo quer dinheiro, elas não tem pra pagar.

Esse apoio dos idosos que eu quero fazer é muito necessário aqui. Quê se ver aqui tão velhinho! Daqui uns dias eu também tô mais velha, aí tem muitos velhos por aí desprezado.

Os velhinho ganham aposentadoria, os filhos estraga. Entendeu?

Então, esse velhinho tem que ser cuidado, tomado banho, com todo prazer, de noite vai pra casa dormir.

Então, isso aí tá precisando muito!

Tenho fé em Jesus que eu vou ter esse apoio esse ano!

Tenho fé em Deus! E você vai batalhar isso!

MF: Vou, vou lhe ajudar!

Ei3: E quero botar outra escola, que eu ensinei muito de graça! Ensinava 250 alunos e não ganhava o dinheiro. Mas isso você vê aqui nas fotos.

Ei3: Quando os rapazes querem passar na prova, assim, pra fazer da polícia, um curso vem aqui, eu ensino me dá dez mi réis, dá dez reais, pronto, eu ensino. Ele vai passa, depois vem agradece: dona [...] passei, graças a Deus!

MF: E a senhora parou por quê?

Ei3: Por causa da (interr.) porque sofri de artrose, a perna fica dormente quando me sento. Agora pra andar não, pra andar é bom, por isso que eu quero fazer esse trabalho esse ano com os idosos.

E quero botar um ateliê, meu sonho é botar um ateliê, comprar duas máquinas pra botar essas meninas pra costurar pra render dinheiro aqui pra Ipioca, pra ajudar esse pessoal. E também eu quero botar um almoço, um hotel de almoço barato pra muita gente trabalhar, essa daí é uma, minha nora é cozinheira, eu sou cozinheira também.

MF: A senhora é uma empreendedora, tem uma visão muito grande.

Ei3: Eu sou cozinheira. O Zé Bernardo pelejou pra botar uma lanchonete aqui, na época, que ele comia, gostava.

O Zé Bernardo me ajudou muito!

MF: Como é o nome? Quem foi que ajudou?

Ei3: Zé Bernardo, Zé Bernardo ajudou muito, aqui.

Também esse prefeito que teve agora foi bonzinho. Cícero Almeida não vou falar dele, que ele fez coisa aqui que ninguém nunca fez. Hoje se ele fosse prefeito muita gente votava nele, porque ele foi bom.

O que é bom a gente sabe, a gente diz que é bom e acabou.

Entrevistado idoso 4

MF: Qual é o seu nome completo?

Ei4: (resposta retirada)

MF: Quando e onde o senhor nasceu?

Ei4: Eu nasci em Branquinha, em 1939, no dia 06 de janeiro.

MF: Qual o nome de seus pais?

Ei4: (resposta retirada)

MF: Qual é a sua atividade profissional?

Ei4: Agora mesmo eu sou aposentado. Aí, eu faço assim, doce né? Faço doce assim, mas isso é só quebra galho.

MF: Como é seu cotidiano? Seu dia-a-dia você pode contar um pouco?

Ei4: Há sempre uma preocupação das coisas, né? Eu já tô no final da idade, já estou com 72 anos e a minha preocupação só a tranquilidade da convivência no bairro por onde a gente anda, a segurança né? Que nós não temos.

Hoje nós saímos de casa e não sabe se volta outro dia, por causa de falta de uma organização, talvez seja do Estado, talvez seja (interr.). Eu não sei bem de quem é, mas que nós idosos nós estamos sem segurança e os jovens também estão sem segurança. Nós estamos vendo muita perversidade, muitas coisas, as pessoas não se dedicam a trabalhar só se dedicar mais a roubar.

Eu aqui, eu saía, aí chegava meia noite, uma hora da manhã. Hoje eu saio, chego antes de dez, nove, vou pra igreja, venho antes de nove, venho já olhando pra frente, olhando pra trás, vê se ver alguém que de momento aparece gente aí tomando celular, fazendo coisas erradas.

Então, a gente não tem mais aquela tranquilidade que a gente tinha há cinco anos atrás. Isso preocupa muito a gente e principalmente às vezes quando chega a minha idade, que eu moro só, né? Agora tô com um neto aí, então, isso preocupa muito a gente ficar fora de hora vem uma coisa e (interr.). Assustado, bate uma coisa, então porque a falta (interr.).

Eu acharia que a segurança, não é a segurança. O código penal fosse mais rigoroso para aqueles que tiram a vida do ser humano, né? Hoje tão brincadeira de muitos camaradas não respeitam não, nem a polícia, nem a polícia eles respeitam mais.

Então, a própria segurança e a segurança deles eles não respeitam. Então há uma intranquilidade aqui nos idosos, às vezes quando chega um final de mês, quando vai receber, quando volta, quando chega em casa fora de hora.

Então eu acho isso uma preocupação muito grande é um desgaste muito grande, a gente vê hoje, eu mesmo vejo uma vida hoje, assim vejo o mundo assim completamente diferente que há dez anos atrás. Sabe?

Então isso, as coisas deviam ser mudadas, ter uma lei mais rigorosa, que hoje os camaradas que vão preso ele tem um privilégio, ele tem coisa melhor de que se ele tivesse na casa dos pai. Então ele devia ter, isso ser limitado, então eles vão pra lá e se vão magrinho quando saem é gordo, e mangando mais da justiça, né?

Então a justiça em determinado ponto pra quem faz a justiça às vezes são os cúmplices mesmo das coisas erradas. Isso né? Eu tenho dizer isso, né?

MF: O senhor veio aqui pra Ipioca, tem quanto tempo que o senhor mora aqui?

Ei4: Oie! Eu cheguei em 1950, né? Eu cheguei em 1950 porque eu perdi minha mãe em 1950, eu cheguei em 1950 na casa dos meus tios. Aí eu fiquei assim como a pessoa sei lá, da casa dos tios pra casa de outros lá vai, até quando eu completei 16 anos, quando eu completei 16 anos o salário, a gente que era de menor ganhava meio salário.

E então depois que eu completei 16 anos eu comecei a trabalhar. Eu trabalhava na Norte Alagoas, comecei trabalhar, trabalhava de dia e a noite, fiz o segundo grau à noite numa época que eu fui fazer uma cirurgia, aí aproveitei esse espaço, aí foi que eu fiz o segundo grau, terminei o segundo grau.

Então eu fiquei assim, foi quando eu vim melhorar, ficou eu e uma irmã, ela tá em Pernambuco. Eu tenho dois irmãos, um vivia com um tio, a outra vivia na casa de outro tio e eu vivia com ela, então a gente ficou depois ficou de maior eu também fiquei de maior.

Ela foi pra São Paulo e eu fiquei só, depois em 1970 eu me casei e agora em 2007, eu perdi a esposa, aí pronto fiquei (interr.). A vida tá sendo muito, pra mim é muito maravilhosa a minha vida porque a minha luta foi maravilhosa, porque eu nunca matei, nunca roubei, nunca fui preso.

E admiro às vezes que tem esse vizinho aí, tem outro aqui, que esse vizinho é mais velho do que eu. A gente fica assim, batendo papo, conversando, mangando um do outro, se divertindo, é um cara muito legal, e assim vai levar uma vida divertida, né? Agora a maior vida, o maior sofrimento que eu encontrei foi a solidão.

MF: Ahã.

Ei4: A solidão foi mais, é uma coisa assim que às vezes a gente pára um pouco e fica (interr.). Você não tem com quem conversar, eu tenho essa casa aqui é bastante grande pra mim. Mas às vezes eu paro um pouco assim fico sozinho em casa, eu e um animal, que tenho lá dentro, um cachorro.

MF: Tem um cachorro, né?

Ei4: É.

E às vezes a minha filha vem, ela não é minha filha, ela chegou pra minha companhia com 18 anos, pra ajudar minha esposa. Minha esposa lutava com doce de caju e eu trabalhava, e ela ficou, depois ela casou-se e foi embora, aí mas eu tenho ela como se, tem o menino que é esse o filho dela que tá aí, ele estuda e vem do colégio pra cá, agora amanhã ele vai embora.

Aí, essa pessoa é o que mais (06min. 39seg. muito ruído de fundo). Tenho outra que eu criei, essa eu criei mais nova é esposa de um policial civil, tem dois netos. E essa raramente (interr.). Ela trabalha com o João Lyra, essa raramente passa aqui, ela passa todo dia por aqui.

Essa chegou com a idade de 7 anos, né? Então essa é mais conhecida, mas a essa de lá é maravilhosa, além de lavar roupa, faz comida que (07min. 08seg. inaudível). De quinze em quinze dias ela vem.

MF: Como foi a sua infância aqui em Ipioca, quando você veio pra cá?

Ei4: Quando eu vim pra qui, a Ipioca era um bairro tão esquisito, tão diferente, hoje a Ipioca tá uma cidade. Pelo que eu sei, alcancei em Ipioca esse rio aí vinha aqui, essa pista era por aqui, passava por aqui. Então a gente (interr.).

MF: Dentro da sua casa?

Ei4: Era, por aqui depois fizeram essa pista e aterraram, aí afastou mais a água. E ali aquele rio ali, ninguém via um lado e ninguém via o outro.

MF: Qual é o nome do rio?

Ei4: Rio do Senhor, chama-se Rio do Senhor.

Ninguém nem fala nesse nome, né? As pessoas vão chegando mais novo e alguém não passa isso, né? Então abriram (00min. 09seg. ruído de fundo) a Ipioca hoje é lugar histórico de Floriano Peixoto.

E um lugar onde não tem político, só tem político nesse tempo pra desfrutar, né?

Agora tem uns candidatos daqui, tem uns candidatos que é daqui, mas esses não têm condições não. Quem tinha era o Edésio Pereira, ele apareceu. E não tem outro candidato, só se lembra na política, porque a política hoje o camarada arruma um cabo eleitoral para trabalhar e quando termina, quando passar por ele se ganhar, ele diz que não deve nada porque já pagou.

MF: Ahã.

Ei4: Mas desde que ele é empregado do povo, né? O povo foi quem colocou ele lá. Esse dinheiro que ele diz que paga o voto é dinheiro nosso, que é dos nossos impostos, né? Mas nós pagamos os impostos, todos os políticos são empregados do povo, agora eles sonegam os direitos do povo, não querem contribuir.

E ele tá pensando que as pessoas são tolos, né? Às vezes o cara é analfabeto, mas não é.

A Ipioca deveria ter mais uma visão, principalmente das organizações de governo, prefeito, porque aqui é um lugar pra (interr.). Como Paripueira que não teve

condições passou a cidade, Barra de Santo Antônio não tinha condições passou a cidade porque tinha a usina Santo Antônio e aqui tinha a coqueira do Mirim e por que nunca passou? Não passou porque era um bairro de Maceió e dizem que ia desequilibrar a contagem de voto nem sei de quê. (01min. 47seg. inaudível).

Mas isso é uma coisa que sei lá!

E a Ipioca sempre ficou assim monótona, assim parado, sem ter condições de crescer, você vê temos uma creche aí, agora invadiram tão ali fazendo (interr.). Tem o colégio, sai os meninos nos ônibus velho transferindo as crianças sem segurança. Essa coisa toda, é uma coisa que fica. Esse aí danada parece que é dos sem terra, dos trabalhadores da usina.

Então o quê é que tá faltando?

Um equilíbrio né? Dentro dos políticos, fazer um plano que venha melhorar as condições do povo. Entendeu?

Aqui pra pagar água, luz, a gente tem de ir pra cidade. Não tem onde se pague água, luz, o camarada sair daqui pra cidade pra pagar água, luz, telefone.

MF: Aqui não tem lugar pra pagar?

Ei4: Aqui não tem, não tem.

Então é uma coisa que sei lá. É um bairro muito grande, eu não sei o número de habitante que tem, mas tá muito grande, ali (02min. 52seg. confusão na fala) não existia, aqui chama aqui, areia grande era quatro casinha ali, pouquinha casinha mesmo, hoje tá lá meio mundo de casa boa, prédio bom. Aqui tá crescendo se vê, tá crescendo assustadoramente, mas não tem segurança, né?

A gente à noite às vezes, se fizer alguma coisa, quiser alguma coisa com a polícia tem que telefonar, quando vem chegar é fora de hora, então é uma coisa que sei lá.

A gente cada dia, a gente tem uma visão das coisas completamente diferente e mais perigosa para os habitantes.

MF: Certo.

Agora assim, da sua infância você lembra de alguma brincadeira? O que marcava mais aqui em Ipioca?

Ei4: Na minha época era mais Baiana, né? Era Baiana e Chegança, né? Tinha Guerreiro, mas mais era

Baiana e Chegança.

É a vida!

Era a diversão, né? Hoje ninguém quer fazer porque se fizer os malandros vai acabar.

MF: Como era essa brincadeira?

Ei4: Ela era, a Baiana é uma coisa simples que às vezes a gente vê, aí eu fico até olhando, né? Pela televisão. É uma dança de vestido comprido, né? E tem as pessoas que cantam, inclusive eu tenho aqui uma colega, que ela é mestra de Baiana. Ela é quase na minha idade ou mais velha do que eu, ela é mestra de Baiana.

E a Chegança é mais difícil, é mais bonita mas é mais difícil, só de homem.

MF: Só homem?

Ei4: Parece que é uma mulher ou é duas somente o resto tudo é homem. E desapareceu, né? Desapareceu completamente, então por que (interr.). E outras também, né? Muitos quer fazer o clube, fazer as festas (04min. 40seg. confusão na fala). Hoje não tem mais porque se for vai ser um ponto de droga, a pessoa entra com facilidade pra vender droga lá dentro, aí é um absurdo uma falta também de (interr.).

Hoje você vê o de menor pode matar um adulto, o adulto não pode nem ferir um de menor, isso deveria processar. O de menor mata, eu acho que esse código deveria ser mais, deveria mudar, ontem estava conversando aqui, às vezes se levanto aqui, tem um capitão que às vezes fica conversando aqui. E a polícia só pode chegar pra resolver um caso depois pra fazer o B.O. Fazer acompanhado. Ele não pode chegar por se chegar e o malandro for de menor e tiver ferido, aí a polícia vai responder, né?

Então é alguma coisa que (interr.).Tudo errado, né? Eu acho que tá tudo errado.

MF: Quais os trabalhos manuais, artesanato que você aprendeu?

Ei4: Eu só aprendi vim fazer doce porque todo meu tempo foi trabalhar em fábrica de tecido, eu trabalhava na parte mecânica, então eu aprendi isso. Mas aqui tem muitos pescadores, eu ainda participei, botei curral, achava tão ótimo, mas tava cansado já, já tinha me aposentado já.

Mas aqui é luta!

Esse aqui surgiu não é daqui, esse aqui é de fora, esse rapaz.

MF: Artesanato, né?

Ei4: É!

Esse artesanato não é daqui! O artesanato daqui, antigamente era fazer vassoura e o doce, agora o doce de caju é (interr.). Agora hoje, as pessoa muitas não querem mais fazer doce, o trabalho, né? O trabalho é difícil e a gente pra fazer um trabalho, não tem condições porque o doce de caju só é bom com isso aí.

MF: Com lenha, né?

Ei4: A vigilância sanitária passou aqui e veio, a gente teve conversando e ela olhou e eu perguntei se dava condições da gente fazer no gás, porque no gás é mais higiênico por causa da fumaça, né?

Aí ele disse não faça nem tal coisa! Não faça nem tal coisa que vai perder o sabor. Eu também não tentei fazer no gás,mas se desse certo no gás era bom. Ele disse que o tacho era de bronze e pra cozinhar com a lenha.

MF: É o segredo?

Ei4: É o segredo, o maior segredo de tudo é mais o ponto, né?

MF: Ahã.

Ei4: É o ponto que faz e outra coisa às vezes as pessoas (interr.).Ói, nada com economia às vezes dá certo, né? Economia é bom, mais às vezes, pra doce não tem que cozinhar com o que é certo mesmo, foi o que eu aprendi quando saí da fábrica, quando me aposentei.

Aí eu comecei fazendo, a mulher fazendo doce, depois ela parou aí eu continuei, ela parou que também a idade, doente, né? Aí eu dei conta, pronto.

MF: Você aprendeu com ela?

Ei4: Foi!

MF: Você pode contar alguma história do bairro? Com era em 1990? Teve algum tipo de melhoria ou algum tipo de piora, além dessas que você já falou?

Ei4: Houve uma melhora, mas uma melhora que não agradou o povo principalmente o mais difícil, fizeram o colégio pras crianças, fizeram outras coisas, né? Que não tá na memória agora.

Melhorou muito, principalmente até na limpeza, né? Agora o que falta mesmo é uma administração mais séria rapaz. Sabe?

Esse Cíço Almeida foi que chegou e procurou fazer alguma coisa, mas que hoje os que chega não olha parece que não tem, não chega. Eu não sei se é porque a cidade é muito grande para o prefeito.

O Cíço Almeida sempre ele fez alguma coisa, agora mesmo nós estamos aqui na praça com brincadeira de criança ali, ta tudo quebrado ali, nunca mais vieram consertar nem nada, isso entregue ao povo.

A educação melhorou tem os dois grupos, né? Agora que tá pequeno, né? É preciso que haja reforma porque a população cresce.

Oia! Depois que fecharam as usinas aílpioca cresceu, veio muita gente pra aqui pra Ipioca, aqui tem uma entrada ali pra grotta, lá chama Boca do Fumo.

MF: E é?

Ei4: Mas lá tem muita gente, tem muita gente lá, eu acho que devia ter um (interr.). O prefeito devia fazer um negócio mais organizado lá, fazer um colégio lá pra aquelas crianças daquela região, porque tem bastante gente.

MF: [...] quais eram as festas tradicionais aqui no bairro?

Ei4: Festa da padroeira.

MF: Ainda permanece?

Ei4: Ah! Mas não é como antigamente não.

MF: Não?

Ei4: É isso! As pessoas sabem fazer, mas tem medo de fazer por causa dos descasos.

MF: Quais foram as mudanças da festa?

Ei4: A mudança é mais por causa da droga, né? Por causa dessa bagunça dos jovens. O jovem faz tudo pela droga e faz coisa pelo fumo. Tem coisa que ele faz, depois não sabe nem como fez isso.

Então, a droga muda muito o sentido dos jovens, aí vamos fazer a festa muitas quer organizar quando dá fé uma coisa, fere um da família, fere um amigo. Aí vai.

MF: O senhor estudou aqui no bairro?

Ei4: Eu estudei particular e a última que estudei foi no colégio, Foi lá em Saúde. É, eita meu Deus! Raul Lima.

MF: Raul Lima, no Alto da Ipioca?

Ei4: Não. Lá em Saúde e lá, ali abaixo do palácio, passei um tempo ali. Foi depois eu fiz segundo grau.

MF: Você ajudava a sua família em alguma atividade, trabalho?

Ei4: Não, porque a minha família mesmo, a minha família, eu tenho, são dois irmãos, tem essas meninas que estudaram, né? Essas meninas estudaram tudo no centro, estudaram aqui e estudaram no centro eu não sei nem qual colégio ela estudou.

E o meus irmãos estudaram assim também, estudaram aqui, nesse colégio daqui, eu não cheguei estudar não.

Eu não estudava porque quando organizaram o colégio, quando organizaram, que aqui era uma escola é casa, era numa casa o colégio, quando fizeram esse colégio e o Grupo Floriano Peixoto, aí eu já tava trabalhando e outra também que eu só podia trabalhar de dia, porque eu trabalhava pra me manter.

Trabalhava com **os meus tios** (04min.27seg. transcrição duvidosa), eu trabalhava ao dia, à noite era que eu ia estudar, aí tinha que estudar particular, é que não dava pra estudar pelo dia. Era tio, mas ele exploravam, né?

MF: Ahã.

Ei4: Então como uma pessoa assim comum. Foi cativo, né? Tinha que trabalhar, tinha de fazer, até quando eu me libertei. Mas minha vida é muito interessante, aí eu sofri muito, sofri, mas graças a Deus, só devo a ele, ao pai que me deu toda sabedoria, não estudei, sou praticamente analfabeto, mas me deu a inteligência de conhecer as coisas boas e ruins.

MF: Tem alguma coisa que o senhor queira me contar que eu não perguntei sobre o bairro?

Ei4: Bem, aqui na Ipioca, o que tem é histórico, da história dos velhos, né? Que diz que Santo Antonio saía daqui da igreja e ia lá pro Mirim, lá no Mirim, lá tem uma parte que tem um pé de árvore. E o Santo Antonio saía daqui e ia pra lá, iam molhar ele de dia aí botavam ele aqui, ele saía daqui no outro dia viam o rastro dele na Saúde.

Rapaz eu ria tanto com o cara contando isso.

Ele ia pra lá no outro dia vinha embora. Aí casou com Nossa Senhora do Ó, pronto, aí não saiu mais.

Aí não saiu mais! O pessoal tem cada lenda!

MF: [...] muito obrigada, viu!

Ei4: Nada rapa!

A Ipioca era pra ser um lugar mais, ter mais segurança sabe?

MF: Mas o senhor tem lembranças boas daqui?

Ei4: Ah! Tenho lembranças boas porque aqui nós (interr.). Esse cidadão tem um bocado de filho, Mas ele soube (interr.). É porque o que acontece hoje, nos colégio não tem mais aquele ensino religioso, que o ensino religioso a pessoa procura obedecer, a pessoa procura ser obediente ao outro. E hoje nós estamos vendo que as crianças vão pra escola e vão aprender a escrever, mas ser obediente não.

Então, às vezes a gente vê o menino fazendo a coisa errada, a gente vai dar um conselho, gritam: o quê é que você quer?

Aí abre a boca e diz: você é meu pai?

Então falta alguma coisa!

Então, quando existia essa aula religiosa, as coisas eram outras! Havia uma obediência, uma educação mais saudável, a criança respeitava o mais velho, o mais velho respeitava a criança.

Ele queria dizer um palavrão olhava pra criança se a criança tivesse, não jogava. Hoje (07min. 25seg. **confusão na fala**). Às vezes vê pessoa tão educada dizendo cada palavrão!

Eu mesmo fico olhando assim, sorrindo, achando graça. Sabe? O que eles dizem.

Então, essa coisa de antigamente no meu tempo, se o camarada dissesse: você é o filho dessa! Podia dizer que era (07min. 41seg. **inaudível**)

E mais, falta aquela obediência familiar, aquele amor, então só dentro da igreja. Às vezes as pessoas que eu convivo lá na igreja não sabem obedecer.

Sabe que da religião eu sou católico, da religião o que vale da religião é você entender a religião e ser obediente à religião, se você for obediente à religião e o que você leu do evangelho, então você também é uma pessoa obediente com seu irmão, porque todos nós somos irmãos, então a gente não pode maltratar um irmão, porque se maltratar um irmão nós temos se maltratando.

Por quê?

Porque nós somos irmãos, estou maltratando o Deus que ele é o pai de todos, nós vemos esta casa maravilhosa, né? Uma casa bonita sem ter um esteio no meio. Mas as pessoas não acreditam nele!

A gente tem que acreditar naquele que deu a vida! A gente não pode desperdiçar a nossa vida por isso, ou por aquilo. Porque nós temos um pai e nós quando fomos batizados, nós fomos entregues nas mãos dele.

Por isso o nosso corpo sofre, o nosso espírito não, então (00min. 50seg. **muito ruído**). Uma passagem muito bonita para graça de Deus para aquele que ama o próximo.

Às vezes nós vemos muitas pessoas querendo destruir, abraçando o outro, mas pra tirar o que ele tem, aqui eu botei essa cruz aqui nessa praça.

Aí a gente fica assim tranquilo assim, somente olhando, mas sofrendo. Por que acontece aquilo?

Por causa dessa desobediência, porque não ama o próximo. A gente sofre, a gente católico e é católico mesmo, a gente sofre, não adianta. Tem gente católico que não faz, não obedece também, porque não tem conhecimento, não é só a gente ler mas é desfrutar, é desfrutar a leitura, o que é o melhor da leitura pra poder a gente colocar em prática, né?

Então são essas coisas, então a Ipioca ela tem (interr.). Nem só a Ipioca não, hoje é geral, a obediência são poucas.

Agora, às vezes você vê um camarada tão estudado, falando muito coisa e coisa e tal. Mas às vezes em casa falta (interr.). Diz um palavrão na vista do filho, não respeita a mulher, aí não respeita os amigos, então essa coisa toda.

Pra gente que é católico, o católico mesmo que entenda, mas é (02min. 08 seg. não entendi) mas é assim, vamos até quando fechar as portas dessa casa.

MF: [...] Obrigada pela participação no trabalho!

Posso tirar uma foto do senhor?

Ei4: Pode.

Entrevistado idoso 5

MF: Qual é o nome completo da senhora?

Ei5: (resposta retirada)

MF: Quando e onde a senhora nasceu?

Ei5: Nasci aqui em Ipioca mesmo no dia 25 de outubro de 1941.

MF: Qual o nome de seus pais?

Ei5: (resposta retirada)

MF: Qual é a sua formação educacional?

Ei5: Primário.

MF: Primário?

Você tem alguma atividade profissional?

Ei5: Não, trabalhava na função de oficial do registro civil, né? Mas substituta, né?

MF: Como é o seu dia-a-dia?

Ei5: Mais ou menos! Porque bem, bem, bem (interr.). É mais ou menos, nem é bem nem é mal, né?

MF: Como era no passado? Você pode me contar um pouquinho da sua juventude aqui em Ipioca?

Ei5: Não, a minha vida em Ipioca, a minha juventude, eu era muito unida com meus pais, plantava melancias e só saía com ele.

MF: Ahã.

Ei5: Ou com ele, ou com minha mãe, ou com um dos meus irmãos mais velhos. E, nunca deixei meus pai. Eu me casei quando tava na faixa dos 13 anos.

MF: Ahã.

Ei5: A faixa de uns 12 anos por aí, assim. Eu adoeci, duas paredes (01min. 48seg. inaudível) cama, mas eu fiquei no banheiro também, aí uma pessoa apareceu lá em

casa de surpre... (01min. 59seg inaudível) cozinhava, lavava, passava, cuidava dos meus pais.

MF: Ahã.

Ei5: Aí meu tio chegou lá em casa, uma irmã de papai, aí ficou passando o dia lá, aí ele disse: ô [...] você quer trabalhar?

Ele disse, de que a demora é arrumar um trabalho. Aí ele disse: tá certo!

Aí saiu.

Aí meu pai gritou: [...] você vai trabalhar?

Quem disse papai?

O teu irmão me arrumou trabalho.

Aí ele chegou, disse:

Você vai abandonar ele [...]? Você e sua mãe?

Eu disse: Não.

Quando eu sair de casa já deixo tudo pronto, aí nisso chega o meu tio, né?

[...] já arrumei trabalho!

MF: Trabalhou?

Ei5: Trabalhei! Na **Capital e Moldes** (02min. 55seg transcrição duvidosa).

MF: Hum.

Ei5: É afiliada brasileira.

MF: Era em Maceió?

Ei5: Era em Maceió.

MF: No centro?

Ei5: Era no centro, bem na Rua do Comércio mesmo.

MF: Ahã.

Ei5: Aí ele chegou, disse: sacode na lama que o doido é outro. (3min.10seg. transcrição duvidosa, confusão na fala)

MF: Tomou tudo? (03min. 12seg.transcrição duvidosa)

Ei5: Eu já!

Ei5: Aí eu fui a (3min.17seg.inaudível), tia tá aí.

Senhor vai me arrumar algum trabalho, nem um dia.

Eu digo: já? Ele disse, já.

Eu liguei pra você ir hoje, comparecer hoje lá, da Brasileira.

Tá certo!

Eu vou terminar de ajeitar as coisas aqui, deixa todo mundo aí.

Eu já terminei de ajeitar um almoço tudinho, deixei pronto o jantar.

Aí, ainda não vou com tudo.

Engole essa: aí me dando a dor do pulmão!

Sua comida já está pronta.

MF: Na sua família tinha algum artesanato, alguma (interr.).?

Ei5: Não.

MF: Não!

Ei5: Não.

MF: Alguma receita tradicional?

Ei5: Não. Que eu saiba não.

MF: Tem alguma festa tradicional aqui no bairro?

Ei5: Olha! Também eu nunca fui fã, negócio de festa aqui pra mim, tem nem costume, festa.

MF: Não conhece nem uma?

Ei5: Não. Meu negócio é somente trabalhar, tomar conta da casa e trabalhar na rua. Nas lojas!

Sim, mas eu só fui dizer, quanto eu trabalhava (04min.27seg. inaudível). Quando lembro que eu me levantava quatro da manhã, preparava almoço, já deixava almoço pronto pra eles dois, eles dois não, eles quatro que tinha mais dois irmãos pequenos.

MF: Cuidava de todos?

Ei5: De todos (04min.45seg. confusão na fala), minha luta foi assim, não era essa de festa, não. Somente do trabalho pra tomar conta dos meus pais.

MF: Mas aqui no Bairro, você acha que melhorou? Que piorou?

Ei5: Não, vai evoluindo, né?

MF: Evoluiu?

Ei5: Vai evoluindo, eu tinha uma casa de (05min.06seg. inaudível)

MF: Ahã. Quais são as suas lembranças de menina aqui em Ipioca?

Ei5: Olhe! Pra lhe ser franca eu não tenho lembrança nenhuma, eu me esqueci de tudo, tudo, tudo, tudo. É mais fácil (interr.). Eu lembro mais recente do que a que tá lá trás.

MF: Não tem nada assim, que marcou?

Ei5: Não.

MF: Só quando você começou a trabalhar, foi que marcou mais, é isso?

Ei5: Foi.

MF: Tem alguma coisa que a senhora queira me contar que eu não perguntei, sobre o bairro?

Ei5: Não, lá só tem um banco Antônio Antunes da Silva, que o bairro é Ipioca.

MF: Ahã.

Ei5: Onde é o distrito é Floriano Peixoto, município de Maceió.

MF: Isso!

Pronto!

Ei5: Desculpa não responder mais, porque realmente eu não me lembro!

MF: Não, ajudou com certeza!

Ei5: Eu não me lembro.

MF: Muito obrigada pela entrevista!

Entrevistado idoso 6

MF: Qual é o nome completo do senhor?

Ei6: (resposta retirada)

MF: Quando e onde você nasceu?

Ei6: Eu nasci aí em Ipioca, no Sítio Rêgo (0min.14seg inaudível). No dia 28 de setembro de 1941.

MF: Então, o senhor tem quantos anos?

Ei6: 71, completei agora, dia 28 passado.

MF: Ah!

Eu não entendi o nome do sítio, é Sítio Rê (interr.)?

Ei6: Sítio Rêgo, é porque a Ipioca, ela divide-se em Boa Vista, que é aquela parte logo no início, quando você chega, depois na frente é o Sítio Rêgo, lá em cima é o Alto da Ipioca. Tinha um lugar lá na (interr.). Depois disso tem a Estiva, que tinha um lugarejo, que é tipo um **barzinho (00min. 48seg. transcrição duvidosa)**, a Estiva.

MF: Ahã.

Qual é o nome de seus pais?

Ei6: (resposta retirada)

MF: Qual é a sua formação educacional?

Ei6: Olhe! Eu fiz o CIAGA(Centro de Instrução Almirante Graça Aranha) aqui, que é relativo ao, antigamente, científico, né? Aí, depois eu fui fazer pra parte profissional, aí eu fui fazer (interr.). Atualmente eu me aposentei MCB (Mestre de Cabotagem). É uma profissão, é uma categoria que dentro da Marinha Mercante.

MF: Ahã.

E qual é a sua atividade profissional atualmente?

Ei6: Atualmente sou aposentado.

MF: Você pode me contar um pouquinho da sua infância?

Ei6: Olha! A minha infância foi uma infância pobre, não miserável, pobre, né? Ali em Ipioca, porque naquela época aquilo ali era uma Disneylândia pra gente que era pequeno. Era (interr.). Vivia com meus avós, na casa dos meus avós e foi aquela vida de criança; minha avó foi que me alfabetizou, e eu vivia com elas na casa dele.

MF: Como é o seu cotidiano hoje? Você pode me contar um pouquinho do seu dia-a-dia?

Ei6: Ô! O meu dia-a-dia, hoje é viver em casa, né? Eu não trabalho mais pra (interr.).Assim com atividade profissional nenhuma, com ninguém; eu vivo só em casa, ajudando em casa, a esposa e tomando conta dos afazeres da casa, né?

MF: E como era no passado, lá na Ipioca?

Ei6: Ipioca, quando eu era garoto, quando já fiquei grandinho, era aquele negócio de buscar água no rio com carrinho de mão, na época da safra do caju, era ajudar a minha mãe, **depois (2min.40seg. duvidosa)** minha avó, descascar, tirar caju, recolher cocos, na tirada dos cocos, a gente ia com os tiradores de coco, pra poder recolher os cocos, trazer pra casa. Aquela atividade que acompanhava a vida cotidiana da família, né? Era pra eu levar as cabras e as ovelhas pra pastar, ir na lagoa botar ratoeira pra pegar caranguejo, botar covó pra pegar camarão, camarão de água doce.

Era aquela vidazinha de, tirar fruta nas fruteiras pra vender, pra minha avó vender, era a vida cotidiana mesmo da época, né?

MF: E o que marcou mais dessas lembranças de jovem?

Ei6: Olha, a que marcou mais na minha adolescência foi, justamente, os meus avós, né?

MF: Ahã.

Ei6: O cuidado que meus avós tinham comigo, né? Aí, aquela vida mesmo!

Aquilo me marcou porque era muito saudável aquela época, não existia tanta, assim, tanta **(03min.44seg. inaudível)** que a pessoa quando quer dividir com outro, quer disputar com outro, né? Era tudo mais ou menos normal, a vida, né? Aquele segmento normal.

MF: Ahã.

Quais eram os divertimentos? As brincadeiras que havia?

Ei6: Ah! A brincadeira quando a gente era criança, era fazer garrafão, aquela pique bandeira, é assim a noite de noite de lua ali em Ipioca era uma beleza, que as estrada não era asfaltada, né? A estrada ficava livre pra gente brincar, quando era a hora da maré ia pra praia, noite de lua, aquela (interr.). Muito bonito aquilo ali.

(04min. 22seg. não compreendi) Pegar força do raio já pra ajudar a trabalhar nos currais.

MF: E tinha diferença de brincadeira de menina e de menino?

Ei6: Algumas meninas brincava com a gente, outras não brincavam, né? Algumas que eram (04min. 37 seg. inaudível) atiradas, né? Brincava com a gente, aguenta normal ficava reservada.

Mas ela não tinha muita diferença não.

MF: Quais os tipos de trabalhos remunerados que havia?

Ei6: Havia na época, ali em Ipioca, tinha muito forno de cal, né? Aquela (interr.) fazia cal com aquela pedra calcária dos arrecifes, tinha muitas pessoas que trabalhavam naqueles fornos de cal, outras pessoas, na época da safra do caju, era fazer doce de caju pra vender, era os currais, né? Quando se iam trabalhar no curral. E aí a gente ganhava um peixe, um negócio, e o pessoal que trabalhava muito aí em Ipioca remunerado, era da fábrica de Saúde.

Não sei se você conhece ali em Saúde.

MF: Ahã.

Ei6: Tem uma fábrica, né? A **Têxtil Norte Alagoas** (05min. 29seg. transcrição duvidosa)

MF: É isso!

Ei6: E aquela maioria das pessoas trabalhava na fábrica. Ou era mocinha, ficava mocinha, rapazinho já arrumava uma vaga pra trabalhar na fábrica, que a fábrica naquela época, inclusive, tinha um caminhão pau de arara, né? Que era um caminhão com os bancos e tal, atravessados. E fazia o transporte, vinha buscar os funcionários, levava e depois vinha trazer, a hora que largava do serviço e quando não tinha o pessoal ia a pé mesmo. A viação canela ia lá pra Saúde e voltava.

MF: E tinha diferença de remuneração entre homem e mulher?

Ei6: Olha! Lá na fábrica eu não sei, né? Porque eu nunca trabalhei, nunca tive aproximação na fábrica, né? Mas a fábrica é por categoria, cada um é tecelão, outro é não sei que, tem várias atividades, deve ser uma remuneração diferente para cada estágio daquele, né?

Eu acredito!

MF: Ah!

Você aprendeu algum artesanato na sua família?

Ei6: Com a família não, mas com os outros eu aprendi a fazer rede, tarrafa, esse negócio ligado à pescaria, né?

MF: Você ainda faz ou ensinou a alguém?

Ei6: Não, não dou oportunidade de ensinar porque a família, a minha família não tem ninguém ligado a isso, não gosta de pescar. E eu saí de lá, né? Saí de Ipioca vim pra cá, fui pra Recife, depois de Recife vim pra cá para o Rio.

MF: Entendi.

E tem alguma comida tradicional na sua família?

Ei6: As comidas daquela época era aquele negócio, à noite você não jantava, sempre tinha (interr.) A janta era uma macaxeira, uma batata doce, um fruta-pão; uma comida assim, né? E na hora do almoço é aquele almoço, feijão cotidiano daí, né? Cheio de (interr.). Feijão mulatinho, o carioquinha com bastante coisa dentro, abóbora, maxixe, aquela que você conhece aí.

Então, não tem assim uma comida específica, né? Era o que aparecia, a gente matava a velha fome, né?

MF: Mas, você aprendeu alguma receita, não?

Ei6: Aprendi, eu sei fazer peixe no coco, comida assim de frutos do mar e esse meu feijão, que tô te dizendo, eu aprendi a fazer com meus avós, com minha avó.

MF: E você ensinou a alguém?

Ei6: Não, porque aqui no sul o tipo de comida é diferente, né? Na hora, numa época que eu saí daí, eu fui pra Recife, jovem, não tinha família ainda, era solteiro, aí não tinha como.

MF: Lá na Ipioca, quais eram as festas tradicionais?

Ei6: Ah! As festas tradicionais era Nossa Senhora do Ó, ali no Alto da Ipioca, **onde fica (00min. 18seg duvidosa)** a igreja, **no Alto**. Ali naquela época era muito animado no dia 17 de dezembro, era a festa de Nossa Senhora do Ó, então, ali ia Chegança, ia Guerreiro, ia Pastoril, entendeu? Ia Baiana, tinha vários tipos de festejos lá, que ia pra animar a festa, né? Aí, ia aqueles brinquedos, barco, era, como chama lá hoje em dia, **istivolim (00min. 43seg. transcrição duvidosa)**, naquela época chamava istivolim, era o que hoje em dia chama o carrossel, né?

MF: Ahã.

Ei6: Então, tinha vários brinquedos lá em cima, a festa mesmo, toda festa lá de Ipioca era feita lá em cima no Alto, no Alto da Ipioca.

MF: E elas ainda permanecem? Você sabe?

Ei6: Ah não! Depois eu voltei pra Ipioca, aí, voltei a morar aí, aquela festa foi acabando, acabando, não fez mais estímulo de ninguém e foi acabando, né? Eu não sei se hoje em dia ainda tem, mas acho que não.

MF: Certo.

Ei6: Tem uma comemoração muito pouca.

MF: Tinha algum lugar muito frequentado no bairro?

Ei6: Lá no Alto da Ipioca, tudo que a gente ia era pra lá, porque lá tinha a igreja, a igreja católica, tinha não, tem. E se concentrava mais o número de gente lá, tem o clube, do clube de futebol lá do Floriano; sempre tinha um baile, um negócio, e a gente ia muito pro Alto da Ipioca.

Então, morava lá embaixo, vinha a pé, e subia a ladeira ia pra lá.

MF: Hum!

Você pode me contar um pouquinho da história do bairro? Como era o bairro no ano de 1980? 1990? Se houve algum tipo de melhoria?

Ei6: Houve a melhoria, inclusive, eu voltei pra lá, e depois fizeram loteamento, apareceu loteamento, acabaram as casas mais humildes, foi aparecendo casas melhores. Entendeu?

Botaram ônibus, porque naquela época que eu era pequeno, não era ônibus era uma tal de uma **(02min. 13 seg. inaudível)**. E a gente ia muito atrás de caminhão, ia e voltava pra Maceió, depois, quando cheguei lá já tinha ônibus coletivo, de transporte coletivo, aí foi melhorando mais, né? Já apareceu outras pessoas que era de fora, já foi fazendo outros empreendimentos, quando eu voltei já tava bem melhor.

MF: Certo.

Poderia me contar como foi o seu tempo de estudo?

Ei6: Olha, o meu tempo de estudo, eu fui alfabetizado em casa, né? Com a minha avó. Saí de casa já aos 13 anos já alfabetizado, aí fui pra esse grupo lá no Alto, né? Alto de Ipioca, Grupo Marechal Floriano Peixoto, né? Lá, e lá eu fiz o primário,

terminei o meu primário aí no Colégio Batista de Maceió, porque eu vim pra casa da minha tia, mãe da [...].

E passei o resto do tempo fazendo o primário no Colégio Batista. Depois eu fui estudar em Satuba, foi onde eu fiz o meu ginásio lá, aí dali eu comecei a (interr.). Eu fui pra Recife trabalhar e, aí comecei a trabalhar e não parei mais, até me aposentar.

MF: Mas você ajudava a sua família em alguma atividade, trabalho?

Ei6: Não, justamente, quando era garoto ajudava quando era criança, né?

MF: Certo.

Ei6: Ajudava, era justamente, colher os cajus, ajudar(03min. 37seg. não entendi) ou até trazer pra casa com meu avô. Nessa época foi que a minha ajuda foi somente nesse sentido aí.

MF: Tem alguma coisa que o senhor queira me contar em relação à história do bairro, ou alguma referência cultural que eu não perguntei?

Ei6: Não, eu queria contar o seguinte, houvesse possibilidade de vocês aí em Alagoas, de arranjar um jeito pra estimular, aquela Saúde ali é uma mina, Ipioca iria melhorar se entrasse ali uma fábrica, uma indústria na Saúde, desapropriasse aquilo, porque aquilo até Cachoeira do Mirim é dentro ali, um lugar que tem muita água, muito plano, e o pessoal da fábrica acabou com aquilo, aquilo entrou em falência, né? E está, segundo eu estou sabendo tá jogado pra lá.

E aquele é um canto que Alagoas devia ressuscitar, aquilo com fábrica, né? Chamando fábrica pra ir pra lá, melhorando incentivos fiscais, aquele negócio, pras fábricas irem pra se instalar lá; aí dava emprego pela quela região.

Ipioca é um lugar histórico per (interr.) Floriano Peixoto, né? Porque ele batizou-se na igreja. Eu já tentei pra vê se botava uma mensagem aí em Ipioca, por aqui conversando por aqui com pessoas, mas é muito difícil, pra poder estimular a igreja aí, ia escola e cursos pra quele pessoal, dá uma pena ver tanta mão de obra ociosa ali, né?

Quando eu tava morando ultimamente lá e vendo aquele (interr.). Não tem lugar, não pode nem culpar as pessoas, porque não tem emprego e a juventude parada por lá. Isso é uma coisa que os políticos aí deveriam estimular aquela Saúde.

Não sei se você conhece lá a Saúde?

MF: Conheço.

Ei6: Conhece? Você viu como é que é aquilo?

MF: Eu fui.

Ei6: Aquilo ali, eu era garoto, eu ajudava o falecido marido da minha tia, tia da [...] também, tia [...]. Eu fazia feira com ele quando eu comecei aprender a fazer conta de somar, eu ia com ele que ele fazia feira ali, tinha uma barraca grande, que ele tinha uma venda ali na Boa Vista, e eu ia com ele pra fazer feira. Aos domingos tinha uma feira grande, aquela Saúde (05min.57seg. inaudível).

Você viu?

Tem igreja, tem creche, tem grupo escolar, tem tudo ali, tem uma casinha de saúde, posto de saúde, aquilo ali foi um desperdício fazer o que fizeram com aquilo ali. E os empregos que o pessoal perderam dali, né?

Eu conheci gente que nasceu ali, já era casado, já tinha filho quando foi, que teve a, a fábrica entrou, foi derrubada lá, foi obrigado a sair dali.

MF: E também tá chegando bastante hotel agora ali, né?

Ei6: Tem o quê?

MF: É hotéis tão chegando?

EM: Não, em Ipioca dizem que tem vários hotéis agora. Quando eu morava ali ultimamente fizeram lá um hotel, dizem que tá muito bonito, eu nunca mais fui lá, tô pretendendo ir.

MF: Ahã.

Ei6: Então não adianta nada.

Visitar o pessoal da família aí.

MF: [...] muito obrigado pela sua contribuição, viu!

Ei6: Nada, qualquer coisa se você precisar a mais pode ligar que eu tô aqui às ordens.

Entrevistado idoso 7

MF: Qual é o seu nome completo?

Ei7: (resposta retirada)

**(resposta retirada)*

MF: Quando e onde você nasceu?

Ei7: Foi ano? Eu não sei! Eu sei que, o mei eu (interr.).

**Dia 22 de julho.*

Ei7: Foi em Santana.

**É, dia 15 de julho de 1922.*

MF: Quem são seus pais? O nome de seus pais?

Ei7: (resposta retirada)

MF: (00min. 54 seg. *confusão na fala*)

Ei7: A minha mãe era (interr.)

**(resposta retirada)*

MF: Certo.

A senhora pode contar um pouco da sua infância?

Ei7: Hum?

**Quando a senhora era (interr.).*

MF: Criança.

Ei7: Dessa vez, eu passamos em baixo não me lembro mais da onde vim.

**Ela casou-se muito nova!*

Ei7: Hein?

**Casou-se muito nova.*

MF: Como se passa o seu dia-a-dia, hoje? O quê que a senhora faz hoje em dia?

Ei7: O que é que eu faço?

Cozinhar um feijão, fazer um arroz, comer, lavar um prato (01min. 42seg. *inaudível*)
E barrer um rancho.

MF: Como transcorria o seu dia-a-dia no passado?

**Quando era moça?*

MF: É! Contar um pouco da sua juventude, quando você era jovem. O quê que você fazia no dia-a-dia?

Ei7: Ah minha filha! Desde quando a gente era jovem, eu fazia era, botar lenha, depois mangue, pegar o berdigão pra comer, fazia isso, pra praia atrás de peixe, o que a gente fazia era isso naquele tempo. (02min. 39seg. *muito ruído de fundo*) era isso.

MF: E quais eram as brincadeiras que tinham?

Ei7: Não, brincadeira não tinha não.

MF: Tinha não?

Ei7: Tinha não.

**Fale um pouco mais alto pra ela.*

Ei7: Brincadeira não tinha não! Brincadeira da gente é, naquele tempo era o tempo da ignorância, não existia esse negócio hoje.

MF: Qual eram os tipos de trabalhos remunerados?

Ei7: Hum?

MF: Trabalho que ganhava dinheiro, quais tipos de trabalho tinham?

Ei7: Eu?

MF: Aqui em Ipioca?

Ei7: Olhava o tempo não tinha gás, oie! Eu quando era solteira, mocinha, a minha mãe me deu muito conselho preu me ia casar, minha mãe me deu muito conselho preu não casar com o cara que casei e eu aí casei, eu tinha 15 anos.

MF: Mas aqui na Ipioca o quê que tinha pra trabalhar? Seu esposo trabalhava em quê?

***Vivia de quê?**

Ei7: Via de quê?

***De pesca.**

Ei7: De ponta?

***Não mulher, que ponta!**

Ei7: Não tinha nem trabalho, hum cum, nem sei como trabalha.

***Era pesca e (4min. 00seg. inaudível).**

Ei7: (inaudível 00min. 03seg.) nas cozinhas dos outros, caba no mangue, fazendo doce de caju no tempo, era assim, o trabalho era esse.

MF: Era esse né?

A senhora sabe fazer algum artesanato? Algum trabalho manual?

Não.

E a comida tradicional da sua família, tem alguma?

Ei7: Não tem não.

MF: Alguma receita?

Ei7: Hein?

MF: Alguma receita que a senhora sabe fazer? Que passou pra sua filha?

***Prato especial.**

Ei7: A nossa receita é: quando as filhas (00min. 43seg transcrição duvidosa) estava doente, pegar um mato fazer um chá, é assim.

***É receita de comida.**

MF: De comida.

***De comida vó.**

Peixe no coco.

Ei7: Comida! Ah minha filha! Era um feijãozinho com coco, era muito difícil comer um arroz (01min. 01seg. transcrição duvidosa), que o pobre antigamente era tudo pobre.

Viu!

MF: E algum doce, alguma coisa que a senhora sabe fazer?

Ei7: Doce?

***Doce, sabe!**

MF: Qual é o doce que a senhora sabe fazer?

Ei7: Eu sabia naquele tempo fazer um doce de caju.

MF: Ah!

Ei7: Só era o que eu fazia, a minha (interr.) não fazia outro não, que ninguém não tinha outro pra fazer. Só fazia doce de caju e no tempo, de setembro pra outubro, né? Janeiro, assim. A gente é que fazia.

MF: E você ensinou a alguém?

Ei7: Ensinei alguém?

MF: Ensinou?

Ei7: Ensineu! (1min. 44seg. inaudível) [...] como é o doce do caju?

MF: Ensinou pra sua filha?

Ei7: Hein?

MF: Ensinou a sua filha como fazer?

Ei7: Ensinei.

MF: E a sua neta?

Ei7: Oia, uma filha doceira aí!

*A neta num (interr.).

MF: Não?

Ninguém aprendeu, neta não aprendeu.

Quais eram as festas tradicionais aqui no bairro de Ipioca?

Ei7: As festas?

*Hum.

Ei7: Santo Amaro, Nossa Senhora do Ó, São João, São Pedro, era as festa que tinha aqui.

MF: Ainda existem estas festas aqui no bairro?

Ei7: Hein?

MF: Ainda existe?

*Existe, festa de Nossa Senhora do Ó, de Santo Amaro, existe.

Ei7: Hum?

*Existe.

Ei7: O quê?

*Nossa Senhora do Ó.

*As festas.

Ei7: Ôxe! A festa de Nossa Senhora do Ó é ali no Alto, na Ipioca, né? Santo Amaro na Paripueira, né? São João, São Pedro, ou (02min. 54seg inaudível)

*Gente de antigamente se festejava a festa de São João, São Pedro.

MF: Existia algum lugar muito frequentado aqui no bairro, no seu tempo de jovem?

Ei7: Aqui não.

MF: Não?

Ei7: Era tudo calmozinho, aqui mermo onde eu, aqui, onde eu conheço, agora, hoje é que o povo vevi todo doido, mas eu (03min. 33seg.inaudível).

*Na Saúde não voinha, existia no bairro?

MF: Você poderia contar um pouco da história do bairro de Ipioca?

Ei7: Não.

MF: Não?

Ei7: Posso contar não (03min. 46seg inaudível) tudo já passou pra minha capueza, não posso contar nada, né?

MF: Tá joia!

Você ajudava sua família em alguma atividade de trabalho?

Ei7: Ajudava, trabalhava nas cozinhas dos outro, né? Ajudava minha família. Trabalho que era pobre como eu, coitada!

MF: Tem alguma coisa que a senhora queira me contar, que eu não perguntei?

Ei7: Não tem nada!

MF: Nada?

Ei7: Nada.

MF: Do passado de Ipioca, alguma referência, alguma coisa assim?

Ei7: Não tem nada! Não tem nada disso na minha cabeça mais. Não tem mais.

MF: Tem não, né?

Ei7: Não vou dizer que eu tenho!

MF: Tá bom, muito obrigado então!

MF: Há quanto tempo você ouviu falar em doce de caju aqui em Ipioca?

Ei7: Menina! Eu abri os zoiros, a minha mãe fazendo doce. Ela diz que as mulheres viviam aqui (00min. 15seg inaudível) um docinho de caju, tinha muito cajueiro, e a gente dava graças a Deus quando chegava o tempo do caju pra fazer um docinho pra vender, minha fia.

Era um tempo pobre, a gente se valia dos caju, tá vendo?

MF: Quais eram os tipos de doces que eram falados?

Ei7: Oi, o doce, tem o doce branco e tem o ameixa, o ameixa é feito do coisa e o doce branco é feito do açúcar, né? A gente alimpa o açúcar e cõa, os caju a gente desóia e descasca, fura, espreme e bota no mel pra ferver.

MF: Quais os tipos que você sabe fazer?

Ei7: De doce?

Não, eu faço eu faço o doce branco, a gente chama aqui doce (interr.).

***Cristalizado.**

Ei7: E ameixa, que é o doce preto.

***O cristalizado e o de calda, né, vó?**

Ei7: hein?

Tem o de calda. O de calda a gente dá o ponto.

E o que é isso?

MF: Tô gravando!

Ei7: O de calda a gente, o doce, o ameixa a gente fura botando pra ferver, quando é no outro dia, bota mé, bota pra dá ponto.

E um doce branco a gente descasca fura, espreme, bota no tacho pra ferver, no outro dia bota mé, dá ponto, pra ele ficar no ponto; tem cuidado pra escorrer, pra botar no sol pra vender.

MF: Você ou alguém da sua família faz?

Ei7: Doce?

Faz, fizeram, hoje já se acabou, mas a metade tem ainda faz.

***Quem faz é ela!**

Ei7: No tempo, agora a gente não tá fazendo muito.

MF: Como é o nome da sua filha que sabe fazer o doce?

Ei7: [...]

Como é o nome da outra?

[...] tudo isso sabe fazer.

MF: Tudo sabe fazer?

Ei7: Sim.

MF: Com quem você aprendeu essa atividade de fazer o doce?

Ei7: Com minha mãe.

MF: Com a sua mãe?

Ei7: Foi!

MF: Quando?

Ei7: (02min.56seg. muito ruído de fundo) Quando nasci, fui crescendo e vendo ela fazer e fui aprendi também.

MF: Foi né?

Ei7: Fui fazer também pra fazer um trocadinho.

MF: Quem mais pode informar sobre essa atividade aqui no bairro?

Ei7: De doce?

Agora aqui eu não sei não, tinha muita doceira, mas o pessoal já sa, mudou muito, mas tinha muita que fazia, umas morreram.

MF: Como é o modo de fazer o doce?

Ei7: É assim como eu tô lhe dizendo!

MF: Já disse, né?

Ei7: É panhar o caju, lavar, descascar, furar, espremer, alimpar o mé pra frever, no outro dia se bota outro mé pra dar ponto, que é pra poder ficar bom.

MF: E o tempo de fabricação, quanto tempo demora pra fabricar?

Ei7: Não, não demora não.

MF: É um dia? É no mesmo dia?

Ei7: É!

MF: E sabe quanto custa os ingredientes pra fazer o doce?

Ei7: Hein?

MF: O valor do doce? O custo dos ingredientes? Não sabe quanto é que custa?

***Ela não sabe mais não!**

MF: Hoje em dia tem gente que vem comprar doce com a senhora?

***Vem.**

MF: Tem gente que vem comprar doce aqui com a senhora?

Vem?

***Mas ela não pode fazer.**

Ei7: Mas agora não tem mais, não tem mais caju!

Aqui! O povo não compra, já vendi muito minha fia! Eu vendi muito doce na porta, botava num coisa, os comprador passava, comprava.

Vendi muito!

Não foi eu só que nem, não foi eu só que nem muito aqui!

MF: Quais os elogios que você recebe do doce?

Ei7: Hein?

MF: Elogios que você recebe do doce?

***Doce de primeira.**

MF: O quê que dizem do seu doce, assim? Falam bem do seu doce?

Ei7: Falam bem.

MF: Dizem o que?

Ei7: Diziam que meu doce era bem feito, ameixa era bem feita, ainda hoje eles gabam.

MF: Alguém falou mal do seu doce?

Ei7: Não.

MF: Ninguém falou mal?

Além daqui em Ipioca, tem algum lugar que tenha doce de caju?

Ei7: Outro lugar?

Eu não sei não!

MF: Não sabe?

Ei7: Não. Eu sei que aqui no meu lugar era muito a fazer.

***Pescaria.**

MF: Existe algum tipo de costume associado à forma de fazer o doce? Por exemplo, quando você faz você canta? Tem algum costume? Quando você tá fazendo o doce, você cantava? Fazia alguma coisa? Algum (interr.)?

Ei7: (06min.30seg.inaudível, ruído de fundo)

***Ela ficava feliz.**

MF: Ficava feliz?

Ei7: Ficava feliz.

MF: Ficava feliz, né?
 Você sabe a origem?
 Ei7: Hein?
 MF: A origem do doce?
 Ei7: Não sei não, sabe como é que, a gente freve ele, não tô lhe dizendo, você hoje freve, amanhã dá ponto, viu. É o coisa, a gente conforme o caju, a gente trabalha um dia todo.
 MF: Entendi!
 Ei7: Né?
 MF: Pronto!
 Muito obrigado, viu!
 Ei7: De nada!
 *Fala de terceiro ao fundo.

Entrevistado idoso 8

MF: Como é o nome completo da senhora?
 Ei8: (resposta retirada)
 MF: A senhora nasceu aonde?
 Ei8: Na Ipioca.
 MF: Quando?
 Ei8: 08/05/1947.
 MF: Qual o nome de seus pais?
 Ei8: (resposta retirada)
 MF: E a sua formação educacional?
 Ei8: A formação educacional foi eu trabalhar na fábrica.
 MF: Você estudou?
 Ei8: Até o segundo ano, assim, primário né?
 MF: Ahã.
 Ei8: Hoje, com é que se chama (interr.)?
 MF: Você hoje trabalha?
 Ei8: Trabalho em casa, trabalho na praia, curral e pesco.
 MF: Você pode me contar um pouquinho da sua infância?
 Ei8: Não, assim, de brincar eu quase não tinha.
 *Então como era que os meninos brincavam com as outras crianças?
 Ei8: Aqui era de pega, né? Que antigamente era (interr.).
 *Pega-pega.
 Ei8: Era! Era de esconde-esconde, esse negócio, era besteira.
 MF: Como é hoje o seu dia-a-dia? Você pode me contar um pouco? O que é que você faz aqui?
 Ei8: Ôxe! Eu vivo da pesca, eu vou pra pesca, vivo em casa tomando conta dos netos.
 *Pesca quantas horas por dia, quando vai?
 Ei8: Sim! Eu vou, pesco. Quando eu chego lá, pesco o que tem, arrumo alguma coisa que tem lá pra fazer. Eu hoje saí daqui era seis e quase sete, cheguei era uma e meia.
 *Ela fez o quê? Pegou (01 min. 44seg. inaudível)
 Ei8: Não! Asti fica arrumando, fica arrumando o curral que a maré tava agitada e derrubou umas parte.
 MF: E você vende o peixe?
 Ei8: Vendo!

MF: Vende?

Ei8: Sim!

MF: Como era o seu dia-a-dia no passado? Você pode contar um pouquinho sobre a sua infância?

Ei8: Passado?

MF: O seu dia-a-dia, o quê que você fazia?

Ei8: Não, eu com 15 anos fui trabalhar.

MF: Trabalhar? Nova, né?

Trabalhou aonde?

Ei8: Trabalhei na fábrica de Saúde.

MF: Você fazia o que lá?

Ei8: Eu era tecelã, trabalhei cinco anos na tecelagem, depois passei, fui trabalhar no enrolador.

MF: Qual é a sua lembrança de menina aqui em Ipioca? O que foi que marcou mais?

Ei8: Acho que eu fico assim pensando que a brincadeira, as de sempre, a gente brincar com as coleguinhas. Ter as coleguinhas pra brincar, somente!

Outras coisas não tinha não, que aqui não tinha nada!

MF: Existia brincadeira de menina e brincadeira de menino?

Ei8: Não.

MF: Todo mundo brincava junto?

Ei8: Era.

MF: Quais eram os tipos de trabalhos remunerados que tinha pra homens e mulheres?

Ei8: Aqui?

MF: É!

Quando você era mais nova?

Ei8: Aqui que eu lembre, aqui mesmo não tinha não. Só tinha na fábrica, né?

Quando a pessoa que, quando dava de 14 anos, a pessoa ia trabalhar.

MF: Tinha mais alguma outra, você podia ter a pesca também, o quê mais o pessoal fazia pra ganhar dinheiro?

Ei8: Sim, a pesca era o pessoal adulto, né? Os pais os avós, os avôs que tinha, os tios, tudo tinha armadilha, tinha curral, pescava fora de jangada. Hoje não tem!

MF: tinha diferença de remuneração entre homem e mulher, homem ganhava mais? Não?

Ei8: Tinha não, que antigamente diz que as mulher não trabalhava, né? Quem trabalhava era os homens.

Tinha essa, né?

MF: Você aprendeu algum artesanato?

Não?

Ei8: Não.

MF: E a família lhe passou alguma tradição? Alguma receita?

Só do doce, né?

Ei8: Só do doce! É!

MF: Você pode me dar a receita?

Ei8: Ói! É pegar o açúcar, limpar o mel, pegar o caju descascar, furar o caju, espremer e botar pra ferver. Bota numa vasilha, no outro dia, limpa outro mel mais grosso e bota no fogo pra dar o ponto, ele está na calda, aí ele na calda, aí depois bota pra escorrer numa peneira e pra fazer o cristalizado que é o que ela diz.

Ei8: Pra fazer o cristalizado, hoje o pessoal chama cristalizado e o ameixa.

MF: É.

Ei8: E o ameixa.

MF: Sim, os dois tipos né?

Ei8: É, e a castanha, a castanha eu assei muito.

MF: Quais as festas tradicionais aqui do bairro?

Ei8: É somente, quando na Ipioca, quando era tinha Pastoril, Guerreiro, Baiana, esses negócio, mas não existe mais e a festa de Nossa Senhora do Ó.

MF: Que ainda permanece?

Ei8: Permanece, somente! Mas outra brincadeira não existe mais não!

MF: Como era a festa de Nossa Senhora do Ó?

Ei8: Era assim a noite parece que era nove dias de festa, e pife, né? O pessoal tocava pife na porta da igreja e, durante as nove noites da comemoração da padroeira, era festa, quando era no dia 18 de dezembro era a procissão.

MF: Você participava?

Ei8: É, quando a vez. Eu ia, não vou dizer!

MF: Tinha algum lugar muito frequentado no bairro? Aqui em Ipioca?

Ei8: Não.

MF: Você pode contar um pouco da história do bairro? Como era o bairro no ano de 1980? Houve algum tipo de melhoria? Houve algum tipo de piora?

Ei8: Não. Melhoria teve porque aqui existia poucas casas e hoje a se ver, ta cheio de casa, né? Que a pessoa não tinha energia, a pessoa era com candeeiro, não tinha fogão a gás, não tinha (interr.). Era fogo a lenha, não tinha energia e (interr.) era essas coisas.

MF: Então, a senhora acha que melhorou?

Ei8: Melhorou 100%.

MF: Piorou alguma coisa? Você sente falta de alguma coisa?

Ei8: Não!

MF: Não?

Como foi o seu tempo de estudo? Você estudou até o primário, né?

Ei8: Foi.

MF: Mas como era? A senhora estudou aonde?

Ei8: Eu estudei o primeiro ano e o segundo ano, lá naquele Grupo Sete de Setembro, lá na Ponta Grossa. Aquele que fica ali perto do Lux.

MF: Não chegou a estudar aqui em Ipioca?

Ei8: Não, estudei assim numa escolinha que tinha de, particular, com a Aurélia, foi ABC, esse negócio somente. Aí eu fui embora para o Vergel com a minha tia, aí fiquei lá, estudei primeiro, foi, foi cartilha, primeiro ou foi segundo ano, somente.

MF: Você ajudava sua família em alguma atividade, trabalho?

Ei8: A minha mãe!

MF: Ajudava a sua mãe, trabalhava, ajudava ela financeiramente?

Ei8: A gente assim, eu saia trabalhar e ela ficava em casa, né? Com tempo de doce, quando chegava o final de semana, o domingo, eu ajudava ela a fazer. Entendeu?

E depois, que eu fiquei em casa, quando fechou, eu fiquei ajudando ela direto, enquanto tinha eu ficava ajudando ela. Foi tempo que ela não aguentou mais fazer, eu (interr.).

MF: Aprendeu.

Ei8: Aprendi.

É.

MF: Tem alguma coisa que a senhora queira me contar, que eu não perguntei de Ipioca?

Não.

Já falou tudo, da pesca, do doce?

Ei8: Já, já, a tradição daqui era isso mesmo.

MF: Posso tirar uma foto da senhora?

Ei8: Pode!

* Fala de terceiro ao fundo.

JOVENS

Entrevistado jovem 1

MF: Como é o seu nome e a sua idade?

Ej1: (resposta retirada), tenho 11 anos.

MF: Certo. Como se passa o seu dia-a-dia?

Ej1: É, rapaz, é. É bom. Eu faço tanta da coisa. É ótimo meu dia-a-dia.

MF: Quê que você faz?

Ej1: Rapaz, eu brinco, estudo de uma as três, minhas aulas de manhã ainda não começou, que estudo de manhã de sete e meia às onze e quarenta, mas ainda não começou, só vai começar no final desse ano e estudo de tarde no reforço de uma às três.

MF: Certo. Qual o maior divertimento que tem no bairro? Como se pratica?

Ej1: É, o maior divertimento que tem aqui é muitas coisas que tem por aqui. Bastantes.

MF: Quais são? Assim, quê que você faz para se divertir?

Ej1: Agente brinca de (interr.). Alguma pessoa é, assim, a gente assim mesmo? A gente tenta se divertir de um jeito nosso. Agente faz alguma coisa pra gente mesmo se divertir. Assim (interr.).

MF: Entendi.

Ej1: Assim.

MF: Qual o trabalho manual, artesanato, que você sabe fazer? Sabe fazer algum artesanato?

Ej1: Não

MF: Não? Nadinha?

Ej1: Nadinha!

MF: Qual a comida tradicional da sua família?

Ej1: Como assim?

MF: Tem alguma receita tradicional? Que a sua avó sabe? Que passou pra sua mãe?

Ej1: Não!

MF: Não? É, quais são as festas tradicionais aqui do bairro?

Ej1: Aqui do bairro? É, Nossa Senhora do Ó, é, tipo. É assim, tipo: Carnaval, São João, esses.

MF: Data comemorativa!

Ej1: É!

MF: Você frequenta as festas?

Ej1: Algumas sim, outras não.

MF: Qual que você frequenta?

Ej1: Eu frequento, é, São João, Carnaval já não frequento. É, e outras também.

MF: Tem algum lugar muito frequentado no bairro?

Ej1: Alguns sim, outros não.

MF: Qual? Assim, um lugar que todo mundo se encontra?

Ej1: É, aqui! Aqui por o Alto mesmo.

MF: No Alto?

Ej1: É!

MF: Certo! Como você descreveria Ipioca?

Ej1: É, como eu descreveria Ipioca? É, um lugar ótimo, um lugar bom de se divertir, de brincar. É um lugar que tem lugares para todos. Não falta um! Entendeu?

MF: Entendi. E o que você acha que mudou do tempo da sua avó pra hoje?

Ej1: Muitas coisas.

MF: É? Dê um exemplo!

Ej1: Ai eu não sei explicar.
 MF: Não sabe?
 Ej1: Não!
 MF: É, onde é que você estuda?
 Ej1: Eu estudo no Raul, escola daqui.
 MF: Aqui né?
 Ej1: É!
 MF: E qual é a série que você faz?
 Ej1: Eu vou fazer o sétimo ano.
 MF: Você ajuda sua família em alguma atividade de trabalho?
 Ej1: É, eu ajudo assim, quando minha mãe (interr.). Ela trabalhava lá fora, lá perto aqui do Shopping.
 MF: Certo.
 Ej1: eu ia e ajudava ela em algumas coisas.
 MF: Em algumas coisas! Tem alguma coisa que você queira me contar que eu não perguntei?
 Ej1: Não
 MF: Do tempo da sua avó para hoje o que foi que mudou que você falou que não sabia dizer?
 Ej1: Eu não sei dizer o que mudou muito.
 MF: Não sabe?
 Ej1: Não
 MF: Pronto! Então ta joia. Obrigada, ta?
 Ej1: De nada!

Entrevistado jovem 2

MF: Qual o seu nome completo?
 Ej2: (resposta retirada)
 MF: Quando e onde você nasceu?
 Ej2: Em Ipioca.
 MF: Quando?
 Ej2: Quando? Dia 22 de janeiro de 1979.
 MF: Qual o nome dos seus pais?
 Ej2: (resposta retirada)
 MF: Qual é a sua atividade profissional?
 Ej2: No momento eu tô trabalhando de serviços gerais.
 MF: Você pode contar um pouquinho da sua infância?
 Ej2: Posso!
 MF: Me diga!
 Ej2: Nasci aqui no povoado de Ipioca, junto com a minha avó e minha mãe que eram fazedora de doce de caju.
 MF: E como é o seu dia-a-dia hoje?
 Ej2: Hoje vou trabalhar e no segundo horário tomo conta dos meus filhos e da minha avó.
 MF: Quais são os divertimentos que tem aqui no bairro?
 Ej2: Só ir a praia.
 MF: E os trabalhos manuais, você sabe fazer algum artesanato que você aprendeu com sua mãe?
 Ej2: Não. Só doce de caju.
 MF: Tem alguma receita tradicional na sua família?

Ej2: Doce de caju.
 MF: Você sabe fazer?
 Ej2: Um pouco.
 MF: Aprendeu com quem?
 Ej2: Com a minha avó e minha mãe. Doce de caju.
 MF: E você pode me dar a receita? Assim, da sua cabeça.
 Ej2: Fazer o doce de caju.
 MF: Mas diga assim a receita que você sabe?
 Ej2: Ó! O modo de preparar é: decascar o caju, furar e colocar ele no mel, e colocar ele pra cozinhar, no outro dia você faz um (interr.). Você prepara ele na calda e coloca numa peneira pra escorrer, depois mela no açúcar e bota pra secar.
 MF: Quais são as festa que tem aqui no bairro?
 Ej2: As festa que tem aqui no bairro? Só a da padroeira Nossa Senhora do Ó.
 MF: Você frequenta?
 Ej2: Sim.
 MF: Por quê?
 Ej2: Porque eu nasci aqui, a gente gosta e é a única festa que tem aqui no bairro de Ipioca é essa.
 MF: Existe algum lugar muito frequentado aqui no bairro?
 Ej2: Só na praça do (interr.) No Alto de Ipioca.
 MF: Você frequenta?
 Ej2: Às vezes.
 MF: E por quê?
 Ej2: É animado.
 MF: Como você descreveria a Ipioca hoje em dia? O que você acha que mudou do tempo de seus avós para hoje?
 Ej2: A violência.
 MF: O que a sua avó conta sobre o bairro?
 Ej2: Ela conta que antigamente não existia energia aqui, não existia a estrada, tinha estrada de barro e não tinha a população, o número de moradores como tem hoje.
 MF: Você estuda aqui no bairro?
 Ej2: Não.
 MF: Você estuda aonde?
 Ej2: Eu estudei no bairro do Poço.
 MF: Você ajuda a sua família em alguma atividade, trabalho?
 Ej2: Não. Quando tinha doce de caju na época eu ajudo.
 MF: Tem alguma coisa que você queira me contar que eu não perguntei?
 Ej2: Não.
 MF: Eu posso tirar uma foto sua?
 Ej2: Pode.
 MF: Eu posso usar o seu nome real no trabalho, ou quer que eu use o nome falso?
 Ej2: Não. Pode usar.

Entrevistado jovem 3

MF: Como é seu nome?
 Ej3: (resposta retirada)
 MF: Quando e onde você nasceu?
 Ej3: Em Ipioca.
 MF: Qual é a sua idade?
 Ej3: 20

MF: Qual é o nome de seus pais?
Ej3: (resposta retirada)
MF: Você estuda?
Ej3: Estudo.
MF: Faz que série?
Ej3: Parei no oitavo ano.
MF: Você trabalha?
Ej3: Trabalho
MF: Aonde?
Ej3: No Oca.
MF: Como é o seu dia-a-dia?
Ej3: Dia-a-dia, o que se passa, né?
MF: É.
Ej3: Pra mim é tudo bem, tudo tranquilo.
MF: Você acorda, vem trabalhar, como é?
Ej3: Eu pego de dez e largo às cinco.
MF: E aqui no bairro você faz mais o quê?
Ej3: Eu trabalho em outro canto também!
MF: Trabalha em outro canto?
Ej3: Segunda e sexta.
MF: Certo!
Ej3: Na casal.
MF: Quais são os divertimentos que tem aqui no bairro?
Ej3: Aqui? Só a quadra desportiva.
MF: E você frequenta?
Ej3: Frequento, mas só pra olhar mesmo, não jogo não.
MF: Você sabe fazer algum artesanato?
Ej3: Infelizmente não.
MF: Na sua família, alguém sabe?
Ej3: Minha mãe é manicure.
MF: Tem alguma receita tradicional na sua família?
Ej3: Não.
MF: Algum doce, algum peixe, nada, nenhuma receita?
Ej3: Não.
MF: Você sabe fazer receita?
Ej3: Não.
MF: Quais são as festas tradicionais aqui do bairro?
Ej3: Aqui só final de ano.
MF: Final do ano?
Ej3: Nossa Senhora do Ó, da igreja aí.
MF: Você frequenta?
Ej3: Frequento.
MF: Como é a festa?
Ej3: Boa, é vários santos.
MF: Tem algum lugar que é muito frequentado aqui?
Ej3: Tem, só aqui em Ipioca mesmo.
MF: Aqui em Ipioca?
Ej3: Se for pra sair tem que ir pra outro canto, Paripueira, Barra, esses cantos, Jaraguá.
MF: Quando você sai, você vai pra outros bairros?

Ej3: Exatamente!
 MF: Aqui no bairro você não frequenta nenhum lugar?
 Ej3: Não. Só a quadra desportiva mesmo.
 MF: Só a quadra.
 Como você descreveria Ipioca hoje? O bairro. Você gosta daqui?
 Ej3: Gosto e amo muito!
 MF: É?
 Ej3: Mas ainda falta muita coisa pra acontecer aqui.
 MF: O quê que falta?
 Ej3: Tem que renovar essa igreja que tá a trezentos mil anos, ta tudo se acabando lá por dentro.
 MF: O que acha que mudou do tempo dos seus avós para hoje?
 Ej3: Para hoje mudou muito, porque antigamente era tudo mato, não tinha nem essas casas toda.
 MF: Não?
 Ej3: Tinha não, sou de 1992 tinha (interr.)
 MF: Você estuda aqui no bairro?
 Ej3: Floriano Peixoto.
 MF: Você ajuda sua família?
 Ej3: Ajudo.
 MF: Por quê?
 Ej3: Oi!
 MF: Por que você ajuda?
 Ej3: Porque tem que ajudar, foi ela que me criou desde pequeno, quem me deu tudo, tem que ajudar.
 MF: Tem mais alguma coisa sobre o bairro que você queira falar? O que você pode falar assim de Ipioca?
 Ej3: Assim, que Ipioca é muito bom, né?
 MF: É muito bom?
 Ej3: É bom!
 MF: Pronto!
 Posso tirar uma foto sua?
 Ej3: Pode!
 MF: Obrigada!

Entrevistado jovem 4

MF: Como é o seu nome completo?
 Ej4: (resposta retirada)
 MF: Quando e onde você nasceu?
 Ej4: Eu nasci na maternidade Santa Lúcia, em 1999.
 MF: Faz tempo que você veio aqui pra Ipioca?
 Ej4: Nascida e criada.
 MF: Qual o nome dos seus pais?
 Ej4: (resposta retirada)
 MF: Você estuda?
 Ej4: Estudo.
 MF: Faz que série?
 Ej4: Oitavo ano.
 MF: Você trabalha?
 Ej4: Não.

MF: Como é o seu dia-a-dia?

Ej4: De manhã: acordar (interr). Malandragem só, não faço nada! E de tarde eu saio pra escola. À noite quando volto da escola, também fico na rua, todo mundo, o pessoal que eu conheço daqui da Ipioca.

MF: Quais são as brincadeiras que tem aqui no bairro?

Ej4: Pega-pega, esconde-esconde, pega-ladrão, ah é tanta! Deixa eu ver (interr.). O dono da rua, galinha acocorada, um monte.

MF: E você aprendeu com quem essas brincadeiras?

Ej4: Já vem que todo mundo já sabia.

MF: Todo mundo aqui, suas amigas?

Ej4: É, todo mundo já sabia.

MF: Você sabe fazer algum artesanato? Algum trabalho manual?

Ej4: Não.

MF: Na sua família, alguém sabe?

Ej4: Sabe, ela tem um pouco de criatividade e faz algumas coisas de vez em quando.

MF: Sua mãe sabe fazer algum crochê, tricô?

Ej4: Não, só minha irmã.

MF: E ela aprendeu com quem?

Ej4: Ela aprendeu com a minha tia e também tendo aula aqui no Floriano, no colégio.

MF: Tem aula, né?

Na sua família tem alguma receita tradicional?

Ej4: Mungunzá.

MF: E você, sabe fazer?

Ej4: Sei não, quem sabe é minha vó, eu sei assim, poucos ingredientes.

MF: Você sabe dar a receita?

Ej4: Dar a receita? Não.

MF: Quais são as festas tradicionais que tem aqui no bairro?

Ej4: São João, Carnaval, Natal, Ano Novo.

MF: Tem alguma mais tradicional, que tem?

Ej4: São João.

MF: Você frequenta?

Ej4: Frequento!

MF: Por que você frequenta o São João?

Ej4: Eu gosto, já é daqui de Alagoas.

MF: Tem algum lugar muito frequentado aqui no bairro?

Ej4: Muito frequentado? A sede lá em cima e a igreja.

MF: Você frequenta?

Ej4: Não. Eu só frequento a sede, a igreja não.

MF: Não? Por quê?

Ej4: Porque eu sou (interr.) Eu não frequento igreja! A igreja católica eu não frequento, eu frequento mais outras.

MF: Como você descreveria Ipioca? O que você acha que mudou do tempo de seus avós para hoje?

Ej4: Nossa! Tanta coisa! O tipo de criação dos filhos, tudo. As ruas. Tanto das pessoas como do bairro mesmo, as pessoas mudaram demais.

MF: O quê que sua avó conta sobre o bairro?

Ej4: Oxe! Que era tudo mato e ficava todo mundo (interr.). Antigamente todo mundo podia colocar esteira no chão da rua, assim mesmo, e ficar olhando pro céu quando

faltava energia. Hoje em dia não pode, né? Mas antigamente podia, ela subia num monte de pé de (interr.). Acerola essas coisas, ficava roubando pitanga do quintal dos outros. Mas hoje em dia ninguém faz isso mais não.

MF: Tinha alguma fruta que tinha muito aqui?

Ej4: Carambola.

MF: Você estuda aqui no bairro?

Ej4: Não.

MF: Estuda aonde?

Ej4: Estudo na Ponta da Terra.

MF: Você ajuda sua família em alguma atividade, trabalho?

Ej4: Domésticos!

MF: É?

Ej4: Ajudo.

MF: Tem alguma coisa que você queira me contar sobre o bairro, alguma tradição, alguma festa, alguma coisa que você esqueceu? E que você queira me dizer?

Ej4: Hum! Carnaval é bom o bloco, vários blocos, trio elétrico sobe aí no Alto.

MF: Aqui no Alto tem alguma festa?

Ej4: Tem várias.

MF: Qual?

Ej4: Tem que é do tempo de eleição, claro! Tem um monte! Tem as festas normais e as festa que o povo inventa e bota aí em cima.

MF: Pronto! Tá bom então, obrigada tá!

Ej4: De nada!

Entrevistado jovem 5

MF: Me diga o seu nome completo?

Ej5: (resposta retirada)

MF: Quando e onde você nasceu?

Ej5: Eu nasci em Salvador, sou baiana.

MF: E por quanto tempo você mora aqui em Ipioca?

Ej5: 22 anos.

MF: Qual é a sua idade?

Ej5: 27.

MF: Qual é o nome de seus pais?

Ej5: (resposta retirada)

MF: Qual a sua formação educacional? Você estudou?

Ej5: Ensino fundamental, ainda.

MF: Tá estudando?

Ej5: Não, tô cursando.

MF: Você trabalha?

Ej5: Não. Até o momento, tô desempregada.

MF: Como é o seu dia-a-dia?

Ej5: Eu vou pro curso de manhã, pro estágio, que estou estagiando, e quando chego à noite vou pra outro curso no SENAC.

MF: Quais são os divertimentos que tem aqui no bairro de Ipioca?

Ej5: Praia, as praças, fizeram uma quadra agora, só isso!

MF: Você frequenta a quadra?

Ej5: Não.
MF: Você sabe fazer algum artesanato?
Ej5: Não.
MF: Na sua família, alguém sabe?
Ej5: A minha mãe.
MF: Ela faz o quê?
Ej5: Crochê.
MF: E você, não aprendeu?
Ej5: Não.
MF: Não tem interesse de aprender?
Ej5: Não.
MF: Tem alguma receita tradicional na sua família?
Ej5: Tem o pé-de-moleque que minha mãe faz.
MF: Você sabe fazer?
Ej5: Sei, sei não, não sei.
MF: Tem mais alguma receita que ela sabe fazer?
Ej5: Não, só isso. Assim que ela sempre faz que é de antigamente, muito antigo, né?
MF: Quais são as festas tradicionais que tem aqui no bairro?
Ej5: A festa da padroeira, né? Dezembro. Só isso né [...]?
***Só.**
Ej5: Só.
MF: Mas você frequenta?
Ej5: Freqüento, mas tá com três anos que eu num vou.
MF: Mas por que você não vai?
Ej5: Porque fico muito ocupada trabalhando, aí não tenho tempo.
MF: Tem algum lugar que é muito frequentado aqui?
Ej5: Tem a quadra, só. Aqui tinha discoteca, mas fechou.
MF: Como você descreveria a Ipioca atualmente? O que você acha que mudou do tempo de seus avós pra hoje?
Ej5: Muitas coisas!
MF: É! O que você acha que mudou?
Ej5: Tudo! Assim, as escolas foi reformadas, essa quadra que fizeram agora, calçaram as ruas que não tinha, as encanações das águas foi diferente, também mudaram tudinho. É! Reformaram muitas coisas, praças.
MF: A sua avó contou o que sobre o bairro?
Ej5: Que era um bairro histórico, os holandês, do tempo de Floriano Peixoto.
MF: Você estuda aqui no bairro?
Ej5: Não, estudei.
MF: Estudou aonde?
Ej5: No Floriano Peixoto.
MF: Você ajuda a sua família em alguma atividade, trabalho?
Ej5: Na despesa, que meu filho fica com a minha mãe.
MF: É?
Ej5: É.

MF: Você tem alguma coisa que queira me contar que eu não lhe perguntei, sobre o bairro de Ipioca?

Ej5: É, pra mudar muitas coisas né. Que precisa de quê?

Uma creche, né? Pras mães deixar os meninos que é abandonado e que agora invadiram, as escolas que só tem até a oitava série. Aí as crianças tem que se deslocar pra fazer o primeiro ano em Maceió e muita gente que não tem condições, o menino desiste, que nem eu desisti porque minha mãe não tinha condições, né? Hoje botaram o ônibus, mas vem quando quer; e o posto de saúde que é zero também aqui, não tem médico. Ah! E a violência que tá demais! Não, tem que botar um posto de polícia que também não tem.

MF: Não tem?

Ej5: Não tem! Tá aqui é um perigo, eles rouba direto aqui. Eu fico aqui, mas não é por que a gente quer, mas você pode ver que as casas é tudo de grade, aqui, agora. Aqui já foi bom de morar, a violência tá demais; mudaria isso, botava um posto de polícia 24 horas, né? E o povo já pediu muito e nunca foi (interr.) Já fizeram abaixo assinado, fecharam as ruas, pintaram os cafundós do Judas, mas ninguém nunca (interr.). Só no tempo de eleições que eles aparece, quando acaba a eleição nem o santinho deles no chão fica. Mudaria essas coisas, porque muita mães não trabalha porque não tem como deixar os seus filhos, porque as creches não funciona. (04min. 00seg muito ruído de fundo)

MF: Tá joia! Obrigado viu [...]!

*Fala de terceiro ao fundo.

Entrevistado jovem 6

MF: Qual é o seu nome completo?

Ej6: (resposta retirada)

MF: Onde você nasceu?

Ej6: Aqui em Ipioca.

MF: Quando?

Ej6: Em 1994.

MF: Quais são os nomes de seus pais?

Ej6: (resposta retirada)

MF: Qual é a sua formação educacional? Você estuda?

Ej6: Tô no 3º ano do ensino médio.

MF: Você trabalha?

Ej6: Não, ainda não.

MF: Você pode falar um pouquinho da sua infância?

Ej6: Hum, hum, infância normal, que nem a maioria eu acho, né? Nada de coisa ruim não. Foi boa! Uma infância boa.

MF: Aqui em Ipioca?

Ej6: Ahã.

MF: Como é o seu dia-a-dia hoje?

Ej6: Escola, casa, dentista, saio com as amigas, de vez em quando só.

MF: E o quê que tem de divertimento aqui no bairro?

Ej6: Nada!
MF: Nada?
Ej6: Nada.
MF: Não tem nada pra se divertir?
Ej6: Nada
MF: Você sabe fazer algum artesanato?
Ej6: Não. Mais penteado, cabelo.
MF: Penteado?
Ej6: É!
MF: E você aprendeu com quem?
Ej6: Sozinha, olhando as meninas fazendo.
MF: A sua família tem alguma receita tradicional?
Ej6: Minha avó, cozinheira de mão cheia.
MF: É? Tem alguma receita tradicional daqui do bairro?
Ej6: É, tapioca, que mais (interr.) Muitos assim, fruto do mar.
MF: E você, aprendeu?
Ej6: Não.
MF: Não sabe cozinhar?
Ej6: Saber eu sei, mas essas coisas não.
MF: Quais são as festas tradicionais aqui do bairro?
Ej6: A festa da padroeira, só.
MF: Você frequenta?
Ej6: Frequento.
MF: Você pode falar um pouquinho da festa?
Ej6: É todo final do ano, são nove noites e tem missa na rua, missa na igreja, tem a procissão, no último dia da festa tem a procissão. Vai, anda o bairro todo com os santos. É bonita que só, vem o parque pra cá.
MF: Tem algum lugar muito frequentado aqui do bairro?
Ej6: Um lugar? Assim que vem gente de fora? É, os restaurante daqui, somente. A praia.
MF: Você frequenta?
Ej6: É! De vez em quando!
MF: Como você descreveria Ipioca hoje? É diferente do tempo do seu avô, da sua avó?
Ej6: Como assim? É como o povo falava antes, tinha discoteca, tinha muitas coisas assim que podia (interr.) Que a pessoa não precisava nem sair pra fora. Hoje em dia, acho que a gente não tem nada pra se divertir. Quando tem alguma coisa aqui sempre dá confusão, briga, e a gente não tem nada mesmo. Todo mundo, assim, principalmente os meus amigos, a gente que é jovem, né, quer se divertir, sair com os amigos e não tem nada aqui onde a gente mora. Tem que sair.
MF: Você estuda aqui no bairro?
Ej6: Não.
MF: Você estuda onde?
Ej6: Eu estudo na Ponta da terra.

MF: Você ajuda a sua família em alguma atividade, trabalho?

Ej6: Não, ainda não.

MF: Tem alguma coisa que você queira me falar daqui do bairro, que eu não mencionei nas perguntas?

Ej6: Assim né? Como você tá fazendo essa entrevista, melhorar alguma coisa, ter alguma coisa aqui porque não tem pra gente se divertir.

MF: Pronto! Tá joia [...].

Entrevistado jovem 7

MF: Qual é o seu nome completo?

Ej7: (resposta retirada)

MF: Quando e onde você nasceu?

Ej7: Aqui mesmo em Ipioca, no dia 17/07/1994.

MF: Qual é o nome de seus pais?

Ej7: (resposta retirada)

MF: E o do seu pai?

Ej7: É (interr.) Não conheço!

MF: É (interr.) Não conhece! Você estuda?

Ej7: Estudo.

MF: você faz que série?

Ej7: Terceiro ano do ensino médio.

MF: Você trabalha?

Ej7: Não.

MF: como é o seu dia-a-dia?

Ej7: Escola (interr.) De manhã eu vou pra escola, tarde eu fico em casa. Só escola e casa.

MF: E aqui tem algum divertimento, alguma brincadeira?

Ej7: Bom! Aqui é bem calmo, tem só a quadra, aqui na outra rua onde tem competição de futsal, às vezes, onde as pessoas vão olhar.

MF: você frequenta a quadra?

Ej7: Sim.

MF: Você sabe fazer artesanato, algum trabalho manual?

Ej7: Não

MF: Não. Na sua família alguém sabe?

Ej7: Ninguém.

MF: Ninguém. Alguma receita tradicional na sua família?

Ej7: Uma receita? Hum, hum!

MF: Nenhuma?

Ej7: Tradicional? Uma coisa que faz assim, todo ano?

MF: É!

Ej7: Ó! Época junina, minha vó faz muitas coisas, mais (interr.) É pamonha, essas coisas.

MF: E você, sabe fazer?

Ej7: Não! Todo ano eu tento, mas não sai muito bom.

MF: Aqui tem alguma festa tradicional?

Ej7: Só em algumas épocas do ano, como São João, Carnaval.

MF: Ahã.

Ej7: É o costume no Carnaval sair os blocos daqui e em São João, faz umas festas juninas ali perto da quadra também.

MF: Você frequenta?

Ej7: Sim.

MF: É! Aqui no Alto tem alguma festa?

Ej7: No Alto é bem tranquilo, mas agora né? Porque no fim do ano tem a festa da padroeira daqui de Ipioca. Aí movimenta aqui, porque a igreja fica aberta, e tem uma festa, pessoas montam umas barracas. Todo mundo vem em dezembro.

MF: Você vai, também?

Ej7: Sim!

MF: É! Tem algum lugar que é muito frequentado?

Ej7: Aqui no bairro? Mais a quadra, é mais movimento lá.

MF: É? Como você descreveria Ipioca? Você acha que mudou muito, do tempo de seus avós pra hoje?

Ej7: Mudou, com certeza! É (interr.) Ipioca era pequena, agora está cheia de casa e (interr.) Era mais tranquilo, hoje você mais vê assaltos, essas coisas.

MF: E tem alguma história que seu avô, sua avó, conta sobre o bairro?

Ej7: A minha avó costuma dizer que antigamente ela podia dormir com a porta aberta, não acontecia nada e hoje não.

MF: Você estuda aqui no bairro?

Ej7: Não.

MF: Estuda onde?

Ej7: Na Jatiúca.

MF: Você ajuda sua família em alguma atividade de trabalho?

Ej7: Eu, eu moro eu e minha mãe. Como ela trabalha, eu que cuido da casa.

MF: É? Tem alguma coisa que você queira me contar sobre o bairro, alguma história, alguma coisa que você saiba, alguma tradição que você não me contou?

Ej7: Não.

MF: Não? Você vive muito por aqui pelo bairro? Você vai muito pra outros bairros daqui da cidade?

Ej7: Ah! Eu vou muito pra lá!

MF: Vai pra onde?

Ej7: Eu fico muito lá na Jatiúca, ou ali na Mangabeiras. Daí vou pro Shopping com as meninas, essas coisas.

MF: Passeia muito, né?

Ej7: Ahã, passeio muito.

MF: Pronto! Tá bom, obrigada!

Entrevistado jovem 8

MF: Qual é o seu nome completo?

Ej8: (resposta retirada)

MF: Quando e onde você nasceu?

Ej8: Eu nasci aqui em Maceió, Alagoas. É, aqui!

MF: Aqui em Ipioca?

Ej8: Em Ipioca.

MF: E você tem quantos anos?

Ej8: Dezesete anos.

MF: Qual o nome de seus pais?

Ej8: (resposta retirada)

MF: Você estuda?

Ej8: Sim.

MF: Faz que série?

Ej8: Terceiro ano.

MF: Você trabalha?

Ej8: Não, mas faço estágio!

MF: Estágio de quê, você faz?

Ej8: Eu faço operador de supermercado.

MF: Como é o seu dia-a-dia?

Ej8: Um dia na semana eu faço curso pela manhã, todos os dias eu faço curso à tarde e estudo à noite.

MF: Quais são os divertimentos que tem aqui no bairro?

Ej8: Aqui no bairro? Rapaz! Tem a quadra de esporte, só.

MF: Não tem nenhuma brincadeira, não mais?

Ej8: Não. Tem o clube lá, Floriano Peixoto, lá em cima. Só que não funciona regularmente, só de vez em nunca.

MF: Você sabe fazer algum artesanato? Algum trabalho manual?

Ej8: Eu sei maquiar.

MF: Você aprendeu com quem?

Ej8: É (interr.) treinando! Treinando, só olhando.

MF: Também. Na sua família alguém sabe fazer mais algum artesanato?

Ej8: A minha irmã, ela é cabeleireira.

MF: Hum! Tem alguma receita tradicional na tua família?

Ej8: receita tradicional (interr.)

***Mouse de maracujá**

MF: Tu sabe fazer?

Ej8: Mais ou menos.

MF: Mais ou menos?

Tem alguma festa tradicional aqui no bairro?

***São João**

Ej8: É! São João teve (interr.) sempre tem uma brincadeira aqui nos bar perto.

***É a festa mais tradicional!**

Ej8: E (interr.) É (interr.) Fim de ano os hotel aqui, daqui embaixo também dão umas festinha!

MF: E no Alto de Ipioca, tem alguma festa?

Ej8: As festa de Nossa Senhora do Ó.

MF: Você frequenta a festa de Nossa Senhora do Ó?

Ej8: Às vezes!

MF: Como você descreveria a Ipioca, um bairro?

Ej8: É um bairro que não tem muita estrutura não.

MF: Não?

Ej8: Um bairro que tá precisando de alguma (interr.)

**Um bairro humilde que precisa de estrutura assim, pra, assim, não é muito violento, entendeu? Precisa mais de recursos pra o jovem que está na droga pra (interr.). Precisa mais de recurso essa quadra não foi suficiente. Precisa mais de recurso, entendeu?*

Ej8: Tem espaço suficiente pra fazer algumas coisas aqui e eles não aproveitam.

MF: Você acha que mudou muita coisa do tempo de seus avós pra hoje?

Ej8: Mudou!

MF: É! O quê?

Ej8: Não tinha quadra de esportes, agora tem; reformaram o Alto de Ipioca; iluminaram mais as ruas também. Aí (interr.). E também calçaram as estradas aqui.

MF: Tem alguma...

**E fizeram mais casas, tiraram as matas.*

Ej8: É! Algumas casas ali em baixo.

MF: Tem alguma coisa que seu avô conta, sua avó, sobre o bairro?

Ej8: Que nunca prestou.

MF: E foi?

Ej8: Que sempre faltou muita coisa.

**(03min.35seg. confuso) de milho, milho verde e feijão verde.*

MF: Muita plantação?

**É! Milho verde, feijão verde, essas coisas assim.*

Ej8: Pé de bananeira.

MF: Você estuda aqui no bairro?

Ej8: Não.

MF: Você estuda onde?

Ej8: Na Jatiúca.

MF: Você ajuda sua família em alguma atividade, trabalho?

Ej8: Só afazeres de casa!

MF: É? Tem alguma coisa que você queira me contar que eu não perguntei, sobre o bairro?

Ej8: Ah! Que tá precisando melhorar aqui. É muita (interr.) Antes não era tão perigoso, mas agora tá ficando mais perigoso. Tá precisando de mais segurança!

MF: Posso tirar uma foto sua?

Ej8: Pode.

MF: Obrigada!

**Fala de terceiro ao fundo.*